



UFSM

Dissertação de Mestrado

**JOVENS RURAIS, CORAÇÕES URBANOS: JORNAL NACIONAL E AS
DESIGUALDADES SOCIAIS DO CAMPO**

Júlia Mello Schnorr

PPGCOM

Santa Maria, RS, Brasil

2013

**JOVENS RURAIS, CORAÇÕES URBANOS: JORNAL
NACIONAL E AS DESIGUALDADES SOCIAIS DO CAMPO**

Júlia Mello Schnorr

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, linha de pesquisa Mídia e Identidades Contemporâneas, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), para a obtenção do grau de Mestre em Comunicação.

Orientadora: Prof. Dra. Veneza Mayora Ronsini

Santa Maria, RS, Brasil
2013

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Schnorr, Júlia

Jovens rurais, corações urbanos: Jornal Nacional e as desigualdades sociais do campo / Júlia Schnorr.-2013.
237 p.; 30cm

Orientadora: Veneza Mayora Ronsini
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, RS, 2013

1. juventude 2. estudos de recepção 3. telejornal 4. classes populares 5. representações sociais I. Mayora Ronsini, Veneza II. Título.

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Departamento de Ciências da Comunicação
Programa de Pós-Graduação em Comunicação
Mestrado em Comunicação Midiática**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a proposta de dissertação de Mestrado

**JOVENS RURAIS, CORAÇÕES URBANOS: JORNAL NACIONAL E AS
DESIGUALDADES SOCIAIS DO CAMPO**

elaborada por

Júlia Mello Schnorr

Como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Comunicação

Comissão Examinadora:

Prof^ª Dr^a Veneza Veloso Mayora Ronsini
(Presidente/Orientadora)

Prof^ª PhD. Jiani Bonin (UNISINOS)

Prof^ª Dr^a Anita Brumer (UFRGS)

Santa Maria, 8 de março de 2013.

Dedico este trabalho à pequena Sara,
à beleza e esperança porvindoura.

AGRADECIMENTOS

Este é um espaço especial, pois posso demonstrar que o percurso da pesquisa acadêmica, embora se dê em momentos *solitos*, também é formado por redes de solidariedade, como lembra Isabel Travancas.

Agradeço aos meus pais e ao meu *mano*. Obrigada, Lucas, pelos conselhos de quem já trilhou o caminho; Pai, valeu pelo apoio; Mãe, muito obrigada pela ternura e pelo grande auxílio.

Veneza, minha querida orientadora, obrigada por me apresentar de forma tão dedicada a pesquisa em comunicação.

Professoras Anita, Jiani e Liliane, obrigada pela leitura atenta do texto de qualificação.

Fertig, Biasoli e Diorge, professores do curso de História, agradeço por ainda acompanharem a minha formação. Professores e colegas do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, senti-me muito bem; aprendi muito. Froehlich e Hillig, obrigada.

Famílias dos jovens, obrigada por abrirem as portas de seus lares e permitirem as entrevistas. Jovens, '*meus jovens*', obrigada pelo interesse. Aprendi muito com vocês.

Aos técnico-administrativos e demais funcionários da instituição, obrigada pela atenção. Uma menção especial aos funcionários da Biblioteca Setorial do CCSH.

Clóvis, proprietário da Casa Rosa, obrigada por ser solícito com minhas urgências.

Carlos Maciel e Guilherme Argenta, agradeço imensamente a indicação do assentamento Carlos Marighella. Obrigada por trilharem parte desse caminho comigo.

Neli Mombelli, amiga, vizinha, colega na TV OVO e no mestrado, obrigada por tudo. Filipe Bordinhão, colega de orientação: obrigada por compartilhar esses últimos dois anos, você foi importante. Laura Wottrich, obrigada por me motivar a realizar o mestrado, você é uma flor.

Carin Dahmer, Francele Cocco, Piero Tessaro, Maria Luiza Favassa, Íris de Carvalho, obrigada pelo incentivo, em especial quando o espírito deu sinais de cansaço.

Aos meus colegas da TV OVO, obrigada pela compreensão das angústias e ausências nos últimos anos.

Agradeço o financiamento do Reuni e à Universidade Federal de Santa Maria – instituição com ensino gratuito e de qualidade.

Aos demais que tornaram de alguma forma o período de pesquisa mais leve, obrigada. Aos que lutam para a transformação, obrigada por ousarem.

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Comunicação
Universidade Federal de Santa Maria

Título: Jovens Rurais, corações urbanos: Jornal Nacional e as desigualdades sociais do campo

Autor: Júlia Mello Schnorr

Orientador: Prof. Dra. Veneza Mayora Ronsini

RESUMO

Este trabalho é um estudo etnográfico de recepção do Jornal Nacional realizado com seis jovens provenientes da zona rural da região central do Rio Grande do Sul. Três deles atualmente moram no meio urbano e os outros três moram no campo e mantêm contato diário com sedes de municípios. O trabalho objetiva investigar como os jovens rurais ligados a movimentos sociais interpretam as representações midiáticas relativas às ruralidades ofertadas pelo Jornal Nacional, especialmente relacionadas ao morador do meio rural e ao seu espaço de vivência e trabalho, aos movimentos sociais do campo, ao agrotóxico e transgênico. Desejamos compreender como essa interpretação incide em suas identidades. Os jovens da classe popular têm relação com a sociedade civil organizada através de movimentos e organizações sociais com objetivos críticos ao *status quo* da organização latifundiária e da produção agrária no país. Um grupo de jovens é formado por assentados em áreas da reforma agrária conquistadas pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), outro se organiza através de redes de Economia Solidária no projeto Esperança/Cooperança e na Cooperativa Central de Desenvolvimento Rural (Coopercedro). Metodologicamente, articulamos a etnografia crítica de recepção, as entrevistas de história de vida, a Teoria das Mediações de Martín-Barbero e o modelo de Codificação/Decodificação de Stuart Hall com a leitura de Ronsini et al (2009). A partir das análises, consideramos que parte dos jovens apresenta uma identidade "rurbana" e híbrida, que elabora seus projetos de vida intercruzando os meios rural e urbano, resultado das novas fronteiras culturais (CARNEIRO, 2005). Percebemos que os jovens que tiveram ou que ainda têm os familiares mais próximos dos movimentos sociais são aqueles que mantêm posições mais resistentes às codificações midiáticas. O que é da ordem da negociação refere-se à recepção das temáticas da transgenia, utilização dos agrotóxicos, reforma agrária e MST, questões nas quais incidem potencialmente a mediação *movimento social*. Encontramos leituras de negociação, também, na recepção midiática do meio rural e do morador desse espaço, especialmente a partir dos jovens que não veem no campo um espaço de oportunidades. As leituras midiáticas são decorrentes da mediação *classe*, do histórico de vida e do envolvimento familiar no movimento social. Consideramos que a amostra demonstra ser uma juventude reflexiva, que pondera as questões de sobrevivência e desejo de consumir, não indo ao encontro do individualismo que acata de forma impensada as soluções imediatas. Consideramos que ter proximidade com os movimentos sociais não garante, por si, o seu envolvimento político. Entre o ficar e o sair do meio rural, os jovens oscilam entre a realização pessoal autônoma, normalmente com migração para a cidade, e aquela em que há trabalho associativo com a família e projetos de vida que englobam o meio urbano e rural.

Palavras-chave: juventude; estudos de recepção; telejornal; classes populares; movimentos sociais; representações sociais.

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Comunicação
Universidade Federal de Santa Maria

Title: Rural youth, urban hearts: *Jornal Nacional* and social inequalities in the countryside

Author: Júlia Mello Schnorr

Adviser: Prof. Dra. Veneza Mayora Ronsini

ABSTRACT

This is an ethnographic reception study of *Jornal Nacional* conducted with six young people from the countryside, in the central area of Rio Grande do Sul. Three of them currently live in urban areas, and the others three live in the countryside, where they maintain daily contact with towns. The study aims to investigate how rural youth linked to social movements interpret media representations concerning ruralities offered by *Jornal Nacional*, especially related to rural residents and their living space and labor, to rural social movements, and to pesticides and transgenic. We want to understand how this interpretation reflects on their identities. The youth from the working class have a relationship with organized civil society through social movements and organizations with critics to the *status quo* of the landlord organization and of agricultural production in the country. A group is formed by settlers from the areas conquered by the Movement of Landless Rural Workers (MST), the other is organized through networks of Solidarity Economy in the project *Esperança/Cooperança* and in the *Cooperativa Central de Desenvolvimento Rural* (Coopercedro). Methodologically, we have articulated the critical ethnography reception, the life history interviews, the Theory of Mediation by Martin-Barbero, and the Encoding/Decoding Model by Stuart Hall with works by Ronsini et al. (2009). From the analysis, we consider that part of youth identity presents a “rurban” (hybrid) identity, which draws their life projects interweaving the rural and urban areas as a result of new cultural boundaries (CARNEIRO, 2005). We noticed that young people who have had or still have family members close to social movements are those holding positions more resistant to media encodings. What is from the order of negotiation refers to the reception of themes like transgenic, use of pesticides, land reform and MST, topics in which social movement potentially focus on. We also found trading readings in media reception of the rural zone and of people who live in this space, especially from young people who do not see the field as a space with opportunities. The media readings are a result of class mediation, life history and family involvement in the social movement. We consider that the sample proves to be reflexive; they ponder the questions of survival and the desire to consume, not going to meet the individualism that thoughtlessly incorporates immediate solutions. We believe that having proximity with social movements does not guarantee by itself political involvement. Between staying and leaving the rural areas, young people range from fulfilling their personal and autonomous realization, typically by migrating to the city, to having an associative work with their families and life projects that encompass the urban and rural environments.

Keywords: youth; reception studies; newscast; popular classes; social movements, social representations.

Title: Jeunes paysans, coeurs urbains: Jornal nacional et les inégalités sociales à la campagne
 Auteur: Júlia Mello Schnorr
 Directrice de recherche: Prof. Dra. Veneza Mayora Ronsini

RESUMÉ

Ce travail est un étude ethnographique de réception du *Jornal Nacional*, qui a été réalisé avec six jeunes provenant de la zone rurale de la région centrale du Rio Grande do Sul. Trois de ces jeunes habitent actuellement au milieu urbain et les autres habitent à la campagne et prennent contact quotidien avec des sièges de la municipalité. Nous avons comme objectif de faire une investigation pour découvrir comment les jeunes paysans liés à des mouvements sociaux interprètent les représentations médiatiques concernant les ruralités offertes par le *Jornal Nacional*, particulièrement relationnées aux habitants du milieu rural et à son espace de vie et de travail, aux mouvements sociaux de la campagne, au agrotóxico et au transgénico. Nous voulons comprendre la façon par laquelle cette interprétation incide sur leurs identités. Les jeunes de la classe populaire ont relation avec la société civile organisée à travers des mouvements et organisations sociales qui ont l'objectif de critiquer le *satus quo* de l'organisation latifundiaire et de la production agraire du pays. Un groupe de jeunes est formé pour les établis dans des zones de réforme agraire conquises pour le Mouvement des Travailleurs Ruraux Sans-Terre (MST); un autre groupe est organisé selon les réseaux d'Économie Solidaire dans le projet Esperança /Cooesperança et dans la Coopérative Central de Développement Rural (Coopercedro). Méthodologiquement, nous avons articulé l'ethnographie critique de réception, les interviews sur l'histoire de vie, la Théorie des Médiations de Martin-Barbero et la modèle de Codification/Décodification de Stuart Hall avec la lecture de Ronsini et al (2009). À partir des analyses, nous avons considéré que une partie des jeunes présente une identité "rurbaine" et hybride, laquelle élabore ses projets de vie entrecroisant le milieu rural et l'urbain, qui c'est le résultat des nouvelles frontières culturelles (CARNEIRO, 2005). Nous nous sommes rendu compte que les jeunes qui ont eu, ou même ont encore des membres de la famille qui sont plus attachés aux mouvements sociaux sont ceux qui maintiennent des positions plus résistantes aux codifications médiatiques. Ce qui est de l'ordre de la négociation fait référence à la réception des thématiques de la transgénico, l'utilisation des agrotóxicos, la réforme agraire et le MST, des questions dans lesquelles la médiation du mouvement social. Nous trouvons des lectures de négociation, aussi, dans la réception médiatique du milieu rural et de l'habitant de cet espace, surtout à partir des jeunes qui ne voient pas en la campagne un espace d'opportunités. Les lectures médiatiques sont résultants de la médiation de classe, de l'histoire de vie et de l'entourage familiale dans le mouvement social. Nous considérons que l'échantillon semble être une jeunesse qui réfléchit, qui pèse les questions de la survie et du besoin de consumer, et qui ne s'oppose pas à l'individualisation qui prend de façon irréfléchie des solutions immédiates. Nous considérons que avoir de la proximité vers les mouvements sociaux ne c'est pas une garantie d'un engagement politique. Entre rester ou sortir du milieu rural, les jeunes basculent entre la réalisation personnel autonome, normalement dans une migration vers les villes et le travail associatif avec la famille et les projets de vie qui englobent le milieu urbain et rural.

Mots-clés: jeunesse; études de réception: journal télévisive; classes populaires: mouvements sociaux; représentations sociales.

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE 1 - Formulário.....	p.227
APÊNDICE 2 – Entrevista.....	p.228

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Dados dos entrevistados.....	p.57
TABELA 2 – Percentual de residências com microcomputadores.....	p.71
TABELA 3 – Perfil social dos jovens.....	p.145
TABELA 4 – Disposições citadas.....	p.148
TABELA 5 – Consumo Midiático.....	p.174
TABELA 6 – Decodificação ruralidades.....	p.180
TABELA 7 – Decodificação pobreza.....	p.188
TABELA 8 – Decodificação riqueza.....	p.190
TABELA 9 – Decodificação Bolsa Família.....	p.195
TABELA 10 – Decodificação transgenia.....	p.199
TABELA 11 – Decodificação agrotóxico.....	p.202
TABELA 12 – Confiança nos meios de comunicação.....	p.205
TABELA 13 – Decodificação reforma agrária e MST.....	p.207
TABELA 14 – Decodificações.....	p.213-214

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Mapa da Região Sul com destaque para Santa Maria.....	p.54
FIGURA 2 – Agropecuária tem a menor participação no PIB de Santa Maria.....	p.55
FIGURA 3 – Mapa dos distritos de Santa Maria.....	p.55
FIGURA 4 - Frame do Jornal Nacional – matéria Transposição do Rio São Francisco.....	p.86
FIGURA 5 – Frame do Jornal Nacional – matéria Transposição do Rio São Francisco.....	p.87
FIGURA 6 – Frame do Jornal Nacional – matéria Manifestação do MST.....	p.88
FIGURA 7 – Frame do Jornal Nacional – matéria Manifestação do MST.....	p.89
FIGURAS 8 e 9 – Frames do Jornal Nacional – matéria sobre produtos orgânicos.....	p.90
FIGURA 10 – Frame do Jornal Nacional – matéria sobre produtos orgânicos.....	p.91
FIGURAS 11 e 12 – Frames do Jornal Nacional – matéria Marcha das Margaridas.....	p.92
FIGURAS 13 e 14 – Frames do Jornal Nacional – matéria Disputa de Terras.....	p.93
FIGURAS 15 - Frame do Jornal Nacional – matéria Disputa de Terras.....	p.94
FIGURAS 16 e 17 – Frames do Jornal Nacional – matéria São Desidério.....	p.95
FIGURAS 18 e 19 – Frames do Jornal Nacional – matéria São Desidério.....	p.96
FIGURA 20 - Frame do Jornal Nacional – matéria São Desidério.....	p.97
FIGURA 21 – Frame do Jornal Nacional – matéria agrotóxico.....	p.98
FIGURA 22 - Frame do Jornal Nacional – matéria agrotóxico.....	p.99
FIGURA 23 – Sala Igor.....	p. 162
FIGURA 24 – Cozinha Igor.....	p.162
FIGURA 25 – Sala Raimundo.....	p.164
FIGURA 26 – Sala Mirela e Vicente.....	p.165

SUMÁRIO

LISTA DE APÊNDICES	5
LISTA DE TABELAS	6
LISTA DE FIGURAS	7
INTRODUÇÃO	10
PARTE UM – OS ESTUDOS CULTURAIS E A RECEPÇÃO	18
1.1 Estudos Culturais: revisão de conceitos.....	18
1.2 Comunicação e Cultura: a interpretação latino-americana.....	20
1.3 Perspectivas teóricas sobre a recepção.....	22
1.3.1 A recepção nos últimos vinte anos: dos estudos da televisão aos do telejornal.....	24
1.4 Mediações de Martín-Barbero.....	34
1.4.1 Mediação de classe.....	40
1.4.1.1 Histórico do conceito classe.....	42
1.4.1.2 Mediação de classe na recepção.....	45
1.5 Percursos metodológicos.....	48
1.5.1 Modelo Codificação/Decodificação.....	61
PARTE DOIS TELEJORNAL, REPRESENTAÇÕES E DESIGUALDADES SOCIAIS	67
2.1 Estudando o Telejornal.....	67
2.1.1 O início da Rede Globo e do JN.....	67
2.1.2 Televisão e Telejornalismo na cultura brasileira.....	71
2.2 Um produto em construção: a notícia.....	74
2.3 Tecnicidade no Jornal Nacional.....	79
2.3.1 Os transgênicos e a agroecologia.....	82
2.3.2 A reforma agrária.....	84
2.3.3 O agronegócio.....	85
2.3.4 As matérias do Jornal Nacional.....	85
2.4 Comunicação e representação.....	99
2.4.1 Representação das relações de classes sociais.....	99
PARTE TRÊS – IDENTIDADES, JUVENTUDES E RURALIDADES	1024
3.1 Identidades e Juventudes.....	104
3.2 A construção social e midiática da juventude.....	111
3.3 O rural como espaço de vida.....	117
3.3.1 O Processo de consolidação da Agricultura Familiar.....	120
3.3.2 As experiências de comercialização solidária.....	122
3.3.2.1 O projeto Esperança/Cooesperança.....	123
3.3.2.2 Coopercedro.....	124
3.3.3 O MST e o retorno ao meio rural.....	124
3.3.3.1 A história do assentamento Carlos Marighella.....	127
PARTE QUATRO – O CONTEXTO DE VIDA DOS ENTREVISTADOS	130
4.1 Falando sobre eles – apresentação dos perfis.....	130
4.1.1 Igor, São Marcos, Grupo Terra Viva.....	133
4.1.2 Mirela, 19 anos, Palma, e Vicente, 21 anos, Arroio do Só, ambos da Coopercedro e moradores do bairro Camobi.....	134
4.1.3 Pedro Henrique, 18 anos, Assentamento Carlos Marighella.....	137
4.1.4 Raimundo, 18 anos, Assentamento Carlos Marighella.....	140

4.1.5 Lúcia, 18 anos, Canoas - Assentamento Carlos Marighella.....	142
4.2 Sociabilidade: o rural, a classe e a geração na vida dos jovens	145
4.2.1 Apontamentos sobre família, gênero e geração.....	146
4.2.2 Cidade: da perdição à oportunidade	151
4.2.3 O meio rural e o trabalho	153
4.2.4 Malabarismo dos jovens batalhadores: o trabalho e os livros.....	158
4.3 Ritualidade: a mídia no cotidiano	159
4.3.1 A mídia no contexto de vida dos jovens.....	159
4.3.1.1 O significado da televisão	160
4.3.2 O consumo midiático	167
PARTE CINCO – A RECEPÇÃO DAS DESIGUALDADES SOCIAIS DO CAMPO..	175
5.1 O mundo rural do telejornal e o dos jovens entrevistados	175
5.2 As desigualdades sociais	182
5.3 Os transgênicos	196
5.4 Agrotóxicos	199
5.5 O agronegócio: as disparidades em relação à agricultura familiar	202
5.6 A reforma agrária	203
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	210
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	216
APÊNDICES	226

INTRODUÇÃO

Os meios de comunicação já estão inseridos no cotidiano da sociedade. Do rádio à comunicação através de telefones móveis, a tendência é a inserção mais profunda em nosso cotidiano, especialmente por meio de novas plataformas. A geração atual desconhece uma vida sem televisão. Embora haja o celular e o computador, a televisão ainda é importante para a conformação de comportamentos e se mantém como o meio de informação de diversas famílias, em especial no meio rural e na classe popular. Os jovens, seja no campo ou na cidade, cresceram com a presença da televisão. O que ela ensinou a esses jovens? Esse eletrodoméstico já ocupou grande parte do lazer dos jovens rurais e o tempo em família é corriqueiramente compartilhado com a assistência da televisão. O que a mídia construiu através do agendamento de notícias sobre o meio rural? E sobre as desigualdades sociais no campo? E assuntos que perpassam esse último como agronegócio, uso de agrotóxicos e de transgênicos?

A partir da afirmação de que a mídia tem um papel importante na sociedade através da construção do discurso noticioso, a pesquisa busca identificar as apropriações dos jovens que foram ou são moradores de distritos rurais de Santa Maria-RS sobre as notícias relativas às ruralidades ofertadas pelo Jornal Nacional. Para isso, buscamos caracterizar as propostas do Jornal Nacional em relação ao rural em torno das temáticas *movimentos sociais do campo*, *desenvolvimento rural* e *morador do meio rural*, e analisar como incidem essas temáticas nas interpretações dos jovens. Também pretendemos registrar, descrever e analisar as leituras dos jovens em relação às temáticas *movimentos sociais do campo*, *desenvolvimento rural* e *morador do meio rural*; ainda, examinar como as mediações *movimento social* e *família*, *ambos permeados pela mediação classe social*, atuam no processo de significação das propostas do Jornal Nacional. Além disso, procuramos compreender como a classe interfere na produção de leituras acerca das representações das desigualdades sociais ofertadas pelo Jornal Nacional; assim como temos o intuito de verificar a condição feminina no mundo do trabalho no meio rural, leitura trazida por outras pesquisas (BRUMER, 2006a) e amparada em nosso campo empírico. Esse último objetivo nos interessa especialmente por desejarmos saber como se dá a apreensão das esferas de trabalho – doméstico e público - no cotidiano dos entrevistados.

A problemática que nos move gira em torno do seguinte questionamento: Como esses jovens não militantes, mas que estão inseridos em ambientes de movimento e organizações sociais, apropriam-se das representações das desigualdades sociais ofertadas pelo telejornal?

O nosso estudo de recepção do Jornal Nacional se deu com seis jovens, dos quais, quatro rapazes e duas moças, ambos provenientes da zona rural de Santa Maria. Atualmente, três deles vivem no meio urbano, em Santa Maria e Canoas, para fugir do trabalho na produção agrícola e buscar outras oportunidades. Além desses jovens que já saíram do campo, há o exemplo de outro jovem que fica contrariado com suas perspectivas de vida, pois diz não ter identidade rural nem habilidade para o trabalho do campo. Por esses elementos, lembramos da ideia exposta por Martín-Barbero que fala que na América Latina a população é urbana com coração camponês. Na nossa amostra, a maioria dos jovens são rurais, mas com coração urbano.

Os jovens são pertencentes a dois grupos distintos, sendo um deles composto por jovens com suas famílias assentadas em terras da reforma agrária e outro por jovens envolvidos de forma direta ou indireta com a Economia Solidária e o Cooperativismo. Nesse segundo grupo, há dois jovens relacionados à Cooperativa de Produção e Desenvolvimento Rural dos Agricultores Familiares de Santa Maria (Coopercedro) e um jovem com envolvimento atual na produção de hortifrutigranjeiros, em especial para comercialização em feiras livres através da Economia Solidária e do Comércio Justo. Esse jovem faz parte do Grupo Terra Viva, do projeto Esperança/Cooesperança. O outro grupo é formado por jovens filhos de assentados na localidade de Carlos Marighella.

Esses dois grupos de jovens não foram escolhidos ao acaso, já que um deles pertence a um movimento social ligado à reforma agrária e, como Castells (1996) afirma, tem uma identidade de projeto, ou seja, busca a transformação da estrutura social. Neste caso, o grupo está acompanhado por uma identidade¹ de resistência, visto que os sujeitos sociais estão excluídos do acesso à terra, sendo estigmatizados pela lógica da dominação, esta caracterizada

1 O conceito de identidade utilizado aqui é o de Escosteguy, muito influenciado por Stuart Hall, trabalhando com a questão da identidade como um produto social. A partir dessa análise, a problematização ocorre quando as identidades são identificadas como passíveis de mudanças e inovações. Essa modificação é uma construção da própria modernidade, distanciando-se da categorização da identidade como essencialismo, ou seja, a inerência dos pertencentes de uma comunidade que está relacionada à noção de continuidade histórica. A identidade, assim, não tem consistência fora das construções históricas em que foi inserida, sendo uma narração que influencia o comportamento, logo, a cultura. É subjetiva e envolve um narrar-se para constituir-se como identidade.

pelo desenvolvimento da agricultura patriarcal. Nesse sentido, as atividades relacionadas à Economia Solidária e ao Cooperativismo também têm um projeto de sociedade e de resistência a um determinado tipo de desenvolvimento rural e econômico. Por isso, ao escolher jovens envolvidos com movimentos e organizações sociais, cooperativas e grupos de Economia Solidária, mas que não sejam militantes, o foco é realizar uma análise de como ocorre o relacionamento desses jovens com a mídia através da mediação do discurso do movimento social.

Estudos sobre mídia com jovens rurais envolvidos em movimentos sociais, como os realizados em Rossato (2008) e Feitosa (2007), consideraram que a mediação *movimento social* é importante na leitura da mídia. Além disso, é corroborada a hipótese de que a participação em grupos da sociedade organizada possibilita uma criticidade em relação à mídia. No entanto, Rossato (2008) expõe dados interessantes, pois o discurso inicial do olhar atento do julgamento da mídia que os jovens do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB)² apresentavam foi parcialmente colocado em xeque após a realização da etnografia. Jovens que criticavam os meios de comunicação por manipular as informações e por alienar a população não tinham o mesmo olhar crítico em relação a todos os produtos televisivos, como as telenovelas. Feitosa (2007) afirma que mesmo os jovens que não são próximos do movimento social têm uma leitura distinta sobre a mídia.

Em nossa pesquisa, trabalhamos com a recepção do Jornal Nacional, telejornal com maior assistência no país. Além de fazer parte do cotidiano de diversos lares, especialmente em nossa amostra – escolhida com o auxílio do critério da assistência, o Jornal Nacional apresenta, bem como outros telejornais, um discurso noticioso relacionado ao mundo rural. Fernandes (2010), ao se referir à Rede Globo, emissora na qual é veiculada o Jornal Nacional, afirma que a mídia descontextualiza as ações de movimentos sociais do campo, em especial o MST. Rossato (2008) diz que há um embate entre a representação dos jovens rurais envolvidos com movimentos sociais e a chamada grande mídia.³ É nosso objetivo, então: analisar se existe esse embate e quais são as propostas do Jornal Nacional em torno da temática dos *movimentos sociais do campo*, em especial o *MST*.

Wanderley (1999, p. 297) afirma que o meio rural é um “espaço suporte de relações

2 Movimento social que a pesquisadora trabalhou em sua dissertação de mestrado.

3 Consideramos a grande mídia os principais veículos de comunicação tradicionais, como rádio, televisão e jornal impresso, em especial os conglomerados de comunicação.

específicas, que se constroem, se reproduzem ou se redefinem sobre este mesmo espaço e que, portanto, o conforma enquanto um singular espaço de vida”. Acreditamos que a modernização se dá sem a necessidade de anulação da diferença entre campo e cidade, onde os indivíduos, moradores e trabalhadores das zonas rurais têm referências cultural, social e política na localidade em que estão inseridos. Essa afirmação não anula, no entanto, as vivências que os jovens rurais têm na cidade. A abordagem do *continuum* se refere a uma aproximação entre os meios urbano e rural, mas é uma vertente que crê na existência do rural com características próprias (WANDERLEY, 2001; CARNEIRO, 1998). No entanto, os jovens da nossa amostra, em especial os de localidades não distantes dos meios urbanos, são sujeitos que circulam em ambos os tecidos, urbano e rural e, por vezes, como afirma Champagne (1986), idealizam empregos e modos de vida urbanos. Há um atravessamento do local pelo global no contexto da globalização que transfigura o rural.

Em 2000, o Brasil contava com 6.134.639 jovens no campo, o que representava 18% do total do número de pessoas residentes no meio rural. Porém, o último censo, o de 2010, registrou 5.493.845 de pessoas nas mesmas localidades e na mesma faixa etária, entre 15 e 24 anos, o equivalente a 16% da população total de jovens do país. Os estudos do IBGE (2010) apontam que, em Santa Maria, somente 5% da população mora na zona rural, totalizando um pouco mais de 12.600 habitantes. No Rio Grande do Sul, chega a 14,9% o percentual de moradores na zona rural. Os estudos apontam para o esvaziamento e a masculinização do meio rural. Essa migração, que hoje se apresenta constante, dá-se por jovens cada vez mais novos, além de que a participação feminina no movimento migratório é recente e crescente, explicada pela fácil inserção feminina no mercado de trabalho urbano, bem como pelo destino da sucessão hereditária, essa normalmente masculina. (JOVILLET; 1998, ABRAMOVAY; 2001, SPANEVELLO; 2003, WEISHEIMER, 2005). Como consequência, além das já citadas, escolas são fechadas, armazéns ficam empobrecidos e pontos de encontro, principais locais de sociabilidade, sofrem esvaziamento.

Investigações⁴ sobre o mundo rural não são recentes no meio acadêmico brasileiro. No entanto, aqueles que enfocam a juventude são fenômenos novos, com ocorrência acentuada na década de 1990, especialmente se falarmos sobre os estudos de recepção com jovens. Para Weisheimer (2005), a invisibilidade da temática tem duas consequências: uma no meio

⁴ Apresentaremos no Capítulo 1 um estado da arte, especialmente focando os jovens, movimento social e ruralidades, tendo como norte a comunicação.

acadêmico, o que faz com que o desenvolvimento da vida dos jovens no meio rural seja escassamente pesquisado; e outra no âmbito político, pois as políticas públicas específicas para essa geração⁵ começaram a ser desenvolvidas somente a partir de 1990. Assim, ao realizar um panorama da juventude rural, em especial daquela ligada à agricultura familiar, devemos frisar dois elementos: a migração rural-urbana e a invisibilidade, pois são dois aspectos importantes da conjuntura atual.

As investigações sobre os jovens têm como mote central a preocupação na permanência dessa geração no meio rural, em especial quando se trata de jovens envolvidos com agricultura familiar, pois são essenciais para a reprodução social da propriedade. Ao analisar o estado da arte, percebemos que as investigações utilizam instrumentos de coleta os quais, por vezes, valorizam a história de vida dos jovens; ainda, a busca pela percepção das ambições e o mundo social dos jovens são elementos comumente encontrados. No entanto, esse viés de pesquisa – mais intimista – é recente, pois o jovem, não raro, é apresentado como mão de obra familiar. Alguns resultados das pesquisas apontam para projetos de vida *rurbanos*, que negociam simbolicamente o desejo de usufruir as vantagens da vida no meio rural, mas desfrutando das oportunidades de trabalho da cidade.

O estado da arte aponta que as investigações sobre a juventude rural concentram-se em temáticas referentes ao meio produtivo e à inserção no mundo do trabalho, à ação coletiva e às identidades, além de educação. As investigações mais consolidadas são aquelas que permeiam a reprodução social e a agricultura familiar, ou seja, há uma concentração na temática do jovem na sucessão hereditária, especialmente em pequenas propriedades. A região sul é responsável por um montante significativo de produções acadêmicas sobre juventude rural e agricultura familiar, em especial o Rio Grande do Sul. A explicação para isso é baseada na importância que o modelo de desenvolvimento rural tem para o estado, visto que a maioria das propriedades é de agricultores familiares que estão integrados ao mercado. De acordo com os dados do Censo Agropecuário de 2006, no Rio Grande do Sul, existem 378.546 estabelecimentos que estão de acordo com a Lei nº 11.326, legislação que se refere à agricultura familiar, em contraponto aos 62.921 não familiares.

O mesmo estudo censitário nos informa que os estabelecimentos da agricultura familiar ocupam 24,3% do território rural, sendo divididos em 4.367.902 de propriedades, o

5 Como políticas públicas, podemos citar o Pronaf Jovem e o Programa Nacional de Inclusão de Jovens – Campo.

que equivale a 84,4% da estrutura rural brasileira. A média dos estabelecimentos familiares no país é de 18 hectares, no entanto, a realidade encontrada em nossa amostra é diferente, já que em nenhuma propriedade nos deparamos com esse número, sendo a média de 9 hectares. Isso aponta que a diminuição no tamanho das propriedades tem relação com migração em direção ao meio urbano (ABRAMOVAY, 2001; WEISHEIMER; 2005).

Percebem-se também as diferenças apontadas na literatura sobre o mundo do trabalho no meio rural. Rapazes e moças enfatizam que a mulher agricultora é sempre "ajudante" do homem no campo e não é protagonista em seu exercício laboral. A literatura empenha-se em explicar que o trabalho feminino é visto como realizado "pela metade", justificando que o mesmo não está ligado aos processos produtivos em toda sua jornada. Para as mulheres, é comum aliar o trabalho doméstico com serviços agrícolas, como o cuidado com os animais e com a horta, o auxílio em alguma parte do processo da produção e a comercialização em feiras. Dessa forma, o trabalho acaba sendo, por vezes, desvalorizado, como aponta Brumer (2006a) em suas investigações.

Neste trabalho, realizamos uma caracterização sociocultural da vida dos jovens da amostra. Acreditamos que essa preocupação contribui não só à interpretação da recepção, mas também à articulação com o mapa das mediações comunicativas da cultura apresentadas por Martín-Barbero (2002) e com a leitura de Ronsini et al (2009) sobre o modelo de codificação/decodificação de Stuart Hall. Para tanto, a metodologia utilizada é a etnografia crítica de recepção (RONSINI, 2007, 2010), e a coleta de dados se deu com a entrevista, a observação participante e o registro em diário de campo.

O estudo foi realizado com seis jovens provenientes do meio rural de Santa Maria. Os jovens têm o seguinte perfil:

Igor, de 18 anos, pertencente ao Grupo Terra Viva, é de classe média baixa, cursa Técnico em Agropecuária na Universidade Federal de Santa Maria, onde ingressou em vagas destinadas a filhos de pequenos agricultores. Ele estuda no primeiro ano do Ensino Médio em uma escola do meio urbano e trabalha com sua família como feirante. Seus pais são entusiastas da Economia Solidária.

Lúcia, de 18 anos, da localidade Carlos Marighella, é de classe média baixa e, atualmente, trabalha em Canoas no setor de serviços. Ela concluiu o Ensino Médio e chegou a ingressar no curso de Administração, mas não completou um semestre.

Pedro Henrique, de 18 anos, da localidade Carlos Marighella, é de classe média baixa.

Ele é estudante de um curso da área das rurais na Universidade Federal de Santa Maria e realiza estágio na área.

Raimundo, de 18 anos, da localidade Carlos Marighella, é de classe média baixa, cresceu na cidade de Canoas e mudou-se para o assentamento. Cursa o primeiro ano do Ensino Médio em uma escola do meio urbano.

Mirella, de 19 anos, da localidade de Palma, é de classe baixa. Ela é secretária da Cooperativa dos Agricultores Familiares de Santa Maria (Coopercedro). Mudou-se para a sede do Município há alguns meses e quer estudar Gestão de Cooperativas.

Vicente, de 21 anos, de Arroio do Só, é de classe média baixa, soldado do Exército, filho do coordenador da Cooperativa dos Agricultores Familiares de Santa Maria (Coopercedro). Mudou-se para a sede do município para ingressar no Exército. Também irá cursar Gestão de Cooperativas.

O texto é dividido em cinco partes. Na primeira parte, intitulada *Os Estudos Culturais e a Recepção*, realizamos uma revisão de conceitos que concernem ao surgimento dos Estudos Culturais, como o próprio termo "cultura". Em seguida, apresentamos a interpretação latino-americana para a comunicação e a cultura, perfazendo a teoria da recepção. É nesse momento que realizamos um resgate do estado da arte dos estudos de recepção sobre televisão e telejornal nas últimas duas décadas. Como parte central de nosso trabalho, a mediação de classe é já apresentada nesse capítulo, trazendo alguns dados da amostra e o histórico do conceito, assim como o uso dele na recepção. Por fim, dissertamos sobre o percurso metodológico da investigação.

A segunda parte do texto é intitulada *Telejornal, representações e desigualdades sociais* e fala sobre a importância da televisão e do telejornalismo na cultura brasileira, além de trabalhar a notícia como um produto em construção. Também trata sobre a mediação Técnica no Jornal Nacional e analisa oito matérias que se referem às seguintes categorias: transgênicos e agroecologia, reforma agrária e agronegócio. É nesse momento que aplicamos o modelo de Codificação/Decodificação de Stuart Hall. Por fim, apresentamos a representação das relações de classes sociais.

Identities, juventudes e ruralidades é o título da terceira parte do texto. O capítulo propõe um debate sobre identidade e juventude rural e construção social e midiática da juventude. Além disso, aborda o rural como espaço de vida e remete à importância desse espaço para a reprodução social. Para tanto, trazemos elementos que corroborem essa relação,

como o processo de consolidação da agricultura familiar, as experiências de comercialização solidária, a exemplo do projeto Esperança/Cooesperança e a Coopercedro, e o retorno ao rural proporcionado pelo MST, apresentando o caso do assentamento Carlos Marighella.

A parte quatro do texto situa o contexto de vida dos entrevistados. É onde apresentamos os perfis dos entrevistados e sua relação com o movimento social. Na sequência, articulamos a mediação sociabilidade a partir de aspectos que julgamos essenciais na vida da amostra, o rural, a classe e a geração. A partir da ritualidade, trabalhamos a mídia no cotidiano dos jovens, trazendo o significado da televisão e o consumo midiático da amostra.

A quinta parte da dissertação é a recepção do telejornal em si, focando as desigualdades sociais do campo. Nesse capítulo, abordamos as diferentes apropriações do mundo rural do telejornal e o dos jovens entrevistados, no que diz respeito às desigualdades sociais, aos transgênicos, aos agrotóxicos, ao agronegócio e ao latifúndio e às disparidades em relação à agricultura familiar e, por último, à reforma agrária e ao MST.

Com isso, constatamos a existência de traços que unem esses dois grupos como a localidade em que vivem, a ocupação dos pais e, em alguns casos, a sua própria ocupação. Mas também há elementos que os diferem uns dos outros, pois esses jovens têm um leque diverso de formações. Assim, pretendemos dar possibilidade, na análise, de voz a uma diversidade de sujeitos dentro dos dois movimentos que são construídos de forma heterogênea. É através desta dissertação que buscamos compreender suas percepções sobre as ruralidades e as relações sociais através de matérias do Jornal Nacional.

PARTE UM – OS ESTUDOS CULTURAIS E A RECEPÇÃO

1.1 Estudos Culturais: revisão de conceitos

Nos anos 1950, a Inglaterra ainda vivia um contexto pós-guerra. Ademais, o colapso do império britânico fez com que ocorresse uma migração das ex-colônias para a antiga metrópole. A movimentação de alguns grupos sociais fluía na direção do questionamento da unicidade da cultura elitista como única forma de representação da cultura legítima. Essa é parte do contexto das relações entre a cultura contemporânea e a sociedade que moveu a criação do *Center for Contemporary Cultural Studies*. Alicerçado inicialmente em três autores, Richard Hoggart, Raymond Williams e Edward Thompson, o centro de estudos propunha a interdisciplinaridade como forma de construção do pensamento.

Os primeiros trabalhos dos Estudos Culturais circularam em torno das obras dos pesquisadores fundadores, preocupando-se com a classe operária, com a relação da análise literária e a investigação social e com o estudo da resistência, e não somente da submissão dos sujeitos. Na América Latina, tiveram como autores exponenciais García Canclini, Martín-Barbero e Guillermo Orozco. De acordo com Escosteguy (2001), os eixos teóricos mais utilizados foram as relações entre cultura e ideologia, a análise da cultura popular e a construção de identidades culturais contemporâneas mediadas pelos meios de comunicação.

O surgimento dos Estudos Culturais coincide com o esgotamento da razão iluminista da modernidade. Seu advento foi consolidado através da revisão do conceito de cultura, ou seja, os Estudos Culturais tradicionalmente fizeram frente às tradições elitistas que afirmam que existe uma distinção hierárquica entre a cultura da burguesia e a cultura popular, por exemplo. Novas definições de classe e cultura, operando agora no meio simbólico, no cotidiano dos sujeitos e nas relações de poder, são também interesses de estudos dos Estudos Culturais. Por isso, é fundamental a redefinição do conceito de cultura, quando a mesma é pensada como:

(...) a soma das descrições disponíveis pelas quais as sociedades dão sentido e refletem as suas experiências comuns. Essa definição recorre à ênfase primitiva sobre as “ideias”, mas submete-a a todo um trabalho de reformulação. A concepção de cultura é em si mesma socializada e democratizada. **Não consiste mais na soma de o “melhor que foi pensado e dito”**, considerado [sic] como os ápices de uma civilização plenamente realizada (...). (HALL, 2003, p.132) [grifo nosso]

Desse modo, a concepção de cultura não está mais atrelada à "expressão máxima do espírito humano" e é realocada no espaço dos significados comuns, ou seja, "'a cultura" neste sentido é "ordinária"' (WILLIAMS *apud* HALL, 2003, p. 132). Logo, o "jornal das oito" ou um material didático de história são expressões culturais, bem como operam como práticas de representação, passíveis de negociação de sentidos e de significações. Richard Hoggart, assim como Raymond Williams, também insiste que a cultura da classe trabalhadora é densa, envolvente, estimulante e abrangente em sua natureza. Ambos os autores, conforme aponta Gregg (2008), criticaram o conceito de cultura como uma competência de executar algo ou de saber proceder em determinada situação social.

De acordo com Cloudry (2000), Williams certamente deprecia a visão elitista de cultura, bem como queria ir além do que é conhecimento como "alta" cultura. No entanto, aponta que é muito simplista afirmar que o teórico inglês desejava realizar uma troca entre uma cultura, a "alta", pela cultura da classe trabalhadora:

Uma parte crucial do trabalho de Williams foi manter a ideia da análise das obras da chamada "alta" cultura, mas a partir de uma nova perspectiva. Na verdade, **o ponto principal foi a manutenção de ambas as noções da cultura – como trabalhos específicos e como processo de vida em curso - em tensão.** (CLOUDRY, 2000, p.23) [tradução e grifos nossos]

Da mesma forma, as lutas pelo poder são abordadas através de suas formas simbólicas e discursivas, em vez de portar uma forma física e compulsiva (HALL, 1997). Hall, em *A centralidade da cultura*, destaca a importância que a cultura tem na análise da sociedade atual. Podemos citar como exemplo a diversidade cultural dos países pós-coloniais ou a mestiçagem encontrada na América Latina. É especialmente nos povos latino-americanos, através de elementos da mestiçagem cultural do rural com o urbano e do indígena com o europeu que os estudos de recepção irão se focar ao elaborar uma versão própria dos Estudos Culturais.

No entanto, os Estudos Culturais foram reapropriados em diversas outras regiões. Klaus Jensen é um teórico dinamarquês que vem trabalhando com a perspectiva nomeada Análise de Recepção. Comumente, ela é vinculada aos Estudos Culturais "sob o argumento de que seria o braço empírico da tradição teórico-metodológica daqueles e não uma outra tradição" (JACKS, 2011, p. 64), mas Jensen refuta, pois afirma que sua vertente analítica centra-se mais nos discursos dos meios e da audiência e menos nos contextos e nas práticas,

como atualmente fazem as investigações vinculadas aos Estudos Culturais (JACKS, 2011, p.64).

Em seu trabalho, Jensen aproxima as Ciências Humanas das Sociais, trazendo conceitos da sociologia e da semiótica para os estudos da comunicação. Ao utilizar seu conceito de "formações interpretativas", amparado, também, em Anthony Giddens, Jacks (2011, p.74) aponta que Jensen chama a atenção para aspectos importantes da relação entre cultura e comunicação no cotidiano da sociedade, especialmente aquela:

que se globaliza sob a hegemonia cultural dos meios de comunicação, mas que tem uma história sociocultural anterior que constitui as referidas relações, tendo como foco os estudos de recepção. Neste sentido, pode-se considerar frutífero o diálogo entre a proposta de Jensen e os EC para retomar a importância de, além do conhecimento dos contextos culturais onde discursos e práticas configuram-se, entender os processos interpretivos na tentativa de superar os limites já apontados do modelo de Hall (*encoding/ decoding*).

1.2 Comunicação e Cultura: a interpretação latino-americana

Partindo do sentido que a cultura toma importância na análise social, a comunicação também se realoca no campo da cultura, não mais cabendo a ela a simples definição da informação em ação ou de conexão do transmissor e do receptor de mensagens. Jensen (1995, p.3) aponta para as modificações que ocorreram entre os anos de 1980 e 1990 nos estudos da recepção: "estudos teóricos e empíricos (...) contribuíram para uma nova concepção da recepção, dos usos sociais e do impacto dos meios de comunicação de massa" [tradução nossa]. O que ele chama de reorientação das pesquisas de audiência gira em torno não do que:

a mídia faz com as audiências, ou o que as audiências fazem com a mídia, mas **como** mídia e audiência interagem como agentes da vida significativa na sociedade, com implicações tanto para a qualidade do dia a dia quanto para a estrutura da sociedade" [tradução nossa] (*Ibid.*, p.4).

Martín-Barbero (2002, p.226) é um teórico importante nesse processo de reorientação dos estudos de recepção. O autor apresentou as mediações comunicativas da cultura a partir da importância que os meios têm na condensação da produção e do consumo cultural, ao mesmo tempo em que catalisam atualmente algumas das mais intensas redes de poder. Para o autor, é a partir da mediação da cultura na comunicação que se deve confrontar o pensamento único que legitima a ideia de que a tecnologia é hoje o grande mediador da sociedade com o mundo.

É desde o local das mediações socioculturais que o receptor produz sentidos diferentes, sejam essas mediações a escola, a família, a igreja, o bairro, como também os movimentos sociais, pois são exemplos de mediações que introduzem novos sentidos e usos sociais dos meios, como aponta Martín-Barbero (2002). Relacionada não só às representações midiáticas, a cultura está presente nos processos sociais de significações dos receptores, sendo um espaço de produção, mas também de reprodução social.

O contexto em que essas ideias começam a circular na América Latina era bastante fértil. A própria esquerda latino-americana carecia de um campo teórico que fosse além da ação política. Para Martín-Barbero (2009b, p. 145) ‘‘não só tínhamos uma teoria da dependência, como também começávamos a ver que boa parte da dependência era dependência intelectual.’’ Na década de 1980, houve o processo de redemocratização de diversos países da América Latina após períodos de ditadura civil-militar. Nessa conjuntura, ocorreu a insurgência de novos *movimentos sociais de base* ou *movimentos populares* que realizaram oposição aos regimes autoritários. Entrelaçados a esse processo, mas dentro da academia, os Estudos Culturais em sua origem deram ênfase às alterações na vida social e cultural que ocorriam na América Latina (ESCOSTEGUY, 2001).

O recorte gramsciano era evidente ao privilegiar questões como diversidade cultural, a hegemonia e as relações entre cultura e classe. Nos anos subsequentes, o termo estudos culturais passou a ser aplicado para diversas finalidades acadêmicas, como para investigações na história da arte ou nos estudos textuais. No entanto, a visão central do centro de estudos dos EC era analisar a cultura através de ferramentas metodológicas sociologicamente referenciadas, não se afastando do materialismo cultural do *Center for Contemporary Cultural Studies*.

Temos como indicações dos Estudos Culturais na América Latina os filósofos Nestor García Canclini e Jesús Martín-Barbero, este último espanhol, mas radicado na Colômbia. As inquietudes vivenciadas da década de 1980, quando emergiram os primeiros estudos de recepção com influência dos Estudos Culturais na América Latina, tiveram suas temáticas influenciadas pelo questionamento da "razão instrumental" do horizonte marxista vigente na época, como o conceito de hegemonia, da questão da globalização e da "questão transnacional" (MARTÍN-BARBERO, 2002, p.215). Diferente das investigações da década de 1970, que, inspiradas na Teoria Crítica, centravam-se na inserção das indústrias culturais na

vida cotidiana, houve uma modificação nas décadas que se seguiram. O processo acadêmico da comunicação que se elaborou estava marcado por preocupações políticas e renovações conceituais e metodológicas baseadas nas transformações da experiência social (MARTÍN-BARBERO *apud* ESCOSTEGUY, 2001).

1.3 Perspectivas teóricas sobre a recepção

*Toda pesquisa é teorizada, mas não é teoria com T maiúsculo:
a teoria é a atividade de teorizar, de continuar pensando,
em vez do ponto final da produção de um modelo teórico último.
Stuart Hall*

Por muitos anos, a recepção foi vista como ‘a dimensão oculta e ignorada da comunicação’. As perspectivas das correntes tradicionais, que privilegiavam o polo do emissor e não o da recepção, colaboram para essa singularidade nos estudos da comunicação. A recepção torna-se especialmente importante no momento em que se deixa de focar a atenção nos meios e se passa a dialogar com a comunicação e a cultura.

As primeiras investigações relacionadas à audiência trabalhavam a partir da perspectiva positivista ao enfatizar a exposição do receptor à programação dos meios. O *modelo informacional* relacionava-se à transmissão e à propagação de ideias, mas girava em torno da rentabilidade, ou seja, da eficiência difusiva da mensagem. Já as investigações norte-americanas nas décadas de 1950 e 1960, denominadas *Communication Research*, focavam na análise da propagação da informação. Martín-Barbero (1997, p.7) relaciona as duas teorias, afirmando que havia pontos de conexão:

Había sin duda un perfecto ajuste entre la concepción difusiva de la teoría informacional y el paradigma de los efectos lineales y puntuales, entre la eficacia transmisiva buscada por ese modelo y la pasividad receptiva postulada por la teoría conductista que inspiraba aquellos estudios. Pero no sólo se ajustaba bien al paradigma funcionalista, por paradójico que parezca el modelo informacional encontró también complicidad del lado de una teoría crítica dominada por la lógica de la reproducción social y una concepción predominantemente *instrumental* -pues operaba por aparatos- de la ideología.

Em ambos os modelos, havia a influência de ideologias, não ocorria o estudo da

interação, do contexto e, conseqüentemente, das mediações. Noutra sentença, as pesquisas que aliam comunicação e cultura enfocam a necessidade da leitura do texto⁶ por parte do receptor, sendo que essa leitura se realiza com a composição de certos conhecimentos do sujeito e negociações que ele realiza com o texto. Embora se afirme que haja negociação nas relações entre sujeito e emissor, deve-se atentar à assimetria no poder dessa negociação.

Essa mudança de paradigmas abordada no parágrafo anterior foi possível por meio de distintas transformações. Wolf (*apud* MARTÍN-BARBERO, 1997, p.8) elenca duas transformações essenciais: ‘a) que a relação comunicativa fosse analisada por conjuntos de práticas textuais e não por mensagens particulares e isoladas; b) que a comunicação de massa seja baseada em uma assimetria fundamental em que exista uma variedade de competências comunicativas do emissor e do receptor e uma articulação diferenciada dos critérios de pertinência significados dos textos massivos.’ Essas transformações permitem redefinir a comunicação de massa, especialmente quando analisamos que a assimetria em que se baseia não existia no modelo informacional. O emissor passa a ‘organizar el mensaje no a partir de la información a transmitir sino más bien a partir de las condiciones-situación, competencias, posibilidades – de recepción’ (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 8).

Nas investigações inseridas nos Estudos Culturais, os receptores são considerados sujeitos sociais e, desta forma, eles têm história e formação social particulares, compreendidas, como lembra Gomes (2004), em relação a fatores sociais como classe, gênero, geração, região de origem, etnia e grau de escolaridade. Esses elementos são constituídos por uma história cultural⁷ que perpassa a história de vida dos sujeitos, construindo sua realidade e suas práticas sociais. Recortes como classe e região de origem são importantes na leitura dos textos midiáticos e acabam por relativizar o poder onipresente dos meios de comunicação.

No entanto, Escosteguy (2001) afirma que, ao rechaçar o mito do receptor passivo, pode-se construir o mito do receptor ativo, ou seja, aquele ligado ao poder de resistência dos

6 Reportamos-nos ao conceito texto como o entendimento semiótico que considera que “num processo de comunicação, um texto nada mais é que a expansão da virtualidade de um sistema de signos” (ECO, 1984, p. 4). Texto é, assim, enunciados que comunicam, pois é no signo, como lembra Bakhtin (*apud* GOMES, 2000), que ocorre a arena da luta de classes, sendo essa a posição assumida pelos Estudos Culturais.

7 Peter Burke, em *O que é história cultural?*, afirma que história cultural é a preocupação dos historiadores em enquadrar em suas investigações a atenção nos métodos, focando a atenção no simbólico e em suas interpretações. A ideia de construção foi de grande valia para as abordagens nas pesquisas.

receptores perante os meios. Por outro lado, as mensagens polissêmicas da mídia, com seu caráter aberto e intertextual podem dar vazão à leitura da ideologia neoliberal de mercado, quando o indivíduo tem liberdade de escolha perante os produtos. Nas palavras de Matellard e Matellard (2005, p.154):

A recepção e o indivíduo-consumidor ocupam lugar central na concepção neoliberal da sociedade. Não mais se trata de um consumidor qualquer, mas de um consumidor considerado soberano em suas escolhas, em um mercado também considerado livre.

As questões abordadas nos subtítulos nos fazem refletir que é a partir da recepção que devemos repensar a comunicação (MARTÍN-BARBERO, 2002). Para Travancas (2007), a televisão funciona como uma ordenadora da vida cotidiana familiar ou individual e está, dessa forma, intrinsecamente relacionada à vida social dos receptores. Assim, é necessário, na investigação da recepção, "observar quais conflitos estão expressos em seus discursos sobre a TV e seus programas, e em que medida a televisão é um elemento de união e troca ou ao contrário, fonte de disputas e luta de forças" (TRAVANCAS, 2007, p.68).

1.3.1 A recepção nos últimos vinte anos: dos estudos da televisão aos do telejornal

As primeiras investigações de recepção não ocorreram na esfera acadêmica da comunicação, e sim nos campos sociológicos e antropológicos. O meio de comunicação de massas mais estudado é a televisão desde o princípio dos estudos de comunicação e de recepção. Jacks (2008) explica que isso se deve ao fato de a teoria social começar a dar importância aos meios massivos justamente quando da emergência da televisão. Os estudos de recepção, na década de 1970, tinham como influência a Teoria Crítica, a semiologia e a teoria dos efeitos, mas alguns apresentavam influência teórica de Gramsci, Bourdieu e Freire (JACKS, 2011).

Foi na década de 1980 que ocorreu o marco referencial para os estudos da recepção. No entanto, sob a perspectiva comunicacional, os estudos se desenvolveram somente na década de 1990. Leal (1986), com seu estudo *Leitura Social da Telenovela*, marca o encontro mais aproximado de problemáticas da recepção, mas com o viés antropológico. A autora realiza um estudo sobre a relação da telenovela em diferentes classes sociais, entre elas, a classe popular. As classes populares também são a atenção de Silva (1985) em *Muito além do*

Jardim Botânico, um estudo sobre a audiência do Jornal Nacional (JN) entre trabalhadores. O autor levanta a possibilidade dos receptores terem fontes alternativas de informação, como movimentos sindicais e feministas, família e amigos, partidos políticos e outros meios de comunicação. Para o autor, os sujeitos que tinham outras fontes de informação eram os que demonstravam maior criticidade em relação às notícias do JN.

Lopes (*apud* JACKS, 2011) afirma que, até o final da década de 1980, ocorreu a chamada “teorização atrasada”, o que só foi se modificar com o desenvolvimento de um pensamento latino-americano. A autora avalia que foi com trabalhos que deram atenção ao papel das mediações e não somente à valorização da ideologia na comunicação que o panorama brasileiro passou a se modificar. Em suas palavras:

Ou se privilegiava exclusivamente os modos de reelaboração/resistência/refuncionalização dos conteúdos culturais das classes populares ou se tomava esses conteúdos como completamente moldados pela ação ideológica das classes dominantes, via meios de comunicação de massa. (LOPES *apud* JACKS, 2011)

Essas modificações podem ser acompanhadas ao trabalharmos o estado da arte da recepção neste período. Após a realização de uma pesquisa⁸ sobre os estudos, chegamos a alguns apontamentos sobre as investigações de recepção no Brasil, em especial sobre o subgênero telejornais.

Se a década de 1980 foi de um início tímido nos estudos de recepção na área da comunicação, a década seguinte foi de emergência. Durante os anos 1990, foram realizadas 1769 teses e dissertações nos Programas de Pós-Graduações no Brasil, o que mostra que há o indício de mais pesquisadores na área da recepção. Dessas, 32 versaram sobre recepção tendo o viés sociocultural e 16 eram sobre recepção televisiva (JACKS, 2011). Os estudos sobre telenovela foram os mais numerosos na década de 1990, e somente um versou sobre telejornal. Foi durante a primeira década dos anos 2000 que teses e dissertações sobre a recepção de noticiários tomaram impulso, mas as de caráter sociocultural continuaram somando apenas uma pesquisa. De acordo com Jacks (2007, p.13), o processo de investigação com caráter sociocultural é "concebido como complexo, considerando múltiplas mediações.

8 Investigação realizada no site da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, em sites de Programas de Pós-Graduação e em levantamentos realizados por Jacks (2008; 2011).

Mais do que a recepção em si, é problematizada sua inserção social e cultural. "

O panorama, na década de 1990, trazido pelo estudo coordenado por Nilda Jacks nos mostra que as ruralidades detiveram pouca atenção nos trabalhos de recepção televisiva. Dos estudos da década, apontamos a investigação de Ronsini (1993), que investiga a forma com que mulheres de uma comunidade rural do Rio Grande do Sul reelaboram a telenovela a partir de suas práticas culturais, essas vinculadas às práticas produtivas. Utilizando a mediação da cultura camponesa no cotidiano rural, Ronsini (1993) trabalha a relação das práticas produtivas e culturais de mulheres. A autora afirma que a televisão representa a vida rural como um "hotel-fazenda" e mostra elementos distintivos de classe social nas relações entre o fazendeiro e o empregado que lhe presta serviço. Outros resultados apontam para a possibilidade de diferenciação em relação às representações que as mulheres têm do rural e aquele ofertado pela telenovela.

A investigação de Elias (1996) nos interessa por aliar um estudo de adolescentes com o recorte da intervenção do território. Com o título *O adolescente diante da telenovela: Uma análise das vivências rurais e urbanas na cidade de Piracicaba*, a autora afirma que sua amostra, dividida em adolescentes da zona rural e urbana, assiste à televisão de maneira distinta e de acordo com suas rotinas diárias. Os primeiros têm uma assistência contínua da televisão, pois têm menos opções de lazer, já os segundos mantêm a assistência fragmentada, pois têm outras atividades relacionadas à movimentação no território citadino. Em relação à criticidade, os adolescentes urbanos constroem mais facilmente e com maior elaboração seus comentários sobre os personagens da telenovela.

De forma geral, as mensagens dos trabalhos de recepção são apresentadas como polissêmicas, e os meios são entendidos como "instituições sociais e agentes mediadores entre a sociedade e o receptor, produzindo, portanto, agregação e integração social e cultural", o que faz com que as pessoas se sintam parte de uma coletividade (JACKS *et ali*, 2008; 2011). O viés de integração também é apontado na constituição de identidades, relacionando-se à cultura nacional e regional. Também há aqueles que apontam a importância da televisão na construção de representações, na reprodução e produção de realidades (*Ibid.*, 2011).

Na década de 1990, os avanços nos estudos de recepção referem-se aos trabalhos que consideram a importância da mediação na relação com os meios, como o local de origem, a zona rural, por exemplo, bem como as práticas cotidianas. Jacks (2011) assinala, de forma

geral, que foi possível concluir através dos trabalhos que existe uma distância entre a produção e a recepção, pois os produtores não têm vínculos com a realidade dos receptores.

Alguns trabalhos refletiram analiticamente o conceito de classe social para além da estratificação econômica, com o objetivo de estudar o que aproxima e distancia as classes sociais. As pesquisas desenvolvidas por Veneza Ronsini (1993) e Ondina Leal (1986), essa última na década de 1980, trabalham essa questão sob a perspectiva das relações entre as classes e da cultura da classe popular. De forma geral, estudos que têm como amostra sujeitos da classe popular não os nomeiam como tal e não problematizam sua condição social. Por outro lado, há aqueles que trabalham com o recorte de "classe" como estrato socioeconômico, mas não realizam um estudo das relações de classes sociais.

O quadro dos anos 2000 representa uma consolidação para o campo da recepção. De acordo com o levantamento de Jacks (2011), foram defendidas 5644 teses e dissertações entre 2000 e 2009, sendo que destes trabalhos, 111 eram sobre estudos de recepção. Na década de 1990, cinco trabalhos trabalharam com a abordagem sociocultural e com amostragem juvenil. Já, na década subsequente, seis pesquisas trabalharam com jovens e oito dessas pesquisas estudaram conjuntamente o público adulto e jovem, sem um recorte definido de geração⁹.

Os estudos de recepção sobre o telejornalismo nos anos 2000, se comparados com a década anterior, continuam escassos em relação aos demais produtos televisivos. No levantamento de Nilda Jacks (2011) realizado sobre a década de 2000, somente um estudo de recepção sobre telejornalismo foi realizado dentro da abordagem sociocultural. No entanto, a importância dos estudos de recepção de telejornais é importante, pois diariamente somos submetidos a um fluxo de mensagens midiáticas e o campo da produção de sentidos é riquíssimo.

Desde o surgimento dos meios de comunicação, nunca a informação esteve tão em pauta. Martín-Barbero (1997, p.10) diz que, embora haja a possibilidade de crescimento das liberdades civis com o aumento da comunicação, é “evidente lo que en su proclama de novedad queda aun de la ‘vieja’ ideologia racionalista del progreso, sólo remozada.”

Martín-Barbero (1997, p.10) pondera o conceito de sociedade da informação, pois acredita a ele aspectos dúbios. Afirma que há uma nova valorização do local e da diferença, "de lo cotidiano como "lugar" donde se lucha y se negocia permanentemente la relación con el

9 Mais informações sobre os estudos podem ser encontrados no artigo de Nilda Jacks publicado no ano de 2011.

poder", especialmente pela percepção do poder se dar de uma forma dispersa e transversal. No entanto, Martín-Barbero (*Ibid.*, 1997) lastima que esse paradigma esteja servindo para um projeto tecnocrático "que le pide a la tecnología justificar y enmascarar la ausencia de un proyecto social acorde con las demandas que subyacen a los nuevos modos de pensar y hacer la sociedad." Isso funciona de acordo com os conglomerados transnacionais e a menor intervenção do Estado.

Estudar os processos comunicacionais nessa conjuntura e ir além de reducionismos que pregam que os meios de comunicação são a junção de acoplamentos ideológicos é um dos objetivos dos estudos de recepção inseridos nos Estudos Culturais. Em um contexto no qual, como afirma Martín-Barbero (1997, p. 4), a sociedade está baseada na "circulación de los bienes sociales, incluida la información, en su valor de cambio", os usos que os receptores fazem das informações midiáticas e as interações entre esses dois elementos já se consolidam como fundamentais para os estudos de recepção. Na recepção dos telejornais, os Estudos Culturais passam a analisar as audiências a partir da significação que as mensagens da notícia adquirem na recepção, na apropriação e na reelaboração da pauta televisiva através dos usos dos indivíduos (MAGALHÃES, 2008).

Nos Estudos Culturais, as notícias veiculadas em telejornais são caracterizadas como textos que fazem parte de um processo de práticas textuais. Isso fez com que o fenômeno comunicacional não fosse analisado somente no momento em que os trinta minutos diários do telejornal ocorressem. Ao sujeito, que estabelece suas próprias significações e constrói sua própria cultura (GOMES, 2004, p.174), é dada a possibilidade de se apropriar criativamente dos conteúdos dos programas da televisão.

A interpretação da notícia varia de acordo com os códigos de compreensão dos sujeitos, bem como das possíveis aplicações das notícias em seus cotidianos. Klaus Jensen, estudioso preocupado com as metodologias de investigação da recepção, é um autor que tem sido utilizado no Brasil. Itânia Gomes (2005, p.228), ao realizar uma crítica de sua obra intitulada *Making sense of the News*, lembra que "a interpretação da notícia não deve ser deslocada do uso da notícia." Nos estudos de Jensen há "a percepção dos entrevistados quanto ao impacto do telejornalismo sobre a constituição da visão de mundo" (*Ibid.*, p.239). O telejornalismo, assim, pode trabalhar com determinadas opiniões e emoções dos sujeitos, fazendo com que eles modifiquem suas visões da realidade social.

Na última década, foram elaborados significativos trabalhos sobre o público rural. Buscamos elencar aqui trabalhos de recepção sobre comunidades rurais que privilegiam o papel das mediações como um processo na recepção da televisão. Pesquisamos, também, trabalhos que se utilizam da categoria *classe social* para elaborar o estudo de recepção. Dessa forma, trazemos as colaborações de sete trabalhos que dialogam com nossa pesquisa.

No que se refere ao telejornalismo e o meio rural, o estudo elaborado por Kolling (2006) traz resultados sobre a recepção das informações jornalísticas ambientais do Programa Globo Rural na comunidade rural de Lajeado Tigre, localizada no interior de Santa Rosa-RS. A autora pesquisou o cotidiano de três famílias com a realização de entrevistas, discussões em grupo e observação participante. O objetivo era investigar as mediações *cotidiano familiar*, *posição social de classe* e as mediações *situacional* e *institucional*. Kolling (2006) aponta que a preocupação dos agricultores em proteger o meio ambiente é confrontada com os problemas da produção, como a baixa fertilidade do solo e as doenças nos animais, especialmente inseridos em um sistema moderno em que a produtividade e a lucratividade são exigências do mercado. Ademais, por serem pequenos produtores, acreditam que os danos causados ao meio ambiente são inferiores aos causados pelos grandes proprietários.

O estudo de Kolling (2006) nos interessa, também, pois trabalha teoricamente o termo agricultura familiar. A pesquisadora afirma que é um termo difícil de ser utilizado

devido à complexidade do universo agrário, tanto em função da grande diversidade da paisagem agrária (meio físico, ambiente, variáveis econômicas etc.), como em virtude da existência de diferentes tipos de agricultores, os quais têm interesses particulares, estratégias próprias de sobrevivência e de produção e que, portanto, respondem de maneira diferenciada a desafios e restrições semelhantes. (KOLLING, 2006, p.33)

Kolling (2006) baseia-se em Schneider (2006) para afirmar que o agricultor familiar moderno diferencia-se de outras denominações, como colono ou camponês, por estar inserido em uma sociedade na qual predominam relações capitalistas de produção e de troca. Para os agricultores de sua amostra, o uso de agrotóxicos e de produtos químicos é frequente. Segundo eles, “o uso desses produtos é praticamente indispensável” (KOLLING, 2006, p.204), especialmente para conquistar a alta produtividade. Consideram as alternativas naturais “mais baratas e menos prejudiciais à saúde, porém com efeitos limitados e resultados mais lentos que os agrotóxicos.”

De acordo com seu estudo, as gerações mais jovens têm uma relação distinta com o trabalho e a televisão. Ao contrário dos mais velhos, que assistem à televisão nos tempos livres, os jovens buscam na televisão uma forma de entretenimento e destinam um tempo maior do cotidiano para a assistência. Além disso, os jovens demonstram maior interesse pela televisão e “absorvem com mais facilidade o que é apresentado” (KOLLING, 2006, p.289). Os mais velhos são mais críticos em relação à televisão, comportamento causado pela experiência de vida, aponta a autora.

Dentro do leque de investigações sobre telejornalismo e recepção nos anos 2000, o estudo de Cruz (2006) é importante, pois realiza um estudo de recepção do Jornal do Almoço (JA), telejornal veiculado pela RBS TV, com assentados da reforma agrária. Utilizando Douglas Kellner, a Pedagogia Crítica da Mídia e a Teoria das Mediações, Cruz (2006) analisou a produção de sentidos da amostra frente às matérias ofertadas pelo telejornal durante o *Abril Vermelho*, manifestações do MST que iniciaram após o massacre do Eldorado dos Carajás, em 1996, e que visam à intensificação da luta pela terra. Cruz (2006) analisa que o telejornal em questão trava uma relação de cumplicidade com o poder vigente, pendendo para a manutenção deste. Os assentados entrevistados, militantes do MST e mediados pela identidade cultural do movimento, criticaram as matérias ofertadas pelo JA.

A mediação do movimento social também é encontrada no estudo de Alexania Rossato (2008), mas com uma amostra composta por jovens do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB). Alexania trabalhou com jovens que militavam, trabalhavam como educadores em escolas da comunidade e frequentavam cursos e encontros oferecidos pelo movimento social. No entanto, a pesquisadora também trabalhou com jovens que não eram engajados. Com o aporte da Teoria das Mediações de Martín-Barbero, da Codificação/Decodificação de Stuart Hall e da etnografia, Rossato (2008) buscou compreender como se dava a recepção das representações da classe popular no rádio e na televisão através do fluxo midiático. Rossato trabalhou, sobretudo, com telenovelas e telejornais, além do *reality show* Big Brother, sem dar destaque a nenhum deles. A pesquisadora também focou sua investigação na recepção radiofônica de programas e comunicados veiculados pelas rádios Transamérica e Clube, rádios de Lages-SC.

Seu trabalho também analisou como a história da região, em especial o tropeirismo e a Guerra do Contestado, influenciava nos processos de apropriação da mídia. Sua problemática principal girou em torno de como a experiência da subalternidade e a consequente

participação no movimento social estão relacionados com uma leitura crítica da mídia. A complexa realidade da amostra, composta por jovens militantes e jovens não engajados, possibilitou que a pesquisadora chegasse à consideração de que ambos os grupos eram seduzidos pela mídia. Embora as mediações *movimento social* e *cotidianidade* fossem fundamentais para a leitura crítica da mídia e para o pertencimento de classe, foram possíveis diversas outras decodificações como, por exemplo, a leitura hegemônica-dominante de telenovelas, inclusive daquelas que representam o meio rural. Jovens que mantinham referências da posição de classe social em suas críticas à sociedade e à mídia, apresentaram leituras hegemônico-dominantes de telenovelas em seus cotidianos.

Feitosa (2007) trabalhou em sua dissertação de mestrado, intitulada *Televisão e Juventude Sem Terra: mediações e modos de subjetivação*, a relação de jovens com os discursos televisivos, a partir da afirmação de que a televisão tem um lugar na constituição dos sujeitos, assim como grande parte dos discursos produzidos na mídia são endereçados aos jovens. O público da amostra era residente no Assentamento Capela, em Nova Santa Rita-RS, e Feitosa (2007, p.30) afirma que esses jovens transitavam em um cotidiano híbrido de culturais rurais e urbanas:

Enquanto trabalham a terra, cobrem o telhado de um galinheiro, ou distribuem aipim pelas residências de uma agrovila, escutam música, falam ao telefone celular, comentam o baile que acontece no próximo final de semana, combinam a visita a uma lan-house para experimentar o game novo que chegou. O que a priori parecem ser atitudes de identidades contraditórias (rural e urbano), para estes indivíduos traduzem o cotidiano.

A autora apresenta como mediação da televisão o discurso do MST, que está presente especialmente no cotidiano familiar e na escola. Para o MST, os produtos da indústria cultural são “lixo cultural”, que “contaminam as pessoas com suas manipulações ideológicas”, como afirma Feitosa (2007) ao citar Ademar Bogo (2010). O “lixo” presente nestes produtos culturais está “no comportamento, no jeito de ver as coisas, nos hábitos alimentares, na forma de vestir, e tudo isso toma parte da existência dos indivíduos, o que impede a construção da nova sociedade” (FEITOSA, 2007, p.136).

De forma geral, o discurso do MST desconsidera o processo em que o receptor seleciona os produtos e as mensagens midiáticas. Feitosa (2007, p.137) afirma que essa posição “reputa um poder imensurável à TV e seus discursos. As falas de jovens que estudam

em escolas do MST expressam esse pensamento do movimento social.” A pesquisa aponta para uma educação de crítica da mídia que o Movimento tenciona realizar. Feitosa (2007, p.137) demonstra que mesmo os jovens que não têm engajamento político, que não são militantes e não querem continuar com a luta dos pais, têm um olhar peculiar em relação à mídia, especialmente no que se refere ao MST.

Quando questionados sobre como viam o Movimento na televisão, os jovens têm uma leitura característica, pois reconhecem que o Movimento aparece sempre associado à violência, que isso não os agrada, mas direcionam críticas às formas de luta do MST

Como que numa visão contraditória, ao mesmo tempo em que apontam o quanto a mídia narra o MST somente de uma maneira – a violenta -, esses mesmos jovens chegam a repetir os ‘ditos’ consagrados na TV e criticados por eles. (FEITOSA, 2007, p.139)

A autora afirma, nesse ponto, que seus resultados se distanciam da leitura identificada por Cruz (2006), pois uma das principais conclusões a que chega o autor é que os integrantes do MST não se identificam com a imagem do Movimento exibida no Jornal do Almoço. Para os assentados militantes entrevistados por Fábio Cruz, o Grupo RBS é nomeado como máfia, enganadores e manipulares. Feitosa (2007) afirma que os jovens do Assentamento Capela também não se identificam, mas fazem uma leitura mais flexível, que não responsabiliza totalmente o meio.

Entre os estudos de recepção de telejornal realizados nos anos 2000 que abarcam a temática juvenil, está o de Aline Maia (2009). Esta pesquisa se aproxima da nossa, pois problematiza a questão da identidade e da mídia, ademais trabalha com métodos qualitativos e com jovens de classe baixa. Maia (2009) faz um estudo de recepção do Jornal Nacional com jovens de Juiz de Fora-MG. Além de estudantes de uma escola pública, os jovens são moradores da zona suburbana da cidade. O trabalho analisa a maneira como as mensagens veiculadas no telejornal agem na construção identitária da juventude suburbana. Utilizando-se de questionários e de grupos de discussão, Maia (2009) concluiu que o Jornal Nacional é apontado como um ótimo meio de informação, uma vez que a maioria dos jovens se prepara para realizar provas de vestibular, e eles afirmam que é uma maneira de se manterem informados sobre possíveis questões da atualidade. Para esses jovens, o telejornal é um meio eficaz de informação sobre o Brasil e o mundo, mas não é a única, visto que a escola e as próprias redes juvenis dividem esse espaço de fonte de informações. No entanto, são críticos

em relação à representação da periferia que é ofertada pelo telejornal, pois suas práticas de vida na zona suburbana da cidade mostram experiências na periferia que não estão relacionadas à violência, ao tráfico de drogas, entre outros exemplos.

Magalhães (2004) traz um exemplo não relacionado à classe popular, já que estudou a recepção da televisão em famílias de classe média urbana no interior do Rio Grande do Sul. Ela afirma que, em um primeiro momento, os receptores negavam a assistência da televisão, pois diziam que os meios de comunicação deturpavam a realidade¹⁰. A visão adorniana da televisão não foi comprovada após a realização da etnografia nas residências, visto que de fato a amostra assistia à televisão e estava incluída dentro da linguagem, dos códigos e narrativas televisivas. A amostra supunha ter uma leitura consciente da televisão, pois tinha acesso a outras fontes de informação, como jornais e internet, mas a pesquisa pôde relativizar essa afirmação.

Diferentes autores e pesquisas aqui apresentados trazem colaborações multimetodológicas para a construção de um estudo de recepção com o viés latino-americano, dando importância à existência das mediações e ao cotidiano dos sujeitos. Neste trabalho, seguimos a trajetória do resgate do polo receptor ativo, por acreditarmos que é importante estudar a resistência dos movimentos sociais e das classes subalternas que se organizam em prol de benefícios comuns. Não obstante, atentamos para o conceito de hegemonia, das brechas do consumo e do prazer (MARTÍN-BARBERO, 2003, p.300). Para construir a dissertação, articulamos a visão latino-americana, especialmente a Teoria das Mediações e os usos dos meios, com o modelo de recepção de Codificação/Decodificação, inicialmente elaborado por Hall (2003), mas com leitura proposta por Ronsini et al (2009).

10 Essa visão crítica das classes médias é apontada pelas pesquisas do francês Vincent Goulet (2010) como uma forma de *doxa*, um senso comum que valoriza a falta de independência dos jornalistas e, ao mesmo tempo, algo que majora a valorização do senso crítico e da autonomia. O estudo de Goulet (2010) em um bairro de periferia de Bordeaux, cidade francesa, nos traz elementos interessantes. O autor, que morou no bairro por três anos, teve como objetivo central estudar a fundo por que as pessoas, e em particular as pessoas comuns, informam-se. Baseado em Pierre Bourdieu, Goulet (2010) afirma que a categoria classe social é fundamental para os estudos de recepção, pois está ligada ao estilo de vida dos sujeitos. O autor diz que, além da posição de classe, deve-se analisar a trajetória social para compreender o que os sujeitos dizem sobre a mídia e as informações. Uma das considerações de Goulet (2010) é o papel central da televisão nas vivências familiares. Isso é averiguado ao entrevistar solteiros, que têm uma relação distinta com esse veículo de comunicação. Nesses casos, “a televisão é considerada como um meio de informação compartilhado com os outros e não como um dos lugares centrais onde se dão as relações familiares” (GOULET, 2010, p.73). O autor conclui que assistir à televisão é uma maneira diferente de estar em família. No entanto, essa assistência é muitas vezes acompanhada pelo autoritarismo dos pais, especialmente nas antigas gerações que estabeleciam o silêncio como obrigação enquanto os pais assistiam ao telejornal. Assim, a assistência dos noticiários, especialmente à noite, pode resultar, em algumas residências, em um “símbolo da vida familiar austera” (GOULET, 2010, p.55).

1.4 Mediações de Martín-Barbero

É nas tensões do vivido que tem lugar o encontro/desencontro da vida cotidiana com a vida privada, e da vida cotidiana com a História.

José de Souza Martins

De forma geral, como afirma Roselí Fígaro, é possível assegurar que a comunicação continua sendo entendida através da linearidade da transmissão de informações. A autora aponta que a comunicação é simplificada com a *ideologia do progresso*, quando passa a ser analisada como o acesso a produtos e bens, o que delimita a comunicação à participação e à integração social. Martín-Barbero (2009b, p.158-159) pondera que “já não é tão fácil confundir a comunicação com os meios. Ainda há muito disso, porém há também fortes núcleos que realmente incorporaram a dimensão cultural como dimensão profunda, heterogênea (...).”

As mudanças que concernem aos estudos da comunicação e da cultura, que se relacionam aos estudos dos meios às mediações, estão inseridas em um contexto de transformações conjunturais. Ideias como a de alienação e de dominação cultural, quando vinculadas aos meios de comunicação, possibilitam o julgamento de anestesia social. Como alternativa a este simplismo avaliativo, construiu-se uma metodologia que aumentasse a valorização da experiência e da cultura dos receptores.

É na obra de Martín-Barbero intitulada *De los medios a las mediaciones: comunicación, cultura y hegemonia* que o autor apresenta os processos geradores de significados da televisão, as mediações. Martín-Barbero foca as análises das mediações em elementos que as associações de classe historicamente consideravam como obstáculos à tomada de consciência de uma ação política: a hegemonia, as brechas de lazer e as pequenas contradições do cotidiano, por exemplo.

Em toda sua vasta obra, Martín-Barbero não oferece uma definição específica para as mediações, no entanto, Sifuentes (2009, p.20) compila importantes colaborações:

Orozco (1994) indica autores que usaram de formas variadas essa noção. Para McQuail, mediação seria sinônimo de filtro; na perspectiva de Keltner, uma intervenção explícita entre sujeito e fragmento de informação; conforme Martín-Serrano, define-se como o resultado do controle social na produção do real para a audiência dos meios; e, segundo Martín-Barbero, configura-se como uma instância cultural a partir da qual o público produz e se apropria do significado e do sentido do processo comunicativo.

Não nos posicionamos de acordo com a visão de mediação como filtro ou intermediação. De forma geral, afirma-se que mediação “não retoma o lugar positivista de líder grupal ou de opinião, nem se circunscreve a identificar a existência da mediação” (SOUZA, 1995, p.36), pois a mediação age a partir da construção cotidiana e do processo social para qualificar o receptor. Assim, é na realidade cultural que se descobre quais mediações intervêm no processo de recepção. Em nossa investigação, as principais mediações empíricas são *família* e *movimento social*, ambos permeados pela *classe social*.

A *cotidianidade familiar*, juntamente com a *temporalidade social* e a *competência cultural* são os três lugares de mediação sugeridos por Martín-Barbero em *De los medios a las mediaciones*. A *cotidianidade familiar* foi caracterizada como insignificante e despolitizada, especialmente por não estar inserida de forma direta na relação produtiva. Martins (2012, p.10) afirma que a questão é entender como a História irrompe no dia a dia. Para ele,

o cotidiano tende a ser confundido com o banal, com o indefinido, com o que não tem qualidade própria, que não se define a si mesmo como momento histórico qualitativamente único e diferente. E também com o doméstico e o íntimo, com o rotineiro e sem história. O cotidiano aparece, portanto, como uma excrescência da História. No entanto, os historiadores querem capturá-lo, fazê-lo objeto de História, para isso, no fundo, destituindo-o de sua historicidade. (*Ibid.*, 2012, p.89)

O cotidiano do homem simples¹¹ é realçado por Martins (*Ibid.*, p. 52) como o pequeno mundo onde se encontram as vontades individuais, de onde se faz a força da sociedade civil e dos movimentos sociais. Para ele, é no cotidiano, no tempo da rotina e da repetição, que se ressaltam as contradições do sistema capitalista. Essas incoerências "fazem saltar fora o momento da criação e de anúncio da História – o tempo do possível" (*Ibid.*, 2012, p.57).

No entanto, como afirma Martins (2012), não se pode reduzir a vida cotidiana à vida

11 Martins (2012, p.9) considera como homem simples aquele que está inserido na luta cotidiana pela sobrevivência, mas que "luta também para compreender um viver que lhe escapa porque não raro se apresenta como absurdo, como se fosse um viver destituído de sentido." Por fim, "sua existência é atravessada por mecanismos de dominação e de alienação que distorcem sua compreensão da História e do próprio destino" (Martins, 2012, p.9)

privada, aos usos e costumes e ao vivido e repetitivo. Na sociedade brasileira, especificamente, "a vida privada é um modo de viver muito residual" (*Ibid.*, 2012, p.85), porque ela não se estabeleceu como um estilo dominante de viver, sendo "a diferença entre a rua e a casa (...) muito sutil em nossa cultura" (*Ibid.*, 2012, p.85). O autor defende que o cotidiano não está alheio ao acontecer histórico, está na rua e não fundamentalmente no espaço doméstico (MARTINS, 2012).

No sentido de que o dia a dia é importante para a sociabilidade dos sujeitos, para sua relação com a mídia e para a construção histórica, a *cotidianidade familiar* desvenda outra realidade através dos "relatos que começam a contar o que acontece por dentro da vida dos bairros populares, não para avaliar, mas para compreender o funcionamento da sociedade popular" (MARTÍN-BARBERO, 2009, p.291). O estudo das falas e das experiências dos receptores oportunizam ao pesquisador "contextualizar a recepção de programas televisivos na esfera doméstica e comunal entre os vários grupos de uma comunidade" (LA PASTINA, 2006, p.26).

Ronsini (2007, p.70) tem como *cotidianidade familiar* a "organização espacial e temporal do cotidiano em diferentes classes sociais, isto é, o *locus* da sociabilidade." A família, para Martín-Barbero, tem um papel de reconhecimento primordial na América Latina, além de ser a unidade básica de audiência. Assim, entendemos que a família e a televisão estão relacionadas com o estudo do cotidiano.

A *temporalidade social* contrapõe o tempo valorizado pela sociedade, o tempo produtivo, com aquele da *cotidianidade*, que conforma a rotina diária e é fragmentado e repetitivo. De acordo com Martín-Barbero (*Ibid.*, p.298), a televisão relaciona esses dois tipos de tempos distintos, inscrevendo a *cotidianidade* do ritual e da rotina no mercado.

Por fim, a *competência cultural* refere-se a distintas formas de leituras a partir de uma matriz cultural que conforma essas ações. Essa mediação, na teoria da reprodução social de Bourdieu, está relacionada ao *habitus* (RONSINI, 2007). Vale ressaltar aqui que as experiências dos indivíduos estão determinadas pela condição socioeconômica da família, já que essa circunstância determina os estilos de vida. Além disso, "o lugar que ocupam na estrutura social determina a forma que podem tomar as interações e a representação que delas podem ter aqueles que se encontram em tal espaço social" (BOURDIEU *apud* RONSINI, 2004, p.17). Por essas razões, o *habitus* de classe é encarado como a principal e estruturante

mediação para as demais. Posteriormente, explanaremos mais o conceito de *habitus* de classe ao abordar a mediação de classe.

Anos mais tarde, Martín-Barbero iria rever seus conceitos, mas manteve a análise nas mediações. Para ele, há que se questionar a ideia de que a técnica é a grande mediadora, onipotente e onipresente, das relações entre os sujeitos e os acontecimentos. Em sua opinião, esse pensamento é construído para se opor ao “autismo tecnicista” (MARTÍN-BARBERO, 2002) elaborado na América Latina.

Ao trabalhar com as tecnologias comunicativas, Martín-Barbero propõe um mapa de mediações comunicativas da cultura¹². A carta geográfica coloca comunicação, cultura e política no centro e relaciona essas esferas com as mediações de socialidade, de ritualidade, de tecnicidade e de institucionalidade, essas reconhecidas como práticas concretas. Em entrevista à revista MATRIZES, Martín-Barbero (2009b, p.151-152) comenta a atualidade das mediações, em que “o comunicativo está se transformando em protagonista de uma maneira muito mais forte”:

A presença dos meios na vida social, não em termos puramente ideológicos, mas como uma capacidade de ver além dos costumes, ajudando o país a se movimentar. Isso me leva a dar mais um passo, junto com a aparição massiva, em meados de 1990, do computador e do que veio rapidamente com ele. Inverto meu primeiro mapa e proponho as “mediações comunicativas da cultura”, que são: a “tecnicidade”; a “institucionalidade” crescente dos meios como instituições sociais e não apenas aparatos, instituições de peso econômico, político, cultural; a “socialidade” – como o laço social está se transformando para os jovens, como as relações entre pais e filhos, e entre casais, estão mudando. Isso vem dos costumes dos avós, das matrizes que não se pode negar, pois estão aí. Nós, pais, estamos sofrendo a contradição: o que não pudemos fazer, nossos filhos poderão – a famosa reflexão de Margaret Mead sobre a geração intermediária. E, finalmente, as novas “ritualidades” que acontecem em relação aos novos formatos industriais possibilitados pela tecnicidade.

Aqui, não trabalhamos com a mediação da institucionalidade, mas adiantamos que ela refere-se ao âmbito da produção e dos meios, permeada pelas matrizes culturais. Nas palavras de Martín-Barbero (2009, p.17-18):

A institucionalidade tem sido, desde sempre, uma mediação densa de interesses e poderes contrapostos, que tem afetado, e continua afetando, especialmente a regulação dos discursos que, da parte do Estado, buscam dar estabilidade à ordem

12 Visto as pesquisas realizadas até o momento, não podemos compactuar mediação com midiatização. Por essa razão, trabalhamos exclusivamente com o primeiro conceito.

constituída e, da parte dos cidadãos – maiorias e minorias -, buscam defender seus direitos e fazer se reconhecer, isto é, reconstituir permanentemente o social.

A mediação de *tecnicidade* está entre as lógicas de produção e os formatos industriais. É relacionada com as tecnologias da informação e apresenta-se como o discurso da narrativa do texto, ou seja, o modo como a sociedade está organizada através dos meios. Martín-Barbero explica que não se deve confundir a comunicação com as técnicas ou com os meios, como a televisão. Deve-se reconhecer a "materialidade histórica das mediações discursivas em que ela (comunicação) se produz" (MARTÍN-BARBERO, 2002, p.231) [tradução nossa], atendo-se à atribuição da tecnicidade na competência da linguagem e na organização de novas práticas e percepções. A técnica é aqui trabalhada como “*organizadora perceptiva*” (*Ibid.*, p.231), ou seja, aquela que, nas práticas, articula a transformação material com o discurso. Nas palavras de Ronsini (2010, p.7):

Por sua centralidade na organização social, ela percorre o circuito inteiro, modelando a ritualidade, a socialidade e a institucionalidade, vale dizer, modela todas as relações porque se define como o estatuto social da técnica. Portanto, a tecnicidade pode ser compreendida em sentido estrito, como o aspecto textual, narrativo ou discursivo da mídia que funciona como organizador perceptivo.

A *tecnicidade* é importante para nossa pesquisa, visto que nos ajuda a explicar como as notícias do Jornal Nacional representam as classes sociais, a sociedade civil organizada e as ruralidades. É ela que, como aponta Ronsini (*Ibid.*, p.9), atenta "para os modos como a tecnologia vai moldar a cultura e as práticas sociais" a partir da compreensão das relações de poder e da contextualização histórica dos discursos. A tecnicidade é operacionalizada em nossa pesquisa juntamente com o modelo de Codificação/Decodificação de Stuart Hall.

A *ritualidade* está relacionada às rotinas e à produção de sentidos e é, como lembra Martín-Barbero (2002, p.228), as trocas de forma e de ritmo, ou seja, "o que nas práticas sociais falam de repetição e de operabilidade." A *ritualidade* é uma mediação referente aos trajetos de leitura do receptor, à interação entre os espaços e a sua vida cotidiana e aos distintos usos sociais dos meios. Ronsini (2010, p.9) afirma que esses trajetos de leitura e usos dos meios estão "estritamente associados à qualidade da educação, aos saberes constituídos em memória étnica, de classe ou de gênero, e aos costumes familiares de convivência com a cultura letrada, a oral ou a audiovisual", ou seja, à matriz cultural.

A *ritualidade* está entre as competências de recepção e os formatos industriais, sendo o contato dos receptores com os produtos, como as matérias que os jovens assistem em suas residências. É o momento da assistência do Jornal Nacional no cotidiano do lar, o modo como leem, veem, escutam (gramáticas da ação) e se relacionam com a televisão e com outros meios de comunicação.

Já a mediação *de socialidade* está também relacionada ao momento da recepção e se relaciona com as práticas cotidianas e com os processos constitutivos de sujeitos e de identidades (MARTÍN-BARBERO, 2002, p.227). A importância da família, da escola, da comunidade e do pertencimento de classe na conformação de identidades são processos referentes à mediação de *socialidade*, ou seja, é a importância do contexto social na recepção. De acordo com Ronsini (2010, p.9), é a essa mediação que se "conecta a tradição cultural com a forma como os receptores se relacionam com a cultura massiva." A autora lembra que "a *socialidade* ou *sociabilidade* concerne às relações sociais, ao indivíduo/sujeito e a seus múltiplos pertencimentos identitários com base em referentes individuais, de gênero, de etnia e de geração que são estruturados a partir de uma posição de classe" (*Ibid.*, p.15). É essa mediação que diz respeito à negociação do espaço de uns sujeitos com os outros.

Para Barbero, só existem agora mediações comunicativas da cultura na medida em que o comunicativo está se transformando em protagonista da vida cultural e social de todas as pessoas (2009, p. 152-153). Mas, ao contrário do pensamento pós-moderno para o qual tudo é cultural, para Barbero o protagonismo do comunicativo não apaga os determinantes econômicos, geracionais, étnicos ou de gênero. (*Ibid.*, p.10)

A *ritualidade* é investigada através da observação da rotina dos entrevistados com os meios de comunicação, em especial com o Jornal Nacional. É nosso objetivo observar se ocorre regulação dos horários das atividades, como estudar ou jantar, e a interação das pessoas no momento da assistência. Neste trabalho, a mediação de *tecnicidade* é trabalhada conjuntamente com o modelo Encoding/decoding, buscando analisar de forma menos superficial o texto sobre as representações das desigualdades sociais no campo do Jornal Nacional. A *socialidade* refere-se ao contexto social, em especial trazendo elementos sobre as ruralidades, a classe social e a geração na vida dos jovens.

1.4.1 Mediação de classe

Classe Social é uma categoria que tem importância na perspectiva de construção do pensamento nos Estudos Culturais. No entanto, os estudos buscam fugir do reducionismo econômico que pode estar atrelado a ela. Para o marxismo ortodoxo e abstrato, a cultura pertence ao campo da superestrutura e, dessa forma, está fortemente atrelada à estrutura econômica. Escosteguy (2001, p.60) afirma que, para compreender a cultura, deve-se ponderar a influência das relações político-econômicas, mas que a cultura, em si, não é dependente ou reflexo dessas relações.

Entendemos que a classe social torna-se importante nesta pesquisa para problematizar de que forma as representações construídas midiaticamente sobre o meio rural estão presentes nos processos de formação social dessas representações e de configuração das identidades dos jovens da amostra. Mais adiante, trabalharemos como as representações dominantes do meio rural têm relação com a classe. Na literatura brasileira, temos como exemplo a figura do Jeca Tatu, criação de Monteiro Lobato. No cinema, Mazzaropi interpretou um personagem, o Jeca. Nas histórias em quadrinhos, temos o Chico Bento, uma criação de Maurício de Souza. Na telenovela, temos diversos exemplos, sendo um deles o Julião Petróquio. O telejornal não fica de fora, pois o pequeno agricultor, por vezes, aparece em matérias quando suas propriedades foram afetadas por intempéries e ele necessita de auxílio do Estado. É a lógica do "pouco": poucos animais sobreviveram à seca, haverá pouca produção devido à enchente que lavou o solo, existem poucas escolas no meio rural, não há saneamento básico na localidade e há pouco acesso em boas condições, etc.

Essa lógica do "pouco" transcende a materialidade e é somada às variáveis do plano simbólico. As diversas representações dos moradores rurais, na maioria negativas, são resultado da histórica desvalorização do produtor familiar no Brasil. Com a formação de um sistema agrário profundamente baseado na grande propriedade rural e no modelo de produção agroexportador, ocorreu a desvalorização do campesinato no país. Frossard (2003, p.22) salienta que, nessas circunstâncias, "resta ao produtor familiar que permanecera no campo a condição desestimulante de ver 'o tempo passar'. Ou seja, a imagem que as pessoas na cidade passaram a ter dos trabalhadores rurais era estereotipada, carregada de preconceito." Essa representação apresenta recorte de classe e está vinculada, normalmente, às classes populares.

Palavras como ignorantes e pessoas sem cultura foram historicamente associadas aos moradores de localidades da zona rural.

A representação positiva do meio rural é atrelada ao "sucesso" caso esteja relacionada ao mercado exportador, à exploração de produtos como *commodities*, à mecanização do campo, ao melhoramento genético, ao agronegócio, etc. Essas são atividades que lembram o que Wanderley (2001) caracteriza como "exploração urbana do meio rural", pois, normalmente, excluem o campo como forma de vida, auxiliando na formação de desertos verdes (HOBBSAWM, 2007). Esse processo de representação do "sucesso" exclui as camadas populares, a não ser como mão de obra, e são importantes na forma como os jovens entrevistados classificam suas experiências no meio rural, bem como na apropriação do discurso ofertado pelo telejornal referente às notícias sobre o campo.

Na análise de classes, devemos considerar os movimentos e as organizações sociais e suas reivindicações, ou seja, os objetivos que os fazem, literalmente, movimentar-se. A distribuição de terras, no caso do MST, e o escoamento de produção, no caso dos grupos de Economia Solidária e das cooperativas, são alguns desses "movimentos". O conflito de classe social é expresso nos movimentos sociais, como no MST, mas também nos outros dois exemplos. Embora criticados por alguns por serem de caráter reformista, algumas de suas atividades e ideias são consideradas formas de pressão e resistência a um pensamento dominante e hegemônico e a um *status quo* – esse de concentração de terras, agronegócio e monocultura.

Mike Savage (2004, p.33) tem uma leitura interessante sobre classe social ao trazer para o debate a leitura de "insegurança estrutural". Essa insegurança, nas classes populares, é ocasionada pelo sistema econômico e acarreta novas relações locais e produtivas. Para ele, "a retirada dos meios de subsistência das mãos dos trabalhadores significa estrangê-los a acharem estratégias para lidar com a aguda incerteza com a vida diária." Dessa forma, as classes trabalhadoras necessitam encontrar maneiras de sustentação frente à impossibilidade de autonomia reprodutiva cotidiana. As soluções encontradas vão "da luta contra seus empregadores à formação de cooperativas, à demanda de amparo estatal, à tessitura de redes de apoio nas vizinhanças e por aí vai". (*Ibid.*, 2004, p.33)

Os exemplos citados por Savage vão ao encontro dos dados empíricos do trabalho de campo, pois há assentados no Carlos Marighella, vizinhos ou não de lote, que trabalham em parceria, formando redes de apoio para o escoamento de produção, sendo uma medida

encontrada pelos assentados frente à pequena produção das propriedades. As redes de apoio configuram-se necessárias também nos grupos de Economia Solidária e na Coopercedro. São atividades relacionadas à formação de redes alternativas de escoamento de produção, devido às dificuldades encontradas pelos agricultores para entrar no mercado. Tendo em vista a grande demanda de produção de alimentos, que os agricultores sozinhos não podem produzir, as redes de apoio funcionam como alternativas à estrutura do mercado.

1.4.1.1 Histórico do conceito classe

Classe é uma palavra difícil, tanto na gama denotativa, quanto no significado particular. Ao longo dos séculos, classe foi utilizada de distintas formas, seja caracterizando a divisão de acordo com a propriedade das pessoas, na Roma antiga, com a palavra *classis*, ou no inglês *class*, referindo-se à organização da Igreja Católica e da educação no século XVII (WILLIAMS, 1983). No entanto, foi somente com a reorganização social ocorrida com a Revolução Industrial que a palavra se aproximou do conceito de divisão de classes.

Classe social, conforme abordamos no subtítulo "*1.3.1 A recepção nos últimos vinte anos: dos estudos da televisão aos do telejornal*", tem um significado contemporâneo que vai além da divisão da sociedade em diferentes estratos econômicos (BOBBIO, 1983, p.174). Pierre Bourdieu diz que "a classe social não é somente definida por uma posição na produção, mas pelo *habitus* da classe que é "normalmente" associado à tal posição" (BOURDIEU, 1991) [tradução nossa]. Atualmente, o conceito de classe social é trabalhado com a intenção de explicar a relação dos indivíduos com as classes sociais, frisando que se faz necessária a observação se há, por parte dos indivíduos, um sentimento de comunidade e solidariedade.

Para Jessé Souza, somente as análises economicistas não dão conta da complexa trama da desigualdade social. É por isso que o autor enfoca a concepção sociocultural de classe que Pierre Bourdieu traz ao trabalhar o conceito de *habitus*. Para o francês, esse conceito faz oposição ao viés economicista de classe, especialmente "por apontar para fatores "extra-econômicos", existenciais, morais e políticos, subliminares e subscientes" (SOUZA, 2006, p. 74). Através do *habitus*¹³, Bourdieu "permite enfatizar todo o conjunto de disposições

13 Bourdieu trabalha o gosto como uma produção social e não como uma naturalização. No entanto, o gosto é uma "introjeção naturalizada" a partir da herança cultural familiar e do capital escolar. O gosto tem

culturais e institucionais que se inscrevem no corpo e que se expressam na linguagem corporal de cada um de nós transformando, por assim dizer, escolhas valorativas culturais e institucionais em carne e osso" (SOUZA, 2006, p. 33).

Martins (2012) afirma que a classe social, especificamente a operária que Karl Marx trabalhou, era um elemento teórico. No entanto, as modificações, no decorrer do século XIX, que levaram Marx a pensar o mundo do trabalho e o sistema econômico foram bastante significativas. A mecanização do campo, o crescimento das indústrias e da massa de operários repercutiu na obra do filósofo. A fim de gerar uma ação coletiva, Marx separou a sociedade em duas classes, burguesia e proletariado, sendo elas opostas, antagônicas e incompatíveis. Essas duas classes sociais desenvolveriam uma luta que estaria atrelada ao processo histórico. Elas seriam, assim, o motor da história.

No entanto, essa era a realidade do século XIX, mais precisamente, era a realidade da Inglaterra analisada por Karl Marx, tomando como exemplo as fábricas. Trazer essa análise para os dias atuais é, no mínimo, anacrônico. Admite-se que existe um grau de romantismo em diversas abordagens relacionadas às classes populares, logo, acredita-se que a classe social, além de existir estruturalmente na sociedade, deve ter algum significado para as pessoas.

De acordo com Savage (2011), a classe social é utilizada, desde os anos 1950, como um conceito chave para analisar as mudanças sociais. Fontana (2011) aponta que as visões esquemáticas de estrutura e superestrutura foram sendo aprimoradas para elementos mais dinâmicos. Por vários anos, os estudos contemporâneos de mídia e de comunicação apontaram a classe social como um conceito explicativo. Entretanto, a partir de um processo lento, esse conceito foi sendo substituído por outros que focavam nas singularidades e nas diferenças:

a partir da década de 1980, um novo corpo de opinião, influenciado pela ascensão de correntes pós-estruturalistas e antifundacionais nas ciências sociais e humanidades vem sustentando que o conceito de classe é sobredeterminístico e reducionista, incapaz de tratar da complexidade dos modos de as pessoas pensarem e agirem no passado. (SAVAGE, 2011, p.6-7)

A pergunta vigente, especialmente após a *cultural turn* do final da década de 1960, era

relação, dessa forma, com o *habitus* de classe, "percebido como um aprendizado não intencional de disposições, inclinações e esquemas avaliativos que permitem ao seu possuidor perceber e classificar, numa dimensão pré-reflexiva, signos opacos da cultura legítima" (SOUZA, 2006, p.34).

se as classes sociais ainda seriam categorias relevantes para a análise social. Esses pressupostos fizeram com que os pesquisadores que utilizavam o conceito de classe fossem realocados em um campo conservador e ultrapassado. Porém, a classe social continua tendo a "força essencial", como diz Murdock (2009), para explicar a sociedade na qual vivemos, também por ela ser dividida economicamente em classes sociais, mas especialmente por produzir diferenciações simbólicas e imaginárias que são importantes para as configurações identitárias. Entretanto, por que esse conceito foi resguardado ao porão das pesquisas acadêmicas?

As transformações nas investigações, como a "morte da classe social" ou a "morte da História"¹⁴, não estão desvinculadas dos processos políticos e sociais que ocorreram, seja a primavera de 1968 em Paris, seja a ascensão do neoliberalismo, em especial a partir da década de 1980. Murdock (2009, p.33) lembra que a virada teórica pós-moderna, que possibilitou a existência da cultura como categoria analítica autônoma, ocorreu quase que concomitantemente às modificações neoliberais que desencadearam diretrizes econômicas e sociais para diversos países. Na pesquisa acadêmica, essa virada teórica estimulou investigações sobre identidade e consumo, transformando a questão da diferença e da singularidade em importantes categorias explicativas.

Embora as análises baseadas nas classes sociais tenham entrado em refluxo devido ao recuo dos movimentos sociais¹⁵ e das políticas social-democratas, há um avanço de pesquisadores de diversas áreas nas últimas décadas que demonstram que a categoria classe é relevante para a análise social. Esse movimento também é encontrado no Brasil, através da formação de grupos de pesquisa sobre o mundo do trabalho e de grupos interessados em estudos sobre as classes populares. Não se explicam essas formações somente porque não se encontrou outra razão para a desigualdade que assola a sociedade, mas especialmente porque há uma curiosidade específica no estudo das relações entre e nas próprias classes sociais e também na conformação subjetiva dos indivíduos.

¹⁴ A queda dos países soviéticos determinou para Fukuyama, em 1993, o fim da História.

¹⁵ Podemos falar sobre um recuo dos movimentos sociais. No entanto, há o aparecimento de novas formas da sociedade civil se organizar e do ativismo político.

1.4.1.2 Mediação de classe na recepção

Pensar a recepção midiática através da mediação de classe é uma contribuição da perspectiva de Martín-Barbero que alia mediação à vivência cotidiana. A classe articula as mediações e se expressa através do *habitus*. Nesta pesquisa, articulamos a mediação de classe com a de movimento social, entendendo essa última como fruto da sociedade civil mobilizada e com interesses comuns. Buscamos entender as imbricações existentes entre as duas mediações. De acordo com Wottrich (2011, p.32), "relevar a mediação de classe num estudo de recepção é considerar que a produção cultural é intimamente ligada à dinâmica do capitalismo e à economia do mercado." Sem a mediação de classe, há a valorização dos indivíduos e de suas escolhas pessoais, sem a estrutura do sistema e das desigualdades sociais que lhes são próprias.

Além do foco de investigação na experiência de classe e do sentimento de comunidade interna da classe, é nossa intenção estudar o que transcende a classe social, as misturas e os atravessamentos entre as classes sociais, essas expressadas em aspirações ou nas práticas de consumo. Nas palavras de Morin (2011, p.31):

Como não perceber que as relações de classes são dialógicas, ou seja, relações de antagonismo, e, simultaneamente, de **cooperação** e que ora o antagonismo se manifesta nas lutas de classe, ora a cooperação surge sob a forma de colaboração de fato ou negociada?

Trabalhar com sistemas de sentido tendo como base a classe popular com vínculos com o meio rural liga-nos, também, a outros discursos que nos interessam como trabalho e modo de desenvolvimento rural. O interesse é analisar como essas temáticas interagem com a posição de classe, partindo da defesa de que a posição de classe interfere na experiência e no estilo de vida. Podemos afirmar que o imprevisto na vida dos sujeitos tem relação com o *habitus de classe*, ele não foge completamente do que é essencial à posição de classe. Assim, a autonomia na vida dos sujeitos tem relação com as estruturas.

Por terem como condicionante o meio de produção agrícola, as coletividades, no caso os pequenos agricultores, têm relativamente um número restrito de situações, além de ações, que poderíamos ajustar ao *habitus*. No entanto, no caso das comunidades estudadas, alguns jovens em questão têm experiências diversificadas. Eles entraram em contato com o mundo

acadêmico, com feirantes, com comerciários – pois trabalharam na cidade. Há, ainda, outros que não tiveram experiência de moradia em ambiente urbano, passando a vida no meio rural, seja em distritos, acampamentos ou assentamentos da reforma agrária. Enfim, as experiências são diversas e a previsibilidade de comportamentos somente justificada porque são jovens rurais não nos serve. Sobre a coerência dos *habitus*, Lahire (2002, p. 31) diz que o indivíduo pode ter interiorizado, depende da “coerência dos princípios de socialização aos quais esteve sujeito”. Esses jovens não vivem isolados em longínquos espaços, eles têm dinamismo social, trabalham em feiras, em outros espaços urbanos ou simplesmente estudam ou trabalham na cidade.

De forma geral, no âmbito econômico, escolhemos o perfil dos jovens através da estratificação ocupacional do membro melhor situado da família, conforme proposto por Quadro e Antunes (2001), mas não nos detemos à categorização social em classes sociais distintas, essas baseadas em rendas familiares. De acordo com essa estratificação, as famílias dos nossos receptores se enquadram como classe média baixa (classe média baixa, operários e trabalhadores autônomos) e baixa (operários da camada inferior, assalariados populares e trabalhadores autônomos, empregados domésticos, não ocupados).¹⁶ Para fins de conceito, consideramos essas estratificações como classe popular. Suas rendas mensais não são fixas, mas estão compreendidas na faixa entre R\$700 a R\$1400.

Ronsini (2007) utiliza a divisão de classes presente no livro *Os sentidos do trabalho*¹⁷ para falar sobre a sociedade brasileira. A autora afirma que a classe alta é a burguesia proprietária, seja no meio rural ou urbano, e a burguesia assalariada é a classe média, sendo intermediária entre a classe alta e a trabalhadora. Essa se divide em classe média baixa e baixa, agregando todos aqueles que vendem sua força de trabalho em troca de salário. Os dois grupos de jovens analisados, mesmo sendo proprietários de terras, vendem sua força de trabalho em diversas ocasiões em troca de algum auxílio, por vezes em espécie. Além disso, as propriedades são minifúndios que produzem para a subsistência e com a vinculação a

16 Classificamos a família de Lúcia e Raimundo como de classe baixa e a de Pedro Henrique, Igor, Mirela e Alberto como de classe média baixa. Na família de Lúcia, seu pai, agricultor, é o membro melhor situado. Na família de Raimundo, seu pai é agricultor, mas faz ‘bicos’ como pedreiro. Mirela e Alberto moram juntos, e ele é o membro melhor situado, sendo soldado do Exército. Na família de Pedro Henrique, o membro melhor situado é o pai, agricultor. Na família de Igor, o membro melhor situado é sua mãe, doméstica aposentada e feirante.

17 ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**. Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2001.

programas federais, não se caracterizando como uma classe média ou alta.

A situação financeira os restringe de diversas maneiras, em especial na diversificação do lazer e de informações. A falta de transporte em algumas localidades, especialmente à noite, dificulta ainda mais as atividades durante o tempo livre. Bailes, cinemas, espetáculos e shows são diversões raras. As atividades realizadas com a escola, como um passeio na Feira do Livro e uma excursão para outra localidade foram as citadas. Nenhum jovem tem acesso a assinaturas de jornais, revistas ou são assinantes de televisão a cabo. Somente três deles têm acesso à internet todos os dias, sendo que uma jovem a utiliza no trabalho. O principal motivo é o investimento mensal do pagamento da fatura, além dos preços normalmente menos competitivos para a zona rural.

Em relação aos seus contextos de vida, os jovens normalmente trabalham na propriedade dos pais ou auxiliam algum vizinho, mas raramente recebem dinheiro por isso. As meninas são mais independentes financeiramente, especialmente por saírem da casa dos pais mais cedo. Os jovens, em sua maioria, estudaram no meio urbano e relatam terem sofrido preconceito por serem de origem rural. Uma jovem era chamada de *caipira*; um rapaz tinha o apelido de *agrobóy*. A maioria ameniza o discurso de exclusão e preconceito afirmando que depois que os colegas os conheciam melhor, as piadas diminuíram e até cessaram.

Embora tenham relações com organizações e movimentos sociais, os jovens dessa pesquisa não são militantes. Alguns dos pais já foram militantes, contudo, poucos ainda são. Há certa dificuldade em perceber o interesse pelo movimento social nos filhos de militantes. Não há a participação dos jovens em reuniões ou encontros, embora, no passado, isso ocorresse com pouca frequência. Consideramos a mediação *movimento social* nesta pesquisa, pois os jovens já tiveram maior proximidade com os movimentos sociais ou desejam se envolver novamente e conhecer outras formas organizadas de luta coletiva. Além disso, a *família* exerce um papel fundamental, sendo o fio conector desses jovens com seus laços de origem rural e com sua relação com movimentos sociais.

Nesta investigação, torna-se difícil, como diz Santos (2002), separar o econômico do social ou do cultural. Como afirma Curran (2006, p.142), "muitas pesquisas mostram que classe continua fortemente influenciando na distribuição da mudança de vida, experiências e recompensas nas sociedades contemporâneas avançadas."

1.5 Percursos metodológicos

A palavra *método* vem do grego *methodos*, composto de duas formações. A primeira, *meta*, significa por meio de, e a segunda, *hodos*, denota via ou caminho. Ter um método é ordenar um trajeto a fim de alcançar uma finalidade. Para Lopes (2004), a metodologia na Comunicação requer rigor, reflexão e criticidade, para ir além do que já se produziu nesse campo. Para se realizar uma boa pesquisa qualitativa, a observação acurada tem que ser aliada com a comunicação e as trocas de informação e de ideias, tanto entre pesquisadores quanto entre participantes da pesquisa. Desde 2011, integro o Grupo de Pesquisa Mídia, Recepção e Consumo Cultural e, embora seja uma participação recente, foi fundamental para o aprimoramento da metodologia dos estudos da recepção.

Há um famoso poema de Antonio Machado que afirma que, para o andarilho, não há caminho, pois ele o faz caminhando. No entanto, no campo científico, deve-se prezar o afinamento metodológico como um esforço que alia o empírico à teoria.

Na pesquisa científica, a metodologia tem relação determinante para entendermos a forma com que atingimos os dados empíricos¹⁸. Esta pesquisa de recepção televisa com jovens que têm vínculos rurais e são moradores de Santa Maria, Rio Grande do Sul. Para tanto, utiliza elementos da Antropologia, da Sociologia e da História com adaptações aos estudos de comunicação, pois o campo acadêmico da comunicação, como lembra Lopes (2005), é marcado pela transdisciplinaridade. Por isso, os estudos de recepção fundamentados nos Estudos Culturais normalmente trabalham com a articulação de disciplinas, o que não é um caso isolado, visto que o campo acadêmico da História, especialmente após a renovação das fontes, acabou também por adotar técnicas e aportes teóricos de outras disciplinas. Martín-Barbero (2002, p.216) salienta que, ao mesmo tempo em que a comunicação se apropria de saberes históricos e antropológicos, “la sociología, la antropología y la ciencia política se empiezan a hacer cargo, ya no de forma marginal, de los medios y de los modos como operan las industrias culturales”.

A partir da Nova História, que colaborou para trazer novos objetos, novas fontes, mas especialmente novas perspectivas para a construção do pensamento, "a história vista de baixo"

18 SOUZA, Mauro. **A recepção sendo reinterpretada**. In: SOUZA, Mauro (org). **Recepção mediática e espaço público**. São Paulo: Editora Paulinas, 2006.

surge como uma forma de posicionar as pessoas comuns como sujeitos históricos, ou seja, que criam história. O termo, cunhado por Edward Thompson, em 1966, demonstrava novos horizontes frente à historiografia tradicional. Nesse sentido, trazemos como objeto de pesquisa a recepção televisiva por jovens, a fim de estudar o texto e as mediações. Para isso, é fundamental utilizar-se de técnicas de investigação qualitativas, já que acreditamos que as técnicas estatísticas, como afirma Morley (1996, p.249) “inevitavelmente aíslan las unidades de acción de los contextos que las hacen significativas”. As observações qualitativas são utilizadas para trabalhar com fenômenos complexos e únicos que as pesquisas quantitativas, sozinhas, não conseguiriam operar. Em nossa pesquisa, o enfoque maior foi dado à investigação qualitativa, pois ela possibilita um aprofundamento da investigação de comunidades com um número pequeno de jovens, o que torna possível a abordagem de suas trajetórias de vida, apresentando-as como microhistórias.

O processo de comunicação está relacionado com as interações do texto e do contexto, a micro e a macrosociologia, sendo que a cultura é a fruição dessas instâncias. O cotidiano é relacionado à recepção, entretanto, a análise não pode apoiar-se nas relações domésticas ou pessoais, já que os receptores são sujeitos históricos e envolvidos em relações de poder e análises mais estruturais que estão intrinsecamente articulados com seu dia a dia. Sendo assim,

a recepção, por conseguinte, não é um processo redutível ao psicológico e ao cotidiano, apesar de ancorar-se nessas esferas, mas é profundamente cultural e político. Isto é, os processos de recepção devem ser vistos como parte integrante das práticas culturais que articulam processos tanto subjetivos como objetivos, tanto micro (ambiente imediato controlado pelo sujeito) como macro (estrutura social que escapa a esse controle) (LOPES, 1998, p.5)

Dessa forma, lançou-se o desafio da construção de um estudo de recepção capaz de envolver perspectivas de escalas diferentes, ou seja, buscando uma “compreensão mais abrangente, tanto estrutural quanto histórica, da nossa condição cultural contemporânea” [tradução nossa] (ANG, 1990, p.244).

No trabalho de campo, utilizamos como método de pesquisa a etnografia crítica da recepção. A etnografia é crítica porque dá atenção, como aponta Ronsini (2007), à reprodução social, e não somente à criatividade dos receptores. Empregamos o modelo *encoding/decoding* e também fizemos uso das técnicas das entrevistas semiestruturada e

fechada. De acordo com Duarte (2009), a entrevista semiestruturada segue um roteiro de questões-guia que possibilita a discussão em profundidade, e a entrevista fechada segue questionários estruturados com perguntas iguais para toda a amostra, o que possibilita a comparação das respostas.

A etnografia assumiu importância expressiva para os Estudos Culturais ao longo da década de 1980, adquirindo uma nova abordagem, já que os investigadores passaram a utilizar metodologias etnográficas para estudos étnicos, de gênero ou da juventude, desvinculando a etnografia do objeto comumente associado, os povos indígenas ou tribos afastadas do meio citadino (DROTNER, 1994). A etnografia passou também a ser construída para sua utilização nos estudos da mídia, sendo empregada na recepção, especialmente como “uma forma de interpretação que pretende aguçar nossa sensibilidade para os detalhes de como as pessoas lidam com a televisão em seus cotidianos” [tradução nossa] (ANG *apud* DROTNER, 1994, p.395).

A etnografia respondeu a questionamentos referentes ao consumo, ao lazer, ao cotidiano e ao trabalho dos jovens, com a colaboração da observação participante e do diário de campo. O cotidiano¹⁹ é a força motriz para a etnografia, já que possibilita fornecer detalhes e construir subjetividades e características da ordem do abstrato. A etnografia desnaturaliza o ato de assistir à televisão, esse que tem fortes vínculos no dia a dia e por várias vezes está incluído nas atividades rotineiras das pessoas. Assistir à televisão está relacionado de forma inevitável ao cotidiano, uma vez que “televisão é a vida cotidiana. Para estudar um, temos que estudar ao mesmo tempo o outro” [tradução nossa] (SILVERSTONE *apud* DROTNER, 1994, p.345).

García Canclini, em *Diferentes, desiguales y desconectados*, lembra que Clifford Geertz reformulou o que deveria ser o objeto de estudo, ou seja, que não deveríamos descrever e investigar a partir da perspectiva *da* aldeia, mas sim *na* aldeia. Essa mudança propôs investigar os receptores em seus cenários naturais, seja acompanhando a assistência da televisão, seja o estar em casa. Por isso, buscamos entender as particularidades e as vivências dos indivíduos e interpretar o significado da mídia e a apropriação da mesma para os receptores, pois:

El hogar o la familia, insertos en un ambiente social y cultural más amplio, proporcionan, con sus pautas de interacción cotidiana, con sus propios sistemas

19 Apresentamos a visão sobre o cotidiano adotada nesta pesquisa no subtítulo “1.3 Mediações de Martín-Barbero.”

internos de relaciones, y su propia cultura de legitimación y de formación de la identidad, un laboratorio para la investigación naturalista del consumo y la producción de sentido. (MORLEY, 1992, p. 263)

Nas análises de recepção, a etnografia adquiriu importância especialmente por relativizar as assertivas da crítica ideológica, na qual houve a "desmitificação" do poder dos meios sobre a audiência. No entanto, Escosteguy (2001, p.42-3) pondera essa afirmativa, pois crê que:

Ao operar no ponto de encontro onde determinadas condições sociais transformam-se em condições especificamente vividas, trabalha-se *por dentro* de fronteiras. Nesse estreito espaço, de difícil acesso, corre-se o risco permanente de celebrar as resistências ao reconhecer que as audiências respondem ativamente às formas culturais massivas, principalmente, se for levado em consideração o trabalho anteriormente executado de “desmistificar, denunciar e condenar” o poder dos meios *sobre* a audiência.

Dessa forma, consideramos que o receptor estabelece uma relação ativa com os textos midiáticos, mas não buscamos uma vinculação esperançosa de autonomia, ou uma euforia com a vitalidade das audiências, para citar Escosteguy (2001, p.44), onde haveria uma submissão das relações de poder. Assim, falar em mediação e etnografia não significa entrar diretamente no debate da recepção ativa. Para Ronsini (2004), o receptor é ativo pelo uso dos meios, como a televisão, ou seja, as formas de assistir revelam sua leitura: hegemônica, resistente ou negociativa. Essa utilização dos meios será analisada através do modelo *encoding/decoding*, sobre o qual explanaremos posteriormente.

A coleta de dados se deu a partir de entrevistas semiestruturadas, utilizando a técnica da observação participante e do diário de campo (TRAVANCAS, 2011, p.102). Visamos, também, a novas perguntas que surgiram na ocasião, deixando o entrevistado à vontade para interromper o roteiro de perguntas e contar histórias ou dar suas opiniões sobre algum assunto. As perguntas direcionadas aos jovens não excluíram a participação dos familiares, já que alguém os lembrava de algum acontecimento ou de alguma data. O fato de não estarmos sozinhos ocorreu porque não houve a possibilidade, em diversos casos, de realizarmos as entrevistas em um cômodo privado. No entanto, não houve uma interferência negativa dos pais ou companheiros. Em um momento, quando se percebeu um constrangimento, o próprio entrevistado me convidou para sair da sala e ir para outro local.

Conversamos, também, informalmente, com familiares dos jovens sobre as histórias da localidade, da organização e dos movimentos sociais com os quais a amostra tem relação. A participação de pais, irmãos mais velhos, sogros e tios, bem como dos vizinhos foi fundamental para delinear o contexto no qual os jovens estão inseridos. Esse tipo de abordagem foi utilizado no assentamento Carlos Marighella, no Feirão Colonial, assim como na sede da Coopercedro na Praça Saturnino de Brito, onde a observação participante não se restringiu à amostra selecionada e se expandiu para os frequentadores desses locais. As visitas frequentes possibilitaram o registro da história de vida de alguns desses sujeitos no diário de campo, o que colaborou para a reflexão sobre o contexto dos jovens.

O diário de campo também foi o local onde registramos a observação do espaço doméstico, em especial os hábitos familiares, a infraestrutura da moradia e da comunidade, a distribuição de objetos midiáticos e as atividades das famílias, em especial a assistência da televisão (LOPES, RESENDE, BORELLI, 2002, p.54)

A entrevista semiestruturada continha 132 perguntas sobre a história de vida, os meios de comunicação, a televisão e o Jornal Nacional, a juventude e a política, classe social na vida dos jovens, ruralidades e trabalho, questão agrária e movimentos sociais. Utilizamos formulários, especialmente no início da investigação, além de dados estatísticos que corroboram informações no texto da análise. Após o exame da qualificação, acrescentamos dez perguntas sobre a relação dos jovens com os movimentos sociais. O uso de formulário teve a finalidade de aproximar a pesquisadora da amostra, e não tem representação estatística, o que é comum, também, em outros estudos de recepção (JACKS, 2008).

No estudo de recepção, a trajetória de vida é importante por apresentar detalhes sobre as marcas culturais e identitárias do jovem. Na recepção de um telejornal, ela é importante, pois colabora para entender “como se estabelece essa relação de confiança” (GOMES, 2005, p.237) entre o sujeito e o programa. Importa-nos a maneira como se formam a confiança e a credibilidade no telejornal ao longo dos anos, bem como, caso existam, os períodos de crise.

Ao trabalhar com a trajetória de vida dos jovens, trazemos a possibilidade de recuperação, mesmo que de forma tangencial, da memória das comunidades em que vivem através de diversas versões. Esse processo cumulativo de informações sobre o cotidiano no meio rural nas cercanias de Santa Maria é um enriquecimento do campo histórico, visto que “até mesmo a história local preocupava-se mais com o governo do distrito ou da freguesia do

que com o dia a dia da vida da comunidade ou das ruas” (THOMPSON, 1992, p.22).

Meu²⁰ contato com assentamentos se deu em um momento anterior à vinculação nessa pesquisa, pois realizei o IV Estágio Interdisciplinar de Vivência, organizado pelo Núcleo de Apoio à Reforma Agrária da UFSM, no ano de 2007, em assentamentos da região central do Rio Grande do Sul. Tive a oportunidade de fazer o estágio, que durou 20 dias subsequentes, em Nova Ramada, assentamento localizado no município de Júlio de Castilhos. Neste mesmo ano, envolvi-me no Programa de Licenciaturas – Prolicen, pesquisando as pedagogias alternativas da escola do mesmo assentamento onde havia realizado o estágio. Ao cursar uma disciplina da UFSM, apresentei a história oral do assentamento Nova Ramada. Além disso, em 2007, durante um mês, morei em cinco casas do assentamento. Essa experiência aproximou-me da temática das ruralidades e, em especial, dos assentamentos.

Santa Maria é o principal município da região central do Rio Grande do Sul, contabilizando, IBGE de 2009, 268.000 habitantes. No censo de 2011, contudo, esse número caiu em seis mil habitantes. O município conta com dez distritos, sendo que em nossa pesquisa temos representantes dos distritos de Arroio do Só, Palma, Arroio Grande e do bairro Agroindustrial, que está localizado entre a sede do município e o distrito de Santo Antônio. A indústria, historicamente, não é um setor fortalecido na região, ao contrário do comércio, que passou a se desenvolver desde a expansão da malha férrea, inicialmente uma ligação entre Porto Alegre e Uruguaiana. A cidade tem relações especiais com as forças armadas, com o ensino formal secundário e superior e com a religião católica. Seguir uma carreira militar ou cursar o ensino superior é o desejo de grande parte dos jovens do município, o que não exclui os da amostra. Isso pode se justificar pela divulgação da cidade como exemplo de “cultura universitária” e também por conter o segundo maior contingente militar do Brasil. São considerações que Sifuentes (2009) também aponta em sua pesquisa com jovens mulheres da classe popular moradoras do bairro Urlândia.

²⁰ A escrita do texto que se refere ao percurso metodológico da pesquisa foi desenvolvida, em parte, em primeira pessoa do singular, uma vez que a pesquisadora revela suas experiências pessoais anteriores e durante a pesquisa e relacionadas a esta.

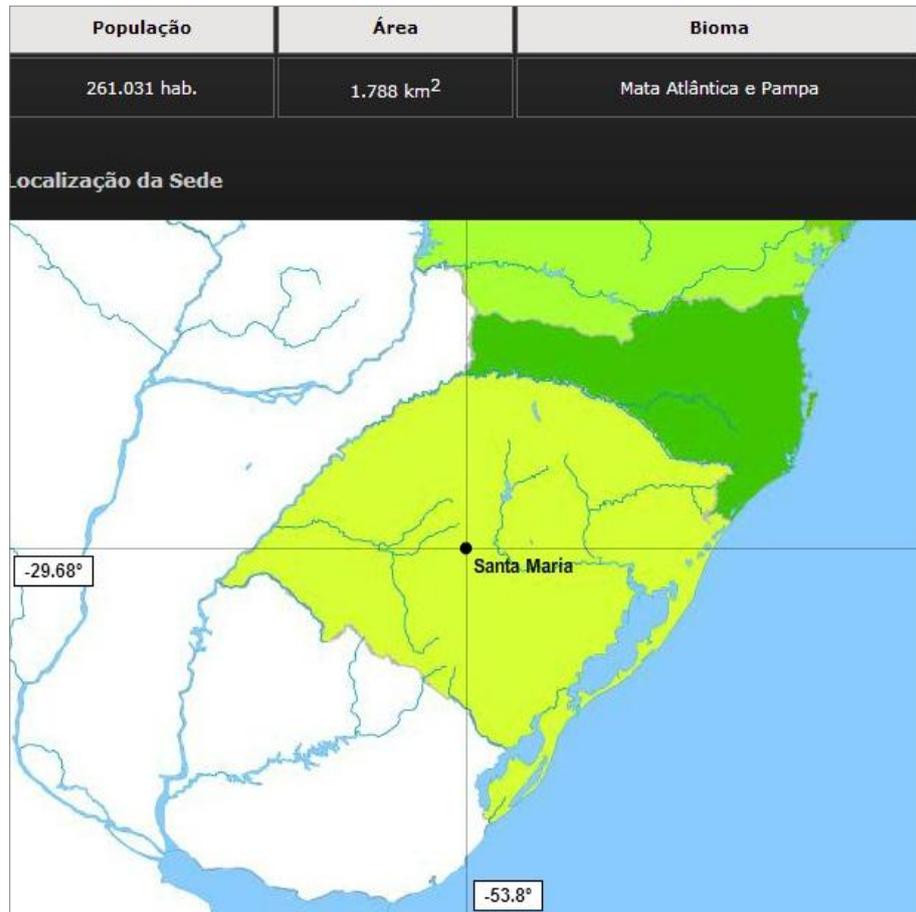


Figura 1: Mapa da Região Sul com destaque para Santa Maria. Fonte: IBGE

Os distritos rurais de Santa Maria não contam com a rede pública de esgoto, a maioria das residências tem o sistema de fossa séptica e uma minoria com fosse seca. A água potável é oferecida via lençol freático, que é uma captação por meio de um poço escavado. Os jovens até relataram que estranham o “gosto da água” quando bebem em outros lugares, pois a água de casa "é natural, não é da Corsan". O sistema de serviços é pouco desenvolvido, mas varia de acordo com distrito e com a possibilidade de locomoção da família.



Figura 2: Agropecuária tem a menor participação no Produto Interno Bruno do município

Postos de saúde, mercadinhos e escolas existem a uma distância que chega a 20 km, dependendo do distrito. Espaços de lazer organizados pelo poder público são praticamente inexistentes, reduzindo-se ao espaço escolar. O assentamento Carlos Marighella tem o agravante de ser localizado ao lado do lixão da Caturrita, agora desativado, mas que aponta problemas, como o persistente mau odor em determinados dias e a contaminação do lençol freático pelo chorume.



Figura 3: Mapa dos distritos de Santa Maria Fonte: Wikipédia

Minha introdução nesse assentamento se deu em abril de 2011, por intermédio de conhecidos que me apresentaram para as famílias da agrovila. Tive acesso aos moradores que habitam em casas mais distantes após estabelecer uma relação com as primeiras famílias. O contato se deu, em especial, através dos jovens. Um deles me apresentou para o vizinho e assim por diante. Quanto aos jovens da Economia Solidária, a maioria trabalha no Feirão Colonial, então, o contato foi estabelecido com a ajuda de uma das coordenadoras do Grupo de Agroecologia Terra Sul, frequentadora do espaço. Inicialmente, ela me apresentou aos jovens trabalhadores, em seguida, ocorreu da mesma forma que no assentamento: após o contato inicial com uma família, em julho de 2011, o jovem me apresentou para outras famílias e, assim, sucessivamente. Na Coopercedro, aproximei-me dos jovens através da indicação da mãe de um jovem do Feirão Colonial que produz alimentos para a cooperativa. O contato se deu após uma visita à sede, em maio de 2012, localizada no centro de Santa Maria.

Na sequência, acompanhei as feiras livres, nos sábados pela manhã, no Centro de Referência de Economia Solidária Dom Ivo Lorscheiter. Inicialmente minha presença era um incômodo para os jovens. Após algumas semanas de observação participante, as conversas tornaram-se corriqueiras, especialmente depois que me apresentei aos curiosos. No assentamento, enquanto esperava os jovens chegarem do trabalho ou da escola, houve uma aproximação do cotidiano familiar, além da possibilidade de questionar os pais sobre a história da família e do assentamento. Papel essencial teve, também, a vizinha Rafaela, mãe de dois jovens que não estão nessa amostra. A senhora foi articuladora, chegando a caminhar quase quatro quilômetros para me levar até a casa de um jovem.

Com a etnografia e as primeiras experiências pessoais, houve um amadurecimento acadêmico que causou a mudança do objeto e do veículo de estudo. Inicialmente, pretendia trabalhar somente com o público do assentamento e com documentários realizados pelo MST. No entanto, percebi que a maioria dos jovens tinha pouco ou nenhum contato com esse material. Além disso, devido ao envelhecimento natural do local, o número de jovens era baixo, acentuado com a forte migração de assentados para outros lotes e com as jovens mulheres que se mudaram para a zona urbana. Com isso, realizei a primeira modificação: do documentário para a televisão. A questão do jovem ainda era uma preocupação, pois a intenção era trabalhar com jovens militantes. No entanto, houve uma grande dificuldade em encontrar jovens que “militassem”, especialmente porque aqueles que são militantes do MST

não se encontravam no assentamento.²¹ Em relação às outras organizações, como a Economia Solidária e a Coopercedro, a amostra revelou jovens que não ocupam cargos, mas têm relações com essas organizações/movimentos. Dessa forma, ampliei o critério para jovens com vivências em movimento ou organizações. É sabido que essa mediação está atrelada à da família, pois normalmente são os pais que atuam de forma mais ampliada e trazem para o convívio familiar as ideias dos movimentos.

A amostra é composta por:

Pedro Henrique, 18 anos, solteiro, estudante de Zootecnia, estagiário na área, filho de assentado. Mora no bairro Agroindustrial, entre a Sede e Santo Antônio.

Igor, 18 anos, solteiro, estudante do 1º ano do Ensino Médio e do Técnico em Agropecuária, filho de feirantes ligados a um grupo da Economia Solidária. Morador do distrito de Arroio Grande.

Raimundo, 18 anos, solteiro, estudante do 1º ano do Ensino Médio, filho de assentado. Mora no bairro Agroindustrial, entre a Sede e Santo Antônio.

Lúcia, 19 anos, solteira, mãe de uma filha, secretária e garçonete, filha de assentado. Ex-Moradora do bairro Agroindustrial, entre a Sede e Santo Antônio.

Mirela, 19 anos, solteira, trabalha na Coopercedro, os pais são peões em uma propriedade. Ex-Moradora do distrito de Palma.

Vicente, 21 anos, solteiro, soldado do Exército, namorado de *Mirela*, filho de feirantes da Coopercedro. Ex-Morador de Arroio do Só.

<i>Nome</i>	<i>Idade</i>	<i>Localidade</i>	<i>Estado Civil</i>	<i>Profissão</i>	<i>Classe</i>
Pedro Henrique	18	Bairro Agroindustrial	Solteiro	Estudante	Média Baixa
Igor	18	Arroio Grande	Solteiro	Estudante	Média Baixa
Raimundo	18	Bairro Agroindustrial	Solteiro	Estudante	Média Baixa
Lúcia	19	Canoas	Solteira	Garçonete	Média Baixa
Mirela	19	Camobi	Solteira	Atendente	Baixa
Vicente	21	Camobi	Solteiro	Militar	Média Baixa

Tabela 1: Dados dos entrevistados

21 Existiam somente duas pessoas que militavam no MST e estavam assentadas no Carlos Marighella. No início de 2012, após romper com o movimento, as mulheres retornaram para o assentamento, mas não foram incluídas na pesquisa por não se encaixarem nos critérios.

Apesar de contar com experiência anterior em campo, como no trabalho de história oral no assentamento Nova Ramada, percebi que esta pesquisa tomava rumos diferentes. O público era o mesmo, composto por sujeitos com afeições com a zona rural, mas os jovens apresentavam a angústia da decisão, para eles, com uma grande proporção, de ficar ou sair do campo. Desde os primeiros encontros, não percebi nos jovens o movimento da motivação em trabalhar na terra, e sim um movimento de saída. As histórias fortes foram muitas: alguns contaram das ocupações do movimento, do enfrentamento com a polícia, das agressões e das opressões, das decepções ao longo dos anos, da esperança que rareava, da falta de assistência na saúde que sofreram; outros relatavam sobre a fome no acampamento e sobre irmãos de que nunca mais tiveram notícias; já outra jovem contou de uma infância com raros brinquedos em uma casa de chão batido.

Como o transporte, à noite, nas zonas rurais exploradas inexistia, precisei pernoitar nas residências de alguns entrevistados, fato que me permitiu uma aproximação maior com algumas famílias. Como em toda pesquisa de campo, a relação pesquisador e informante variou de um caso para outro, houve famílias que admitiam um maior contato com o cotidiano das relações produtivas e com a relação com a televisão. O caso de Lúcia foi mais problemático em relação à aproximação. Minha intenção era entrevistar sua irmã, mas ela não retornava as ligações. Inicialmente, Lúcia mostrou-se mais disponível e também preenchia os critérios, por isso optei em realizar a pesquisa com ela. No entanto, ela passou a desmarcar encontros ao longo dos meses. Além disso, Lúcia foi a única que nunca aceitou que a pesquisa se realizasse em sua casa.

Nos momentos das visitas, sei que por ser uma estrangeira, e ainda mais, uma pesquisadora, houve uma preparação para me receber. Travancas (2007) relata que uma entrevistada chegou a preparar um bolo para ela. Nessa ocasião não era muito diferente, pois eu era tratada com muita atenção em algumas residências, especialmente pelas mães dos jovens. Com a convivência e ao longo das entrevistas, os entraves que existiram em relação à minha presença foram diminuindo, em especial com alguns entrevistados. Como diz Vilela (2008), a recepção pura é impossível, visto que a própria presença do pesquisador é uma intervenção.

É válido registrar que especialmente por ser uma pesquisa qualitativa e etnográfica, a qual requer longo contato e diálogo, há de existir esforço para construir uma relação de

pesquisa, pois os caminhos da investigação estão em consonância com os de afeto às famílias. No entanto, isso não desmerece o olhar científico, pois a etnografia possibilita “descobrir quem as pessoas pensam que são, o que pensam que estão fazendo e com que finalidade pensam que o estão fazendo” (GEERTZ, 2001, p.26). Por diversos momentos, eu me flagrei pensando, para além dos períodos de permanência, na vida dos jovens. Era o "*anthropological blues*"²² (DA MATTA, 1978), o lado humano da disciplina.

Na pesquisa exploratória, realizei entrevistas com cerca de quinze jovens através de um formulário com questões como dados pessoais, participação em encontros da juventude rural e programas favoritos (Ver Anexos). Os jovens da amostra final foram escolhidos através de critérios que favorecessem a aproximação entre eles: que todos tivessem *relações de vivência com o meio rural, trabalhassem ou vivessem na zona rural e participassem ou tivessem contato com organizações ou movimentos sociais relacionados ao campo*. Além das questões rurais, os jovens deveriam ter *assistência frequente do Jornal Nacional*. A entrevista semiestruturada e a biográfica foi feita com os seis jovens selecionados, sendo que a etnografia foi realizada inicialmente com todos, salvo com Lúcia, que atualmente não reside em Santa Maria.

Assistir ao telejornal foi um critério, especialmente pela familiaridade com a narrativa do telejornal e com fluxo de notícias que a frequente assistência possibilita. Morley (2001) realizou um estudo etnográfico de recepção do programa *NationWide* em ambientes artificiais e com pessoas que não necessariamente assistiam ao telejornal. Seu método foi revisado, e ele afirmou que a assistência em ambientes cotidianos e com receptores familiarizados com os programas é o melhor caminho para a recepção. Matellart (2005, p.150) também fala sobre "as interações no interior da família, em torno da telinha, no contexto natural de recepção da televisão que é o universo doméstico", ressaltando as possibilidades que a recepção em ambientes naturais pode trazer.

Os jovens da referida pesquisa exploratória tinham idade entre 16 e 26 anos, declararam-se estudantes, feirantes e/ou agricultores. Os programas mais citados nessa pesquisa foram os telejornais e as telenovelas, sendo que os programas favoritos são Globo

22 Da Matta (1978) afirma que o "*Anthropological Blues*" é um processo subjetivo pelo qual passa o etnólogo, que demonstra o "lado humano e fenomenológico da disciplina". Não está relacionado, necessariamente, com alguma problemática no rigor científico. No entanto, é necessário "percebê-lo enquanto objetividade relativa, mais ou menos ideológica e sempre interpretativa" (DA MATTA, 1978, p. 43).

Esporte e Pânico na TV. A maioria dos jovens da nossa amostra final está representada na faixa etária de 17 a 21 anos e é composta por homens. A dificuldade em encontrar mulheres jovens que moram no meio rural corrobora pesquisas que mostram a masculinização do campo (CARNEIRO, 2005; WEISHEIMER, 2005). Notei, ainda, que o casamento e o nascimento de um filho delimita para os familiares o fim da juventude, já que jovens casados e com filhos não eram indicados quando se questionava para a comunidade sobre em quais famílias se poderiam encontrar jovens.

Para trabalhar com um parâmetro do que seria o exemplo de um jovem envolvido politicamente com as lutas históricas do MST, da Economia Solidária, em especial do Feirão Colonial, e do cooperativismo de pequenos agricultores, em especial da Coopercedro, busquei, à luz da bibliografia sobre os movimentos e organizações sociais acima, descrever o que o MST, o Feirão Colonial e a Coopercedro esperam dos jovens. Investiguei em cartilhas, folders, revistas e sites disponíveis pelas organizações. Por fim, elenquei algumas características que envolvem o cotidiano desses jovens. A apresentação desse perfil se dará no Capítulo 4.

Dividi minha investigação empírica com os jovens em três momentos: pesquisa da *história de vida*, *assistência do telejornal em suas residências* e *assistência de vídeos selecionados sobre temáticas relacionadas a ruralidades e a movimentos sociais*. Não houve uma sequência rígida, visto que os momentos de entrevistas se mesclam ao de observação participante, ocorrendo, também, as conversas informais com os pais e com os moradores mais antigos das localidades.

Ao total, realizei 45 encontros com os seis jovens. As entrevistas foram realizadas em suas residências, algumas na varanda, outras na sala, quarto ou cozinha.

Trago para este estudo de recepção a análise da comunicação a partir das relações com a sociedade e a cultura, a fim de explicar como a juventude rural relacionada a movimentos ou a organizações sociais percebe as relações entre as classes sociais no telejornal. Nesta parte da dissertação, busquei especificar os percursos que utilizo na investigação, destacando a importância de construir uma pesquisa de recepção alicerçada em métodos e técnicas, colaborando, assim, para a área dos estudos de recepção.

1.5.1 Modelo Codificação/Decodificação

O modelo Codificação/Decodificação foi apresentado por Stuart Hall através da publicação, na década de 1980, do ensaio *Encoding and Decoding*. Sua importância está em mostrar as distintas leituras que os receptores têm do texto. Nesse modelo de teoria de recepção, é apresentado o significado das mensagens como multirreferenciais, pois a mensagem pode ter posição dominante, negociada ou opositiva, dependendo da decodificação do receptor. Klaus Jensen, em *Making Sense of the News*, afirma ter acompanhado as críticas que Morley (1992) fez ao conceito de decodificação, como na ideia de que o modelo de codificação remete ao modelo matemático da comunicação e, portanto, “carrega consigo a tendência de colocar ênfase tanto na intencionalidade dos emissores, quanto na passividade dos receptores” (GOMES, 2005, 227).

Para Gomes (2005), a problemática central é a conexão desse conceito com a transmissão de uma mensagem ou de um sentido determinado anteriormente. Porém, como aponta Charaudeau (2006), a instância da produção não tem garantia da decodificação do receptor. A transmissão/recepção não é um modelo homogêneo, objetivo, uma vez que não há eliminação da interpretação da subjetividade e sim a construção de trocas humanas através das relações interpessoais e do próprio mundo da vida.

A conjuntura em que o modelo foi construído importa no sentido de valorizar o que ele trazia de inovação. À época, utilizavam-se tradicionais modelos empíricos positivistas, como a análise de conteúdo e a pesquisa de efeitos de audiência. Nesse sentido, Hall (2003, p.334) afirma que o modelo era polêmico, pois é

contra uma noção particular de conteúdo, entendido como um sentido ou uma mensagem pré-formada e fixa, que pode ser analisada em termos de transmissão do emissor para o receptor. O artigo se posiciona contra uma certa unilinearidade implícita nesse último modelo, seu fluxo unidirecional, isto é, o emissor origina a mensagem, a mensagem é, ela própria, bastante unidimensional, e o receptor a recebe.

Nesse sentido, há o combate à "comunicação perfeita", aquela em que o emissor elabora uma mensagem que o receptor pode ou não entender, dependendo de suas habilidades. Para Hall (2003), "a mensagem é uma estrutura complexa de significados que não é tão simples como se pensa. A recepção não é algo aberto e perfeitamente transparente, que

acontece na outra ponta da cadeia de comunicação". O sentido é "analisar tanto as formas de poder da mídia quanto seus limites" (MORLEY, 2001, p.252). O modelo é aqui utilizado com o objetivo de entrelaçar a investigação das matérias do Jornal Nacional com a interação social dos jovens.

Hall (2003, p.339) chama de codificação e decodificação duas práticas distintas, mas relacionadas, que conectam o que pode ser analisado como dois momentos distintos. O teórico não afirma que existe um determinado momento em que ocorre a codificação. Para ele, "o momento da codificação não surge do nada (...). O repórter está captando algo do mundo pré-significado com o objetivo de significá-lo de uma nova maneira" (*Ibid.*, p.339). De acordo com Ronsini et al (2009), a codificação também pode mover-se entre posições negociadas e, raramente, opositivas, sendo mais frequente a posição hegemônica, ou seja, que mescla elementos dominantes e negociados. Jensen (1995, p. 75) afirma que essa é uma estratégia para atingir o maior número possível de telespectadores, e, como sugere Fiske, "o discurso televisivo deve ser polissêmico, a fim de ser popular com uma audiência de massa heterogênea".

Para trabalhar com esse modelo, temos que explicar nosso posicionamento sobre hegemonia. De acordo com a leitura de Gramsci realizada por Ronsini, Silva e Wottrich (2010, p.4), dominante "não é sinônimo de hegemônico, pois o hegemônico abrange também codificações negociadas que contribuem para o consenso e não somente para codificações dominantes". Para Hall (2003, p.234), "ser perfeitamente hegemônico é fazer com que cada significado que você quer comunicar seja compreendido pela audiência somente daquela maneira compreendida". No modelo original, Hall afirma que a mídia elabora codificações hegemônicas. No entanto, isso não pode ser comprovado empiricamente, como no exemplo a seguir: a matéria trabalha a demarcação de terras indígenas, e o receptor faz uma leitura contrária, afirmando que os indígenas não merecem ou não sabem lidar com a terra, etc. Essa não é uma leitura "opositiva".

A hegemonia é uma categoria dinâmica e não absoluta. Para Gramsci, uma classe, assim como os interesses dela, só pode ser hegemônica na medida em que representa interesses que as classes subalternas reconhecem como seus. Assim, a hegemonia é um processo de dominação que não é uma imposição do exterior do contexto ou que ocorre sem sujeitos, mas que acontece numa conjuntura na qual uma classe se torna hegemônica na

medida em que representa interesses que também as classes subalternas reconhecem como seus. Nas palavras de Martín-Barbero (2009, p.106):

(...) nem toda a assimilação do hegemônico pelo subalterno é signo de submissão assim como a mera recusa não é de resistência, e que nem tudo que vem de cima são valores da classe dominante, pois há coisas que vindo de lá respondem a outras lógicas que não são a de dominação.

Na interpretação gramsciana, a hegemonia significa a atuação das classes dominantes no sentido de consenso, sem utilizar força ou coerção. A circulação de ideias que são do interesse da classe dominante possibilita a construção de representações que podem ser apropriadas pela sociedade. A eficiência da hegemonia está na efetividade da apropriação no dia a dia dos indivíduos.

Hall classifica em três os tipos de leituras. A primeira é a leitura dominante e se refere à posição de preferência do texto, quando o receptor possui a mesma leitura ideológica-dominante. Nesse caso, o emissor não delimita as leituras e as decodificações dos receptores, mas pode sugerir uma leitura preferencial. A leitura preferencial, para Hall (*Ibid.*, p.345), é uma tentativa de hegemonizar a audiência. Mas essa intenção nunca é inteiramente eficaz, especialmente porque o "próprio texto que codifica escapa de suas mãos. Sempre se consegue lê-lo de outra forma". O autor afirma que a intenção da leitura preferencial na codificação não é dada somente pelo produtor, pois ele também é constrangido pelo contexto institucional.

A segunda possibilidade de leitura é a de o receptor decodificar a mensagem através de uma leitura globalmente contrária, por meio de um código de oposição, o que Hall chama de "política de significação", ou seja, a luta no discurso. Isso ocorre quando o receptor se identifica com outro segmento social que não é o da codificação.

Por fim, há a leitura negociada, a qual não dialoga inteiramente com o emissor, mas não é totalmente opositiva. Ela apresenta aspectos das duas decodificações, especialmente porque o receptor não pertence à mesma classe sociocultural que o emissor, portanto, há uma negociação. De acordo com Hall (2003, p.350), "as leituras negociadas são provavelmente o que a maioria de nós faz, na maior parte do tempo". Para ele, somente quando o sujeito se torna revolucionário, autoconsciente e com esquemas de interpretação organizados, ele pode alcançar uma leitura de oposição.

Empregamos o modelo *encoding/decoding* de Stuart Hall para a análise das matérias selecionadas do Jornal Nacional, ou seja, relacionamos o modelo de Hall com a categoria de tecnicidade de Martín-Barbero. Essa categoria fala de discurso, no entanto, por desejarmos analisar o discurso, interligamos com o *encoding/decoding*, leitura essa efetuada por Ronsini et al (2009). A seleção das oito notícias buscou o critério da temática e da disponibilidade das notícias no YouTube. A seleção e a assistência de forma subsequente sofreram dificuldades, devido à frequência das notícias no Jornal Nacional sobre ruralidades. As notícias escolhidas para trabalhar junto aos jovens versam sobre *movimentos sociais – MST e Marcha das Margaridas*; O crescimento de *grandes propriedades rurais* e a relação com *empregados*; Alternativas ao uso de *agrotóxicos*; A liberação do plantio do *feijão geneticamente modificado*; O uso de *pesticidas na plantação* de laranja; A transposição do Rio São Francisco e os *pequenos agricultores* e a *Questão indígena, latifundiários e pequenos agricultores*.

A definição do caráter hegemônico se dá, em nosso texto, ao analisar as matérias do Jornal Nacional sobre as temáticas de *desigualdade social, mundo rural e reforma agrária*. Elaborei as três categorias representativas dos jovens de classe popular envolvidos com movimentos sociais a partir da literatura sobre a juventude rural brasileira contemporânea e do que observei como importante para os receptores da amostra.

A escolha da categoria *desigualdade social* é importante, pois o Brasil, historicamente, é marcado por um abismo entre as classes sociais. No entanto, também vivemos um momento de transformação a partir do que é chamado de ascensão da nova classe média. De acordo com a pesquisa "De volta ao País do Futuro", do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (CPS/FGV), o Brasil atingiu, em 2012, o menor índice de desigualdade social desde 1960, e a tendência é que esses números continuem diminuindo. Essa nova classe média vem ganhando espaço como consumidores, adquirindo carros, casas e eletrodomésticos, além de outros bens. Embora haja essa projeção, o Brasil ainda é um dos países mais desiguais do mundo.

O *mundo rural* é uma categoria pertinente, pois, embora esteja atrelado ao mundo agrícola, o que sugere uma responsabilidade atual de 10% no PIB brasileiro, configura-se como um espaço em que ocorrem não só as relações produtivas, mas também sociais e culturais. Há décadas que presenciamos o êxodo rural e, nos últimos anos, mais jovens, especialmente mulheres, têm se afastado da vida no campo. Essa migração reconfigurou-se,

pois, antes, famílias inteiras migravam para a cidade e, hoje, embora não seja uma ideia individual, já que é influenciado pela família e outras instituições, a migração se dá de forma individual.

A *reforma agrária* é uma categoria a ser trabalhada no modelo de Stuart Hall, pois sua relevância, no Brasil, refere-se à grande concentração de terras existentes. A reforma agrária é um assunto que não é desvinculado da ação dos movimentos sociais e está relacionado às desigualdades sociais no campo.

Estipulei para cada categoria o que seriam codificações dominantes, negociadas e opositivas. Posteriormente, verifiquei a que posições o texto das matérias do Jornal Nacional se aproximam em relação a cada categoria. A partir disso, comparei o discurso do telejornal à leitura dos jovens, para averiguar se eles tendem a realizar uma decodificação dominante, negociada ou opositiva a respeito da representação das desigualdades sociais do campo ofertadas pelo Jornal Nacional. Dessa forma, analisei tanto a posição da codificação, quanto da decodificação.

Neste trabalho, considero que uma decodificação dominante atribui como causa da *desigualdade social* questões individuais e não problemas estruturais. Nessa codificação, o *mundo rural* é visto a partir dos olhos urbanos como produto de consumo da população urbana, seja através do fornecimento de produtos alimentícios ou como fonte de lazer para moradores da cidade – idas a balneários, hotéis fazenda, etc. Wanderley (1999) caracteriza esse fenômeno como uma usurpação do rural pelo meio urbano. Sobre a *reforma agrária*, a codificação dominante atribui questões como sua ineficácia perante o desenvolvimento no país, esse ligado ao agronegócio exportador. A decodificação opositiva vincula a *desigualdade social* à distribuição de renda e a diferentes oportunidades para os sujeitos; o *mundo rural* é trabalhado como um local de vida e de reprodução social; e a *reforma agrária* é considerada uma forma de justiça social. A decodificação negociada mescla característica das duas situações, dominantes e opositivas. Da mesma forma, Hall (2003) afirma que um indivíduo pode, em determinado momento, decodificar a partir do que ele chama de "códigos hegemônicos", o receptor pode, dependendo do assunto, usar códigos de oposição.

Estamos certos de que esses jovens, embora estejam inseridos em contextos de movimentos sociais e de resistência, não necessariamente apresentam uma postura de militância. Utilizamos o modelo de codificação/decodificação a fim de estudar o texto

televisivo. Para isso, aliamos a teoria de Stuart Hall com a Teoria das Mediações de Martín-Barbero, em especial com a categoria de tecnicidade e seus indicadores empíricos.

PARTE DOIS TELEJORNAL, REPRESENTAÇÕES E DESIGUALDADES SOCIAIS

2.1 Estudando o Telejornal

2.1.1 O início da Rede Globo e do JN

Desde a sua criação, a imagem do cinema encantou milhares de pessoas ao redor do mundo. Foram durante as pausas das sessões dos filmes que começaram a ser difundidas as primeiras notícias em uma tela. Elas apareciam em letreiros, de uma maneira distante do estilo norte-americano que passou a ser desenvolvido nas décadas posteriores e é o mais utilizado atualmente no país. Foi na década de 1930, quando os estúdios de televisão tornaram-se mais comuns e as transmissões ocorriam de forma mais contínua, que o televisor se popularizou e se tornou um item de consumo para os lares. A realidade no Brasil foi diferente. Os programas de televisão começaram a ser realizados no país por volta dos anos 1950, com o advento da TV Tupi, que tinha o comando de Assis Chateaubriand. Nessa época, o televisor era um eletrodoméstico incomum na casa da maioria da população, pois não era uma realidade econômica para todas as classes sociais.

De acordo com Roldão (1999), a TV Tupi foi implantada no modelo de livre mercado, o que ocasionou a concentração da propriedade dessa e de outras emissoras. No Brasil, a regulamentação de concessões de rádio e de televisão era assegurada aos presidentes. O Chefe de Estado Juscelino Kubitschek, em 1957, assinou um decreto que outorgou à Rádio Globo S.A a concessão e posterior lançamento do Canal 4, futura Rede Globo. Assim, nascia o maior grupo de comunicação do Brasil, concentrando nas décadas seguintes filiais em diversos estados e em diferentes frentes, como rádio, televisão, impresso e jornalismo digital.

O desejo da Rede Globo de ser a primeira rede de televisão do Brasil combinou-se à vontade dos militares de investimento em tecnologia, como na criação da Embratel. Nascia, então, o Jornal Nacional (MEMÓRIA GLOBO, 2005). O telejornal, criado pela Rede Globo em 1969, inaugurou uma nova linguagem jornalística no Brasil e, em menos de dois anos, o Repórter Esso, telejornal da TV Tupi que tinha a maior assistência na época, já havia perdido a liderança da audiência.

O Jornal Nacional foi o primeiro telejornal em rede, e serviu, também, como um instrumento de consolidação da unidade nacional. O "espírito" integrador do país já pairava

no ar desde a construção de Brasília na década de 1950. Anderson (2008, p.32), ao utilizar o conceito de comunidade imaginada, referindo-se à nação²³, afirma que “mesmo os membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão, encontrarão, ou sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros”. No entanto, o autor afirma que, de alguma forma, todos têm em mente a imagem viva do sentimento de compartilhamento de algo entre eles. O Jornal Nacional colaborou para a ideia de integração nacional utilizando a transmissão de notícias via satélite.

Os depoimentos contidos no livro *Memória Globo – Jornal Nacional: A notícia faz história* contam-nos o que a equipe tencionava para o telejornal nas primeiras edições e as modificações do programa ao longo das décadas. Trazemos um resumo da primeira edição do Jornal Nacional, ocorrida no dia 1º de setembro de 1969, quando os telespectadores tiveram acesso a notícias sobre política, entretenimento, esportes e serviços. Naquela edição, o telejornal trouxe informações sobre a saúde do presidente Costa e Silva, que se recuperava de uma crise circulatória. Naquela segunda-feira, foi anunciado através do Ato Institucional nº 12 que o governo estava entregue a uma junta militar formada por três ministros das Forças Armadas, e não ao sucessor legal, o vice-presidente Pedro Aleixo. O noticiário internacional trazia informações sobre concursos de beleza, mortes de celebridades e conflitos políticos. Outras notícias nacionais abordavam a alta no preço da gasolina, modificações na praia de Copacabana e a previsão do tempo (somente para Espírito Santo, Rio de Janeiro e Niterói). A edição encerrou com notícias sobre o futebol, especificamente com o 979º gol da carreira de Pelé.

O espírito do programa já estava sintetizado na frase "É o Brasil ao vivo aí na sua casa" (MEMÓRIA GLOBO, 2005). Com expectativa de que apresentavam para uma família brasileira reunida na sala de casa, os jornalistas utilizavam um tom coloquial, de proximidade com o público. Defendiam, no entanto, que era um jornalismo sério, não "popularesco".

Uma mudança sensível ocorreu com Evandro Carlos de Andrade, jornalista que assumiu em 1995 a direção da Central Globo de Jornalismo, o qual trouxe matérias mais leves e de comportamento, matérias, na opinião da Memória Globo (2005, p.289), "mais do

23 Albertini entende a nação como a ideologia de um Estado burocrático centralizado e Bobbio et all (2007), na obra intitulada *Dicionário de Política*, afirma que há indícios que apontam para a superação dos Estados nacionais. O autor aborda uma nova fase em que o mundo se organiza através de espaços federativos. BOBBIO, Norberto et all. **Dicionário de Política**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 13ª edição. 2007.

interesse do público":

Em jornalismo, 90% do que se divulga só servem para conversa durante o jantar, não modificam a vida das pessoas em nada. A vida é modificada por uns tantos atos do governo, que definem a cobrança de mais impostos, a proibição disso ou daquilo, o aumento de preços, a alteração dos salários e dos direitos. Mas "o interesse do público" também é fundamental, para que as pessoas tenham o que conversar.

Em entrevista concedida a Isabel Travancas e publicada no livro *Juventude e Televisão* (2007), William Bonner, atual editor-chefe do Jornal Nacional, afirma que quando pensa em como realizar as pautas, leva em conta a bagagem cultural do público. Para ele:

(...) tem pessoas que têm posses, uma condição financeira melhor, e, no entanto, não têm uma bagagem cultural melhor por isso obrigatoriamente. Então, é um público que tem grandes dificuldades de entender temas complexos, grande dificuldade de abstração para temas que exigem abstração, para macroeconomia, por exemplo. Então, nesses momentos, temos de triplicar a atenção e traduzir as coisas aparentemente mais simples" (BONNER, entrevista TRAVANCAS, 2007, p. 131-132).

Bonner repete o slogan do Jornal Nacional ao afirmar as prioridades do telejornal. Para o editor-chefe, o programa "tem que ter todos os dias aquilo que de mais importante aconteceu no Brasil e no mundo" (MEMÓRIA GLOBO, 2005, p. 294). Para que isso ocorra, o jornalista diz estar sempre atento ao que "é jornalisticamente mais importante para dar ao repórter" (*Ibid.*, 2005, p.294). Uma pesquisa encomendada pela Secretaria de Comunicação da Presidência da República²⁴ indica que William Bonner é o apresentador mais confiável do país, o que mais auxilia na decisão de opinião e na mudança de ideias dos brasileiros.

Essa imagem de credibilidade do jornalista está diretamente relacionada ao Jornal Nacional e à Rede Globo. Os prêmios internacionais de jornalismo são costumeiramente veiculados em matérias no próprio telejornal, caracterizando-se como uma autorreferencialidade, que reforça a confiança frente à audiência. No livro Memória Globo (2005, p. 392), afirma-se que o telejornal não tem a pretensão de contar a história do Brasil e do mundo, mas, sim, a partir do trabalho dos jornalistas, contar "aos brasileiros os fatos que marcaram a História do Brasil e do mundo". Há a compreensão por parte do telejornal da

24 Pesquisa realizada pela Meta Pesquisas de Opinião em 2010. Disponível em

<http://www.institutobrasilverdade.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=5932&Itemid=92>

ocorrência da seleção jornalística de uma proposta de realidade. Como afirma, na sequência, o mesmo livro (*Ibid.*, p. 392), "ele (o telejornal) faz sucesso porque o povo acredita nele. E o povo acredita nele porque ele tem qualidade. Não há lugar para nenhuma outra explicação". Relacionamos essa afirmação com o pensamento de Nora (1974), que afirma que é através dos telejornais que as classes populares vivenciam a história do tempo presente.

No entanto, nem sempre foi assim. O telejornal foi acusado de estar vinculado ao oficialismo do governo militar. O Jornal Nacional defende-se afirmando que, enquanto sofria censura nas questões nacionais no período ditatorial, apostou em notícias internacionais, investindo na carreira de correspondentes enviados a outros países (MEMÓRIA GLOBO, 2005). O programa também recebeu denúncias referentes à sua parcialidade²⁵ em relação a um ou a outro candidato político quando se estabelecida a democracia no país. O erro principal, de acordo com Bonner (*apud* TRAVANCAS, 2007), foi o de editar um debate entre os candidatos. Para o jornalista, esse é um "pecado original" nessa profissão. Contudo, as problemáticas referentes à credibilidade não atingiram a grande maioria dos telespectadores, pois enfraqueceram a imagem do telejornal com o público que mantinha fontes alternativas de informação:

O Jornal Nacional tem se recuperado, um tanto aos tropeços, do seu déficit histórico de credibilidade, mas o Brasil ainda permanece em déficit no que se refere ao acesso à informação. É um acesso precário, quando existe. E, se algum existe, ele se deve em boa parte ao velho JN. Pontos para o JN – mas não é bom para ninguém que as pessoas se informem apenas por ele (BUCCI *apud* TRAVANCAS, 2007, p.18).

No sentido apontado por Bucci, podemos realizar uma breve reflexão baseada nos índices do IBGE. Quando comparado ao consumo de informação na internet, o Jornal Nacional leva vantagem em alguns pontos, pois o acesso ao meio digital nas residências²⁶ requer um investimento contínuo, através da assinatura mensal, e isso está aquém do orçamento da maioria das famílias brasileiras, como mostra os dados apontados pelo IBGE. A quantidade de computadores nos domicílios brasileiros mais do que triplicou em dez anos, segundo os dados do Censo 2010, divulgados no início de maio pelo IBGE. Mas ainda é pouco. De acordo com investigação da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnda)

25 O caso da edição do debate entre os presidentes Luís Inácio Lula da Silva e Fernando Collor é um exemplo.

26 A pesquisa não computa os dados de acesso em outros locais, como trabalho e faculdade.

de 2012, o número de residências com microcomputadores no Brasil é de 42,9%. Mas esse número é reduzido quando são computados somente os que têm acesso à Internet, ficando no percentual de 36,5%. A televisão continua soberana em audiência, sendo que 95,1% dos lares tinham pelos menos um aparelho em 2010. Bucci (2007) compara o telejornal com outros meios de informação. Quando levantamos a possibilidade de aproximação a outras leituras, em relação à imprensa local e regional, o Jornal Nacional traz informações internacionais e de outras regiões do país. Comparando às revistas mensais, que também necessitam de um investimento frequente, o Jornal Nacional tem a vantagem de ser diário e acessível na televisão aberta - ele está em sua casa, na sua sala: basta ligar a televisão. Como diz Bucci (2007), o Jornal Nacional tem a vantagem de falar para muito, mas muito mais gente.

Pnda – 2012 Percentual de residências	<i>Microcomputadores</i>	<i>Microcomputadores com acesso à internet</i>
	42,5%	36,5%

Tabela 2: Percentual de microcomputadores nas residências

2.1.2 Televisão e Telejornalismo na cultura brasileira

Ao pensar a televisão como um meio de comunicação, não a colocamos no processo comunicacional como onipotente. No entanto, entendemos a televisão como parte importante da vida cultural brasileira, o que ajuda a justificar o fato de estudá-la no contexto do advento de diversas outras plataformas, como *smartphones* e *tablets*. Essas novas formas de interação devem ser investigadas, pois atuam de forma significativa no consumo e na recepção de notícias, pois muitos dos usuários utilizam esses aparelhos para navegar em sites de jornais e portais de informação. Além disso, o seu uso modifica a própria produção dos programas de televisão.

Em uma recentemente pesquisa realizada pelo Google²⁷ em 40 países, constatou-se que o país já reúne cerca de 27 milhões de usuários com *smartphone*, ou seja, 14% dos brasileiros. Embora os dados sejam expressivos, esses aparelhos não são uma realidade expressiva em nossa amostra, já que eles utilizam modelos de celulares antigos, que realizam e recebem chamadas e enviam torpedos. Levando em consideração o cotidiano dos jovens

²⁷ A pesquisa data de maio de 2012.

entrevistados, a pesquisa se atém ao aspecto da recepção televisiva, frisando a importância da representação midiática na conformação identitária.

O telejornalismo é um *articulador de fatos*, um *organizador da realidade* e um *lugar de referência*. A televisão²⁸ e as representações a ela relacionadas se tornam, assim, fundamentais para entendermos a sociedade brasileira. Em geral, o jornalismo insere o destinatário no mundo que o circunda quando seleciona os acontecimentos através dos critérios de noticiabilidade e os transforma em notícia. Ele organiza a realidade e dá um lugar de referência, ou seja, ordena um discurso jornalístico que tenha uma coerência narrativa e divulgue fatos jornalísticos que sejam relevantes no cotidiano.

As telenovelas e os telejornais mantêm-se como constantes líderes de audiência no país. Os programas de televisão se constituem como parte do cotidiano da maioria dos lares brasileiros. Eles configuram-se, portanto, como importantes fontes de diálogo entre familiares, amigos e colegas de aula, o que faz com que esses programas participem do fluxo de construção de identidades contemporâneas.

A televisão gera diálogos e corrobora argumentos. Em uma sociedade na qual a imagem tem grande importância, a televisão torna-se um importante ponto de referência sociocultural. Jargões como “vi na TV” e “deu na TV” servem para legitimar opiniões e são referências no reconhecimento de grupos sociais. Bucci (2000, p.27) lembra que uma das características do telejornalismo brasileiro é a transformação das notícias em espetáculo com base emocional, levando consigo “um andamento melodramático, quase como fosse ele próprio, uma peça de ficção”. Estrategicamente colocado entre duas telenovelas - uma de conteúdo mais leve e cômico, e outra com temática adulta e abordagem de problemáticas sociais - o Jornal Nacional aproveita o hipotético momento em que a família se reúne para a janta, para a socialização familiar cotidiana ou para esperar a "novela das oito", a que tem maior audiência. Bucci afirma que há uma "divisão do trabalho" entre a telenovela e o telejornal, visando a construir e consolidar discursos sobre uma proposta de realidade.

A partir do momento em que tratamos a televisão como um aspecto da vida cultural

28 Números da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) levantados pelo IBGE no ano de 2012 apontam que houve um aumento no número de televisores em relação ao ano de 2009. Em 2009, havia 95,7% de domicílios com o aparelho e, após três anos, o número subiu 1,2 pontos percentuais, alcançando o índice de 96,9%. Como mostram os índices de PNAD dos últimos anos, o percentual de residências com rádios decaiu entre 2005 e 2011, sendo ultrapassado pela presença de domicílios com televisores. Embora o percentual de residências com rádios tenha sofrido um leve aumento a partir de 2010, o percentual de residências com televisores é consideravelmente maior, já que havia 83,4% de domicílios com rádios em 2011.

brasileira, ela torna-se fundamental para compreender a sociedade do país. Nesse sentido, não se pode negligenciar a importância que a televisão tem no Brasil. Neste âmbito, Vizeu (2009, p.77) coloca a televisão como um local de referência para os sujeitos, onde ela cumpre, na sociedade contemporânea, "essa função de reforçar que a realidade existe e que não estamos sozinhos no mundo".

No Brasil, o acesso à informação é bastante precário. Índices do Pnad de 2011 mostram que mais de 9% da população brasileira com mais de 18 anos é analfabeta. A Secretaria de Comunicação da Presidência da República (Secom)²⁹ encomendou uma pesquisa sobre o acesso à informação no país. Os resultados mostram que 54% dos brasileiros não leem jornais impressos, e o rádio é um dos meios de comunicação mais utilizados, tendo um índice de 80%. O telejornalismo continua mantendo um importante papel junto à população brasileira, pois é uma das principais fontes de informação. Maia (2009, p.176) versa sobre as peculiaridades do gênero em nosso país:

Uma vez encontrado o *lugar* da TV na vida das pessoas, pensamos também na representação do telejornal para os brasileiros. Dentre uma população com precário hábito de leitura, o noticiário televisivo ganha *status* de *local de orientação*, ao qual homens e mulheres recorrem nas sociedades complexas a fim de obter informações para compreender seu cotidiano, seu mundo.

Além da televisão e do telejornalismo serem partes constitutivas da cultura brasileira e ponto referencial da proposta de realidade para os indivíduos, a televisão, de modo geral, serve como "válvula de escape" no cotidiano. Depois de um dia de trabalho e estudo, os entrevistados de Travancas (*apud* VIZEU, 2009, p.78) achavam interessante assistir ao telejornal e relaxar ao saber das notícias, não necessariamente boas:

Não é à toa que alguns comentavam que, embora o jornal mostrasse tragédias e notícias negativas, assistir a ele dava uma sensação de tranquilidade. E comentavam que viam o Jornal Nacional também para relaxar de suas rotinas estressantes e corridas de uma grande metrópole.

29 Pesquisa realizada pela Meta Pesquisas de Opinião e 2010. Disponível em http://www.institutobrasilverdade.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=5932&Itemid=92.

2.2 Um produto em construção: a notícia

Historicamente, o homem é conhecido como um contador de histórias, seja sobre caçadas, seja tradições ou mitos religiosos. É através dessas histórias que a nossa espécie aprende e resignifica o mundo. No processo de industrialização e de urbanização, a oralidade foi sendo substituída por outros modos de contar histórias, esse padronizado pelos meios de comunicação de massa e centralizado especialmente na televisão:

Em tempos mais distantes, as histórias de uma cultura eram contadas cara a cara pelos membros de uma comunidade, pais, professores ou religiosos. Hoje, a televisão conta a maior parte das histórias para a maioria das pessoas, durante a maior parte do tempo. (MORGAN, 2009, p. 293).

Com os meios de comunicação de massa, necessidades sociais que já existiam como a de informar e a de se situar socialmente passaram a estar relacionadas aos meios de comunicação de massa e, em um processo, começaram a se profissionalizar. Nesse sentido, as notícias e as informações difundidas pelo jornalismo buscaram reunir alguns elementos que os diferenciasssem das informações do dia a dia. O interesse público, a importância, a atualidade e a veracidade foram os principais elementos adotados com a intenção de tornar a informação veiculada nos meios de comunicações portadora de um certo rigor profissional. Acompanhados desses julgamentos, outras características fundamentais do jornalismo são a periodicidade, a difusão, a universalidade e a própria atualidade das notícias.

Alsina (2009) elenca alguns fatores que preconizam a seleção do acontecimento adaptado à determinada mídia. No entanto, não basta ser um acontecimento para ser notícia, já que existe uma seleção, essa relacionada aos *valores-notícia* e às rotinas de produção do veículo. São alguns deles: a frequência; a ausência de ambiguidade; a imprevisibilidade e os valores culturais. Alsina (*Ibid.*, p.161) concluiu que "no sistema da mídia, gera-se um nível de determinação do que serão os acontecimentos que merecem de fato a atenção para se tornarem notícia". Por mais que existam critérios, há uma carga de escolha do que é noticiável, assim como da sugestão do seu enquadramento. Esses últimos elementos são subjetivos.

Em 1922, Walter Lippman já mostrava preocupação com a importância das imagens

na composição da opinião pública. Em quase cem anos, algumas teorias e escolas de pensamento afirmaram que existia o poder dos meios de comunicação perante a recepção. Em outro sentido, houve aquelas teorias que negaram ou, no mínimo, ponderavam essa ideia, construindo uma proposta no sentido de revelar o receptor como um sujeito ativo, minimizando o poder dos meios³⁰. Entretanto, não podemos negar que os meios de comunicação, em especial o jornalismo, têm capacidade de semear influências na opinião pública (KOLLING, 2006).

O jornalismo age na opinião pública através da oferta diária de um parecer sobre a realidade do mundo. Ele, que é uma prática comercial, "depende muito diretamente da demanda, está sujeito à sansão do mercado, do plebiscito (...)" (BOURDIEU, 1997). É nesse contexto de empresariado que as notícias são trabalhadas por nós como construções de sujeitos, os jornalistas, que estão inseridos no tempo e no espaço. São diversos os autores que trabalham a *notícia como construção*. Alsina (2009, p. 43), por exemplo, afirma que a notícia é um produto da indústria da informação. Em suas palavras: "os acontecimentos chegam a nós através da mídia e são construídos através de sua realidade discursiva. Em nossa sociedade, é a mídia quem gera a realidade social" (ALSINA, 2009, p.46).

É na lógica da criação e não de um espelho da sociedade que Alsina (2009) pensa a mídia. De acordo com a teoria do espelho, uma das mais antigas e tradicionais teorias do jornalismo, a mídia elabora suas notícias respondendo de forma fiel à realidade. E só consegue isso porque "o jornalista é definido como o observador que relata com honestidade e equilíbrio o que acontece, cauteloso em não emitir opiniões pessoais" (TRAQUINA, 2005, p. 167). Assim como uma fotografia porta um discurso construído, seja através da direção de arte ou de um sorriso que não corresponde ao sentimento do indivíduo, a notícia tem elementos discursivos.

A noção de verdade noticiosa está relacionada ao conceito de objetividade, pois com o último se prevê a apuração da veracidade das afirmações e dos testemunhos. Nas palavras de Medina (1978, p.20): "a verdade de uma notícia, baluarte de um neoliberalismo (mercado livre de ideias) contemporâneo, remete-se à fundamentação teórica da objetividade do acontecimento". Adelmo Genro Filho (1987) diz que a objetividade e a imparcialidade mantêm visões ideológicas e não há possibilidade real da existência de uma informação

30 Trabalhamos a questão do receptor ativo e dos estudos da recepção na Parte um desta dissertação.

baseada nesses elementos, objetivo e imparcial, mas sim correspondem à lógica de que essas informações são supridas de acordo com uma visão de classe. Como já especificamos aqui, o que é veiculado pela mídia não corresponde à verdade absoluta, visto que *o real* apresentado através de notícias é uma construção e uma escolha de estratégias de significações (CHARAUDEAU, 2006).

Por outro lado, é comum ouvir que os jornalistas não mostram a realidade ou que há mais verdade nas telenovelas do que nos telejornais. O "espelho da realidade" não funcionaria para os jornalistas, não refletiria a sociedade. Em outras palavras, esse discurso diz que as notícias são invenções dos jornalistas. Podemos afirmar que o dogma o qual aponta as notícias como o reflexo puro da realidade já não é mais aceito. No entanto, não podemos colocar no patamar da ficcionalidade um relato noticioso, ou seja, um produto construído a partir de acontecimentos sociais. Então, ponderamos que a notícia está inserida em estruturas sócio-históricas e, assim, padece das contradições inerentes a esse processo. Gaspar Miotto (2003) afirma que as notícias são mais realidades seletivas do que realidades sintéticas.

O jornalismo realizou um constante trabalho para manter-se longe da ficcionalidade, justamente porque, em seu nascimento, o gênero mesclava-se ao literário. Construía-se a necessidade de elencar critérios. Para isso, lançou mão da objetividade, um dos seus pressupostos. Junto a outros elementos, como a imparcialidade, por exemplo, ocorreu a profissionalização do jornalismo e sua separação da literatura, especialmente a partir do século XIX. Esse jornalismo "asséptico" busca, além de distanciar-se dos floreios poéticos³¹ que possam distrair o leitor, potencializar significações de classe que relacionam problemas sociais e outras questões, preferindo discutir essas questões em torno do indivíduo. Atualmente, "o conceito de objetividade que o capitalismo divulga é a descrição dos principais fatos desvinculados das relações de classe em que eles acontecem" (ALSINA, 2009, p.251).

No entanto, os jornalistas "são participantes ativos na definição e na construção das notícias, e, por consequência, na construção da realidade" (TRAQUINA, 2005, p.26). O trabalho do jornalista é legitimado historicamente pela sociedade e é exatamente através da credibilidade no seu papel que são operados diversos sentidos. Nas palavras de Gomes (2005, p.222):

31 O Jornalismo Literário é uma prática que ganhou espaço a partir de 1960 e visa a ressaltar o subjetivismo em suas reportagens.

A notícia é discurso e, como tal, um conjunto de convenções que ajuda a configurar o jornalismo como uma instituição socialmente reconhecida no interior da qual fazem sentido as noções de imparcialidade e objetividade e as distinções entre fato e ficção, informação e entretenimento.

Embora sejam trabalhadores de uma empresa e, como tal, devam respeitar determinadas linhas de atuação, os jornalistas mantêm um certo campo de atuação próprios em que podem desenvolver seu trabalho. Porém, não podemos negar a intervenção de certos grupos, como o político e o econômico – externos e internos, na produção da notícia. Assim, haverá o enfoque nos acontecimentos e não nas problemáticas dependendo da linha de atuação editorial da empresa.

De acordo com Gomes (2005, p.223), independente do contexto da notícia, os textos são sempre socialmente situados, ou seja, são construções inseridas em contextos sócio-históricos, tanto os sujeitos que as produzem, como os que consomem, assim como os acontecimentos que ocorrem. Em suas palavras: "qualquer texto é sempre uma comunicação socialmente situada" (GOMES, 2005, p.222). E, quando veiculado, será destinado a um público específico. Baseando-se em Klaus Jensen, Gomes (2005) afirma que esse é o modo de organização e de apresentação dos conteúdos televisivos. De uma forma geral, a notícia é um apanhado de distintos discursos, o jornalista organiza o relato jornalístico tanto para si como para o público e ‘assegura ao telespectador que a ordem dos acontecimentos na realidade social torna-se controlável dentro da lógica do discurso jornalístico’ (JENSEN *apud* GOMES, 2005, p.225). Essa questão alia-se à credibilidade que existe na imagem da cobertura televisiva, pois a confiança é reforçada com aspectos de imparcialidade e objetividade. Gomes (2005, p.225), ao resenhar a obra *Making sense of the News*, de Klaus Jensen, afirma que a diversidade de imagens ofertada na televisão faz a vez de um apelo, pois funciona ‘de modo a manter o telespectador preso no fluxo televisivo, no telejornalismo as imagens são estruturadas de acordo com a estética de produção de mercadoria’.

No mesmo sentido de ordenamento e de apresentação das matérias, Alsina (2009) aponta que o caso da notícia não é trabalhar com conhecimentos organizados ou apresentar a revelação de fatos históricos, mas fazer alusão a um determinado acontecimento. Para Alsina (*Ibid.*, p.130), "a mídia torna os acontecimentos um material de possível consumo repetitivo" e adaptável ao telejornal.

Os acontecimentos constituem a base de construção tanto para a história como para o jornalismo, embora epistemologicamente tenham significações distintas para os dois campos³². Para o jornalismo, eles seguem os critérios da profissionalização do campo, como os já citados, dentre eles, o *interesse público* e a *periodicidade*. Já, na história, o acontecimento é dado como um epifenômeno, uma eventualidade do cotidiano. Na história da "construção da História", os acontecimentos são atrelados às ideias positivistas do privilégio de análise do tempo curto, do que é "digno" de ser relatado e do que é "cotidiano, logo, banal".

A história como pensamento científico passou por renovações metodológicas e buscou novas fontes, escolhendo outros caminhos que não trabalham o acontecimento como fim absoluto de construção histórica. No entanto, por diversos anos, a história foi elaborada a partir da visão de acontecimentos subsequentes. Nora (1974, p.180) diz que “a partir da condição de que o presente, dominado pela tirania do acontecimento, foi proibido de residir na história, ficou entendido que a história seria construída sobre o acontecimento”.

Relacionado a esse pensamento, Pierre Nora acredita que, nas sociedades contemporâneas, não se pode evitar que a *mass media* seja detentora da decisão do que se torna acontecimento. Os meios de comunicação têm uma relação fundamental com o que “acontece”, já que “o fato de terem acontecido não os torna históricos. Para que haja acontecimento é necessário que seja conhecido” (NORA, 1974, p.18).

Podemos aplicar esse pensamento ao telejornal em questão. O Jornal Nacional apresenta matérias sobre acontecimentos regionais, nacionais e internacionais. Percebemos que, para esses fatos tornarem-se conhecidos, eles devem ser legitimados através de matérias televisivas elaboradas por profissionais do jornalismo. Nora (1974) menciona que a televisão é uma das formas mais modernas que as classes populares têm para viver a história contemporânea, a história do tempo presente. Assim, os fatos são projetados em suas vidas privadas e ofertados em forma de espetáculo (NORA; 1974; BUCCI, 2000).

Apresentamos, neste subcapítulo, aspectos que situam o trabalho jornalístico, os fatos e as notícias, em uma perspectiva sócio-histórica, ressaltando elementos que propõem uma análise da notícia como construção. Além de um produto, ou seja, um relato noticioso que está

32 Em relação à história, o jornalismo pode ser muitas vezes fonte para historiadores e sociólogos que investigam em jornais impressos, revistas e, recentemente, em documentários. No entanto, como aponta Medina (1978, p. 20), “o repórter procura registrar cada acontecimento isolado, à proporção que ocorre, e só se interessa pelo passado e pelo futuro na medida em que estes projetam luz sobre o real e o presente”.

inserido nas lógicas mercadológicas de produção da informação, a notícia é uma construção a partir do momento em que a encaramos como uma realização de sujeitos, jornalistas, editores e cinegrafistas que estão contextualizados na sociedade e inseridos em relações de poder. Trabalhamos, também, com a questão de a televisão ser uma ordenadora do cotidiano familiar e individual, bem como o telejornalismo trazer aspectos de referência para os sujeitos, seja relacionado a questões nacionais ou internacionais, de âmbito político ou econômico, por exemplo.

2.3 Tecnicidade no Jornal Nacional

A técnica, por muito tempo, foi tratada como um elemento instrumental nos estudos da comunicação. A mediação de *tecnicidade* apresentada por Martín-Barbero (2009) refere-se às modificações teóricas e metodológicas as quais, conforme Lopes (2004, p.11), fizeram com que um novo olhar, mais antropológico e humano, fosse lançado para a comunicação. A pesquisadora afirma que isso ocorre porque se passou a analisar que "na técnica há novos modos de perceber, ver, ouvir, ler, aprender novas linguagens, novas formas de expressão, de textualidade e escritura". A técnica, assim, não é mais apresentada como instrumento, ela é inserida na estrutura social e na vida cotidiana dos indivíduos.

Nesse sentido, aplica-se o conceito de Martín-Barbero na análise de oito matérias do Jornal Nacional previamente selecionadas, as quais tiveram assistência dos jovens da amostra. Para trabalhar a tecnicidade e o modelo de codificação/decodificação de Stuart Hall, definimos o que é hegemônico no JN sobre o meio rural, à luz da bibliografia existente e, por fim, analisamos as categorias que predominam nas matérias do telejornal.

Fernandes (2010, p.189), ao falar sobre a grande mídia brasileira – e ele engloba a Rede Globo, o jornal Folha de São Paulo³³ e a revista Veja³⁴, afirma que "tenta-se impedir que a realidade do campo brasileiro apareça como de fato é: uma das estruturas fundiárias mais concentradas do mundo e ainda em processo de intensificação dessa desigualdade rural". De forma geral, o autor afirma que a mídia nacional procura mostrar os conflitos fundiários, mas raramente apresenta suas causas. Além disso, para ele, há um movimento da grande imprensa

33 Jornal brasileiro lançado em 1921 e editado na cidade de São Paulo. É o segundo maior jornal de circulação do Brasil e pertence ao Grupo Folha.

34 Revista de distribuição semanal criada em 1968, a maior parte de sua tiragem provém de assinatura. É a revista com maior circulação nacional.

de focar o problema dos conflitos rurais nos camponeses, em especial o MST" (*Ibid.*, p.189). O autor, claramente defensor dos movimentos sociais, exige uma mídia que enfoque as causas, não só as consequências das disputas fundiárias.

Na definição de categorias, entendemos como discurso dominante no Jornal Nacional a *agricultura patronal*, especialmente representada nos *latifúndios*, na visão do *agronegócio*, na defesa da alta produtividade e da rentabilidade com a utilização da *transgenia* e de *agrotóxicos*. O *agronegócio* estaria amparado, sobretudo, na utilização da *monocultura para exportação*. O contraponto a esse discurso seria o *minifúndio*, possibilitado no contexto brasileiro pela *reforma agrária*, e a *agroecologia* a partir de outro manejo do solo.

A *agricultura familiar* tem como prioridade a produção de alimentos através da *policultura* e é responsável por aquilo que Wanderley (2001) chama de *meio rural como modo de vida*, ou seja, esse meio atrelado à reprodução social das famílias envolvidas, como um meio específico, em contraposição ao latifúndio atrelado ao agronegócio que, também nas palavras de Wanderley (2001), visa à exploração urbana do meio rural. De forma geral, podemos afirmar que a agricultura familiar comporta os pequenos proprietários de terra que têm conflito de interesses com os latifundiários, principalmente sobre as políticas públicas e os investimentos financeiros na produção.

O conceito de agronegócio foi cunhado em 1957 por Davis & Goldberg³⁵, para se referir a uma diversificada operação na produção e na distribuição de suprimentos agrícolas nas unidades agrícolas, tanto no ciclo de armazenamento quanto no de processamento e de distribuição. No agronegócio, colheitadeiras de última geração são utilizadas. Há o plantio direto, e a preferência por variedades novas; além da utilização de distintos agrotóxicos e da agricultura de precisão. Sobre o conceito de Davis & Goldberg:

Eles consideravam as atividades agrícolas como fazendo parte de uma extensa rede de agentes econômicos que iam desde a produção de insumos, transformação industrial até armazenagem e distribuição de produtos agrícolas e derivados. (JUNIOR, 2012³⁶ p.3)

No Brasil, o conceito de agronegócio passa a ser utilizado na última década do século XX, quando diversos setores sociais agrários e agroindustriais realizam sua difusão. Foi neste

35 DAVIS, J. H.; GOLDBERG, R. *A Concept of Agribusiness*. Boston: Harvard University, 1957.

36 JUNIOR, João Batista. *Agronegócios*. Disponível em: <http://www.univasf.edu.br/~cprod/disciplinas/PROD0060/Agronegocio - Texto.pdf>. Acesso em: 30/05/2012.

contexto, também, que políticas neoliberais foram implantadas no Brasil, o que fez com que o Estado diminuísse sua intervenção social, inclusive no setor agropecuário. Essa brecha possibilitou o avanço de diversos grupos internacionais. Internamente, houve a criação de grupos que valorizavam o agronegócio, entre os quais Campos (2011, p.104) aponta: a CNA (Confederação Nacional da Agricultura), OCB (Organização das Cooperativas do Brasil) e a AGAB (Associação Brasileira do Agronegócio). A difusão do conceito ocorreu também na mídia, sendo que a *Globo Comunicações e Participações S.A.* e a *Agência Estado*, do impresso *O Estado de São Paulo*, são associados à AGAB.

Para Campos (2011, p.109), os grupos de comunicação difundiram a concepção de que a produção de alimentos em grande escala é sinônimo de agronegócio. Para a autora, a generalização do termo faz considerar as iniciativas produtivas agroindustriais ou agropecuárias como agronegócio, quando podem ser o contrário. Os agricultores que consomem insumos e têm maquinários pesados em suas propriedades não necessariamente estão alinhados a esse modelo de desenvolvimento rural.

A luta do MST e de outros movimentos sociais é lançar iniciativas contrárias a esse modelo ao agronegócio. Especialmente durante a década de 1990, "o latifúndio deixou de ser o principal problema para o desenvolvimento da agricultura camponesa. O maior desafio para a implementação da reforma agrária passou a ser o agronegócio, com toda sua potencialidade" (FERNANDES, 2010, p.187). Uma das justificativas dessa ação é o fato de que o agronegócio está preocupado em produzir e exportar *commodities*, sendo essa a base econômica do país (CAMPOS, 2011, p.108). Nesse ponto, inserimos as forças hegemônicas do agronegócio no conflito de classes, pois, no Brasil, os setores ligados ao agronegócio procuram a expansão territorial, seguindo um modelo político-econômico, com anseios de ocupar um espaço cada vez maior (CAMPOS, 2011, p.107).

Os indivíduos ligados ao agronegócio não têm somente atuação econômica, pois estão inseridos também na esfera política. É nesse espaço que definem importantes espaços para si e barram avanços para grupos opositores. A citação a seguir é longa, mas elucida o contexto da relação das classes sociais com o agronegócio:

Do ponto de vista da divisão de classes sociais, o agronegócio é atrelado às classes dominantes nas diferentes escalas. O caráter elitista do agronegócio brasileiro ganhou visibilidade no processo da Constituinte³⁷ em que tanto grupos empresariais

37 Na Constituinte da década de 1980, a Frente Ampla da Agricultura, formada por setores tradicionais e

quanto latifundiários se uniram para viabilizar a possibilidade de uma reforma agrária ampla e efetiva no país. Mas também se evidencia nos discursos de seus líderes de combate às lutas dos movimentos sociais; nos *lobbies* para impedir aprovação de leis favoráveis aos trabalhadores como a lei que prevê desapropriação de terras onde for encontrado trabalho escravo; nos *lobbies* para garantir renegociações de dívidas favoráveis aos grandes proprietários rurais e extremamente prejudiciais aos cofres públicos; na defesa de projetos que beneficiam grandes grupos econômicos em detrimento das populações, como é o caso da transposição do São Francisco no Nordeste do país (CAMPOS, 2011, p.107).

Por apresentar um recorte de classe, traçamos diferenças entre agricultura familiar e agronegócio, a fim de ressaltar as distinções que foram apropriadas pela sociedade e pelos jovens da amostra. A agricultura familiar produz para sua subsistência e escoamento, e o agronegócio trabalha com *commodities* em grandes estabelecimentos e com variação menor de culturas, essas que são vendidas via comércio financeiro, como em uma bolsa de valores. A partir dessa apropriação, as palavras agricultura e agronegócio apresentam distinções etimológicas:

Nessa perspectiva, é bastante pertinente a observação de Carlos Walter Porto Gonçalves de que não pode confundir agronegócio com agricultura, afinal "cultura está associada à distribuição de riqueza no sentido forte da palavra e não necessariamente a negócio. Eis o contraste entre a agricultura e o agronegócio" (GONÇALVES, 2004: 245)" (CAMPOS, 2011, p.107).

2.3.1 Os transgênicos e a agroecologia

As temáticas aqui trabalhadas foram escolhidas com o propósito de compreender a codificação de determinadas matérias no Jornal Nacional e sua decodificação na amostra. Transgênicos, agroecologia, agronegócio e reforma agrária estão relacionados aos problemas enfrentados atualmente pelos movimentos sociais do campo e pela agricultura familiar em geral.

O debate sobre a inserção dos transgênicos na produção rural é bastante profícuo. Ecologistas e ruralistas divergem fortemente sobre o uso da modificação genética no cultivo de sementes. O discurso, muitas vezes, tende para questões ideológicas, permeadas por

conservadores do meio rural, consolidou-se como a futura Associação Brasileira de Agronegócio. Nesse processo constitucional, barraram medidas que aumentavam a possibilidade de expropriação de terras consideradas improdutivas.

interesses de setores sociais: os ruralistas defendendo o controle de doenças e pragas, aliando a transgenia com agrotóxicos, visando à maior produtividade, e os ecologistas afirmando o fim da variabilidade genética e o comprometimento para o meio ambiente. Por essa razão, optamos por apresentar o diálogo científico sobre a transgenia, a fim de debatermos a categoria e sua utilização na recepção.

A transgenia é uma forma de melhoramento genético em sementes que, embora largamente utilizada no Brasil, é criticada por setores da sociedade civil. Os transgênicos foram inseridos no Brasil em um contexto de grande pressão de setores da sociedade frente ao governo e à liberação desse método no Brasil.³⁸ Além disso, foi uma técnica amplamente criticada por movimentos sociais ligados ao campo e por ecologistas. Atualmente, o governo brasileiro vem promovendo tentativas de regulamentar as plantações transgênicas, por exemplo, ao estabelecer distâncias entre os locais onde foram utilizadas sementes transgênicas e as plantações que estão livres da transgenia. No entanto, a venda de sementes sem transgenia está rareando, e o viés mercadológico de grandes lucros fez com que a transgenia já se fixasse em diversas culturas como soja, cana e milho.

A agroecologia apresenta-se como uma ciência e como um conjunto de práticas onde o desenvolvimento dos recursos humanos visa à utilização desses conhecimentos para a produção rural de setores rurais com menos recursos. Altieri (2012, p.40) considera que "a erosão genética" causada pela transgenia "implica uma perda de variedades locais". Por isso, a agroecologia foi levantada como bandeira por diversos movimentos sociais do campo, em especial por ser "socialmente mobilizadora", por promover "um diálogo de saberes" dos conhecimentos tradicionais "com os métodos modernos" e promover, também, "técnicas economicamente viáveis", o que evita a "dependência de insumos externos" (ALTIERI, 2012, p.18-19).

Altieri (2012, p.26) afirma que a falta de diversidade vegetal contribui para o agravamento da maioria dos problemas de pragas, que estão ligadas primeiramente à expansão da monocultura e à agricultura de escala:

Entre as tecnologias que têm facilitado essa inclinação à monocultura, podemos citar a mecanização, o melhoramento genético e o desenvolvimento de agroquímicos para fertilizar as plantações e controlar plantas espontâneas e insetos-praga. Nas últimas

38 O Conselho Técnico Nacional de Biossegurança é um órgão consultivo do governo para produtos geneticamente modificados.

décadas, as políticas governamentais voltadas para mercado de *commodities* também têm estimulado a aceitação e a utilização dessas tecnologias. Como resultado, hoje o número de propriedades rurais diminuiu, embora seu tamanho tenha aumentado e elas tenham se tornado mais especializadas e mais intensivas em capital (ALTIERI, 2012, p.27).

A contaminação das variedades crioulas com sementes transgênicas também preocupa os cientistas. Mudanças no agrossistema podem afetar a relação das plantações com insetos que controlam pragas. Dessa forma, a defesa do uso do transgênico é uma codificação dominante no momento em que percebemos que a adoção de variedades modernas causa o abandono das sementes crioulas, a influência negativa sobre os agrossistemas e a maior possibilidade de quebra de safra, pois essa é resultado da "uniformidade genética ou de alterações na integridade genética das variedades locais devido à poluição genética" (ALTIERI, 2012, p.44). Em contrapartida, os sistemas em que há diversidade genética apresentam maior tolerância às mudanças enfrentadas pelos agricultores.

Uma codificação dominante em relação às ruralidades no Jornal Nacional destaca, assim, a ambição por áreas maiores, a utilização de transgênicos, a preocupação com o mercado exportador, com a produção de *commodities* e com a utilização de agrotóxicos.

2.3.2 A reforma agrária

Uma codificação dominante relaciona a reforma agrária à propriedade privada, um direito liberal primordial. No entanto, ela está essencialmente relacionada à meritocracia. Quando a temática é o MST, a codificação dominante relaciona-se a problemas encontrados durante as ocupações e as manifestações como trancamento de rodovias e atividades em propriedades privadas.

A codificação resistente em relação ao MST refere-se à defesa do movimento social e suas manifestações, sejam elas as ocupações ou as ações em propriedades privadas. Nessa leitura, acredita-se que as ações aparecem descontextualizadas no Jornal Nacional. O MST é apresentado como um movimento social com fortes referências na reforma agrária e no campo, tendo um papel importante na readequação da qualidade de vida e na transformação das desigualdades sociais do país. A codificação resistente é contra a transgenia e o uso de agrotóxicos, pois defende a agroecologia e o uso de sementes crioulas.

2.3.3 O agronegócio

Em relação ao agronegócio, a codificação resistente acredita que ele age em concordância com a monocultura e o uso de agrotóxicos. Essa codificação vê no latifúndio a ambição da posse da terra e a razão por existir o nível de desigualdade social no campo em nosso país. A codificação resistente refere-se ao meio rural como meio de vida, pois acredita que é um espaço para reprodução social, sendo contra a mecanização absoluta das propriedades rurais, onde poucos empregados sem vínculos familiares se estabelecem e cuidam dos estabelecimentos para seus patrões.

A codificação negociada defende a necessidade de mudanças no campo, como menos latifúndios e mais empregos e oportunidades, mas não concorda com as ações do MST, que, de acordo com sua leitura, são violentas. Essa codificação é a favor da transgenia, pois, embora pondere que possa causar danos à saúde, reconhece que os produtos transgênicos aumentam a produtividade e protegem a plantação de pragas. Em tal codificação, o uso de agrotóxicos também é liberado, embora com parcimônia, em função de doenças às quais o seu uso possa estar relacionado. O latifúndio e a monocultura podem ser rechaçados, mas a ideologia meritocrática é utilizada para contestar a capacidade dos assentados em produzir nas terras da reforma agrária. A percepção de que os assentados ganham terras e não as merecem é justificada a partir do momento em que se afirma que antigos agricultores compraram ou herdaram a terra, sendo que o assentado ganhou, não sendo um fruto de seu trabalho próprio.

A codificação dominante aponta o agronegócio como o responsável pela produção financeira e a riqueza no campo.

2.3.4 As matérias do Jornal Nacional

Para trabalhar com os jovens, selecionamos matérias relacionadas às desigualdades sociais no campo. A seleção desse material visou a contemplar as categorias trabalhadas na pesquisa, sendo elas: agronegócio, agricultura familiar, morador do campo, transgenia e movimentos sociais. A escolha das temáticas das matérias foi realizada após as primeiras entrevistas com os jovens, especialmente a partir do que eles comentavam sobre o Jornal Nacional e sobre as categorias analisadas.

Matéria nº1 – Data: 09/02/2012 – Temática: Transposição do rio São Francisco

A matéria especifica as dificuldades ou o desenvolvimento que a construção da transposição do rio São Francisco está trazendo para a região nordestina. Objetivamos, ao analisar esta matéria, investigar as representações do agricultor e de sua propriedade no Jornal Nacional. A matéria tem cerca de três minutos.

Narração em off³⁹: A chegada de máquinas nunca vista por aqui atraiu os agricultores.

Após a abertura, a imagem mostra um plano geral com uma dezena de agricultores. O áudio é confuso e todos falam ao mesmo tempo, até que uma frase torna-se audível:



Figura 4 – Frame do Jornal Nacional – matéria Transposição do Rio São Francisco

Sonora⁴⁰ – Sem nome 1: Estamos aqui para conseguir um emprego.

Sonora – Sem nome 2: Eu estou aqui para aguentar qualquer emprego aí.

39 Formato em que o apresentador/repórter não aparece no quadro, realizando a locução enquanto na matéria há a cobertura com imagens. Serve como complemento de informações para as sonoras.

40 Trecho das entrevistas realizadas pelos repórteres para a elaboração das matérias. É quando o entrevistado aparece.

O movimento de câmera é panorâmico e em ângulo alto, o que faz com que os indivíduos pareçam menores do que são. O plano geral mostra mulheres, apresentadas pelo locutor como agricultoras, as quais localizam-se perto de imponentes máquinas de construção. O agricultor, que vive e trabalha no meio rural, está em crise com sua profissão. Embora saiba as lidas agrícolas, supõe-se que, da terra, não consegue tirar seu sustento e necessita buscar emprego na construção civil. A partir da matéria, não se tem a informação se eles têm qualificação para a vaga.

Em outro momento da matéria, a reportagem mostra que o progresso da transposição gera problemas para moradores, esses também agricultores, como rachaduras nas casas causadas pelas explosões nas obras. O agricultor reclama:

Sonora – Francisco de Souza - Agricultor: A minha casa, ela era perfeita, não tinha rachadura de jeito nenhum, mas depois desse estrago começou a aparecer rachadura.



Figura 5 – Frame do Jornal Nacional – matéria Transposição do Rio São Francisco

O agricultor não se muda do local, pois o governo ainda não construiu a casa que ele tem que receber por direito. Francisco de Souza está, como mostra a imagem da câmera que se afasta da residência, "esperando à porta". Não tem o que fazer. Não tem ação. No mesmo lote em que vive esse agricultor, mora outro com a mesma profissão, mas que está

impossibilitado de trabalhar,

Narração em off: Há um século a família usa água do açude para irrigar a plantação de cana de açúcar, mas ele foi aterrado no meio para a construção do canal do eixo norte. O agricultor ainda não foi indenizado.

Sonora – José Hélio de Souza – Agricultor: Se essa água do açude ali secar, a gente fica sem água, aí a gente vai sobrevive de quê?

Os agricultores estão à revelia do governo. Esperando soluções, aparecem desamparados. A codificação desta matéria é dominante, pois mostra que da agricultura não se tira o sustento pessoal e familiar. Além disso, apresenta o agricultor como um sujeito sem protagonismo, sem ação.

Matéria nº2 – Data: 23/08/2011 – Temática: Jornada de Lutas do MST

A nota coberta tem 50 segundos, e o nome Jornada de Lutas não é citado, não ocorre contextualização alguma da ação nacional para o telespectador. William Bonner lê o *lead* do acontecimento:

Nota coberta⁴¹: Integrantes do MST promoveram várias manifestações hoje pelo país. De manhã, em Sergipe, os Sem Terra fecharam a BR 101 na altura de Japarassuga e provocaram um engarrafamento de 10 Km. E em uma fazenda invadida desde ontem em Borivi, interior de São Paulo, eles expulsaram os funcionários.



Figura 6 – Frame do Jornal Nacional – matéria manifestação do MST

As imagens mostram o engarrafamento causado pela barricada, em rodovias, e os militantes na guarita da fazenda da Cutrale. Na terceira rodada de imagens, os manifestantes

41 A nota coberta é quando há imagem, mas não há a gravação da narração em off. O apresentador lê uma nota sobre o acontecimento, enquanto a imagem está sendo exibida.

estão correndo em direção à entrada do Ministério da Fazenda, e esta é a primeira vez, durante toda a matéria, que aparece alguma sonora: são os manifestantes gritando.

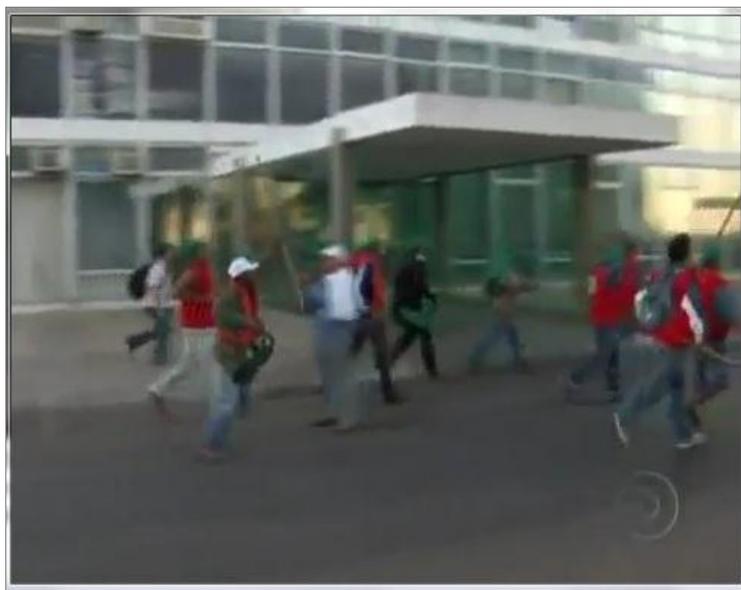


Figura 7 – Frame do Jornal Nacional – matéria manifestação do MST

Após mostrar os atos do MST ao longo do país: ocupações, expulsão de funcionários, barricadas e congestionamentos, o Jornal Nacional conta o objetivo da última manifestação: os militantes querem conversar com o governo, para que se renegocie a dívida de pequenos agricultores e se discuta o orçamento da reforma agrária. Por fim, o jornalista diz que

Nota coberta: No fim da tarde foram recebidos para reunião no Palácio do Planalto. O governo se comprometeu a responder a todas as reivindicações dos manifestantes até o fim dessa semana.

A codificação da matéria é dominante, pois não há contextualização das atividades do MST. Os objetivos das manifestações são apresentados somente no final da matéria, após uma sequência de edição de imagens que remete a questões de violência e de depredação, ou seja, que retratam o movimento de forma negativa, criminalizando-o.

Matéria nº3 – Data: 15/09/2011 – Temática: Feijão Transgênico

O Jornal Nacional veiculou a notícia de que o Conselho Técnico Nacional de

Biossegurança havia aprovado a semente do feijão transgênico em setembro de 2011. William Bonner diz

Nota coberta: O produto resiste a uma das maiores doenças da cultura do feijão – o mosaico dourado que é transmitido pela mosca branca.

A codificação desta matéria é dominante, pois as questões de produtividade e de resistência das sementes foram ressaltadas, não apresentando qualquer aspecto opositivo que a modificação genética poderia trazer ao equilíbrio ambiental e, quando aliado ao uso de agrotóxicos, a problemas de saúde.

Matéria nº4 – Data: 08/12/2011 – Temática: Abusos do agrotóxico

Essa matéria faz parte de uma série de reportagens do Jornal Nacional sobre os abusos dos agrotóxicos. O locutor inicia a reportagem falando sobre as características da agroecologia, a policultura e a não utilização de agrotóxicos

Narração em Off: A plantação é bem diferente da maioria das lavouras, pois tem de tudo um pouco: verduras e legumes sem uma gota sequer de produto químico.

O dono da propriedade, nomeado empresário, tem mão de obra que trabalha na produção. Ele afirma:

Sonora – Dick Thompson - Empresário: O desafio é aprender a lidar com o solo, se levar nutrientes ao solo, o solo vai te devolver aquele carinho que você dá pro solo.



Figuras 8 e 9 – Frame do Jornal Nacional – matéria sobre orgânicos

Passagem⁴²: São apenas quinze mil agricultores orgânicos registrados num total de 5 milhões de produtores agrícolas no país. É por isso que nas prateleiras do supermercado os produtos ainda ocupam um pequeno espaço. Os orgânicos cabem nesse cantinho e o preço ainda é para poucos. Os orgânicos têm até um selo, um comprovante de garantia, atestando que são produzidos sem veneno e com respeito ao meio ambiente.



Figura 10 – Frame do Jornal Nacional – matéria sobre orgânicos

A matéria valoriza a produção do produto orgânico, "aquele totalmente livre de agrotóxico", como afirma a jornalista, bem como trabalha a variedade da hortifruticultura. Trabalhamos esta matéria como codificação negociada, pois ao mesmo tempo em que mostra a policultura, trabalha com a cultura orgânica institucionalizada, que atinge uma pequena parcela de produtores familiares. A matéria também não aborda a produção que tem como escoamento as feiras ao ar livre, as quais atingem boa parte da venda dos produtos provenientes da agricultura familiar.

Matéria nº 5 – Data 17/08/2011 – Temática: Marcha das Margaridas

A manifestação, que contempla diversos movimentos sociais ligados ao campo, reuniu-se em Brasília. Fátima Bernardes afirma

Nota coberta: Trabalhadoras rurais se reuniram em Brasília e pediram melhores condições de vida no campo. De acordo com a Polícia Militar, a 4ª Marcha das Margaridas reuniu mais de quarenta mil mulheres. A Presidente Dilma participou e anunciou medidas nas áreas da educação, saúde e segurança e apoio à agricultura familiar.

42 Gravação realizada pelo repórter no local do acontecimento. Momento em que o repórter destaca algo que tem importância para o desenvolvimento da matéria.



Figura 11 e 12 – Frames do Jornal Nacional – matéria Marcha das Margaridas

Em seguida, foram mostradas imagens da presidente Dilma Rousseff colocando o chapéu característico do movimento e de Fátima Bernardes anunciando as promessas de investimento. Consideramos a matéria com codificação negociada, pois fala sobre as questões da Marcha das Margaridas, contudo, não há uma maior exploração do acontecimento, ou seja, a matéria não contextualiza o sentido da manifestação de uma forma mais ampla.

Matéria nº 6 – Data 20/09/2011 - Luta de indígenas contra latifundiários e assentados

O Jornal Nacional veiculou, através do quadro "JN no Ar", uma matéria sobre a luta de indígenas com assentados e fazendeiros na Bahia

Passagem: A equipe do JN no ar voou ontem para Porto Seguro no sul da Bahia para investigar uma disputa de terras que mobiliza índios de um lado e produtores e assentados de reforma agrária de outro. Barra Velha é a mais antiga das aldeias Pataxós também é a maior em extensão territorial: tem 8.600 hectares, e os índios querem multiplicar por seis essa área. Cinquenta e dois mil hectares seria o correspondente a quase 20% do município de Porto Seguro.

Entrevista⁴³: Quantas pessoas da comunidade indígena estão cadastradas na FUNAI na aldeia Barra Velha?

Sonora - Marcos Alves – Funcionário da FUNAI: Só na aldeia de Barra Velha nós temos 1.800 pessoas.

Narração em Off: Os números não batem. O cacique fala em muito mais

43 Diálogo entre o repórter e a fonte da informação.

gente.....

O jornalista entrevista o representante indígena

Entrevista: O que vocês produziriam em 52.000 ha?

Sonora – Sem nome: Acho que a gente vai produzir muitas coisas.

Narração em Off: Hoje eles plantam mandioca, feijão, cultivos de subsistência. A fonte de renda vem sobretudo do artesanato e da pesca.



Figura 13 – Frame do Jornal Nacional – matéria disputa de terras

O conflito é por mais de 50 mil hectares, reivindicação principal dos indígenas. O jornalista entrevista o proprietário de uma fazenda, e a imagem mostra uma vasta produção de cacau, com tratores e trabalhadores. O dono do estabelecimento afirma

Sonora – Sem nome: São 160 trabalhadores que tenho em minha fazenda.

Entrevista: Todos eles com carteira assinada?

Sonora – Sem nome: Todos com carteira assinada.



Figura 14 – Frame do Jornal Nacional – matéria disputa de terras

Outro agricultor mostra o título de propriedade da terra que foi concedido pelo governo da Bahia, em 1982. Ao final da matéria, há a inserção de depoimentos de um assentado da reforma agrária.

Narração em Off: Esse litígio provocou uma aliança rara nas disputas por terra. Aqui no sul da Bahia, assentados da reforma agrária e fazendeiros estão do mesmo lado. Terras de assentamento também estariam incluídas na área da reserva indígena.

Sonora – Pedro Almeida - Assentado: O INCRA fez a desapropriação dessa área, pagou pro empresário na época, assentou os agricultores, fez os agricultores pegarem recursos no banco para investir nessa área.



Figura 15 – Frame do Jornal Nacional – matéria disputa de terras

Narração em Off: Em meio ao impasse, a atenção aumenta dia a dia e cada um cava sua trincheira na terra do descobrimento.

A matéria tem codificação dominante, pois embora traga como entrevistado um assentado da reforma agrária, não mostra sua produção e veicula sua entrevista em tempo desigual com os fazendeiros, que acabam por ganhar mais espaço na matéria. Sua participação se refere à aliança com os grandes fazendeiros, a fim de compor forças contra o anseio dos indígenas em aumentar a extensão de suas terras.

Matéria nº 7 – Data: 2011 – Temática: Riqueza agrária em São Desidério

O município baiano de São Desidério, que tem a maior renda agrícola do país, mostra a riqueza provinda do campo em dissociação com a pobreza da cidade.

Narração em Off: O município baiano de São Desidério tem a maior renda agrícola do país. Mas o dinheiro que levou a prosperidade a fazendeiros e a trabalhadores rurais não resolveu o problema grave da cidade, a gente vê na reportagem de José Raimundo.

Narração em Off: O município que colhe mais algodão no Brasil, segundo os dados do IBGE, gerou uma receita agrícola de um bilhão e cem milhões de reais em 2010.

Passagem: A colheita terminou há quase um mês, mas as usinas que, no ano passado, a essa altura, já tinham processado toda a safra, este ano, não deram conta. Um quarto do algodão colhido ainda não saiu do campo, é que a produção, que já era considerada muito boa, aumentou 40%.

Os fazendeiros já pensam no que fazer com o dinheiro do lucro:



Figuras 16 e 17 – Frame do Jornal Nacional – matéria São Desidério

Sonora – Valdir Perbone – Produtor de algodão: Vou aplicar em compra de maquinário e mais uma área para aumentar o plantio no ano que vem.

A matéria mostra a pobreza em São Desidério:

Passagem: Quem percorre as ruas de São Desidério tem dificuldade em acreditar que está em um município de maior receita agrícola do país. Faltam equipamentos urbanos, importantes principalmente para a saúde dos moradores e não há um metro de esgoto tratado na cidade.

Nesse ponto, a matéria⁴⁴ apresenta aspectos de denúncia. No entanto, analisando a matéria como um todo, percebemos a codificação dominante, como nos próximos exemplos. O jornalista segue para o local onde são cadastrados os beneficiários do Programa Bolsa Família e entrevista um lavrador que ainda não procurou emprego nas fazendas de algodão, mas sabe que lá existe emprego. Fica subentendido que o entrevistado tem preguiça para procurar emprego, pois recebe auxílio do Bolsa Família.



Figuras 18 e 19 – Frame do Jornal Nacional – matéria São Desidério

Narração em Off: Encontramos Valdomiro, que não está trabalhando, fazendo o cadastramento.

Entrevista: Já procurou trabalho lá nas fazendas de algodão e de soja?

Valdomiro da Silva - Lavrador: Ainda não.

Entrevista: Se procurar, acha, não é?

Valdomiro da Silva - Lavrador: Se procura, acha.

Entrevista: Recebe bolsa família?

Valdomiro da Silva - Lavrador: Recebe.

Entrevista: Recebe quanto?

Valdomiro da Silva - Lavrador: R\$ 166,00.

44 Há uma crítica em relação ao governo que não investe em pontos como saneamento básico, por exemplo. Essa é outra temática, com outra codificação, que não será trabalhada neste trabalho. Na matéria, há o apontamento da problemática da questão urbana, mas sem relacionar aos problemas fundiários, como a concentração de terra no meio rural.

A partir desse instante, a matéria mostra a saída de uma família da cidade para o campo, onde foram trabalhar em uma fazenda de algodão. O jornalista ressalta que não dependem do Bolsa Família, diferente de outros que vivem na cidade:



Figura 20 – Frame do Jornal Nacional – matéria São Desidério

Narração em Off: Seu José e Dona Lurdes não dependem do Bolsa Família, trocaram a cidade pelo trabalho em uma fazenda de algodão.

Sonora – José Barbosa – Trabalhador rural: Valeu a pena demais, porque trabalho aqui não falta, nunca faltou e não vai faltar.

Narrador em Off: Dona Lurdes está tão feliz que resolveu voltar a estudar.

Entendemos a codificação como dominante porque majora o bem estar da família moradora e trabalhadora no meio rural, destacando-se o fato especial de não receberem o auxílio do Bolsa Família. A codificação resistente que valoriza o meio rural como espaço de vida está atrelada à exaltação de independência. Contudo, o sucesso dessa família apresenta-se relacionado ao trabalho, ao latifúndio monocultor, em terras alheias.

Matéria nº 8 – Data 30/01/2012 – Temática: Agrotóxico Carbendazim
A jornalista Patrícia Poeta faz a abertura, afirmando que

Cabeça da matéria⁴⁵: Representantes da indústria de suco de laranja vão tentar convencer os produtores brasileiros a suspender o uso de um agrotóxico que foi proibido nos Estados Unidos.



Figura 21 – Frame do Jornal Nacional – matéria agrotóxico

Narração em Off: A nuvem branca que sai do pulverizador é água misturada com carbendazim, um pesticida usado nos pomares brasileiros, para prevenir doenças como a pinta preta e a estrelinha. Até que a laranja seja colhida, o defensivo é aplicado pelo menos quatro vezes.

O objetivo da matéria é mostrar que os produtores de suco de laranja terão que deixar de produzir utilizando um determinado agrotóxico, pois os EUA determinaram que não irão mais importar o suco industrializado com esse produto:

Passagem: O problema é que os Estados Unidos, um de nossos principais compradores, já não usam mais o agrotóxico e, no final do ano passado, uma empresa americana encontrou uma pequena quantidade da substância no suco brasileiro.

Narração em Off: Onze carregamentos já foram barrados, seis do Canadá. Cinco navios estavam com suco brasileiro que apresentava quantidade do Carbendazim acima do permitido pelos americanos. Do total que seriam exportados para os Estados Unidos, apenas 30% entraram no mercado norte americano.

O produtor demonstra-se preocupado, pois já utilizou o pesticida em suas plantações e não tem conhecimento de outras alternativas. Os citricultores esperam medidas das autoridades competentes, como a CITRUSBR.

45 O lead da matéria é lido pelo apresentador para introduzir a matéria do repórter.



Figura 22 – Frame do Jornal Nacional – matéria agrotóxico

Narração em Off: Para a safra deste ano, que começa a ser colhida em junho, a indústria ainda não sabe o que vai fazer com a laranja que foi pulverizada com agrotóxico.

Consideramos a codificação desta matéria dominante, pois apresenta o tratamento de um produto alimentício como *commodity*, com utilização do agrotóxico e, além disso, com sua proibição delimitada pelo comércio exterior e não por normas internas.

Com este exercício de utilização do modelo *encoding/decoding*, pretendemos dar atenção à análise do texto. As codificações e as decodificações foram baseadas na bibliografia científica existente e nas próprias manifestações dos jovens ao assistirem às matérias. Versando sobre a dinâmica rural brasileira, as matérias abordam importantes aspectos a serem trabalhados com os jovens no capítulo cinco.

2.4 Comunicação e representação

2.4.1 Representação das relações de classes sociais

*Mas há milhões desses seres
que se disfarçam tão bem
que ninguém pergunta
de onde essa gente vem
(Chico Buarque)*

*Se podes ver, vê
Se podes ver, repare
(José Saramago)*

Os grupos sociais mantêm representações sociais dos territórios em que vivem, assim como de si mesmos. As identidades são estudadas a partir de um confronto entre as representações ofertadas e as que são constitutivas dos grupos, ou seja, construídas pela própria comunidade (CHARTIER, 1991). As representações midiáticas no Jornal Nacional são analisadas aqui a partir da ideia de relações de forças, pois consideramos que as identidades são resultados dessas relações com as representações.

Representação significa, em poucas palavras, o que forma conteúdo concreto de um ato de pensar e é passível de transformação, ou seja, a representação está inserida no campo histórico e, como tal, está inter-relacionada aos processos de construção e de lutas de poder. Os meios de comunicação são espaços de construção e de veiculação das representações sociais, essas que são mediações entre os sujeitos. Eles são os canais de mediação no mundo contemporâneo, agindo no significante, seja na fala, na escritura, na imprensa, em vídeo, em filme ou em gravações (FRANÇA, 2004). Vera França (2004, p.19) analisa que as representações⁴⁶ são produtos dos contextos sociais, não podendo ser analisadas sem o caráter de situação:

Elas são produzidas no bojo dos processos sociais, espelhando diferenças e movimentos da sociedade; por outro lado, enquanto sentidos construídos e cristalizados, elas dinamizam e condicionam determinadas práticas sociais. Na sua natureza de produção humana e social, têm uma dimensão interna e externa aos indivíduos, que percebem e são afetados pelas imagens (passam por processos de percepção e afecção) – e, desses processos, as devolvem ao mundo na forma de representações.

Nesse sentido, as representações são discursos inseridos em relações de poder e não são entendidas a partir da neutralidade. Como classificações que organizam a apreensão do mundo social, as representações permitem avaliar o *ser-percebido* que um indivíduo ou grupo

46 Hall (1987) afirma que os próprios conceitos são representações mentais das coisas do mundo. Os mapas conceituais são significados compartilhados por pessoas com formações culturais convergentes. Assim, por exemplo, os conceitos de campo e de cidade se tornam representações relacionadas a algumas materialidades e simbolismos. Williams (1989, p.11) estudou o campo e a cidade na literatura inglesa, ao longo dos séculos, e afirma que essas palavras representam muito nas vivências das comunidades. O autor afirma que "o campo passou a ser associado a uma forma natural de vida-de-paz, inocência e virtude simples. À cidade associou-se a ideia de centro de realizações – de saber, comunicações, luz".

social constrói e propõe para si mesmo e para os outros (CARVALHO, 2005). O conceito de representação começou a ser elaborado a partir de determinações de posição social e relações de poder, e não se opõe à realidade, como exemplifica o uso de Pierre Bourdieu na obra de Chartier, esse último citado por Carvalho:

a representação que os indivíduos e os grupos fornecem inevitavelmente através de suas práticas e de suas propriedades faz parte integrante de sua realidade social. Uma classe é definida tanto por seu ser-percebido quanto por seu ser, por seu consumo – que não precisa ser ostentador para ser simbólico – quanto por sua posição nas relações de produção (mesmo que seja verdade que esta comanda aquela) (BOURDIEU apud CHARTIER, 2002 [1994c]: 177) (CARVALHO, 2005, p.151).

O conceito de representação não está, assim, relacionado às noções pós-modernas que afirmam que o real não existe a não ser na linguagem. Ao contrário, representações e real não estão em opostos binários, já que as primeiras são ordenações do mundo social desse próprio mundo real (CARVALHO, 2005). Sendo assim, pode haver uma pluralidade de leituras das representações. Por vezes, ocorre o que Chartier denomina “luta de representações”, em que as distintas construções geram diversas “apropriações” possíveis das representações, de acordo com os interesses sociais, com as imposições e resistências políticas, com as motivações e necessidades que se confrontam no mundo humano” (BARROS, 2005).

A representação das relações de classes sociais na mídia se dá especialmente através de duas formas: a invisibilidade da classe social ou a centralidade no indivíduo. Veneza Ronsini (2011), em seu trabalho intitulado *A ideologia meritocrática na novela das oito e a reprodução das desigualdades de classe*, investiga a forma como o fracasso ou o sucesso socioeconômico são direcionados para o indivíduo na narrativa da telenovela. De acordo com Ronsini (*Ibid.*, p. 4), isso se dá especialmente através da ideologia meritocrática, essa que “oculta ou dissimula a raiz da dominação de classe ao propor o mito da ascensão social mediante o empenho pessoal”.

José de Souza Martins (2012) menciona, no livro *A sociedade vista do abismo*, que o desenvolvimento econômico produzido pelo país gera um desenvolvimento social muito aquém de suas possibilidades. Essa desigualdade econômica “não produz qualquer incômodo, seja para a consciência pública seja para o esclarecimento da questão da desigualdade e sua reprodução (..)” (SOUZA, 2006, p.125). A diferença centra-se na afirmação de que a desigualdade econômica é legítima no capitalismo, alicerçada na ideologia da meritocracia, ou

seja, "na ideia de que os indivíduos e classes são aquinhoados diferencialmente em termos de renda e prestígio a partir da aferição "de seus "desempenhos diferenciais"" (*Ibid.*, p.125). A desigualdade social está relacionada ao desempenho individual:

O que é escondido pela ideologia do mérito é, portanto, o grande segredo da dominação social moderna em todas as suas manifestações e dimensões, que é o "caráter de classe" não do mérito, mas das condições sociais que permitem o mérito (SOUZA, 2009, p.121).

Para Souza (2006), os fatores relacionados à desigualdade são naturalizados cotidianamente pela mídia. A miséria e o miserável são construídos através de um discurso de verdade e não de ideologia, ou seja, os indivíduos são percebidos como capazes de construir as oportunidades, sendo sua condição apenas um acaso do destino.

Não se pode negar a desigualdade social⁴⁷ no Brasil. A diferença entre as classes sociais é um elemento histórico em nosso país, presente desde os primórdios da constituição da nação brasileira, quase sendo, aos olhos internacionais e nacionais, uma "característica brasileira". Mas, para Jessé Souza (2009), a tese da naturalização da desigualdade como característica brasileira é falsa. A legitimação da desigualdade no Brasil contemporâneo permite a sua reprodução no dia a dia:

Ela é reproduzida cotidianamente por meios "modernos", especificamente "simbólicos", muito diferentes do chicote do senhor de escravos ou do poder pessoal do dono de terra e gente, seja esta gente escrava ou livre, gente negra ou branca (*Ibid.*, p.16).

Se a lógica da desigualdade social – e de sua reprodução – é legitimada na sociedade brasileira em diversos campos, como o escolar, o campo jornalístico também se insere nela. Diversos exemplos na grande mídia reproduzem e justificam a desigualdade social diariamente em seus programas, como telenovelas e telejornais.

Quando revelada no cotidiano, essa desigualdade deixa marcas nas vivências dos indivíduos. Martins (2002, p.21) chama de "terror da incerteza" o sentimento que atinge as classes populares em relação ao próprio destino, dos filhos e dos próximos. Essa vivência é constituída por experiências no dia a dia, de limitações e por anulações de sonhos e anseios.

47 O principal argumento de Jessé Souza sobre a naturalização da desigualdade social deve-se à modernização periférica. O autor acredita que a modernização ocorreu no país de "fora para dentro", através de uma importação de valores e instituições modernas (SOUZA, 2006, p.24). Isso condiz com o fato de que as práticas modernas adentraram no país em meados do século XIX, antes que as ideias modernas, de fato, tivessem repercutido no Brasil. Para ele, a desigualdade social não se constituiu com a colonização europeia e sim com a modernização periférica.

Como afirma Souza (2006) e Martins (2002), a pobreza não é somente carência econômica, mas emocional, política e existencial, e essas realidades são, assim, multiplicadas em diversos planos e âmbitos de vida que vão além das carências vitais. No entanto, dada essa conjuntura socioeconômica, não se deve pormenorizar a produção cultural das classes populares, pois temos a compreensão do conceito de cultura ofertado pelos Estudos Culturais.

PARTE TRÊS – IDENTIDADES, JUVENTUDES E RURALIDADES

3.1 Identidades e Juventudes

*Sempre, e sempre de modo diferente,
a ponte acompanha os caminhos morosos ou
apressados dos homens para lá e para cá, de modo
que eles possam alcançar outras margens...
A ponte reúne enquanto passagem que atravessa.
(HEIDEGGER apud BHABHA, 1998, p.24).*

O conceito de *identidade* tem uma gama de significados. Atualmente no senso comum tem o sentido de algo que unifica os sujeitos. As palavras latinas formadoras do vocábulo *identidade* significam "o mesmo" e "natureza do ser", e pode ser entendido como "ter a mesma natureza". O indivíduo costumava ser estudado a partir de uma identidade única e contínua ao longo de sua trajetória de vida. No entanto, vem ocorrendo um movimento de fragmentação da unicidade identitária do sujeito, e sua consequência tem sido aplicada para a compreensão das interações sociais (BAUMAN, 2004). Nesse movimento, Bauman explica que a identidade tem um caráter palimpséstico, referindo-se metaforicamente às texturas raspadas em madeiras para que sejam reutilizadas diversas vezes. Assim, a noção de identidade como fator imutável perderia seu poder explicativo. Bauman (*Ibid.*, p.33) diz que "as identidades ao estilo antigo, rígidas e inegociáveis, simplesmente não funcionam". O debate atual sobre identidade ocorre a partir da construção simbólica, em especial no que se refere ao pertencimento dos indivíduos, como elementos culturais, de gênero, de classe ou de nação. Ronsini (2007) lembra que esses aspectos do pertencimento individual são indissociáveis à estrutura social, ou seja, não podem ser analisados sem a referência a fatores socioeconômicos.

O movimento atual do estudo da identidade é acompanhado pela expansão do movimento artístico e cultural da "pós-modernidade". Hall chama de *modernidade tardia* as modificações ocorridas na sociedade a partir de 1960, quando afirma que houve uma mudança nas identidades culturais. Seja hipermodernidade ou pós-modernidade, Coiro (2008, p.45) lembra que estamos em "um tempo próprio, diferenciado do projeto que animou uma primeira

modernidade⁴⁸".

De acordo com Reis (2003), o processo identitário não começou, no entanto, com a modernidade, mas foi com ela que as identidades se inseriram no conflito entre o tempo do comércio burguês e o tempo da religiosidade. Foi a partir da transitoriedade das identidades, antes encaradas como um monobloco único e fixo, que houve a relevância da diferença, que antes, e em especial na Idade Média, estrategicamente não recebia atenção, pois a sociedade era teocêntrica, e o homem deveria estar na condição submissa à natureza divina.

A construção da identidade é acompanhada pela denominação da diferença, pois são processos entrelaçados. Por conseguinte, a autorrepresentação baseia-se na diferenciação em relação ao outro. A identidade por contraste, como afirma Martins (2007, p.40), "se elabora em um processo de diferenciação do outro mediante reforço sistemático dos elementos que lhes sejam incomuns". Dessa forma, quando pensamos no discurso geracional, ser jovem é não ser velho. Polarizações como essas são fundamentais para entendermos o processo de identificação dos jovens, visto que, no processo identitário, muitas vezes ocorre a apresentação em pares binários, por vezes antagônicos, construídos no seio do cotidiano.

No caso dos jovens da amostra, pode ocorrer a diferenciação em relação aos jovens urbanos. No entanto, essa diferenciação pode ser negada, já que o urbano é construído historicamente a partir da representação social de progresso, esse com os pilares na industrialização. O rural tem suas representações fundamentadas no refúgio, na tranquilidade e na abundância (WILLIAMS, 1989), como no atraso à modernização social. Contudo, construir sua identidade como jovem rural não estaria relacionado de forma pejorativa ao atraso, caso houvesse a construção de uma identidade de resistência e de projeto. Esse é o caso de movimentos que valorizam o meio rural através de uma reconfiguração socioeconômica, a exemplo da Economia Solidária e do Cooperativismo. Também em casos em que há um retorno ao campo, normalmente como solução encontrada por famílias que não encontraram espaços no meio urbano, a exemplo de diversas famílias que buscam o MST.

Através da vivência em acampamentos e assentamentos, os jovens filhos de pais assentados tiveram a possibilidade de estar envolvidos em um processo de formação de

48 A modernidade a que se refere o termo é a do século XVIII, quando o Ocidente promoveu, através do Iluminismo, a necessidade de organizar a sociedade por meio da razão e da ciência, e não mais dos preceitos religiosos que anteriormente eram hegemônicos na sociedade e nas práticas culturais ocidentais. No entanto, o processo histórico não possibilita delimitar fim e início para os fenômenos sociais, o que nos mostra que o projeto moderno existiu concomitantemente com as crenças anteriormente construídas.

criticidade, pela própria experiência de defesa da reforma agrária. Não podemos crer, no entanto, que todas as famílias que aderiram ao movimento social desejavam a transformação social, mas partimos do pressuposto de que houve a redefinição da posição dos sujeitos, agora constituídos como Sem Terra, na sociedade. De acordo com Castells (1996), a identidade de resistência é:

criada por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica de dominação, construindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade, ou mesmo opostos. (CASTELLS, 1996, p.24)

Essa identidade está ligada à criação de resistências coletivas e formação de comunidades. Ela está relacionada diretamente às vivências do MST, assim como podemos ampliá-la às comunidades ligadas aos grupos de Economia Solidária. No entanto, um movimento social como o MST e iniciativas como as que envolvem o projeto Esperança/Cooesperança e a Coopercedro não se caracterizam somente pela resistência. Isso porque tais grupos *projetam* um futuro diferente para a sociedade, com ideais de transformação do manejo da terra, da relação sujeito e natureza, das relações entre os indivíduos, e da transformação da economia para um comércio justo. Bogo (2010, p.119) afirma que "se optarmos pela resistência, teremos a "estagnação" da identidade e, com o tempo, ela perderá as forças e retrocederá". O autor defende que a identidade de projeto reformula os conceitos, combinando a defensiva ativa e a ofensiva. Por estarem inseridos nestes ambientes, é necessário analisar se existe e qual é a apropriação realizada por esses jovens dessas identidades, de resistência e de projeto, através da recepção do Jornal Nacional.

Castells (1996, p. 20) entende como movimento social toda "ação coletiva com um determinado propósito cujo resultado, tanto em caso de sucesso como de fracasso, transforma os valores e as percepções da sociedade". A partir da combinação de três elementos-identidade, adversário e objetivo - o MST se configura como movimento social e tem como seu principal adversário os latifundiários ou donos de propriedades não regularizadas ou improdutivas⁴⁹, ou seja, aquelas que são objetivos das ocupações de terra, metodologia adotada pelo movimento. Podemos dizer que o MST também tem como adversário o

⁴⁹ Campos (2011, p. 105) afirma que "terras improdutivas" é um termo vago e sua definição é baseada em critérios imprecisos. Sua crítica aponta para dados desatualizados e para a pouca aplicação prática do termo.

agrobusiness, sobre o qual recaem críticas que o fazem ser considerado um modelo de desenvolvimento rural que compete com a reforma agrária ao utilizar áreas improdutivas e visar ao mercado externo.

O cooperativismo, em especial a Coopercedro, é uma forma encontrada pelos pequenos produtores para escoarem sua produção a partir da autogestão. Os grupos de Economia Solidária estão inseridos no contexto de crise do desemprego que afetou muitos países, sobretudo a América Latina, na década de 1990⁵⁰. O movimento de uma *Outra Economia*/Economia Solidária, na qual esses empreendimentos econômicos solidários se inserem, são expressões e consequências da conjuntura de crise neoliberal do final do século XX.

O contexto em que os jovens da amostra vivem é o da agricultura familiar, onde é essencial a instituição familiar para o andamento da propriedade como negócio em si. Assim, o local de residência se confunde com o local de trabalho e a estrutura familiar tem primordial importância. É comum a máxima de que “filho de agricultor é agricultor”. Nesse sentido, Abramovay *et al* (2001, p.25) explicam que:

Não existe atividade econômica onde as relações familiares tenham tanta importância como na agricultura. Em primeiro lugar, a esmagadora maioria dos agricultores contemporâneos continua a atividade paterna, o que não ocorre em nenhuma outra profissão.

Em alguns casos, os filhos acompanham os pais desde pequenos nas lidas da agricultura e são encorajados por eles a ficar na propriedade. Os jovens que não desejam estudar, por vezes, decidem manter-se no campo. Abramovay *et al* (2001) afirmam que a asserção de *que ou se estuda, ou se permanece no campo* é uma realidade para muitos jovens da agricultura familiar. Investigações apontam que a agricultura é citada como uma das alternativas de projeto de futuro dos jovens, sendo, também, a migração urbana uma hipótese (ABRAMOVAY *et al*, 2001). Suas escolhas baseiam-se em vários fatores, como as condições financeiras da família, os recursos naturais da propriedade e os anseios dos jovens, o que eles querem para si e para seu futuro, levando em consideração seus sentimentos de pertencimento

50 Marques (2011) ressalta que as práticas de autogestão no mundo do trabalho não começaram nessa época, mas sim reemergiram, pois estavam embrionadas nas teorias de Proudhon e Bakunin, elaboradas no século XIX, por exemplo.

ao espaço rural ou não. Nas propriedades em que as famílias estão mais estabilizadas é onde o jovem tem mais tendência a ficar no meio rural. Champagne (1986), ao apresentar a perspectiva da realidade francesa, assegura que o desejo de continuar como agricultor está relacionado ao que os jovens pensam de seus pais, o que não foge, ainda, do conflito geracional e da luta de poderes.

Segundo Champagne (1986), há uma crise de identidade social nos jovens rurais. O estilo de vida urbano sofreu uma irrupção nas últimas décadas e, somando-se à diminuição da população agrícola ativa no meio rural, aspecto encontrado na França e também aqui, aspectos do estilo de vida urbanos viraram parâmetros de comparação. Muitos jovens afirmam que, na cidade, há menos obrigações, já que no meio rural trabalha-se todos os dias, pois a propriedade não pode ficar sem cuidados. Motivos econômicos também distanciam o meio rural do futuro dos jovens. Muitos deles veem os pais trabalhando arduamente e, por vezes, sem obter retornos financeiros satisfatórios, o que é significativo na construção das identidades dos jovens e em suas escolhas de vida.

No meio rural, os jovens assumem, por ora com idade tenra, algumas atividades laborais e auxiliares na produção. Um dos apontamentos frequentes dos jovens rurais é que não há um horário definido para o trabalho, assim como não há férias e o trabalho no meio rural é pesado. Champagne (1986, p.5) frisa o ponto positivo das propriedades rurais:

No entanto, uma das propriedades, talvez a mais original, do meio rural reside no fato de que a posse de uma propriedade, mesmo de pequeno porte, permite à família viver ou, em todo caso, sobreviver, diferentemente dos assalariados, estes sim, totalmente dependentes do mercado de trabalho para viver de sua atividade profissional. Os agricultores podem gozar de uma relativa autonomia em relação ao mercado econômico e viver em auto-subsistência.

Na cidade, ponto de chegada do fluxo de jovens que deixam o campo, ocorreram modificações no mercado de trabalho e no regime de acumulação do capitalismo, agora flexível. As transformações são diversas, desde a redução de salários, a preferência por contratos temporários e a ausência de benefícios sociais. Essas características do mercado de trabalho urbano parecem não frear o ritmo constante de êxodo rural juvenil.

De acordo com o IBGE 2010, o ritmo de saída de pessoas do campo diminuiu nos últimos anos. Nas décadas de 1970 e 1980, a migração para os grandes centros urbanos ocorria devido à mecanização do campo, o que acabava por expulsar a mão de obra da

agricultura. Esse movimento migratório continua a ocorrer, no entanto, seu ritmo diminuiu. Em 2010, 84,4% das pessoas viviam nas cidades, contabilizando 23 milhões a mais que em 2000.

Com os movimentos de deslocamento urbano-rural que ocorrem na contemporaneidade, como os que vivenciam nossa amostra, pode ocorrer uma amenização do rural como atraso, o que depende de fatores como projetos de vida que interliguem os dois espaços. No entanto, caso ocorra uma tensão, a possibilidade do deslocamento para o meio urbano pode fazer com que haja uma potencialização do rural como atraso. Os jovens que circulam entre o campo e a cidade e constroem seus projetos de vida interligando os dois meios são os jovens que se beneficiam das fronteiras culturais entre o campo e a cidade (CARNEIRO, 2005).

Não se pode mais pensar o rural separado do urbano, nem o urbano como em uma relação vertical com o rural. O urbano, seja através do consumo ou em outras formas, adentrou o meio rural. O rural também adquire importância na cidade, seja como provedor de alimentos, seja como local de turismo e lazer. Na América Latina, o uso de binômios como *rural/urbano* são colocados em xeque, pois há uma conformação distinta:

a mestiçagem, que não é somente fenômeno racial do qual viemos, mas trama contemporânea de modernidade e descontinuidades, de formações sociais e estruturas de sentimento, de memórias e imaginários que remexem o indígena com o rural, o rural com o urbano, o folclore com o popular e o popular com o massivo. (MARTÍN-BARBERO *apud* ESCOSTEGUY, 2001, p.161)

As novas fronteiras culturais enfatizam a perspectiva da minoria populacional que ali mora, extrapolando o regime único do campo como local agrícola⁵¹ e, assim, sendo um local somente habitado por profissionais que têm como renda a agricultura. Os jovens são os moradores que mais estão inseridos nesse novo contexto, pois, desde cedo, por falta de escolas no meio rural, em especial no nível do Ensino Médio, começam a frequentar locais na cidade, participando de suas atividades e retornando no final do dia ou durante o final de

51 Graziano da Silva (2001) esclarece que um dos mitos relacionados ao campo é o fato de que o rural é predominantemente agrícola. De forma constante, têm-se aumentado o número de atividades não agrícolas no meio rural em diversas áreas, como servente de pedreiro, motorista e empregada doméstica. De acordo com os resultados do PNAD/IBGE, a participação das pessoas ocupadas em atividade agrícola diminuiu de 28,4% para 19% no Brasil, entre os anos 2004 e 1992. As famílias brasileiras garantem sua sobrevivência através de transferências sociais – aposentadorias e pensões, bem como em ocupações não agrícolas. (GRAZIANO DA SILVA, 2001)

semana ao seu lar.

Afirmar que “somos daqui” ou “pertencemos a este lugar”, elementos apontados por Bauman (2004) em relação à comunidade, dá-nos uma pista sobre de que modo podemos pensar a identidade híbrida do jovem contemporâneo que mora na zona rural. Como vimos, Bauman (2004, p.18) afirma que o “pertencimento” e a “identidade” não são sólidos como rochas, o que não os fazem ser garantias para a vida inteira. Sendo elementos negociáveis e revogáveis, eles dependem das escolhas do indivíduo. Com o discurso de pluralidade da construção de identidades, pode haver tensões e contradições tanto na ação social quanto na autorrepresentação que geram comportamentos ambivalentes (CASTELLS; 1996, HALL; 2001).

Não é somente a questão do rural e do urbano que se redefine, o que já incide no processo identitário, mas ainda o *global* e o *local*. Falar de identidades locais em tempos de globalização é, também, falar da tensão gerada entre o *global* e o *local*, especialmente na transformação de identidades citada por Hall (2001). As identidades particulares se apresentam como uma forma de vínculo mais estreita que a identidade nacional ou a global. No debate de urbanização da sociedade e também de seus modos de vida, é importante examinar a hipotética homogeneização cultural das sociedades rurais. Afinal, seria o fim da identidade camponesa?

Hall (2001) menciona que há formação de novas identidades, essas globais e locais, uma não anulando a outra. Não se pode pensar em identidade camponesa construída em uma comunidade hermética, já que as identidades culturais estão sujeitas aos movimentos socioculturais. Desse modo, acreditamos que as culturas camponesas se mantêm, mas potencialmente modificadas (CARNEIRO, 1998). Através da hibridização e da dispersão das referências culturais, não cabe mais ao popular contemporâneo a rigidez e o idealismo de um monobloco identitário, visto que ele está inserido na estrutura social e, naturalmente, reconfigura-se identitariamente no processo histórico.

Hall (2003) trabalha a identidade como diáspora, ou seja, o deslocamento espacial e temporal dos indivíduos. Escosteguy (2001, p.150) afirma que para Hall "a hibridação deixa sua marca, e a fluidez da identidade torna-se ainda mais complexa pelo entrelaçamento de outras categorias socialmente construídas, além das de classe, raça, nação e gênero". No entanto, Hall (2003, p.74) diz que o termo hibridismo tem sido mal interpretado. Para ele, "o hibridismo não se refere a indivíduos híbridos, que podem ser contrastados com os

"tradicionais" e "modernos" como sujeitos plenamente formados". A raça mestiça, por exemplo, nada tem a ver com a hibridez que o autor referencia. O hibridismo se refere ao processo de tradução cultural dos sujeitos, onde, como lembra Bhabha (*apud* HALL, 2003, p.74-75) "não é simplesmente apropriação ou adaptação; é um processo através do qual se demanda das culturas uma revisão de seus próprios sistemas de referência, normas e valores". A partir, então, de uma certa negociação com a "diferença do outro", "há a revelação de uma insuficiência radical de nossos próprios sistemas de significado e significação".

Trabalhamos aqui a identidade como noção de fragmentação e não de unicidade. Isso nos ajuda a pensar a ideia dos jovens, no meio rural brasileiro contemporâneo, a partir dos espaços que eles transitam nas novas fronteiras culturais, especialmente através de seus projetos de vida. O rural e o urbano se reconfiguram, inseridos em um processo maior em que o global e o local também se modificam. Apresentamos também as identidades de resistência e de projeto, pois os movimentos sociais, sejam eles o MST ou a Economia Solidária, constroem-se como mediação importante na mediação da recepção.

3.2 A construção social e midiática da juventude

Juventude como problema, desvio, violência, alienação, consumo ou como mobilização. Ao longo das últimas décadas, a juventude foi vista de diversas formas no Brasil. Abramo (1997) lembra que, no final da década de 1990, além da mídia, o meio acadêmico, as organizações não governamentais, os políticos e as instituições do governo passaram a ampliar suas ações para o meio juvenil. Nos meios de comunicação de massa, já é consolidada a temática da juventude, com uma variedade de programas voltados a esse público, como *Malhação*⁵², bem como emissoras de rádio, como a *Rede Jovem Pan Sat*⁵³, e cadernos suplementares em jornais impressos, como *Folha Teen*⁵⁴. No Rio Grande do Sul, cadernos especializados em jornais impressos, como o *Kzuka*⁵⁵, veiculado nos veículos

52 Série jovem brasileira, produzida e veiculada pela Rede Globo desde 1995. No ano de 2012, estreou sua 12ª temporada.

53 Fundada na década de 1970, a emissora tem como público-alvo o jovem e, em 1993, estreou o programa Pânico, que depois ganhou sua versão para a televisão. Tem 52 afiliadas no Brasil, sendo duas no Rio Grande do Sul.

54 Caderno semanal do jornal Folha de São Paulo e voltado para o público adolescente. Publica sobre diversos assuntos como sexo, comportamento, esportes, moda, música, televisão e cinema.

55 Encarte destinado ao público jovem com conteúdo voltado especialmente ao entretenimento e a novidades, sendo veiculado nos impressos do Grupo RBS.

impressos do Grupo RBS, como no Diário de Santa Maria, mostra que a atenção dirigida aos jovens pelo jornalismo tem crescido. Contudo, de acordo com nossos dados empíricos, a leitura de jornais não tem relevância no cotidiano da amostra, sendo que as famílias adquirem raramente periódicos e, quando isso ocorre, normalmente, são os pais que os leem.

A imprensa televisiva apresenta um papel importante na construção da juventude como problema. O envolvimento com o tráfico, o consumo de drogas, a prostituição, a violência e o envolvimento com gangues, o bullying, entre outras temáticas são abordadas pela mídia como problemas individuais. Não ocorre uma relação sistemática com fatores estruturais, como com elementos socioeconômicos. É uma característica não explicar esses acontecimentos através da cultura, optando por trazer como fontes educadores, psicólogos e representantes da lei, que possibilitam dar a "versão do adulto" sobre o fato (MAZZARELLA, 2009).

No meio acadêmico, grande parte das pesquisas visa a discutir as instituições – família, escola ou justiça – que circundam a vida dos jovens, sendo um campo em consolidação as investigações que atentam às percepções dos jovens, à sua sociabilidade e às suas experiências (ABRAMO, 1997). O crescente número de estudos sobre a juventude provém, também, da reivindicação dos jovens por maior visibilidade, em especial por políticas públicas que envolvam o mundo do trabalho, como emprego e geração de renda, ou, ainda, lazer e educação (BRUMER, 2006a)

Após grande mobilização juvenil nas décadas de 1960 e 1970, a década de 1980 foi acompanhada pelo refluxo nos movimentos sociais, embora, no meio rural, alguns emergiram, como o próprio MST.⁵⁶ Desde a década de 1990, Abramo (1997, p.26-27) já analisa a preocupação com a ausência dos jovens nos espaços de participação política. Para ela:

Essa ausência diz respeito tanto à inexistência ou fraqueza de atores juvenis nas esferas políticas (ao contrário do que outrora foram as entidades estudantis e as juventudes partidárias), como à baixa adesão de jovens aos organismos e movimentos políticos. A maior parte dos atores políticos queixa-se da distância que os jovens têm demonstrado para com as suas proposições, bandeiras e formas de atuação, o que reflete, em primeiro plano, uma preocupação com a renovação de quadros no interior dessas organizações, mais do que em tratar e incorporar temas levantados pelos próprios jovens.

56 O Movimento dos Agricultores Sem Terra (Master) surgiu no Rio Grande do Sul em 1960 e conquistou o apoio do então governador Leonel Brizola. Foi através dele que táticas como a ocupação de terras e acampamentos começaram a ser implantadas no estado. O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) provém deste histórico de movimentação e organizou em 1979 a ocupação na Fazenda Sarandi, sendo que estabeleceu o primeiro assentamento em 1984.

O diagnóstico principal na década de 1990 é de uma juventude individualista⁵⁷, propensa ao exagero no consumo e às soluções imediatistas, características mais alinhadas ao pensamento de cunho neoliberal. Embora os estudantes mobilizados pela União Nacional dos Estudantes tivessem saído às ruas no impeachment do Collor⁵⁸, em 1992, as manifestações foram caracterizadas pela mídia como de caráter espontâneo e não organizadas. Os espaços de participação política para jovens tornaram-se esvaziados, as mobilizações estudantis foram rechaçadas, a política como um todo foi e é tema geralmente desqualificado. Novos espaços de interação e de discussão têm sido reivindicados, especialmente na internet. No entanto, uma parcela dos jovens ainda não se apropriou dessas ferramentas e dos novos espaços que possibilitam essa cultura política.

Nossa amostra não se sente partícipe desses novos processos de participação políticas. Os jovens, contudo, não participam dos antigos modos de fazer política: não fazem questão de votar e não se sentem interessados na política. A maioria apresenta a corrupção mostrada na televisão como um dos principais fatores para isso.

Antes os jovens se interessavam mais por política. Agora não, a política mudou. Agora os políticos querem tirar dinheiro do povo. Não tenho nenhum amigo que goste de política, nem do MST. Faz tempo que não vejo isso. (Raimundo, assentamento Carlos Marighella)

Mesmo porque digamos a política agora tá uma roubalheira. Sei lá, um deputado ou um senador vai lá e rouba sei lá quantos milhões da sociedade. Tem uma CPI instalada de um projeto, uma coisa assim. Não interessa muito. (Pedro Henrique, assentamento Carlos Mariguella)

Política, (risos) nenhum (jovem)! Nunca gostaram. Não gosto de política. Eu pessoalmente não gosto de política. Não votei até hoje que era pra votar com dezesseis, não votei. Quando tá dando coisa de política num canal eu vou lá para uma coisa de exibição com a venda de notebook, essas coisas. O pai diz assim: mas quando tu vai votar? Até voto, mas tudo em branco!! Meu voto não serve pro sujeito lá, não! (Igor, Grupo Terra Viva)

Mirela - Acho que os políticos não estão muito ligados no que o governo tem que fazer pela sociedade. Eles não pensam tipo nas melhorias, o que traz de melhor pela sociedade.

Júlia - Por que tu não gostas de política?

57 Quando se perde o interesse por atividades coletivas e com o social, quando há algum problema, a culpa é do indivíduo, não da sociedade.

58 Foi o primeiro presidente eleito após o regime militar (1964-1985), teve seu governo envolvido em diversos episódios de corrupção e, através de uma CPI, conclui-se que ele desonrou a presidência ao ter envolvimento com o "Esquema PC". Com grande pressão de movimentos sociais e organizações como OAB, Collor renuncia para evitar o impeachment. Por 76 votos a 3, o Senado aprovou sua inelegitimidade por oito anos.

Mirela - Eu até penso nas coisas pra melhorar, mas não sei, acho que muita corrupção, sempre.

Júlia - Onde você ouviu sobre corrupção? Conheceu alguém corrupto?

Mirela – Eu não conheci nenhum, mas ouço nos jornais, pela internet e até pelos pais que falam em casa.

(Mirela, Coopercedro)

Não é que eu não goste de política, infelizmente as pessoas se contentaram em dizer da seguinte forma: esse vai roubar menos. (Lúcia, assentamento Carlos Marighella)

O discurso da indiferença para Bourdieu (1991) representa a impotência tanto do voto, como de falar politicamente ou de fazer política. Também podemos analisar nesses dois últimos quesitos o que significa política para as pessoas e quem pode ter acesso a ela. É frequente o discurso nas falas dos jovens de distanciamento da política, mesmo em um ambiente de mobilização social são raríssimos os jovens que afirmam categoricamente que gostam de política.

Nas falas, percebe-se o fato consequente da democracia representativa, que acaba por gerar, por vezes, um distanciamento entre o sistema de votos em um político e o que ele faz em seu mandato. Nota-se, também, como bem disse Bourdieu, a fragilidade do conceito de política. Desde a década de 1970, o meio acadêmico trata de ampliar o conceito do que é político, que se restringia aos cargos, às eleições e aos mandatos. O cotidiano político do cidadão comum, este estaria em segundo plano, pois não se sentia à vontade de falar politicamente ou de fazer política.

Percebemos que ser jovem não significa estar compreendido em uma faixa etária, pois faz parte de relações socioculturais mais amplas. Bourdieu (1983, p.113) diria que a juventude, bem como a velhice, ‘não são dados, mas construídos socialmente na luta entre os jovens e os velhos. As relações entre a idade social e a idade biológica são muito complexas’. Ser jovem é, assim, uma construção social em constante disputa de poder. Em suas palavras:

na divisão lógica entre os jovens e os velhos, trata-se do poder, da divisão (no sentido de repartição) dos poderes. As classificações por idade (mas também por sexo, ou, é claro, por classe...) acabam sempre por impor limites e produzir uma ordem onde cada um deve se manter em relação à qual cada um deve se manter em seu lugar. (BOURDIEU, 1983, p.112)

De acordo com Ariès (1981), foi com a obrigatoriedade de frequência à escola que houve o começo da definição do que era a adolescência, visto que, nos séculos XVI e XVII,

não se tinha uma distinção nítida entre infância e adolescência. No entanto, era comum que crianças começassem a trabalhar, assim como muitas nem ingressavam nas escolas. No final do século XIX e início do século XX, as crianças não eram um grupo social distinto dos demais, sendo caracterizados como adultos em miniaturas. Na classe mais alta, no entanto, recebiam um tratamento diferenciado, com papéis específicos, especialmente a partir da educação e da iniciação às belas artes – música e pintura, por exemplo. Nas famílias rurais, no entanto, o cenário era outro, já que as crianças, em sua maioria, não frequentavam a escola, e o ofício era passado dos pais aos filhos. Mazzarella (2009) aponta uma diferenciação de gênero na maioria das famílias, uma vez que os meninos aprendiam a trabalhar a terra e as meninas se especializavam no serviço doméstico.

Com o processo da industrialização e da urbanização que, no Brasil, ocorreu de forma expressiva a partir da década de 1940, muitas famílias passaram a ter mais tempo livre, o que possibilitou uma reestruturação do papel econômico dos jovens na instituição familiar. Nas décadas seguintes, os adolescentes formaram uma geração, e a indústria começou a fornecer produtos específicos para a juventude, que passou a ter experiências compartilhadas. A categoria *geração* ficou mais lembrada que elementos como etnia ou classe social. Uma cultura emergente passou a ser construída e, assim, mercantilizada.

Os jovens como consumidores e inseridos na cultura juvenil que visa ao lucro, seja através da moda, da música, de acessórios ou de linguagens, é uma forma de pensar a juventude. Essa cultura é veiculada principalmente na mídia por meio da indústria da cultura e levanta questionamentos sobre as identidades locais dos jovens, como aponta Weisheimer (2005, p.23-24):

Parece-nos que é esse processo que leva Maria José Carneiro (1998; 1999) a sugerir que as identidades locais não são mais sustentadas na homogeneidade de padrões culturais, mas na diversidade, e, principalmente, na maneira específica de combinar práticas e valores originários de universos culturais distintos, o que identifica como “rurbanização”. Ainda segundo essa autora, nesse contexto, os jovens filhos de agricultores reelaboram suas identidades sociais e passam a questionar os projetos de reprodução de modos de vida pautados exclusivamente na atividade agrícola, reivindicando padrões de vida, valores e condições materiais tidos como “urbanos”, o que se expressa no “ideal rurbano”. (CARNEIRO, 1998; 1999).

Para Durston (1998), o aspecto social da juventude equivale à fase em que há o aumento progressivo da presença do trabalho produtivo na vida cotidiana do sujeito. O jovem assume uma posição de gestão econômica, possibilitada por um desenvolvimento gradual de

uma subjetividade social de um novo adulto. A etapa final da juventude é, assim, mais cultural do que biológica e varia, também, de acordo com a classe social do sujeito.

Durston (1998) afirma que, no campo, os processos juvenis começam e terminam de forma mais precoce que no meio urbano. O autor aponta que é característica de parte da juventude rural latino-americana uma vida de carência em relação à educação, ao lazer e à autorrealização. Em suas palavras:

Sí es cierto, en contraste, que esa mayoría vive una juventud **carenciada**, en que ninguno de los procesos esenciales aludidos se desarrollan en forma plena y exitosa. Estas carencias, que no son exclusivas de la etapa juvenil de vida, surgen por causas conocidas: por pobreza, aislamiento, violencia o discriminación étnica. Los síntomas que son específicos a la etapa juvenil abarcan privaciones en las posibilidades de juego, de aprendizaje, de disfrutar con sus pares de espacios propiamente juveniles, de desarrollo personal y autorrealización. (DURSTON, 1998, sem página⁵⁹)

O estereótipo mais frequente apontado por Durston (1998) é o fato de o jovem rural estar fadado a uma vida sem alternativas. Seguindo essa linha de raciocínio, a única saída para esse jovem seria a migração para o meio urbano. Champagne (1986, p.16-17) também demonstra que o estereótipo de uma vida sem alternativas pode ser aplicado ao panorama francês. Vejamos alguns exemplos:

Trata-se de jovens, rapazes essencialmente, hoje pouco numerosos, que ficam na propriedade familiar, não por opção, mas por necessidade ou por exigência familiar. É preciso assumir a pequena produção porque a situação de fracasso escolar não permite pensar em outra coisa a não ser tornar-se operário (“*Penso que vou exercer a profissão de meus pais, pois não há necessidade de estudos e eu não gosto dos estudos*”) ou desempregado (“*nunca falta trabalho na agricultura*”; “*não há desempregados na agricultura*”)

De fato, a consequência da migração para o meio urbano ocorre, e ela acontece especialmente na vida de mulheres. Brumer e Weisheimer (2006b) afirmam que o trabalho feminino não é reconhecido, inclusive é invisível no meio rural. É interessante fazermos o exercício comparativo, pois na França ocorre também essa dificuldade em reconhecer o trabalho feminino no meio rural. O trabalho da mulher acaba sendo acessório e complementar. A citação a seguir é extensa, mas explicativa. Nos exemplos de Champagne (1986, p. 13):

59 A publicação encontra-se disponível sem numeração de páginas neste endereço: <<http://www.eclac.org/publicaciones/xml/6/4646/capI.html>>

Se, de um modo geral, as moças rejeitam a atividade agrícola muito mais intensamente do que os rapazes, é porque se trata não só de uma atividade, profissional muito absorvente (comparada à da “dona de casa”, para aquelas que se casam com um assalariado), mas, além disso, de um trabalho que ainda continua sendo considerado no meio rural como um simples complemento em mão-de-obra, um simples auxílio para o chefe da produção. Pode-se constatá-lo na descrição do trabalho de sua mãe, que a maior parte das moças faz ainda hoje: *“Minha mãe não é verdadeiramente agricultora. Ajuda meu pai a ordenhar as vacas, a cuidar dos bezerras e a dar de comer aos porcos. Ela se ocupa de seus coelhos, de suas galinhas e de seu jardim. Antes, ela ajudava meu pai durante as colheitas, porém agora não pode mais. Ela se ocupa também dos trabalhos domésticos, claro”*. A essa descrição precisa, podem acrescentar-se outras formulações, mais breves, mas tão significativas, tomadas ao acaso das cópias: *“Minha mãe não tem profissão, ela trabalha para meu pai”*; *“a profissão de minha mãe consiste em ajudar meu pai”*; *“minha mãe ajuda meu pai a exercer seu ofício de agricultor”*, etc. As moças, que provavelmente expressam mais diretamente a opinião de sua mãe, declaram de maneira mais brutal sua rejeição desta condição feminina.

A compreensão da ação juvenil tem que ser entendida a partir de uma perspectiva macrossociológica aliada às experiências individuais do cotidiano dos jovens (MELUCCI, 1996). Os projetos de vida dos jovens estão, cada vez mais, relacionados aos anseios pessoais da juventude, sempre amparados pelo cenário situacional. Nas palavras do autor:

Para o adolescente moderno, por outro lado, a relativa incerteza da idade é multiplicada por outros tipos de incerteza que derivam simplesmente dessa ampliação de perspectivas: a disponibilidade de possibilidades sociais, a variedade de cenários nos quais as escolhas podem ser situadas (MELUCCI, 1996, p. 11).

Brumer (2006a) explica "que a rejeição à atividade agrícola não significa necessariamente rejeição à vida no meio rural". Nesse ponto, lembramo-nos dos argumentos de Wanderley (1999) sobre a sociedade rural ser um espaço peculiar de vida, ou seja, esse meio é constituído historicamente a partir de determinadas dinâmicas, internas e externas, que se caracterizam pela sociabilidade local e pela integração com a vida urbana. Logo, os jovens podem se identificar com seu modo de vida, não optando, no entanto, pela labuta agrícola.

3.3 O rural como espaço de vida

O meio rural, de acordo com Wanderley (1999, p. 297), é um “espaço suporte de relações específicas, que se constroem, se reproduzem ou se redefinem sobre este mesmo

espaço e que, portanto, o conformam enquanto um singular espaço de vida”. Através de uma dinâmica social, as relações são construídas por seus habitantes a partir, também, do parentesco e da vizinhança, já que a família é importante referência de convergência para o meio rural, pois a partir dela é construído o pertencimento ao espaço de vida.

No entanto, não podemos afirmar que o rural está isolado, como uma caixa hermética, de contatos com o meio urbano. Esse caso, se é que existiu, não se aplica às formações múltiplas da sociedade contemporânea.

Desde muito tempo a grande propriedade é a forma dominante de controle da terra no meio rural brasileiro. Holanda (1979) afirma que o latifúndio surgiu ao sabor das conveniências da produção e do mercado. A metrópole portuguesa, não sendo industrializada, investiu na produção de diversos gêneros agrícolas na colônia. A ideia de povoar não foi ideia inicial da Coroa portuguesa, pois foi o comércio que os interessou (PRADO JÚNIOR, 1994). Porém, o estabelecimento de feitorias comerciais acabou por criar os primeiros povoados, mais com o intuito de organizar a produção. A grande propriedade se tornou a unidade produtiva, a exemplo do Nordeste e a produção de cana-de-açúcar.

Os portugueses implantaram no Brasil uma civilização de raízes rurais e não apenas agrícolas e, sendo o meio urbano dependente deste domínio, não havia uma burguesia urbana independente. No Brasil, eram os meios urbanos que se faziam prósperos às custas da produção agrícola, e as funções mais elevadas e bem remuneradas eram realizadas pela elite agrária (HOLANDA, 1979). O zelo era dedicado, também, à propriedade rural, e a casa na cidade mantinha-se mais simples. As diferenças em relação à atualidade são marcantes, pois, hoje, quando se fala em interior e em meio rural, pensa-se em região pouco povoada.

Atualmente as áreas improdutivas, juntamente com o latifúndio inabitado, são exemplos de áreas sem vida social, onde a função residencial inexistente ou está reduzida, pois é raro ou inexistente o contato social. Hobsbawm (2007) lembra que mesmo em áreas produtivas pode haver um deserto verde, onde se torna difícil encontrar vida social. É, como lembra Wanderley (1999), a grande propriedade representando a forma urbana de apropriação do meio rural.

A agricultura está condicionada a algumas leis biológicas, fato que o desenvolvimento tecnológico visa a abrandar, seja diminuindo o tempo dos ciclos das culturas seja através das variedades genéticas. O movimento científico e as inovações tecnológicas, como a mecanização, tiveram consequências diretas para o meio rural, o que acabou gerando a

migração para centros urbanos ou para a urbe mais próxima da propriedade rural (JOVILLET, 1998). Entretanto, há outros fatores que impulsionam o movimento rural-urbano, como a já comentada diminuição do tamanho das pequenas propriedades, já que muitos jovens, em especial mulheres, rumam ao meio urbano em busca de trabalho e normalmente não retornam por terem maior inserção no mercado de trabalho. Não é à toa que a masculinização do campo é apontada por vários autores como um dos principais problemas de reprodução produtiva (SPANVELLO; 2003, WEISHEIMER; 2005, CARNEIRO; 2005; COSTA; 2012), já que acarreta problemas na sucessão hereditária e na própria existência do campo como meio social.

A Campanha Gaúcha, de acordo com estudo qualitativo realizado por Cassiane da Costa em pesquisa de mestrado, era a região com maior predomínio de homens no RS, em 2007. E essa relação chegou a atingir uma proporção de 128 homens para cada 100 mulheres (COSTA, 2010). Costa (2010, p.8), hoje doutoranda em Extensão Rural na Universidade Federal de Santa Maria, afirma que a masculinização do campo está relacionada com a seletividade e, como consequência, com o celibato masculino⁶⁰ no meio rural. Essa seletividade é um fenômeno que tem como explicação diversos fatores

a intensidade do patriarcado no espaço rural, interferindo no reconhecimento da mulher nestes espaços, como mostrado, no caso espanhol, por Rioja et al (2009) e, no brasileiro, por Giron (2008), Buto e Hora (2008) e Magalhães (2009); as características do trabalho desenvolvido pelas mulheres, em torno do lar, do cuidado da família e da produção para subsistência, trabalho reprodutivo, e da interferência da modernização da agricultura sobre esta questão (BRUMER, 2004; PANZUTTI, 2006); o maior nível de estudo das moças (CAMARANO, ABRAMOVAY, 1999; SIQUEIRA, 2004); o desapego das jovens à vida rural e aos parceiros rurais, como trabalhado na experiência francesa (BOURDIEU, 2004); a divisão desigual da herança e acesso à terra, como na realidade do Sul do Brasil (PAULILO, 2004; BRUMER, 2004); e a necessidade de trabalho demandada pelos principais sistemas produtivos das regiões (COSTA, 2010).

É importante discutirmos se há uma oposição entre o rural e o urbano, visto que isto incide na análise das representações dos espaços. Não nos filiamos à abordagem teórica que crê que o urbano e o rural vivem um *continuum*, em que não há uma ruptura da passagem entre esses dois meios, e sim uma continuidade, já que não há uma homogeneização que reduz

60 O termo “célibat paysan” - celibato camponês - é utilizado por Pierre Bourdieu na década de 1960 em sua pesquisa realizada em Béarn, na França. O estudo aborda o celibato masculino como elemento central na crise do campesinato, provocando problemas em sua reprodução social.

as distinções entre o rural e o urbano dominado pela cena urbana (CARNEIRO, 1998). Embora devamos realizar uma oposição entre rural e urbano, não acreditamos na dicotomia entre o mundo rural e o mundo urbano, em que o caráter de oposição pode gerar análises embrutecidas pelo isolamento desses espaços. Nossa pesquisa filia-se à abordagem do *continuum* como uma aproximação entre os meios urbano e rural e, mesmo com essa aproximação, é uma vertente que crê na existência do rural com características próprias, como afirma Wanderley (2001, p.33):

A afirmação da permanência do rural, enquanto espaço integrado, porém específico e diferenciado, é reforçada quando se leva em conta as representações sociais a respeito do meio rural. Considero particularmente fértil, nesta reflexão, a idéia de que, mesmo quando se atinge uma certa homogeneidade, no que se refere aos modos de vida e à chamada “paridade social”, as representações sociais dos espaços rurais e urbanos reiteram diferenças significativas, que têm repercussão direta sobre as identidades sociais, os direitos e as posições sociais de indivíduos e grupos, tanto no campo quanto na cidade.

Assim, acreditamos que o fim das sociedades rurais não se sustenta, bem como não podemos dizer que o rural está isolado de forma hermética. Afirmar que os sujeitos, esses moradores do campo, não trocam cultura com o meio urbano e vice-versa não é possível. As diferenças entre os meios urbanos e rurais existem, mas hoje podemos falar de um *continuum*. Defendemos que, nesse meio rural, desenvolve-se um espaço particular de sociabilidade, espaço de vida social, visto que lá se constroem seus laços de parentesco e de vizinhança. A partir disso, concluímos que, em grandes propriedades, ou em sistemas de monocultura, onde há pouca ou rara vida social, essa sociabilidade diminui potencialmente.

3.3.1 O Processo de consolidação da Agricultura Familiar

O uso da expressão agricultura familiar acompanha um contexto em que ocorreram modificações políticas e sociais no meio rural, em especial na região Centro-Sul do Brasil. Schneider (2006) aponta que a expressão é fruto de uma síntese formada pelos movimentos sociais do campo, bem como da legitimação, por parte do Estado, a partir da criação, em 1996, do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf). Dessa forma, os agricultores familiares formam uma categoria especial que trabalha no campo e necessita de juros menores e, sobretudo, de políticas públicas que os incentivem de acordo com suas necessidades de manutenção no meio rural e desenvolvimento nesse *locus*.

O termo agricultura familiar começou a ser utilizado, principalmente, na década de 1990, e refere-se tanto aos pequenos agricultores camponeses como aqueles pequenos proprietários que desenvolvem o agronegócio. O que era inicialmente um conceito, atualmente já tem um sentido apropriado no país, pois já é um objeto real compartilhado através da construção de sentidos relacionados sobre o que é a agricultura familiar e o que se vende e se adquire com o produto provindo de sua propriedade.

A agricultura familiar ocupa um dos espaços rurais brasileiros, tendo uma vida social local intensa. Ela é uma contribuição do agricultor familiar na formulação de respostas à crise do modelo produtivista (CARNEIRO, 1998). As feiras das cidades são os locais de escoamento da produção, normalmente ocorrendo de forma direta, ou seja, o agricultor vende seus produtos para os consumidores sem a existência de um atravessador. A precariedade no acesso a bens e a serviços coletivos básicos, assim como a concentração de terra são alguns dos problemas da agricultura familiar. Essas dificuldades são impulsionadoras do êxodo rural. De acordo com Wanderley, para que se mantenha a vida social local:

é preciso que a população rural possa encontrar em seu espaço de vida – que inclui, como foi dito, suas relações com os centros urbanos – os meios necessários para garantir, pelo menos, um patamar mínimo de subsistência, socialmente aceitável. (WANDERLEY, 1999, p. 306)

Guanziroli (2001, p.15) diz que os países com maiores índices de desenvolvimento humano apresentam em comum a presença da agricultura familiar. Ela "desempenhou um papel fundamental na estruturação de economias mais dinâmicas e de sociedades mais democráticas e equitativas". Portanto, além de incentivos na agricultura, é necessário o fornecimento de outros serviços igualmente encontrados no meio urbano. Como diz Guanziroli (2001, p.43), "é preciso também garantir o acesso a serviços essenciais de educação e saúde às famílias rurais, eliminando, desse modo, o viés urbano dos investimentos sociais". Aliando esses serviços essenciais à manutenção e ao desenvolvimento rural, Kageyama (2008,p.70) lembra que:

As características fundamentais das novas trajetórias do desenvolvimento rural são a diversidade – de atores envolvidos, de atividades empreendidas e de padrões de motivação emergentes – e a multifuncionalidade, que implica a reconfiguração no uso dos recursos como terra, trabalho, conhecimento e natureza (reconfiguração que se opera no interior das unidades agrícolas e entre a agricultura e outras atividades rurais).

3.3.2 As experiências de comercialização solidária

As iniciativas de Economia Solidária e de Outra Economia estão inseridas no processo de globalização capitalista que acabaram transformando o mundo do trabalho nas últimas décadas. Termos considerados ultrapassados pelos teóricos do "fim da História", como "trabalho emancipatório", "autogestão" e "coletividade", passaram a ser resgatados pelos trabalhadores, especialmente a partir da década de 1990 (MARQUES, 2011). Dentro da denominação Outra Economia, diversas propostas foram compiladas, desde as atividades institucionalizadas por igrejas, até aquelas realizadas por organizações governamentais e não governamentais.

A Economia Solidária é um modo de produção que se propõe como alternativa ao capitalismo, especialmente através da propriedade coletiva ou associada do capital, o que difere dos elementos básicos do capitalismo. Nas iniciativas solidárias, de forma diferente que em uma empresa heterogestionada, os associados não recebem um salário, mas uma retirada, que é variante de acordo com a receita obtida. A gestão da associação é realizada através da autogestão⁶¹, ou seja, as decisões são tomadas no coletivo, e a “chave dessa proposta é a associação entre iguais em vez do contrato entre desiguais” (SINGER, 2002, p.9). Diferenças entre essas iniciativas e outras se ressaltam ao analisar que:

A unidade típica da Economia Solidária é a cooperativa de produção, cujos princípios organizativos são: posse coletiva dos meios de produção pelas pessoas que as utilizam para produzir; gestão democrática da empresa ou por participação direta (quando o número de cooperadores não é demasiado) ou por representação; repartição da receita líquida entre os cooperadores por critérios aprovados após discussões e negociações entre todos; destinação do excedente anual (denominado “sobras”) também por critérios acertados entre todos os cooperadores. (SINGER, 2000, p.13).

A Economia Solidária organiza parte dos trabalhadores que ficaram desempregados ou que, de forma individual, não conseguiriam sustentar-se no mercado. Assim, "em sua origem há em geral uma comunidade formada por ex-empregados duma mesma empresa capitalista ou por companheiros de jornadas sindicais, estudantis, comunitárias etc" (SINGER, 2000,

61 De acordo com o Dicionário Internacional da Outra Economia (org. Cattani, Coraggio, Laville, 2009), a autogestão é um projeto de organização democrática que privilegia a democracia direta. Esta constitui um sistema em que voluntariamente, sem perceberem remuneração e sem recorrerem a intermediários, os cidadãos debatem todas as questões importantes, em assembleias. A periodicidade dessas reuniões deve ser compatível com a disponibilidade dos agentes envolvidos.

p.21). Os associados ou cooperativados se organizam indo contra os valores da competição individual, pois o empreendimento solidário se apresenta como uma opção político-ideológica que também visa a repensar a primazia do capital sobre o trabalho. Por esses objetivos, faz-se necessário o apoio externo, seja de "empresas solidárias, incubadoras (órgãos especializados em formar e amparar tais empreendimentos), ou de sindicatos, entidades religiosas, organizações não-governamentais (ONG) etc" (SINGER, 2000, p.22).

3.3.2.1 O projeto Esperança/Coesperança

Sendo um dos setores do Banco da Esperança da Diocese de Santa Maria, o projeto Esperança surgiu em 1982, com o objetivo principal de articulação das experiências, tanto no meio urbano quanto no rural, de autogestão de Economia Solidária da região central do Rio Grande do Sul. A partir da lógica da colocação do trabalho acima do capital, o projeto busca valorizar o associativismo e o desenvolvimento solidário e sustentável.

O Esperança/Coesperança promove, junto aos agricultores familiares associados, oficinas e palestras sobre formas alternativas de produção, técnicas de plantio e manejo sustentáveis. A venda dos produtos orgânicos é realizada no Feirão Colonial, localizado no Centro de Referência de Economia Solidária Dom Ivo Lorscheiter, onde alimentos agroecológicos são comercializados de forma direta pelos agricultores familiares. Embora seja um ponto de comercialização, há diversos outros terminais na região onde os grupos escoam sua produção.

O Feirão Colonial, projeto existente desde 1992, é integrante do Esperança/Coesperança e tem sua gestão realizada de forma coletiva, interativa e autogestionária. Atualmente as feiras se realizam aos sábados, ininterruptamente, em uma sede construída para esta finalidade. O projeto é integrado ao Sistema Nacional do Comércio Justo, Consumo Ético e Solidário (SNCJS), tendo como princípios norteadores os seguintes elementos⁶²: a) Fortalecimento da democracia participativa e da organização; b) Garantia de condições justas de trabalho e renda; c) Apoio ao desenvolvimento local solidário e sustentável; d) Respeito ao meio ambiente; e) Respeito à diversidade; f) Garantia de informação ao consumidor e g) Estímulo à integração de todos os elos da cadeia produtiva.

Atualmente o projeto Esperança/Coesperança é uma das principais iniciativas do país

62 Revista Feirão Colonial – 20 anos. Aqui!Outra economia acontece. Santa Maria, 31 de março de 2012.

em relação à Economia Solidária, promovendo encontros estaduais, como a Feira Estadual do Cooperativismo, e atividades como o Fórum Mundial da Economia Solidária. Os feirantes tradicionais encontraram, na institucionalização de uma iniciativa da Igreja Católica, uma forma para continuar com suas atividades. As atividades modificam a vida de pequenos agricultores que trocam o cultivo do fumo pela policultura, fator essencial para a transformação não só do fator produtivo, mas da autogestão e do caráter de escoamento direto e diferencial da produção.

3.3.2.2 Coopercedro

A Cooperativa Central de Desenvolvimento Rural (Coopercedro) possui cerca de 100 associados que são moradores de Santa Maria e região. Em 2010, a cooperativa venceu a licitação para fornecer alimentos para a merenda escolar, iniciativa relacionada à lei federal nº 11.947/2009, que dá apoio à aquisição de gêneros alimentícios diversificados e produzidos em âmbito local, preferencialmente a partir de agricultores familiares.

Atualmente a Coopercedro mantém um convênio com o Colégio Politécnico da Universidade Federal de Santa Maria. Dessa forma, a cooperativa pode utilizar a agroindústria de suínos e o abatedouro de frango caipira. Além dessas iniciativas, a cooperativa faz parte do Compra Direta da Agricultura Familiar, da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) para cozinhas comunitárias, restaurantes populares e supermercados de Santa Maria, como o Carrefour.

3.3.3 O MST e o retorno ao meio rural

Nunca, na América Latina, houve tanta gente desesperada como hoje. O desespero é rebeldia, desperta muito mais capacidade para imaginar saídas, para imaginar formas de união, formas de luta, não para dizer ao mundo que não é o mesmo, mas sim para mudar coisas na vida, no campo, na cidade.

Martín-Barbero

Os conflitos no campo estão presentes desde os tempos da colonização portuguesa, bem como no período da implantação das sesmarias. Os enfrentamentos, por serem

consequências de um problema estrutural, também atravessam o período de lutas indígenas e escravistas, até mesmo quando do pronunciamento da Lei de Terras, em 1850. O meio rural esteve e ainda está em conflito.

No início da década de 1960, a reforma agrária passa a fazer parte da pauta política, o que faz com que haja uma disputa por sua representação. Stédile (2005) aponta que inúmeros grupos já estavam propondo a reforma agrária, como a parte conservadora da Igreja Católica, bem como os movimentos camponeses e o governo João Goulart. Vários movimentos camponeses estavam organizados em classe ou nessa conjuntura já estavam formados ou sendo influenciados, principalmente, por partidos políticos e instituições (STEDILE, 2006). Hobsbawm (1994, p.347) argumenta sobre as possibilidades de trabalho com a reforma agrária:

Presumivelmente, só na década de 1960 ou depois a população rural latino-americana (exceto um ou outro ponto isolado) começou a ver sistematicamente a modernidade mais como uma promessa que como uma ameaça. E, no entanto, havia um aspecto da política de desenvolvimento econômico que se poderia esperar que os atraísse, pois afetava diretamente três quintos ou mais dos seres humanos que viviam da agricultura: a reforma agrária. Esse *slogan* geral da política nos países agrários podia cobrir qualquer coisa, desde o desmonte de grandes latifúndios e sua redistribuição a camponeses e trabalhadores sem terra até a abolição de detenções ou servidões feudais; desde a redução de aluguéis e reformas de arrendamento de vários tipos até a revolucionária nacionalização e coletivização da terra.

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra surgiu no Rio Grande do Sul ainda durante o período da ditadura militar (1964-1985). O movimento provém de uma conjuntura de mobilização no campo também nos estados de Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Mato Grosso do Sul. Diversos segmentos populares passaram a fazer parte deste contexto, em especial após a fundação do Partido dos Trabalhadores, pois houve um espaço de reunião dos diversos projetos populares:

Na década de 1980, os movimentos camponeses, a Comissão Pastoral da Terra, com o apoio político do PT, mais do que recolocarem na pauta política a questão da reforma agrária, transformaram a luta camponesa em uma das principais formas de acesso à terra. (FERNANDES, 2010, p. 164)

O movimento considerava Sem Terra, quando de sua fundação, em 1984, os "parceiros, meeiros, arrendatários, agregados, chacreiros, posseiros, assalariados permanentes e temporários e os pequenos proprietários com menos de 5 hectares" (STEDILE, 2005,

p.177). No entanto, é comum ocorrer interesse pelo movimento por parte de pessoas que vivem em cidades, especialmente antigos agricultores que migraram para o meio urbano.

As propostas do MST vão além da democratização da terra a partir da reforma agrária. O movimento tem críticas em relação ao capital tendo supremacia sobre o trabalho no campo. Para atingir os objetivos do MST, que vão desde a distribuição de renda, o socialismo e a indústria no interior do país, o movimento deseja uma nova política agrícola e um novo modelo tecnológico. Para isso, depende da mobilização popular e da ação do Estado. Cruz (2006, p. 205) analisa o MST inserindo-os na globalização:

No que se refere à questão diaspórica dos Sem-Terra, percebe-se um movimento às avessas: em descompasso com o fenômeno da globalização, onde a tendência preponderante é a da migração campo-cidade, o MST inverte a lógica ao passo em que propõe o retorno (ou permanência) ao meio rural.

Os assentamentos da reforma agrária, que agregam os agricultores familiares, integram uma parcela de trabalhadores rurais que foram expulsos do campo ou que eram assalariados em propriedades alheias, tendo funções variadas. Para ser assentado, deve-se participar do movimento social e permanecer em acampamentos. O retorno à vida rural é, como afirma Wanderley (1999), uma reconstrução da vida local, visto que os assentamentos se configuram como espaços que agregam famílias de diferentes localidades. Além de se adequar à produção da nova região, os assentados terão que estabelecer uma vida social a partir dos contatos com outros assentados, bem como com o meio urbano próximo.

Cada tempo histórico vê a questão agrária de acordo com suas especificidades e conjuntura, assim, mudanças importantes para a agricultura familiar ocorreram nos últimos anos, enquanto outros setores, como a reforma agrária, ficaram estagnados. De acordo com Wanderley (1999), a agricultura familiar, através do Programa de Apoio à Agricultura Familiar (Pronaf), implantado nos anos 1990, foi oficialmente reconhecida pelo governo brasileiro, fazendo com que esses agricultores, antes vistos como camponeses, pequenos agricultores ou a parte mais pobre do campo, façam parte da alternativa ao grande modelo de desenvolvimento do latifúndio. Schneider (2006, p.15) afirma que, primeiramente, veio a pressão dos movimentos sociais do campo, depois, as políticas governamentais, em resposta a essas pressões:

Diante dos desafios que o sindicalismo rural enfrentava nesta época – impactos da abertura comercial, falta de crédito agrícola e queda dos preços dos principais produtos agrícolas de exportação –, a incorporação e a afirmação da noção de agricultura familiar mostrou-se capaz de oferecer guarida a um conjunto de categorias sociais, como, por exemplo, assentados, arrendatários, parceiros, integrados a agroindústrias, entre outros, que não mais podiam ser confortavelmente identificados com as noções de pequenos produtores ou, simplesmente, de trabalhadores rurais.

A demanda pela terra via reforma agrária e a valorização da agricultura familiar, especialmente na década de 1990, quando ocorreu a criação do MDA⁶³, deram consequência à valorização do espaço rural também como lugar de trabalho e de vida. A retomada expressiva da reivindicação pela permanência ou pelo retorno à terra é inserida nesta conjuntura. Foi necessário fazer com que a reforma agrária tivesse um sentido também para os moradores dos centros urbanos. Assim, ela não deveria estar veiculada somente com a justiça social. Com esse viés, a reforma agrária brasileira foi pensada, também, com fortes vínculos com a agricultura familiar, a produção agroecológica e a alimentação urbana.

Para Graziano da Silva (1985), a demanda pela terra, no entanto, não se configura como uma pauta governamental com grande expressão, deixando aos movimentos sociais a função de pressionar o governo com a finalidade de obter soluções para a reforma agrária. Ao analisar o panorama da agricultura brasileira, Graziano da Silva (1985) afirma que é a agricultura industrializada que alimenta a maioria dos brasileiros nas grandes metrópoles. Sendo assim, a reforma agrária não é mais uma necessidade para a burguesia, tornando-se uma demanda dos trabalhadores rurais. Para o autor, o sentido da reforma agrária em nosso país é a ampliação das oportunidades de emprego no meio rural, fazendo com que diminua a pressão da oferta de mão de obra no mercado de trabalho urbano. Para Fernandes (2010, p.193), "embora ele (o MST) seja o movimento camponês mais bem organizado da história do Brasil, suas ações têm conseguido apenas mudanças conjunturais".

3.3.3.1 A história do assentamento Carlos Marighella

63 O Ministério do Desenvolvimento Agrário foi criado em 1999 e tem por competência a reforma agrária, a promoção da agricultura familiar e a regulamentação fundiária da Amazônia Legal. Além disso, é sua responsabilidade atender às comunidades quilombolas no que tange ao reconhecimento e à demarcação de terras.

O Assentamento Carlos Marighella⁶⁴ foi fundado no ano de 2000, na cidade de Santa Maria, e é delimitado pelo bairro Industrial, hoje denominado bairro Agroindustrial, pelo antigo depósito de lixo da Caturrita, atualmente aterrado, pela Penitenciária Estadual de Santa Maria, pelo antigo horto municipal e pela sede campestre da Fundae (Fundação Educacional e Cultural para o Desenvolvimento e o Aperfeiçoamento da Educação e da Cultura).

Com uma localização na área urbana de Santa Maria, o assentamento traz aspectos rurais e urbanos, relaciona o trabalho não agrícola com agrícola. A geração de renda não provém somente da agropecuária, mas sim de outros trabalhos nas proximidades da antiga fazenda Santa Marta, nome da propriedade desapropriada.

O assentamento teve como objetivo inicial ser um exemplo para outros locais no uso coletivo da terra, produção agroecológica e gestão participativa, definições dadas a partir do governo estadual Olívio Dutra (1999-2002) em conjunto com o MST. A implantação do assentamento teve como gênese a forte oposição à política de reforma agrária do governo federal de Fernando Henrique Cardoso (1999-2002), vigente até os dias atuais, que trabalha com a concepção de reforma agrária de mercado, utilizando-se o crédito fundiário e o Banco da Terra.

O modelo da reforma agrária de mercado foi proposto pelo Banco Mundial como alternativa à reforma agrária desenvolvida pelo Estado, que desenvolvia a desapropriação de terras que não cumpriam sua função social. Essa política faz parte de uma série de medidas conhecidas como "agenda BIRD" de cunho neoliberal do Banco Mundial na América Latina, na Ásia e no antigo bloco socialista.

A crítica ao modelo "tradicional" de reforma agrária era a morosidade das desapropriações, além do alto custo ao Estado, já que os Títulos da Dívida Agrária (TDAs) tornaram-se um lucro para o latifundiário (SAUER, 2010, p.101). Outro argumento era que o Estado respondia aos movimentos sociais organizados, ou seja, havia pressão social e, então, a ação governamental. Com a "nova reforma agrária", havia a intenção de tornar o governo o protagonista desse processo.

Os movimentos sociais criticaram duramente a política de reforma agrária de FHC.

64 Nascido em Salvador em 1911, Carlos Marighella foi militante do Partido Comunista e preso durante a ditadura do Estado Novo. Após 1948, viveu na clandestinidade até seu assassinato, fato que ocorreu após duas décadas. Preocupado com as questões rurais, escreveu "Alguns aspectos da renda da terra no Brasil". Foi considerado o *Inimigo Público Número Um* pela ditadura civil-militar brasileira. <http://www.carlos.marighella.nom.br/vida.htm> Acesso em 9 de abril de 2012.

Sauer (2010, 118-9) ressalta que "a reforma agrária constitucional, por sua vez, está fundamentada no cumprimento da função social da propriedade e da terra (arts. 5º e 184 da Constituição Federal, respectivamente) e não em uma relação entre oferta e demanda". Dessa forma, a terra tem um caráter distinto de uma *commodity*, que é transitável como qualquer outra categoria. A reforma agrária tem um viés plural, abrangente, do âmbito político ao ambiental, perpassando a economia e a cultura.

As 18 famílias iniciais, selecionadas previamente e concordantes com os termos de produção, estavam acampadas no município de Joia, no noroeste gaúcho, juntamente com outras 1800. Transferiram-se, em 2000, para a localidade do assentamento, localizado na área urbana, a 12 km do centro de Santa Maria, uma região que se acreditava ter fácil escoamento da produção e grande público consumidor. Os agricultores passaram a produzir sem definições de lotes. Após doze anos, os lotes ainda estão sendo divididos, mas as propriedades têm em torno de 10 hectares cada uma. Contando com uma média de 15 famílias, a produção se baseia em cultura de hortifrutigranjeiros e criação de pequenos animais de corte, gado leiteiro, além de piscicultura.

O solo destinado ao assentamento Carlos Marighella não foi o mais adequado para as técnicas agroecológicas, justamente por estar perto do antigo Lixão Municipal e do Distrito Industrial, além de enfrentar diversos impasses judiciais (RODRIGUES, 2010). Rodrigues concluiu que o MST manteve distância, nos momentos de crise enfrentados na cisão do trabalho em coletivo, enfraquecendo o potencial do projeto piloto de assentamento agroecológico.

PARTE QUATRO – O CONTEXTO DE VIDA DOS ENTREVISTADOS

4.1 Falando sobre eles – apresentação dos perfis

Os movimentos sociais e as iniciativas relacionadas à Economia Solidária necessitam da renovação proporcionada pela juventude para dar continuidade às suas atividades. Em nossa amostra, que é composta por jovens que não são militantes, há uma proximidade com os movimentos sociais proporcionada especialmente pelo ambiente familiar. Os jovens da nossa amostra também entram em contato com as bandeiras histórias dos movimentos sociais, através dos encontros de formação, tanto os do MST como os da Economia Solidária.

Dos jovens, Igor é o que mais está próximo do movimento social, fruto da boa relação que a sua família tem com o projeto Esperança/Coesperança. No entanto, como iremos abordar futuramente, essa relação vai além do âmbito financeiro, pois agrega elementos socioculturais que são ressaltados pelo jovem. O restante dos jovens distanciou-se dos movimentos sociais, especialmente os entrevistados do assentamento Carlos Marighella, ou pretende estreitar a relação, atualmente só financeira ou trabalhista, como é o caso dos jovens da Coopercedro.

Das famílias, as que estão em melhores condições financeiras são as de Pedro Henrique e Igor, seguidas pela família de Vicente. Podemos apontar que o trabalho associativo realizado pelas famílias de Pedro Henrique e de Igor é fundamental para a estrutura financeira desses jovens. A família de Lúcia está passando por um período difícil porque sua mãe está em condição delicada de saúde, mas está auxiliando a família de Pedro Henrique no escoamento da produção de algumas propriedades do assentamento. A família de Raimundo enfrenta dificuldades financeiras na propriedade, e a solução encontrada foi abrir-se para trabalhos fora do meio rural, como na construção civil e no serviço doméstico. Já a família primordial de Mirela é composta por peões de fazenda e não por proprietários, o que, por si, já não os qualifica como classe média baixa, classificação das demais famílias. Através do relacionamento com Vicente e o trabalho no meio urbano, a jovem teve uma ascensão financeira considerável.

Dos jovens, os que estão mais inseridos no meio urbano, seja simbolicamente ou afetivamente pelo trabalho ou pelo desempenho escolar, são Lúcia, Mirela e Vicente.

O MST afirma que sua esperança de transformação está na juventude. Em uma matéria⁶⁵ sobre as comemorações dos 25 anos do movimento na Bahia, fica clara a preocupação de membros da Coordenação Geral do MST, em nome de Elizabeth Rocha, no incentivo da participação da juventude:

Com a idade do nosso Movimento, aqueles que participaram da fundação já não têm mais tanta energia para militar. Por isso temos que cuidar da renovação de nossos quadros. A formação da juventude é uma prioridade do movimento.

Em carta⁶⁶ escrita por jovens de diversos movimentos sociais do campo e da cidade, como a Via Campesina, do qual o MST faz parte, e o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto, há a afirmação de que os jovens organizados, e dizem ser esses a minoria no país, investem na formação política. No entanto, a carta é enfática: apenas o debate não surge efeito contra as desigualdades sociais. Além de ser organizada, a juventude, de acordo com os assinantes, deve refletir e buscar uma alternativa ao sistema capitalista. Para eles, os jovens são diretamente atingidos pelo capitalismo, sofrendo com a violência, o desemprego e a falta de acesso à educação.

Através da importância da juventude na continuidade do MST, podemos inferir que, para o movimento, o jovem deve ser consciente das bandeiras históricas, como a luta contra a transgenia e o agrotóxico, a luta a favor da reforma agrária e a consolidação da agroecologia, bem como articular essas bandeiras com a criticidade social e da mídia. Entre as bandeiras do MST estão, além das já citadas, o programa de agroindústria e de produção de alimentos em assentamentos, combate à pobreza, novo modelo agrícola e valorização das cooperativas. Cruz (2006, p.45) afirma que a reforma agrária continua sendo a principal bandeira do MST, mas surgem outras necessidades:

Depois de passar por várias fases no que se refere à sua organização e construção, o MST chega aos dias de hoje tendo a reforma agrária como uma de suas principais bandeiras de luta. No entanto, essa não é mais a sua única preocupação. Agora também apresentam novas frentes reivindicatórias de crédito, escola, saúde e moradia. (...)Essa atividade responde à decisão de que a batalha dos Sem-Terra não termina com a conquista da terra

Englobamos junto às iniciativas da Economia Solidária (Ecosol), atividades como o

65 MST comemora 25 anos na BA com lutas e conquistas Disponível em: <<http://www.mst.org.br/MST-comemora-25-na-Bahia-e-ressalta-a-importancia-da-Reforma-Agraria>> Acesso em 04/12/2012

66 A esperança de mudança reside na juventude. Carta escrita por e para jovens de movimentos sociais do campo. Disponível em: <<http://www.mst.org.br/jornal/269/estados>> Acesso em 13/10/2012

projeto Esperança/Cooesperança, o Feirão Colonial e a Coopercedro. De acordo com o Fórum Brasileiro de Economia Solidária (Ecosol), os participantes da Ecosol devem ser interessados na divulgação da Economia Solidária e seus interesses. Em carta divulgada pelo Fórum Gaúcho de Economia Solidária⁶⁷, em outubro de 2012, o movimento social afirma que os grupos lutam pelo trabalho autogestionário, coletivo, associado e autônomo "ao invés de vender nosso único bem, a nossa força de trabalho, para quem nos explora". O Fórum Baiano de Economia Solidária⁶⁸ diz que o movimento da Ecosol não se dissocia das práticas agroecológicas, da luta pela terra, dos interesses da juventude, dos quilombolas, dos ribeirinhos e de outros grupos que adotam a Ecosol em suas bases.

O trabalho em forma associada realizado em cooperativas é uma das soluções apontadas para o trabalho da juventude no meio rural. Tanto o MST quanto o Fórum Brasileiro de Economia Solidária⁶⁹ dialogam com a ideia da autogestão e da promoção do cooperativismo.

De forma geral, com base na carta de princípios⁷⁰ construída na III Plenária Nacional da Economia Solidária, podemos inferir que a Ecosol rejeita as práticas de competição e da maximização da lucratividade individual. Ademais, ela tem críticas relacionadas à implantação do neoliberalismo no país.

A partir de uma breve explanação de algumas das bandeiras histórias dos movimentos que nos interessa, iremos apresentar, através de um resumo da história de vida, os perfis dos jovens entrevistados e a relação deles com os movimentos citados. Cabe avaliar, primeiramente, que os jovens têm uma relação com o meio urbano que consiste primordialmente nos aspectos da educação e do trabalho. Todos os jovens da amostra, Igor, Mirela, Raimundo, Pedro Henrique e Lúcia, salvo Vicente que realizou o Ensino Básico no meio rural, estudaram ou estudam no meio urbano. No que tange ao trabalho, os jovens da

67 Carta Política da Plenária do Rio Grande do Sul. Disponível em: http://fbes.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=7237&Itemid=10 Acesso em 30/11/2012

68 Carta do Movimento de Economia Solidária da Bahia. Disponível em: http://www.fbes.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=7189&Itemid=62 Acesso em 13/10/2012

69 Falta de estrutura e possibilidade faz com que jovens abandonem o campo http://www.fbes.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=7127&Itemid=62 Acesso em 13/10/2012

70 Carta de Princípios da Economia Solidária http://www.fbes.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=63&Itemid=60 Acesso em 13/10/2012

amostra, exceto Raimundo e Pedro Henrique, têm experiências de trabalho no meio urbano. Outras experiências no meio urbano apontadas pelos jovens referem-se à área de lazer, especialmente no caso de Lúcia que mora em Canoas, o uso do espaço de academias de ginástica⁷¹ e a ida a bailes. Esse contato com o meio urbano para além do estudo e do trabalho possibilita outras experiências aos jovens, no entanto, ainda é incipiente.

4.1.1 Igor, São Marcos, Grupo Terra Viva

Igor, 18 anos, classe média baixa, cursa pela terceira vez o primeiro ano do Ensino Médio em uma escola pública do bairro Camobi. Para estudar, o rapaz desloca-se diariamente de sua residência em São Marcos, distrito distante 18 km de Santa Maria, para sua escola e, de lá, segue para a UFSM, onde realiza um curso técnico da área rural. Os pais, pequenos agricultores que não completaram o Ensino Fundamental, ficaram contentes com a decisão do único filho. No entanto, a escolha do curso não foi ao acaso. Embora Igor quisesse realizar um curso na área da administração, a temática ligada ao meio rural pesou na hora da inscrição.

Na sexta-feira, o rapaz ajuda o pai e o primo a colocar os mais de setenta vasilhames com produtos da hortifruticultura no antigo caminhão da família. O veículo quase não aguenta o peso e preocupa a família. Eles esperam a chegada de um novo caminhão através do Mais Alimentos⁷², programa do qual passaram a fazer parte nos últimos anos. Os produtos são comercializados aos sábados, no bairro Medianeira, onde é realizado o Feirão Colonial, atividade da qual a família participa há mais de sete anos, quando trocaram o cultivo fumageiro pela horticultura. Essa troca foi, de acordo com o jovem, influenciada pelo contato com o projeto Esperança/Cooesperança e pelas atividades do grupo que acabou se formando, o Terra Viva. A entrada no grupo foi protagonizada pela mãe do rapaz e teve a aceitação de outros membros da família, como o marido da mãe, os primos e os cunhados. O fato de diversos membros da família terem entrado no grupo e ainda se manterem trabalhando de forma associativa é um distintivo na adesão do jovem à Economia Solidária.

71 Igor ganhou dois meses de academia de um colega de aula, pois o último não conseguiu usufruir e já havia pagado.

72 Programa do Ministério do Desenvolvimento Agrária que, entre outras iniciativas, financia caminhões a R\$100 mil reais e parcelados em 10 anos, sendo os juros a 1% ao ano. O programa é uma ação que permite ao agricultor familiar investir na modernização da produção, via aquisição de máquinas, implementos e de novos equipamentos.

Igor acredita que a Ecosol permite que famílias pobres desenvolvam a agricultura e tenham um local para escoar seus produtos. Para Igor, *"a Economia Solidária quer criar condições para que o jovem se mantenha no campo, por isso a Economia Solidária quer desenvolver o meio rural, faz viagens, cursos"*. Essas viagens são realizadas com o intuito de formação em Ecosol e cooperativismo, momento em que são desenvolvidas oficinas e capacitações específicas, bem como para comercializar produtos. Para ele, o cooperativismo tem significado na Economia Solidária: *"cooperativismo é integração e cooperação com outras famílias, para minha família é importante, porque a mãe está sempre envolvida com o grupo Terra Viva"*.

Para ele, o que o aproxima do jovem militante da Ecosol é o trabalho no desenvolvimento da propriedade e o estudo para a renovação do conhecimento. O jovem é o único da amostra que se diz sentir parte de um movimento social. Segundo ele, fazer parte de um grupo de Economia Solidária permite o desenvolvimento de sua família: *"por causa disso a gente sobrevive."* O jovem diz que o contato com o projeto também o possibilita conhecer novas pessoas e adquirir novos conhecimentos. Mais de uma vez o jovem citou que um dos benefícios da sua participação é ter contato com a diversidade cultural da Economia Solidária, o que demonstra um envolvimento que vai além da questão econômica.

O jovem diz que *"já tem poucos jovens no campo, eu acho que dá pra ficar, só tem que se adaptar ao meio rural"*. Essa adaptação é em decorrência de uma tensão que o jovem experimentou, especialmente após a vivência mais intensa com o meio urbano, quando ele passou a frequentá-lo em outras atividades além do estudo e do trabalho. No entanto, o jovem não parece apresentar um desconforto por estar no meio rural, pois a estrutura familiar lhe garante boas perspectivas, além de um conforto, como acesso à internet. Assim como em outras famílias, como a de Pedro Henrique, o trabalho em sociedade, seja com os vizinhos ou com os próprios familiares, possibilita uma estabilidade na renda, o que faz com que ocorra um investimento maior na educação dos filhos e um aumento do capital cultural dos mesmos.

4.1.2 Mirela, 19 anos, Palma, e Vicente, 21 anos, Arroio do Só, ambos da Coopercedro e moradores do bairro Camobi

Mirela é a terceira, de quatro filhas, do casal Sueli e Osvaldo, ambos sem o Ensino

Fundamental Completo. Cresceu em uma casa de madeira, no interior de São Pedro do Sul, município localizado na região central do Rio Grande do Sul. Mirela não se lembra dessa época, pois foi morar no distrito santa-mariense de Palma quando tinha dois anos. Sua família primordial, de classe baixa, mora ainda nesse mesmo distrito, onde o pai trabalha como peão em uma fazenda de criação de gado, há 17 anos. A moça é secretária da Coopercedro há mais de um ano e namora Vicente há três anos. O rapaz pertence à classe média baixa e é filho do presidente da Coopercedro. Ele foi sua conexão para conseguir o emprego na cooperativa. Ao viver com Vicente e trabalhar na cidade, suas condições de vida melhoraram significativamente, o que a faz não desejar retornar ao meio rural.

Os dois tentaram o ingresso no curso de Gestão de Cooperativas ofertado pela UFSM. Para isso, Mirela estudou em um curso pré-vestibular ofertado gratuitamente pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul. As aulas ocorreram no bairro Camobi, onde mora há mais de um ano com Vicente, desde que se mudou para a sede do município. Eles alugaram uma casa mista nos fundos de um pátio em Camobi. A residência do jovem casal é a terceira casa do pátio, que pertence a um comprador de cuias. Na época do cursinho, Mirela chegava do emprego por volta das 18h45, tomava banho e ia direto para o curso. O jovem também tentou o ingresso no curso pré-vestibular, mas não conseguiu vaga. Dos dois, somente Vicente ingressou no curso de Gestão de Cooperativas.

Vicente é o filho mais velho de Reginaldo e Maria, ambos sem o Ensino Fundamental completo. Atualmente é soldado do Exército Brasileiro, função que exerce há três anos, quando deixou o distrito de Arroio do Só. Vicente não pretende retornar ao meio rural, pois não vê perspectiva de futuro para os jovens, mesmo para aqueles que detêm terras, que é o caso de sua família. O jovem investiu na carreira de soldado, *“mesmo sem ter muito conhecimento do que viria pela frente”*, somente para deixar o meio rural.

O pai de Vicente começou a trabalhar na Coopercedro através da Tresol, cooperativa de crédito rural. Anteriormente, Reginaldo foi subprefeito do distrito em que morava, o que possibilitou um maior conhecimento de gestão. De acordo com o jovem, a modificação do trabalho agrícola para o envolvimento político e depois administrativo foi essencial para o pequeno crescimento econômico da família.

Do casal, nenhum se sente parte de algum movimento social. Para Vicente, o cooperativismo não é uma organização social, mas a Ecosol sim, bem como a CUT e o MST.

"Em algumas coisas o cooperativismo até pode estar ligado à Economia Solidária." Vicente ouviu a expressão Economia Solidária na Coopercedro e nos encontros da Tresol, mas diz não saber definir exatamente o que é: *"solidário é ser uma pessoa boa com a outra, então seria uma economia boa"*.

O jovem diz que gostaria de fazer parte das reuniões da Coopercedro, mas que ainda não se associou de fato, *"é uma coisa boa que eu faria para a Cooperativa"*. Vicente menciona que divulga os produtos da Coopercedro para os colegas e reconhece que a divulgação é importante, mas que se sente distante da área rural, *"esse jovem que está envolvido mais a fundo com a organização, ele trabalha na área, eu não trabalho mais"*.

O jovem aponta que os principais benefícios que a cooperativa pode trazer para as famílias é de cunho financeiro, *"a renda atual da minha família depende do cooperativismo"*. Para ele, cooperativismo *"não depende de uma pessoa, depende de mim que distribuo os alimentos, depende de ti que produz os alimentos, depende do consumidor que compra os alimentos, depende do governo que vai passar o dinheiro pra eu poder te pagar"*. A Coopercedro, para o rapaz, fundamentalmente significa a renda familiar:

A Coopercedro significa pra mim uma forma de renda de meu pai e para o agricultor é uma forma de renda também, uma forma de vender o produto dele. (Vicente, Coopercedro)

Como Mirela trabalha junto à Coopercedro, ela tem uma visão dos projetos desenvolvidos pela Coopercedro. Para ela, a Economia Solidária significa *"ajudar os agricultores a combater a fome e auxiliar na alimentação das escolas"*. Essa experiência é baseada em sua vivência na Coopercedro, onde são desenvolvidos projetos de alimentação escolar e onde, para a jovem, o cooperativismo é forte. Ela considera que o cooperativismo é *"a união de várias pessoas, vários agricultores lutando pelos seus interesses, ter a sua própria produção"*. A jovem afirma que a Economia Solidária auxilia, também, no aumento da produção dos produtores, bem como na venda dos produtos. Após conhecer a cooperativa, Mirela falou da iniciativa para seus pais, e sua mãe começou a vender queijo, embora não de forma contínua.

Para a jovem, a Economia Solidária tem importância, pois, em suas palavras *"se não tivesse a Economia Solidária, não haveria a Coopercedro, porque ela também faz Economia Solidária com várias entidades e escolas, além de ser o local do meu emprego"*. A

Coopercedro, para ela, é auxílio para os produtores e oportunidades para a venda de produtos naturais.

Mirela apoia o MST especialmente na questão *"da produção de alimentos e da luta pelas terras rurais"*. A jovem convive com assentados pelo movimento social na Coopercedro, e eles, para Mirela, são militantes. Esses mesmos assentados são citados por Vicente. Mirela caracteriza os militantes como pessoas que ajudam na propriedade rural, na luta pela terra e pela moradia. Além disso, afirma que são esforçados e humildes. Mirela diz que é diferente deles principalmente porque pensa não controlar muito os gastos. *"O jovem militante pensa que o dinheiro dele pode ser direcionado para outras coisas, acho que deve passar mais trabalho também"*, diz a jovem. Mirela acrescenta que esse jovem pode não conseguir fazer concursos, que é o atual desejo dela e de seu companheiro, porque não tem muito acesso a estudos, tem que ficar trabalhando na propriedade dos pais.

4.1.3 Pedro Henrique, 18 anos, Assentamento Carlos Marighella

Pedro Henrique, de classe média baixa, vive desde os cinco anos no assentamento Carlos Marighella. Anteriormente, o jovem, que nasceu na localidade de Cerro Largo, onde seus pais Salete e Aluizio viviam, passou por diversos acampamentos do MST. Além dos pais, sua família é composta por seu irmão mais velho, Rogério, 28 anos, que atualmente trabalha com instalação de ar condicionado, mas mora no assentamento com sua esposa, Kelly, 25 anos, estudante de Zootecnia que trabalha em uma agropecuária, e a filha do casal, Viviane, um ano. Rogério ainda auxilia na propriedade familiar, mas Pedro Henrique diz que o irmão teve que buscar um emprego não agrícola que desse uma renda fixa, especialmente com a vinda da filha. Uma tia, a Gabriela, também mora com eles. Ela foi militante do movimento por 17 anos, mas recentemente rompeu com o MST e está auxiliando a família na propriedade, assim como passa temporadas trabalhando na colheita de uva em Caxias do Sul.

Antes de a família ingressar no movimento social, sua mãe era agricultora e, depois, migrou para a cidade, onde passou a trabalhar em uma floricultura, já o pai de Pedro Henrique sempre trabalhou no meio rural. A ideia de entrar no MST partiu do pai e de um tio e, no início, não foi aceita por sua mãe. Somente com o tempo Tereza passou a conviver melhor com a hipótese de ingressar em um movimento social. O jovem diz que seu pai queria deixar

de ser empregado e comprar um pedaço de terra própria, mas que não tinha condições econômicas para tal.

Pedro Henrique afirma nunca ter sofrido preconceito na escola, na Cohab Tancredo Neves, por ser do assentamento, mas que *"bem no início, aqui na cidade em volta, as pessoas falavam sem terra, do MST, vem aqui fazer bagunça. Passado os anos, já foi diminuindo, já está tranquilo"*.

Seu cotidiano é exaustivo. Pedro Henrique acorda às 5h40 durante a semana, toma o café da manhã, sai da casa de alvenaria com telhado de zinco, caminha os poucos mais de 2km de estrada de chão até chegar à entrada da Cohab Tancredo Neves, onde pega o ônibus, às 6h30, para o campus da UFSM. O jovem pretende juntar dinheiro a fim de poder comprar, no próximo ano, uma motocicleta, para se deslocar com mais independência.

Embora tenha experiências no meio urbano, especialmente na área da educação, é no meio rural que Pedro Henrique tem boa parte de suas vivências. Percebemos que, assim como no caso de Igor, o trabalho associativo com outros moradores do assentamento, bem como entre os próprios familiares, possibilitou uma segurança financeira para a família. A insegurança estrutural (SAVAGE, 2006) que os moradores enfrentam foi combatida pelo trabalho em associação da vizinhança e dos parentes. Essa estrutura permitiu à família o investimento na educação do jovem, sobretudo, ao pagar cursos de línguas e de informática, em cooperativas de Santa Maria, agregando capital cultural a Pedro Henrique.

Quando questionado se Pedro Henrique pertencia ou não a um movimento social, o jovem pondera: *"Não vou negar que já me considere sim, mas antes, quando eu era mais novo, quando não conseguia compreender bem as coisas. Hoje eu não me considero parte de nenhum movimento social"*. A questão é sensível. Após a mudança de sua família para o assentamento Carlos Marighella e a construção de uma cooperativa, houve a apresentação de um projeto agroecológico para o local. No entanto, após alguns anos, o projeto não vingou, e o assentamento ficou desassistido. Pedro Henrique diz não saber se sua família se sente ou não participe de movimentos sociais, mas que ele se distanciou após a desilusão com as promessas para o assentamento em que vive. O jovem é enfático em sua opinião:

Júlia – Fazer parte de um movimento social hoje, para ti, é algo negativo?

Pedro Henrique - Não é negativo pra quem gosta e pra quem defende. Desse jeito não é negativo, porque tem que respeitar a opinião das pessoas. A minha opinião é que eu não gosto, os movimentos sociais não me atraem nem um pouco. Ah!

Defendem causas importantes? Defendem. São importantes? Para algumas pessoas são. Para mim, não. Porque também a minha escolha foi de não fazer parte do movimento (MST). Ah! Não vai ajudar? Não vou, não quero, não gosto.

Para o jovem, as coisas boas que fazia no tempo em que estava mais próximo do movimento social era conhecer novas pessoas e *"manter um convívio com diferentes etnias"*. Se pudesse fazer algo para o MST, Pedro Henrique diz que gostaria de mudar determinada realidade do movimento que ele considera problemática, especialmente por sentir que o que vivem hoje não condiz com o que convenceu seu pai a entrar no movimento: *"No princípio, há 14 anos, foi muito bonito o que foi mostrado para nós. Se mudar, talvez eu volte a acreditar. Ou não"*.

O jovem diz que faz coisas que ele considera boas para o MST, especialmente ao defendê-lo. No entanto, o jovem menciona que defende as pessoas *"de boa índole dentro desse movimento social (...), eu sei o que acontece lá dentro, eu já vivi lá dentro, então posso sim defender porque sei muita coisa do que acontece dentro de um assentamento ou de um acampamento"*. Pedro Henrique diz que, na universidade, também aconselha as pessoas a terem outro olhar: *"Porque quem me conhece na universidade a maior parte não sabe que eu sou filho de assentado e falam diretamente mal dos atos do MST, falam que as pessoas não prestam, porque não conhece"*. O jovem utiliza o discurso meritocrático para legitimar seu lugar e, dessa forma, fugir de represálias e preconceitos:

Pedro Henrique - Para muitos já falei que eu sou filho de assentado, eles ficaram com a cara espantada me olhando. Eu pergunto: "Eu sou tudo isso que tu falou pra mim?" Eles respondem que não sou. São amigos, já vieram até na minha casa. "Então, cara, não adianta tu querer julgar o pessoal pela atitude de um ou dois lá de cima, comandantes digamos assim do movimento. Vai querer botar todo mundo no mesmo bolo e dizer que são todos iguais?"

Júlia - O pessoal mais próximo de você na faculdade sabe?

Pedro Henrique - Sim, sabe.

Júlia - É tranquilo?

Pedro Henrique - É, e não tem diferença nenhuma. Eu estou lá pelo meu mérito, não é? (silêncio) Não dependi de ninguém para estar lá, eu fiz por merecer.

Economia Solidária, para o jovem, é *"dar a mão para o outro tentando ajudar."* Pedro Henrique diz que está melhorando de vida, então, por que não *"dar a mão para o companheiro do lado para ajudar? Fazer girar, fazer um círculo entre as pessoas, fazer com que o mesmo produto se torne uma moeda de troca. Conforme eu vou crescendo procurar levar mais pessoas comigo"*. Para o jovem, em Santa Maria, o projeto mais conhecido de

Economia Solidária é o Esperança/Coesperança. Ele diz encontrar aspectos do cooperativismo no assentamento, especialmente ao explicar como funciona o escoamento da produção.

4.1.4 Raimundo, 18 anos, Assentamento Carlos Marighella

Raimundo, de classe média baixa, é filho do segundo casamento de Norma, diarista e dona de casa, e de José, agricultor. Sua família morou em Canoas, além de Santa Maria. A mudança para a região central do Rio Grande do Sul e a entrada no movimento social foi causada pelo desejo de seu pai de retornar à agricultura. A vida na cidade estava instável, os empregos não davam retorno, e o MST se mostrava uma boa iniciativa. José resolveu acampar, mas Norma ficou em Canoas com o filho.

O responsável, de acordo com o jovem, por "*trazer comida para dentro de casa*" é o pai, embora a mãe realize diversas atividades, como faxinas e a venda de pães e de bolachas. José está realizando alguns trabalhos na construção civil, nos períodos de folga, enquanto constrói, junto com a família, uma horta para comercializar produtos para a Alimentação Escolar⁷³.

É frequente Raimundo trabalhar com o pai de Pedro Henrique, porque a propriedade de sete hectares necessita mão de obra. Pelo serviço, que o jovem resume como cuidar das vacas e arrumar o esterco, Raimundo recebe de forma esporádica em espécie ou em dinheiro. O jovem, no entanto, garante que nunca pegou em um arado, bem como relata que o trabalho pesado não é para ele. Por isso, seu pai tem dificuldade em ensinar o jovem a trabalhar: "*Tenho desinteresse em aprender.*" Raimundo sente-se desconfortável em estar no campo e demonstra ansiedade em sair do meio rural. No entanto, tem dúvidas, pois é o único dos irmãos que mora com os pais e quer, de uma forma ou de outra, valorizar a luta que os pais estão realizando, há 10 anos, pela divisão dos lotes do assentamento.

⁷³ De acordo com a Lei Federal nº 11.947, haverá um mínimo de 30% nos recursos repassados para a alimentação escolar para a compra de produtos da agricultura familiar e do empreendedor familiar rural ou de suas organizações. A prioridade será dos assentamentos de reforma agrária, das comunidades tradicionais indígenas e comunidades quilombolas (de acordo com o Artigo 14).

Na escola em que estuda, na Cohab Tancredo Neves, "*sempre tem um fazendo piadinha (sobre ele morar no campo), mas não dou bola*", mas afirma que nunca foi tratado diferente por ser do assentamento.

O jovem não se sente parte do MST ou de qualquer movimento social. Raimundo tem conhecimento de bandeiras históricas como luta pela terra e reforma agrária, mas diz não conversar sobre o MST no assentamento, nem com os pais, nem com os amigos. "*Nosso papo é outro*", diz o jovem. Raimundo destaca que não vai às reuniões organizadas e menciona que uma das únicas coisas boas que ele realiza pelo MST é ficar no assentamento: "*É uma grande coisa que estou fazendo.*" No entanto, o jovem demonstra que só a permanência, para ele, não basta. Os problemas estruturais do assentamento, que incidem diretamente na propriedade dos pais, mingam as perspectivas do jovem em se manter no meio rural:

Júlia - Tu achas que para o movimento seria bom que tu permanecesses na terra produzindo?

Raimundo – Isso, exatamente. Tenho certeza que se continuar assim eu não quero ficar aqui, esperando alguém vim e resolver alguma coisa. Certamente ninguém irá fazer pela gente, a gente tem que se virar. Mesmo assim estamos esperando para ver o que vai acontecer. Se não vai ser cada um por si, já era. O pai fala: "daqui não vou sair, vou ficar aqui, vou comer arroz puro, mas vou ficar aqui", mas eu não. Estamos há 10 anos aqui e não resolveu.

Raimundo tem a percepção de que os jovens militantes do MST têm acesso ao estudo, pois eles viajam para realizar as formações nos assentamentos, mas ele não vê perspectiva nisso, não vê um ganho financeiro estável nisso: "*Têm estudo e ficam andando de mochila, não ganham nada.*" A diferença entre eles, para o jovem, é o fato de que o militante está à procura da terra, já o jovem assentado já a tem. "*Acho que o jovem assentado está mais tranquilo, já o militante está à procura ainda*". Ao citar uma jovem militante que conheceu, Raimundo desenha uma vida com maiores dificuldades que a sua:

Ela sofreu e eu não. Até fome ela passou militando e eu nunca sofri isso. Não quero ser rico, mas eu quero procurar um lugar pra mim que eu consiga viver bem. Eles (os jovens militantes), eu acho que só tem uma opção, que é ser mandado pelos maiores do movimento e fazer as coisas por eles.

Raimundo já ouviu falar no assentamento sobre Economia Solidária e cooperativismo, mas não sabe exatamente o que significa. Ele acredita que seja o auxílio às famílias rurais.

4.1.5 Lúcia, 18 anos, Canoas - Assentamento Carlos Marighella

Lúcia⁷⁴, de classe média baixa, é a quarta filha de cinco filhos do casal Rejane e Jair, oriundos da região norte do Rio Grande do Sul. Seus pais, que cortavam árvores para uma fábrica de móveis, não eram agricultores antes de entrar para o movimento. Quando as dificuldades para se estabilizar no emprego aumentaram, em meados da década de 1990, o pai de Lúcia resolveu entrar para o MST. A mãe não aceitou, mas foi convencida. Foi quando a jovem, então uma criança, acompanhou o pai nos acampamentos enquanto sua mãe e as outras irmãs ficavam na cidade. Lúcia ressalta, no entanto, que *"nunca fui com meu pai para alguma manifestação"*.

Depois da separação dos lotes no assentamento, uma das consequências do fim da cooperativa, a família de Lúcia saiu da agrovila e foi morar perto da atual Penitenciária Estadual de Santa Maria, nas cercanias da localidade de Santo Antônio. Seu pai, devido às habilidades na construção civil, construiu no assentamento boa parte das casas de alvenaria, inclusive as da agrovila, diz Lúcia. Contudo, a mágoa da dissidência é perceptível no discurso dos pais dos jovens que ainda moram na agrovila, embora nos mais jovens seja mais velado.

A jovem não pretende retornar ao meio rural, mas caso tivesse condições financeiras, gostaria de implementar um balneário na propriedade dos pais: *'dá menos trabalho que a agricultura'*, relata ela.

Essa jovem estudou durante o Ensino Básico em duas escolas, nas cercanias, e diz que costumava retrucar os comentários negativos que ouvia sobre o MST na escola. Nas aulas de Filosofia, a jovem dá seu relato: *" (...) A gente entrava nesses assuntos e os meus colegas não sabiam como eu me expressaria, e nem o que é isso daí (o MST), e eu sempre debatia, não no sentido que eu brigasse por aquilo, mas tentar mostrar porque que acontece aquilo (invasões)"*.

74 O contato com Lúcia não se deu em sua casa, embora eu a conheça, já que fui visitar seus pais. Inicialmente eu iria entrevistar a Vanessa, sua irmã, mas ela não se dispôs. Sua residência é de alvenaria, sendo que a propriedade de 11,3 hectares é destinada especialmente à cultura de subsistência, ao gado leiteiro e à piscicultura. Seu pai atualmente é o coordenador do assentamento e recepcionou-me com um mate. Ao contar-me a história de Lúcia, apresentou-me os panfletos da faculdade de Administração onde ela estudava na época. Encontrei Lúcia em um shopping, em Porto Alegre, e participar da pesquisa foi uma escolha dela. Nosso primeiro contato se deu durante um almoço, pois ela tinha outros compromissos e conciliou a conversa comigo em sua agenda.

Lúcia é Testemunha de Jeová, mas não frequenta a igreja. Seu pai, que é o atual coordenador do MST no assentamento, já foi pastor da igreja Deus é Amor, mas também se afastou da pregação. Sua mãe é a única que mantém laços evangélicos. No assentamento, Lúcia diz *"eu acho que a maioria lá é católico, frequentam bastante a igreja da Irmã Deodorinda. A maioria acho que é católico"*. Lúcia conhece a Irmã Deodorinda, pois os assentados expunham seus produtos no Feirão Colonial no Terminal de Comercialização Direta⁷⁵ enquanto a cooperativa existiu.

Lúcia recentemente ganhou uma filha, Lúcia, fruto de um relacionamento com um rapaz na região metropolitana. A jovem saiu do assentamento Carlos Marighella, no início de 2012, quando resolveu estudar Administração em uma faculdade na Quarta Colônia, na região central do Rio Grande do Sul. No entanto, os estudos não duraram um semestre, e a jovem foi para Canoas. Com um caráter inspirado na ética do trabalho duro, Lúcia está acostumada a ter vários empregos e, mesmo quando trabalhava como agricultora, nos finais de semana, procurava empregos como recepcionista em eventos. Desde então, não parou mais.

A jovem diz que Santa Maria foi a cidade em que mais gostou de morar, mas que também foi a mais difícil e complicada, *"por causa da dificuldade de transporte. Não tem transporte, então tem que ou caminhar muito, quatro ou cinco quilômetros até o colégio ou tem a solução de se mudar"*. Lúcia escolheu a última solução. Na casa de Lúcia, moram, além dos pais dela, um sobrinho e a irmã da jovem, de 12 anos, a qual, de acordo com Lúcia, morre de vergonha de dizer que vive no meio rural.

Embora nunca tenha presenciado os pais desempregados, até mesmo pela função que exercem, Lúcia menciona saber que trabalham com agricultura, assim como que dependem de fatores climáticos e de crédito. O temor dos períodos de seca é uma constante em toda comunidade, e é quando a moça sente que as sensibilidades do meio rural atingem em cheia sua família: *"vejo meus pais muitas vezes ficar preocupados, assim, se perguntando, será que amanhã vou ter algo para colocar na mesa? É bem ruim"*.

Lúcia atualmente não se sente parte de nenhum movimento social, *"não luto por nenhuma causa de igualdade ou classe"*. A jovem diz que boas ações para o MST seriam as

⁷⁵ Na Feira da Primavera de 2011, uma promoção do Esperança/Coesperança, uma reminiscência do grupo de mulheres do Marighella expôs cucas e pães, mas é um fato cada vez mais raro devido à desarticulação entre os assentados após a fragmentação dos lotes.

manifestações e reuniões, atos que estão atrelados aos objetivos do movimento. Atualmente ela diz não realizar nada que seja bom para o movimento social, mas se fizesse parte, gostaria de liderar alguma manifestação e "*lutar contra os latifundiários*". O jovem militante, para ela, é como um revolucionário, tem ideias próprias, não é um boneco do governo dominante, com o que ela concorda, pois "*o ser humano não deve ser uma marionete nas mãos das famílias do Fundo Monetário Internacional*".

Lúcia diz que a Economia Solidária está relacionada à "*policultura e também estimula a valorização do ser e não do capital*". No entanto, a jovem acredita que seja difícil a efetivação de iniciativas de Economia Solidária, por acreditar na dificuldade de sua implementação:

A Economia Solidária não funciona se alguém se beneficiar do outro, mas o ser humano é assim, todos somos ambiciosos e egoístas, mesmo que sendo em escalas diferentes não deixamos de ser, e para que essa filosofia da Economia Solidária aconteça não deveria existir isso. Enquanto houver um homem imperfeito não haverá Economia Solidária. (Lúcia, Carlos Marighella)

Nome	Idade	Escolaridade	Localidade Origem	Distância Marco Zero de Santa Maria	Ano da mudança para o meio urbano	Ambições em relação ao meio rural: permanência, saída, retorno	Ideia de entrar no movimento social/cooperativa
Lúcia	18	En. Médio Comp.	Ass. Carlos Marighella	13 km	2012	Não tem planos de retorno	Do pai; mãe se acostumou
Raimundo	18	En. Médio Incomp.	Ass. Carlos Marighella	11 km	-	Dúvidas em relação à permanência	Do pai; mãe aceitou
Pedro Henrique	18	En. Superior em Andamento	Ass. Carlos Marighella	11 km	-	Permanência está atrelada à piscicultura não à agricultura	Do pai; mãe aceitou
Vicente	21	En. Médio Comp.	Arroio do Só	36 km	2009	Retorno somente após a aposentadoria	Do pai; mãe aceitou
Igor	18	En. Médio Incomp.	Arroio Grande	18 km	-	Permanência é possível, faz planos	Da mãe; pai aceitou
Mirela	19	En. Médio Incomp.	Palma	23 km	2012	Não tem planos de retorno, não quer	Influência do namorado

Tabela 3: Perfil social dos jovens

4.2 Sociabilidade: o rural, a classe e a geração na vida dos jovens

Ao longo do século XX, a informalização da sociedade ocasionou mudanças nos padrões de comportamento e iniciou um processo de "afrouxamento" "nas relações entre pais e filhos ou, em termos mais gerais, entre as gerações mais velhas e mais jovens" (ELIAS, 1997, p.37). Isso modificou as relações entre as gerações, que se expressam cotidianamente na vida dos jovens que vivem ou dos que cresceram no meio rural ou urbano. Contudo, há diferenciações e peculiaridades nessas relações no que se refere tanto ao espaço em que vivem quanto à questão socioeconômica da família.

As transformações estruturais da sociedade, no século XX, concentram-se especialmente nas questões que envolvem o Estado e os grupos de poder como os de gerações

diferentes⁷⁶. O século XX é caracterizado por Elias (1997) como uma época de *incerteza de status*, o que se estende às identidades. O século XXI, como em um processo de continuidade, mantém essa mesma incerteza. Para Elias (1997), esse *status* se deve ao ritmo de mudança acelerado que a sociedade vive: "Com a crescente insegurança de status e uma também crescente busca de identidade, as preocupações aumentam. Não há dúvida de que é um século instável, inseguro, (...)" (*Ibid.*, p.37).

4.2.1 Apontamentos sobre família, gênero e geração

No que concerne às classes populares brasileiras, a família é uma referência simbólica fundamental que acaba alinhando o lugar dos indivíduos no mundo social como um todo, dentro e fora da família, que reflete a imagem com a qual as classes populares ordenam e dão sentido ao mundo social (SARTI, 1996, p.3-4). Essa realidade é ainda mais cristalizada nas famílias rurais, nas quais elementos como a hierarquia tendem a ser mais consolidadas. Sarti (1996, p.37) cita o trabalho de Cândido (1987) sobre o estudo da "família caipira" e os valores tradicionais e padrões patriarcais associados a ela. A autora apresenta o argumento de Cândido de que os padrões perdem sentido com a urbanização e a modernização do país. Abramovay (1998) afirma que o caráter rigidamente hierárquico da organização tradicional dos agricultores familiares parece estar se atenuando, o que aponta para um maior diálogo entre as gerações sobre diversos assuntos, como as decisões sobre a propriedade ou o futuro dos jovens.

Em pesquisas realizadas na classe popular no meio urbano, como demonstra Sarti (1996), assim como em determinados assuntos da nossa própria investigação, há a reafirmação da autoridade masculina como força simbólica com o mundo externo. Isso ocorre, sobretudo, nas famílias primordiais dos jovens, a exemplo de nossa amostra. Na maioria dos casos, em nosso estudo, a decisão de entrada nos movimentos e organizações sociais partiu da autoridade masculina e teve acato feminino, salvo na família de Igor. Além disso, há uma dificuldade apresentada pelos jovens de os pais aceitarem soluções para a propriedade rural, que é o caso citado por Vicente. O jovem havia sugerido para o pai uma determinada resolução para a plantação de cuias, mas o pai ignorou o pedido do filho. Após o

76 Elias (1997) cita, além do diferencial de geração, também o de gênero.

filho se mudar para a cidade, Vicente soube que o pai ouviu no Globo Rural uma solução parecida e a adotou.

Jessé Souza e Tábata Berg, no capítulo *O Batalhador e sua família*, do livro *Os Batalhadores* (2012), reafirmam a ideia da hierarquia nas classes populares. Nessa configuração familiar, o homem deteria a autoridade sobre os demais. Cabe mencionar, ainda, que as famílias de *batalhadores* são formadas por redes de benefícios pessoais e instrumentais. Em tais redes, o privilégio e a reciprocidade são instituídos como normas, bem como há uma continuidade da unidade produtiva com a familiar, o que é característica da agricultura familiar.

No que tange ao mundo do trabalho no meio rural, o ofício das mulheres não é considerado, elas "ajudam o pai", "ajudam o marido", mas sua força de trabalho fora de casa não é considerada de forma plena. As atividades domésticas, também por não trazerem retorno financeiro, não são valorizadas. O trabalho feminino é parcial, não é autônomo. Souza (2012, p.143) diz que "a dominação masculina, principalmente pautada pela divisão sexual do trabalho, é a base da propriedade, bem como das relações afetivas". A relação que o homem tem com o trabalho é distinta. Sarti (1996) afirma que a identidade masculina é ligada ao valor do trabalho, mas que isso não se restringe a uma questão encontrada nas classes populares: "O trabalho é muito mais do que o instrumento da sobrevivência material, mas constitui o substrato da identidade masculina, forjando um jeito de ser homem". O homem tem, nesse sentido, uma autoridade moral em relação ao trabalho.

De forma geral, quando perguntamos aos jovens quais eram os valores que eles consideravam que os pais lhes haviam ensinado, pudemos perceber o que Sarti (1996) retoma ao trabalhar a categoria pobreza como conotação moral, como algo que transcende as desigualdades sociais e permeia a pobreza de espírito. Para os jovens, os pais criaram-nos para valorizar a educação para com os outros e, especialmente, a honestidade e o trabalho árduo:

Me ensinou o valor das coisas, o **valor de trabalhar** e de tu não querer ficar lá, ficar no sol, porque está se queimando, sabendo a dificuldade que é trabalhar. De vez em quando você está na chuva e sempre tem que estar fazendo aquele serviço. E dizer " *não!* ", eu quero estudar, eu quero poder ajudar meus pais nisso. (Lúcia, assentamento Carlos Marighella)

Eles esperam de mim a dignidade, não roubar, **eles ensinaram tanto pra mim, como pro meu irmão a trabalhar**, a adquirir com teu esforço. Tudo que eu e ela (Mirela) adquirimos aqui foi com o **nosso esforço**, não foi roubado. **Foi com o**

nosso trabalho (Vicente, Coopercedro)

O importante da vida é a família, ser **honesto**. (Mirela, Coopercedro)

Procurar ser sempre **honesto**, não mexer nas coisas dos outros, tratar com **gentileza** as pessoas, ajudar quando precisa, se a pessoa aceitar a minha ajuda. (Pedro Henrique, Carlos Marighella)

Trabalho é importante, pois sem ele não tem. **A solidariedade, a educação**, principalmente o respeito. Até hoje não desrespeitei ninguém, nem um cachorro. O que mais também: amizade, com quem tu anda, se é boa ou é ruim, não pode ter aquilo, não pode ter drogas, álcool, não pode beber. (Igor, Grupo Terra Viva)

Ser uma pessoa **honesto**, mais isso. (Rainundo, assentamento Carlos Marighella)

Disposições citadas
Honestidade
Trabalho árduo
Educação

Tabela 4: Disposições citadas

Os jovens citam honestidade, trabalho árduo e educação como exemplos do que os pais lhes ensinaram a ser e o que devem priorizar.

Souza (2012, p. 134) afirma que a estrutura de diversas famílias de *batalhadores* são formadas a partir da ética do trabalho duro e com base no aprendizado prático do trabalho, ou seja, ensinamento de uma prática efetiva, como no mundo doméstico e no meio rural. Os jovens projetam suas experiências futuras a partir das vivências passadas. Lúcia valoriza a educação, pois sabe a dificuldade que é o trabalho braçal, sabe que o acesso à educação pode lhe trazer oportunidades que amplificam as perspectivas de trabalho no futuro.

Lipovetsky (2000), em seu trabalho "*A Terceira Mulher – Permanência e Revolução do Feminino*", teorizou três fases das mulheres. A primeira seria a mulher diabólica, dada às conversas de amenidades e às fofocas. A segunda concerne à exaltação de sua beleza e da maternidade. É nessa fase, também, em que há diversas limitações: falta de autonomia financeira e intelectual, o que ocasiona uma privação de liberdade em geral. Há, no entanto, um reconhecimento da mulher na criação dos filhos e no cuidado do lar, o que, se não aliado a outras liberdades, acaba por majorar o domínio masculino.

A mãe de Lúcia, que antes de entrar no MST trabalhava junto ao pai da moça cortando

árvores para uma marcenaria, teve um problema de coluna que a impossibilita de exercer atividades na agricultura. Atualmente ela percorre o trajeto de casa até o posto de saúde, de carroça, para realizar a fisioterapia. Ademais, há alguns anos, a mãe de Lúcia está com um processo em andamento na justiça, para conseguir a aposentadoria por invalidez. Lúcia, que concedeu sua entrevista quando a mãe ainda conseguia realizar alguns serviços na propriedade, afirma que ela "ajudava" o pai no dia a dia, mesmo com seu problema de saúde:

Júlia - Onde eles trabalhavam?

Lúcia - Acho que é Campo Novo.

Júlia - Era mais pra fora?

Lúcia - Sim.

Júlia - Ele era agricultor nessa época?

Lúcia - Não, eles só cortavam árvores.

Júlia - Agora o que eles fazem? Eles são agricultores?

Lúcia - Minha mãe *ajuda* ele parelho, mesmo com esse problema na coluna *ela sempre ajudou*, sempre teimando em não larga uma enxada. Ela gosta bastante disso. (Lúcia, assentamento Carlos Marighella)

A mãe de Mirela também trabalha na labuta agrícola. Mas, na fala da filha, percebemos que essas atividades, as quais a jovem também realizava, são desvalorizadas e caracterizadas por ela como mais simples:

Júlia - E tua mãe?

Mirela - *Só* fica em casa, é dona de casa.

Júlia - Ela tem alguma outra atividade?

Mirela - *Só* tira leite (risadas). Faz queijo...

Júlia - Ela faz outra atividade relacionada ao rural?

Mirela - Ela tá sempre em volta de casa, tem horta. *Cuida da horta deles* (patrão). *Faz as coisas mais simples*.

Júlia - É o que tu fazia também?

Mirela - Sim.

(Mirela, Coopercedro)

O fato de a trabalhadora rural sempre "ajudar" o trabalho masculino e nunca ser protagonista nesta atividade também é encontrado em inúmeros outros discursos. Brumer (2006) aponta uma desvalorização das atividades desempenhadas na agricultura familiar pelas mulheres, bem como uma invisibilidade de seu trabalho. Além disso, há pouco espaço a elas destinado na atividade agrícola comercial, quando elas são designadas como auxiliares. Esses são motivos que colaboram, também, para o crescente êxodo rural feminino.

Na casa de Lúcia e de Pedro Henrique, são as mulheres que cuidam, majoritariamente, da esfera doméstica. No lar de Raimundo, quando sua mãe ficou ausente por alguns meses, foram os homens que cozinham e limpam, dividindo as tarefas entre os dois. Quando sua

mãe está em casa, Raimundo ajuda nas tarefas domésticas, sempre a pedido da mãe. Os jovens que auxiliam suas mães na esfera do lar ainda o fazem a partir de pedidos, como é o caso de Raimundo. Há uma divisão do mundo privado e público, dentro e fora de casa. Nas palavras de Raimundo:

Eu limpo aqui o pátio, ajudo a mãe dentro de casa também. E o pai trabalha fora. O pai cuida da comida, traz comida para dentro de casa. A mãe fica dentro de casa arrumando, limpando e coisa... (Raimundo, assentamento Carlos Marighella)

Na casa de Igor, sua mãe cozinha e limpa, no entanto, parte da varrição é por sua conta. Embora não seja uma obrigação, várias vezes, presenciamos Igor pegar a vassoura e brigar com os pais dizendo que o chão da casa e da varanda já estavam sujos. Ele também varre as cercanias da mesa no Feirão Colonial durante e após a exposição dos produtos de hortifruticultura.

Na hora da janta, cada um serve seu prato, o que não ocorre na casa de Pedro Henrique, já que sua mãe serve o pai, mas não os filhos. No restante das casas, onde foi realizada a observação participante, não houve episódios de mulheres servindo os homens e, quando é costume familiar, todas se sentam à mesa junto com os maridos. Na casa de Mirela, Vicente diz que muita coisa mudou em relação à sua família primordial:

Era a mãe quem fazia tudo, é assim até hoje lá em casa. Eu tinha tudo nas mãos e agora a Mirela não faz nada se a gente não divide as tarefas. Até lavar roupa aprendi, aprendi lavar a louça, tudo aqui agora com ela, mas quando eu cheguei eu estranhei. A mãe me dava comidinha no sofá, servia para mim. (Vicente, Coopercedro)

Mirela diz que, em sua família primordial, o pai não ajudava muito em casa, nem quando eram pequenas, nem agora que, das cinco irmãs, somente a menor está em casa. *"O pai não era muito de tarefa de casa. Nem é ainda."* No entanto, quando mostramos suas entrevistas transcritas para a jovem, ela riu e comentou: *"o pai faz é nada."* Percebemos que a jovem se esforça para que Vicente divida algumas tarefas com ela, mesmo que o jovem não faça "o serviço completo". Se ele lava e estende a roupa, mas deixa o piso da varanda molhado, é Mirela quem seca, como foi observado.

A terceira mulher teorizada por Lipovetsky (2000) não tem somente acesso à esfera privada, mas à pública também. Ela tem o controle da maternidade, pode votar e ser votada e tem mais autonomia no que se refere à sua liberdade sexual. No entanto, como diz o título do

livro – ‘Permanência e revolução do feminino’, as mulheres ainda têm continuidades em relação a alguns aspectos, e um deles são os papéis tradicionais. Embora existam algumas modificações, o mundo doméstico da pesquisa ainda é feminino. As jovens da amostra, em especial Mirela, trabalha fora, tem acesso à educação, quer ter filhos, mas diz saber que agora não é um bom momento, pois os dois trabalham e comprometeriam muito o orçamento familiar se a moça parasse de trabalhar. *"Filho só depois dos 30"*, diz a jovem.

4.2.2 Cidade: da perdição à oportunidade

Dos jovens da amostra, Raimundo, Igor e Pedro Henrique apontam que o meio urbano oferece um maior contato com drogas e violência, chegando a ser o "caminho da perdição". No entanto, eles ponderam que o jovem que vive no meio rural, se quiser, pode ter contato com drogas também:

Eu acho que na cidade é o caminho da perdição, mas pra quem quer também. Muitos lugares têm drogas, têm roubo, esses tipos de coisas que aqui não tem muito. Aqui a pessoa pode criar tranquilo um filho. Mas se alguém quisesse fazer alguma coisa errada vai ali e faz, né? (Raimundo, assentamento Carlos Marighella)

Aqui (distrito) tem um colégio que não gosto, sabe por que aqui não dá (para estudar)? Rola droga dentro de sala de aula, os banheiros são mal cuidados, não tem nem porta. (Igor, Grupo Terra Viva)

Igor acredita que o jovem que mora no meio rural tem menos acesso a drogas, ao mesmo tempo, aponta que, na escola rural de Arroio Grande, há facilidade em se conseguir drogas. O jovem diz: *"Tu não pegou droga na mão, tu não bebeu, não começou muito cedo em baile. Fica afastado um pouco. Odeio droga, não posso com droga. Quando eu bebo, ainda me sinto mal, quando tomo uma cerveja. Imagine se tomar mais? Eu não posso"*. O jovem sofre bastante pressão familiar para não ir a bailes ou beber, pois é considerado muito novo. Ele acredita que o jovem da cidade e o do meio rural não são diferentes. Para ele, o fato desses jovens se encontrarem nos mesmos locais, como bailes, e consumirem os mesmos produtos culturais, como músicas, dilui as diferenças:

Não. Não tem diferença, porque onde o jovem da cidade vai o jovem do campo vai também. O jovem do campo, como vou te dizer, vai numa balada o jovem do campo vai igual. Mesma balada. Se te disser que aqui no interior tem um baile o jovem da cidade vem também. É a mesma coisa. (Igor, Grupo Terra Viva)

No Ensino Médio, Igor recebeu o apelido de *agroboy*, uma referência por ter crescido e morar na zona rural, mas ser adepto à cultura de massa, ou seja, é um jovem preocupado com as marcas de roupas, de acessórios e de eletrodomésticos. Quando cita alguns deles, Igor costumeiramente complementa com o nome da marca. Faz questão de dizer que tem uma camisa da *Lacoste*, um tênis *Nike Shox* e está convencendo seus pais a fazer para ele um consórcio de carro. Sonha alto: quer um *Vectra* quatro portas. Quando comentamos o fato com sua mãe, ela disse ser um sonho difícil de ser realizado: "*Imagina só, ele não quer comer no RU, só em restaurante. Dá 6, 7 reais por dia. Não tem como comprar carro! Eu quero é comprar o caminhão, nem que fique comendo mandioca por um ano inteirinho*", referindo-se ao financiamento do caminhão através do Programa Mais Alimentos.

Pedro Henrique pensa diferente, segundo ele, é no comportamento diferenciado dos jovens que moram no campo que se percebe as discrepâncias em relação aos jovens que moram na cidade. O jovem aponta a maturidade ao resolver os problemas domésticos como uma diferenciação. Para ele, fora o acesso à comunicação, não há maiores diferenças. Em suas palavras:

Em alguns aspectos sim. Eu não vou sair ali, porque estou mal em casa. Sair para fumar ou beber alguma coisa. Se estou mal em casa vou tentar resolver aqui dentro, não vou sair beber nem fumar nem nada. Tem esta parte da comunicação, como o exemplo da internet também, lá tem o acesso mais fácil aqui não é tão fácil as coisas. (Pedro Henrique, assentamento Carlos Marighella)

Para os jovens que se mudaram para o meio urbano, é clara a distinção na visão que têm da cidade. Mirela e Vicente, por exemplo, citam como qualidades que encontraram na cidade o acesso às oportunidades, a informações e aos serviços, como hospitais e farmácias. Além da melhoria econômica para os três, há o lazer, mesmo que nem sempre aproveitado. Embora haja estrutura de cinema, parques, shoppings e uma gama de alternativas para lazer, os jovens não visitam esses ambientes com tanta frequência, preferindo visitar os pais ou os parentes nos finais de semana. Vicente costuma jogar futebol no sábado, Mirela passeia de bicicleta e Lúcia normalmente está trabalhando.

4.2.3 O meio rural e o trabalho

Todos os jovens da amostra, exceto Igor, afirmam que os jovens rurais têm mais responsabilidades que os jovens urbanos. Isso se dá, de acordo com eles, especialmente através do trabalho que realizam no meio rural. Para Lúcia, por exemplo, foi difícil estudar e trabalhar, mas a jovem relata que o acesso à educação era uma possibilidade de melhoria nas condições de vida:

O jovem da cidade não tem muito essa coisa "tenho que melhorar, ajudar meus pais", ou "é o tempo agora que eu quero estudar", porque normalmente quem trabalha na roça, *trabalha mesmo*, então cansa. Cansa que pra ti pegar um livro é bem difícil. O pessoal da cidade não tem essa diferença de querer uma coisa a mais. Eu vejo assim. Trabalho braçal é bem ruim, imagina muita coisa, muita responsabilidade. Quando o pai saía era eu quem tinha que ficar cuidando de tudo, era eu quem tinha que estar pegando ovo, os animais no campo, e ficava plantando, pegando pasto. Sempre tem responsabilidade: não adianta o pai ir entregar leite, não dar água pros porcos, não dar ração, não dar comida. Tem que ter responsabilidade. (Lúcia, assentamento Carlos Marighella)

Desde cedo, esses jovens assumiram tarefas dentro ou fora de casa, pois são jovens provenientes da agricultura familiar, atividade que depende do trabalho de membros da família. A classe em que esses jovens cresceram não possibilitou uma vida somente de estudo. Eles têm que trabalhar, não só na propriedade dos pais, como na cidade, também, quando o estudo e o trabalho devem ser conciliados. Não raro, o sonho de estudar fica adormecido, pois os jovens têm que priorizar o trabalho por uma questão de sobrevivência.

Em nossa amostra, todos os jovens pretendem ajudar financeiramente os pais no futuro. Os rapazes, que têm entre 18 e 21 anos, trabalham com os pais, salvo Vicente, que saiu do meio rural aos 18 anos. As duas moças da amostra já saíram do meio rural, ambas em busca de estudo e trabalho. Antes de morarem no meio urbano, as moças também trabalhavam nas propriedades em que os pais viviam.

Abramovay (1998) relata que nem sempre os jovens que trabalham na propriedade dos pais recebem remuneração por isso. Esse é o caso de todos os jovens da amostra. Há exemplos de jovens que trabalham em outras propriedades como forma de angariar dinheiro para si, como é o exemplo de Raimundo, Igor e Vicente – enquanto esse vivia no meio rural. No entanto, percebemos que essa remuneração, quando atrelada ao meio rural, nem sempre é fixa. Raimundo seguidamente é chamado para colaborar com o pai de Pedro Henrique.

Algumas vezes recebeu remuneração em dinheiro, outras vezes em troca de algum produto. Igor oferece serviços variados para os vizinhos, desde o corte de grama até o conserto de cercas, e a remuneração funciona da mesma forma que a de Raimundo. Já Vicente diz nunca ter trabalhado de graça, a não ser na propriedade dos pais.

Dos meninos, Vicente e Pedro Henrique têm experiências de trabalho fora do meio agrícola. Vicente trabalhou em fábricas de beneficiamento de porongos, no distrito de Arroio Só, e Pedro Henrique foi auxiliar de escritório. Das meninas, Mirela e Lúcia trabalharam em outros empregos. Mirela foi babá e atendente; Lúcia foi recepcionista e garçonete. Esses empregos traziam renda fixa para os jovens e suas famílias.

Das três irmãs que moram na cidade, Mirela é a única que não trabalha como empregada doméstica. Dessas, nenhuma quer retornar ao meio rural. É o mesmo caso de Lúcia. Em sua família, nenhuma das filhas maiores de idade demonstra interesse em voltar para o meio rural.

Da nossa amostra, Lúcia, Vicente e Mirela são os que focam sua vida na realização pessoal. São, também, os jovens que saíram de casa, têm renda própria e alguma experiência com a vida conjugal.

Para os que ainda estão no meio rural, o peso da sucessão hereditária é grande, notada especialmente entre os homens. Na hora de escolher para quem deixar o estabelecimento, os pais levam em consideração quem os cuidou na velhice e também quem demonstrou interesse em continuar com a propriedade (ABRAMOVAY, 1998). Normalmente o processo sucessório desqualifica as mulheres, pois as coloca em uma relação de submissão e de mera reprodução familiar.

Pedro Henrique, embora faça um curso relacionado à área rural, não pretende trabalhar especificamente no estabelecimento dos seus pais. Ele não nega o desejo de arranjar um emprego em alguma empresa quando terminar a faculdade, mas até lá pretende melhorar a propriedade da família. Pedro Henrique tem planos para o futuro e, neles, estão o estudo e a estabilidade financeira:

Não é fácil, né? Então acho bom o pessoal buscar capacitação. Quero ver se agora eu vou começar também uma capacitação para ter mais promoção, né? E em um futuro próximo aí poder ter uma boa remuneração, construir uma estabilidade financeira na vida profissional e pessoal também. (Pedro Henrique, assentamento Carlos Marighella)

No campo, o jovem cuida do pasto junto com a mãe, além de dar atenção aos

pequenos animais da propriedade de sete hectares. Entretanto, Pedro Henrique foi bastante poupado nos serviços rurais, já que os pais investiram bastante em seus estudos. Para os pais, é um grande orgulho e uma garantia de auxílio futuro na propriedade.

Em troca do investimento, Pedro Henrique sente-se pressionado. Os vizinhos alegram-se por ter um futuro assistente técnico. *"O assentamento agora tem um zootecnista"*, diz uma vizinha. Lúcia diz que Pedro Henrique é um exemplo de jovem, pois luta pelos seus interesses, quer ajudar a família, e isso se nota especialmente porque *"entrou numa faculdade das rurais, porque ele vai ajudar o pai dele, entendeu?"*.

O jovem acredita que deveria existir mais incentivo do governo para que os jovens se mantenham no campo, sobretudo, na questão de renda. O escoamento da produção, em sua opinião, é bastante difícil para os pequenos agricultores, o que faz com que a renda familiar não atinja toda a sua potencialidade. Pedro Henrique acredita que os jovens permaneceriam no campo se houvesse ampliação do comércio, pois haveria um meio rural mais enriquecido. Quando perguntado sobre quais as políticas deveriam ser aplicadas para a juventude permanecer no campo, Pedro Henrique questionou se a pergunta era relacionada a políticas agrícolas. Ele, então, explicou que está entusiasmado com um projeto de piscicultura que seu pai e ele estão desenvolvendo na propriedade. É vasta a literatura que afirma que o rural não é mais predominantemente agrícola (GRAZIANO DA SILVA, 2001;2002), sendo que os jovens, no caso Pedro Henrique, com sua história de vida e suas motivações, mostra-nos um exemplo dessa afirmação. Outros exemplos de um rural não agrícola seria o turismo rural e a agroindústria, por exemplo.

A piscicultura está presente na propriedade de Lúcia, de Pedro Henrique e de Igor. Embora o governo municipal auxilie no pagamento da abertura de alguns açudes, a maioria ainda é realizada pelos produtores. Isso pode ter impedido algumas famílias, como a de Raimundo, de realizar o investimento, já que o capital necessário gira em torno de R\$3 mil a R\$5 mil reais, dependendo das características do açude:

Os açudes foram abertos em 2011, mas em 2010 nós já tínhamos um pouco de peixe nos açudes. Mas bem aprofundado mesmo, pra começar e levar adiante o projeto, é agora que a gente está começando. (Pedro Henrique, assentamento Carlos Marighella)

Igor e Raimundo sentem o peso da sucessão hereditária sobre seus planos de vida. Igor sabe que a propriedade irá ficar em seu nome, assim como comenta que seus pais estão

realizando investimentos, pois têm esperança que o jovem irá dar continuidade. O rapaz, por vezes, demonstrou interesse em trabalhar na cidade ou em outras propriedades rurais, mas a responsabilidade em ficar no estabelecimento é grande:

Me sinto bem responsável por isso (propriedade). Eles falam que é pra eu cuidar da chácara porque isso aqui vai ser meu, só tem eu, porque meu pai.. (Silêncio) Minha mãe perdeu dois (filhos), né. Ele conversa comigo muito, por isso...como te disse, né? Vai depender de mim, o meu sustento. Eu disse pro pai: primeiro eu vou estudar. Ele quer que eu estude, então, e depois que descobriu que eu entrei (no Técnico em Agropecuária) ficou feliz. Ele e a mãe pulavam de alegria! Então tudo bem, entendeu? Por enquanto o futuro tá distante. Eu não estou pensando no futuro, estou pensando no agora. (Igor, Grupo Terra Viva)

No entanto, o jovem garante que, se encontrar um emprego que o pague bem, ele irá aceitar. A questão da venda da terra dos pais é delicada. Para o rapaz, vender as terras que foram adquiridas pelos pais com tanto sacrifício é muito difícil, o que o faz ponderar sua ida à cidade:

Mas disse pro pai não vou perder essas coisas (a terra), não...Nem que eu alugue as terra pra ver gente plantando. Vou ter que alugar. Não posso, não posso (perder as terra). Disse pra mãe...não saio daqui... como disse pra mãe: na cidade você tem que compra e pagar, coisar. Aqui não, aqui tu tem, tem água, tem tudo. (Igor, Grupo Terra Viva)

Raimundo também sente a mesma responsabilidade que Igor, mas não está se especializando como ele ou como Pedro Henrique. Ao mesmo tempo em que já pensou em morar com parentes em Canoas-RS, o jovem quer entrar para o quartel, pois, para ele, seria um passo de independência. Por mais que queira seguir o exemplo do vizinho, Pedro Henrique, no assentamento, Raimundo está com problemas nos estudos. Raimundo cursou o primeiro ano do Ensino Médio, mas até o final de 2011 estava na sexta série, etapa que repetiu. Ele fez uma prova de progressão e obteve média para terminar o Ensino Fundamental.

O jovem ainda não decidiu sobre seu futuro e vive mudando de opinião a respeito de morar ou não com seus pais e se quer ou não ser agricultor. Ao mesmo tempo em que relata: *"pensando acho que dá futuro aqui. Só falta um pouco de paciência, mas dá futuro aqui sim"*, o jovem diz que quer ser mecânico e aceita qualquer emprego no meio urbano. O jovem está dividido entre o desejo de realização da vida pessoal e o apego aos pais e à responsabilidade de cuidar da propriedade:

O Pedro Henrique, por exemplo, vai se formar em Zootecnia. Zootecnia é animal, né? Por que será que ele fez isso? O pai dele lida com animal e com certeza vai precisar muito dele. Ele vai se dar bem. Vou estudar que nem ele (silêncio). Vou tentar estudar. Mas eu não queria viver só no campo! Queria ter um negócio próprio. O Pedro Henrique quer trabalhar com o pai dele. Ele quer, mas eu não quero ser (agricultor)... ficar no campo muito tempo. Não sou acostumado....não sei lidar muito com a terra. (Raimundo, assentamento Carlos Marighella)

Ao mesmo tempo em que tenta agradar seus pais ficando no campo, o jovem demonstra seu conformismo com a situação:

Eu até falo: "quero ir embora daqui", mas não adianta, né? Fazer o quê. Meu pai e minha mãe vivem aqui. Agora não tem mais volta. Tenho que me virar. (Raimundo, assentamento Carlos Marighella)

O jovem, que ficou o período das férias escolares do ano de 2011 ajudando o cunhado na cidade de Canoas, acredita que terá mais facilidades no meio urbano. No entanto, ele foi enviado de volta para a localidade para terminar os estudos. Ele diz que, por não ser muito familiarizado com as questões do meio rural e do MST, sentia-se deslocado. Hoje o rapaz comenta que até faz algumas tarefas, "mato galinha", por exemplo, mas que não é sua primeira escolha.

Júlia - Alguma vez eles já comentaram que esse lote vai ficar pra ti?

Raimundo - Só há muito tempo. Bem, está na mão, agora é só saber administrar que vai dá certo. Eu penso isso toda a vez.

Júlia - E o que isso significa pra ti?

Raimundo - Significa que eu tenho que cuidar sozinho um dia, né? Eles não vão estar aqui para sempre do meu lado falando o que eu tenho que fazer e o que não. (Silêncio). Fazer o quê.... (Raimundo, assentamento Carlos Marighella)

O jovem diz que não se sente pertencente ao meio rural, pois detinha uma identidade urbana, era diferente das pessoas do assentamento e do MST. Hoje, adaptado ao cotidiano do local, tem dificuldades em assumir a identidade profissional de agricultor, pois, além de ter uma trajetória de vida distinta de outros jovens agricultores, Raimundo anseia por uma profissão no meio urbano. Por algum tempo, Raimundo externalizou sua vontade de ir morar em Canoas com os irmãos do primeiro casamento de sua mãe. Com o passar dos meses, as dificuldades financeiras dos parentes da região metropolitana se acentuaram, e o jovem modificou sua opinião. Entre o ficar e sair, Raimundo se divide por temer o desemprego na cidade, especialmente por sua baixa escolaridade:

Raimundo - Ir embora e deixar meu pai e minha mãe não dá. Também do jeito que meu irmão e meu cunhado estão na cidade não dá também. Eu só ratiei nos estudos, e sinto uma pressão nisso. Tenho medo de não arrumar um servicinho bom e ganhar meu dinheiro, bem ganhado.

Júlia - Que acha que precisa mudar aqui para dar esse futuro que tu esperas?

Raimundo - Ter mais renda. Mais renda, mais ajuda e outras coisas.

Júlia - Ajuda de quem?

Raimundo - Do governo, do Estado ajudar. Nunca fizeram nada. Só isso que eu espero. Mais trabalho, mais produto, mais horta. Depois do vendaval que destruiu tudo, agora nós vamos começar tudo de novo, ter mais animais, porque nós tivemos que vender tudo, porque destruiu tudo.

Júlia - Tu pretendes ir embora?

Raimundo - Viver aqui eu não vivo com certeza, mas eu tenho vontade de mexer em alguma coisa pra cá. (Raimundo, assentamento Carlos Marighella)

Raimundo sente-se desestimulado em trabalhar na terra. De acordo com Abramovay (1998), quando a propriedade não vai bem, o jovem tem mais chance de sair do meio rural, mas, caso o estabelecimento esteja funcionando, dando lucro e produtividade, o jovem tende a ver o meio rural como *locus* de vida, percebendo-o como local de vida e desejando permanecer no campo. Cronologicamente, Raimundo quis trabalhar no quartel, com blindados, depois ficou resignado em trabalhar na terra e agora tem planos de ser mecânico. Atualmente, espera ser chamado para servir o Exército, enquanto seus pais esperam soluções para a propriedade que enfrenta problemas burocráticos.

4.2.4 Malabarismo dos jovens batalhadores: o trabalho e os livros

As famílias, em geral, incentivam os filhos a estudar. É um diferencial, pois os pais não puderam dar continuidade aos estudos, já que tiveram exclusivamente que trabalhar. Nenhum dos pais dos jovens tem o Ensino Médio completo, e a maioria tem o Ensino Fundamental incompleto. As famílias de Pedro Henrique e de Igor são as que mais encorajam seus filhos a fazer diversos cursos como de línguas, informática e outros, como de capacitação em nutrição, no caso de Igor. Embora Lúcia queira cursar Administração na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), ela necessita se sustentar na região metropolitana, tendo, assim, o dia preenchido com o trabalho. Agora com o nascimento da filha Lúcia, Lúcia adiou o sonho.

Já Raimundo é bastante desmotivado para os estudos e encontra dificuldades na escola. “*Quero tentar acabar né, pelo menos para eu ir para o quartel*”. A mãe de Raimundo comentou que gostaria que o filho estudasse porque ela não teve essa oportunidade.

Acrescenta, ainda, que atualmente é difícil alguém que "*vá em frente sem estudos*", e ela se preocupa que seu filho não goste de estudar.

Vicente demonstra vontade em realizar concursos e ter uma vida estável. A estabilidade, tanto para ele quanto para Mirela, traduz-se em um trabalho com carteira assinada. No entanto, a rotina de trabalho pesada de Vicente, que normalmente exige muito esforço físico, torna a continuidade do estudo um desafio. Os dois queriam cursar Gestão de Cooperativas, mas Mirela não conseguiu passar no vestibular. "*Acredito que não era para ser*", contenta-se a jovem. Vicente fez quase 50% de acertos no vestibular e conseguiu entrar na universidade pública. As perspectivas agora aumentam, mas o jovem não irá deixar de aliar trabalho e faculdade:

Júlia - Agora com a faculdade de Gestão de Cooperativa, o que tu espera para teu futuro?

Vicente - Eu quero concluir a faculdade, quero ficar no quartel até concluir a faculdade, daí quando concluir a faculdade está quase na época de ir embora do quartel, aí eu não sei o que faço. Eu vou ver se eu consigo um emprego, um estágio na Coopercedro ou na Tresol. Se conseguir um emprego ali já fico por lá. (Vicente, Coopercedro).

4.3 Ritualidade: a mídia no cotidiano

4.3.1 A mídia no contexto de vida dos jovens

Percebemos que todos os jovens da amostra têm um grande envolvimento com a mídia, principalmente com a televisão e a internet. Os jovens com maior assistência da televisão, uma média de três horas diárias, são os que têm contato com uma ampla variedade de programas televisivos, como Raimundo, Mirela e Vicente. Esses são os jovens que não acessam à internet cotidianamente. Igor, mesmo com internet em casa, tem grande assistência da televisão, pois assiste a três horas diárias de televisão, além de utilizar as redes sociais, como Facebook. Os jovens que procuram menos a televisão, Lúcia e Pedro Henrique, ainda assim têm assistência de até três horas diárias. São esses jovens, junto com Igor, que mantêm acesso diário à internet.

4.3.1.1 O significado da televisão

A geração da década de 1990 já nasceu sob o reinado da televisão. Diferente de seus pais, que costumam alternar a assistência radiofônica com a televisiva, os jovens leem o mundo através da televisão. Nenhum jovem da amostra busca informação jornalística no rádio. Os jovens começam a se inserir, alguns mais que outros, no mundo digital. Existiram momentos, no entanto, em que a televisão, como objeto, não esteve na vida desses jovens, ao menos não no dia a dia. A vida no acampamento, em especial nos quatro anos em que Pedro Henrique viveu sob a lona preta, por vezes, como conta sua mãe, doente e tomando amoxicilina⁷⁷, não contou com energia elétrica. Lúcia, de forma descontínua, e Raimundo, somente para visitar o pai, também vivenciaram momentos em acampamentos.

Para Pedro Henrique, ter um aparelho de televisão hoje em dia tem um significado especial. A televisão nova, junto com a geladeira de última geração e o computador, por exemplo, são aquisições da nova classe média, os chamados *batalhadores* de Jessé Souza. Além disso, Pedro Henrique cita a casa própria e uma renda mensal. Essas conquistas foram possibilitadas devido ao ingresso de sua família no MST. Em sua casa, há dois televisores, mas só um funciona, e ele não é de última geração, como os de LCD ou de plasma, é um aparelho de televisão com tela plana de 21". Em nenhum momento de nossa convivência, Pedro Henrique mostrou o desejo de comprar um aparelho novo.

Quando apresentamos o objeto de pesquisa para a família – o telejornal, o pai de Pedro Henrique disse, rindo: *"a única coisa que presta na televisão e no telejornal são as moças bonitas"*. Isso mostra que, de fato, a família de Pedro Henrique não se reúne especificamente para assistir ao Jornal Nacional, como se o programa fosse a atração principal. A reunião familiar é ocasião especial, e o telejornal é o programa acessório, em um volume baixo, que recebe atenção quando "passa" alguma matéria que interessa à família. Ele não é, por si, a atração principal. A sala é pequena, mas nela cabem dois sofás e um rack, onde fica o televisor. Ao redor dele, há o rádio e as fotografias da família: um retrato do irmão mais velho de Pedro Henrique, no quartel; da filha do casal e de outros parentes. Também há alguns objetos de decoração. Por volta das 20h, o televisor já está ligado, e a atenção é dispersa. A sobrinha do jovem recebe a atenção de todos, ao engatinhar, fazer gracinhas e tentar caminhar.

A cena em que se reúnem para assistir ao JN, conversar sobre o que ocorreu no

77 Remédio utilizado para infecções bacterianas.

trabalho, na faculdade e na propriedade, além de comentar, vez ou outra, as notícias do telejornal se repetiu mais de uma vez. Enquanto o mate circula de mão em mão, um ou outro conta um *"causo"*. Não é costume trocar de canal durante o intervalo comercial e não foi percebida a utilização do controle remoto. As matérias que não interessam à família transcorrem sem nenhum comentário, e não há contato visual com o aparelho da televisão. Aquelas que chamam a atenção de alguém recebem a sinalização verbal *"silêncio"*, *"vamos escutar"*. Inicialmente, eles me direcionavam para o melhor sofá - aquele que tinha o melhor ângulo de assistência do televisor e evitavam sentar perto de mim, como se houvesse um sorteio invisível para ver quem se sentaria ao meu lado, o que ocorreu, também, em outras residências. No transcorrer das visitas, houve menos formalidades.

A sala onde a família de Igor destina um dos televisores da residência já denuncia que poucas pessoas passam algum tempo ali. O local está sempre muito arrumado e com poucos indícios de que alguém permaneça, de fato, no ambiente. A sala é pequena, tem três sofás que não formam um conjunto, além de um rack. Ao redor do televisor, há um aparelho de som, uma coleção de enciclopédia doada pela antiga patroa da mãe de Igor e alguns objetos de decoração, como um tatu em tamanho real e uma carroça, objeto do meio rural que agora adquire valor decorativo. Em cima do som e embaixo dos objetos de decoração, há toalhas de crochê.

O rapaz não tem permissão para ir a bailes, especialmente porque sua família teme o envolvimento com drogas e com más companhias. Normalmente, ele passa os finais de semana em casa, onde tem contato com amigos de seus pais, além de vizinhos, primos e compradores dos produtos hortifrutigranjeiros. A televisão e o notebook, o qual tem acesso à internet, são suas grandes fontes de lazer. A televisão, em sua opinião, não tem importância em sua vida, embora passe 3h ou mais diariamente assistindo aos programas. Em sua residência, além do televisor da sala de estar, há um eletrodoméstico na cozinha campeira e no seu quarto, mas esse está estragado.



Figura 23: Sala Igor - Ao redor do televisor há enciclopédia, DVD, aparelho de som e objetos decorativos



Figura 24: Televisor na cozinha campeira na casa de Igor.

Igor demonstrou, por várias vezes, o desejo de ter algum objeto novo. No entanto, não é somente um aparelho de televisão substituto para o de 21" que o jovem quer. Ele quer diversos outros produtos, como roupas e tênis de marcas. O jovem, de acordo com sua mãe, quer levar uma vida que não condiz com a renda familiar. De vez em quando, mãe e filho entram em conflito, pois o orçamento, que provém majoritariamente das feiras livres, não suporta as vontades do jovem. Em outro momento, Igor disse que quer construir um quiosque, fazer outras modificações e comprar um televisor novo:

Pra deixar meus pais bem colocados, entendeu? Cuidar da chácara pra não ter roubo, mas meus pais pedem pra não fazer. Só o que eu quero por enquanto é comprar uma televisão maior, de 50 (polegadas) pra botar na sala. Ah! Isso aí eu quero. Já fui lá ver ela hoje depois do meio dia. Se eu juntar dinheiro a primeira coisa que quero botar é esse telão na sala. Primeira coisa. Televisão a mãe comprou essa aqui. Não gosto de televisão muito pequena. Computador então sou apaixonado, tenho dois por isso. (Igor, Grupo Terra Viva)

Embora um televisor de LCD e com diversas funções ainda seja um sonho de consumo, o seu significado se modificou com o passar das gerações. O televisor é, agora, um eletrodoméstico corriqueiro nas residências. Ele já existe na maioria das casas brasileiras, diferindo-se, de uma para outra, no tamanho e na funcionalidade. O olhar de distinção social se foca, agora, também nos smartphones e nos computadores, em especial os portáteis. De acordo com o IBGE, o percentual de domicílios brasileiros com computador saltou de 10,6%, em 2000, para 38,3%, em 2010.

Raimundo não tem computador em casa e é um jovem trabalhador, tendo, por vezes, uma jornada tripla, pois trabalha em duas propriedades, na sua e na do pai de Pedro Henrique, além de ir à escola à tarde. Não auxilia o vizinho de assentamento todos os dias, o que garante certo tempo livre. Nos momentos de descanso, o jovem assiste bastante à televisão. Raimundo reclama da falta de lazer no meio rural, ao mesmo tempo em que, com o olhar urbano, acaba exaltando a tranquilidade e a segurança que encontra no campo.



Figura 25: Sala Raimundo - Televisor, o único da residência, fica na sala da frente

Raimundo divide a assistência à televisão, à noite, com os pais, ele agricultor e ela doméstica. Atualmente, o pai também faz pequenos serviços na construção civil. Eles assistem ao telejornal e à telenovela das 21h, e costumam comentar tanto o melodrama quanto o programa noticioso. A família é silenciosa e todos costumam falar baixo. Frequentemente Raimundo recebe visitas de dois irmãos, jovens e vizinhos do assentamento, para juntos assistirem à televisão, em especial nos finais de semana. Nesses encontros, é comum esses irmãos dormirem na casa de Raimundo. Certa vez, ocorreu uma discussão dos irmãos com a mãe deles, pois desejavam levar o único televisor da casa, um de 14' preto e branco, para colocar no quarto de Raimundo, e assim os rapazes poderiam ficar a madrugada inteira assistindo aos seus programas favoritos. Depois de certo tempo discutindo, a ideia foi descartada, já que os jovens tinham que acordar cedo para realizar tarefas nas propriedades.

Igor assiste a muitas horas de televisão, especialmente nos finais de semana. Programas de auditório são seus favoritos. Tem a assistência parecida com a de Raimundo, pois reclama da falta de lazer e acaba ficando em frente à televisão como forma de passar o tempo. No entanto, o diferencial entre os dois é o computador, uma vez que Igor navega na Internet em casa, enquanto Raimundo tem que pedir dinheiro ao pai para ir à *lanhouse*, fato

que o desagrada. Já Pedro Henrique e Lúcia não buscam a televisão como companhia, pois os dois têm rotinas pesadas e há pouco tempo para ficar em frente à televisão.



Figura 26: Sala Mirela e Vicente - Televisor é o único da residência

Mirela e Vicente assistem à televisão somente à noite, após o trabalho. Vicente relata que os programas de televisão são o pano de fundo para o seu descanso. Ele deita no sofá, liga o televisor e "*descansa a mente*". Isabel Travancas (2007) relata que suas pesquisas demonstram que os jovens universitários cariocas assistiam ao telejornal – que por vezes traziam notícias com realidades chocantes e tristes, mas que esse drama televisionado tinha uma barreira clara, a "telinha da televisão". O que parece ser contraditório, o momento de descanso com a assistência de notícias sobre catástrofes, mortes ou acidentes de trânsito perpassa o entendimento do distanciamento que a televisão dá, bem como o envolvimento de espetáculo que os programas trabalham, além do sentimento de que "isso não está acontecendo comigo".

Embora diga que não dá atenção ao noticiário e às telenovelas, pois são seus programas para "descansar a mente", Vicente sabe falar sobre as notícias e entende o melodrama. Já Mirela dá menos atenção à televisão, já que realiza outras tarefas ao mesmo tempo, como cozinhar e limpar a casa. Não menos que uma vez, Mirela estava lendo e assistindo à televisão concomitantemente, buscando no aparelho televisivo uma companhia

para suas demais tarefas, especialmente quando o companheiro não está em casa. Quando os dois estão em casa, não há a utilização do controle remoto, e o televisor está sempre sintonizado na Rede Globo.

Quando Lúcia morava no assentamento, a moça não escolhia a programação televisiva, sobretudo, à noite. *"Ele (seu pai) é dono do controle quando está em casa, então como só tem uma TV, todos assistem ao que ele quer"*. Como o pai gostava do telejornal, Lúcia acabou se habituando a esse cotidiano. A jovem diz que o horário do programa era o mesmo em que a família jantava, e ela costumava lavar a louça durante a telenovela, pois ela não gosta e costuma não assistir a nenhum tipo de folhetim televisionado.

Quando Lúcia ainda não havia nascido, Lúcia assistia à televisão no início da semana, quando tinha liberação do trabalho como garçonete. Mas a filha de Lúcia está na Unidade de Tratamento Intensivo, pois nasceu com 6 meses e 2 semanas, e a vida da mãe mudou bastante.

Todos os jovens da amostra, salvo Igor, garantem que o Jornal Nacional não faz diferença em seus cotidianos. Pedro Henrique afirma que é um meio para se ter informação, mas que é necessário ter um filtro para selecionar o que pode utilizar ou não, *"o que tem sentido para sua vida e o que não tem"*. As opiniões de Lúcia, Raimundo, Vicente e Mirela são enfáticas: o JN não faz diferença em suas vidas. Já Igor diz que sim, algumas coisas o auxiliam, e cita o exemplo de matérias sobre segurança na navegação da internet. Embora afirmem que o JN não tenha significado em suas vidas, eles, assim como os universitários cariocas de Travancas (2007), tecem comentários sobre o que os agrada ou de que sentem falta no telejornal. Nas palavras de Travancas (*Ibid.*, p.88):

O JN é uma referência também para eles, como é fonte de sentimentos os mais variados, que vão do amor ao ódio. Jamais da indiferença. Mais do que especialistas em televisão, como os entrevistados de Magalhães (2004), os meus entrevistados têm uma relação particular com o programa. Alguns comentavam a raiva que sentiam, o quanto gostavam dos apresentadores e elogiavam as matérias ditas positivas.

Frisamos que o telejornal é uma das principais fontes de informações contínua para esses jovens, já que todos, excluindo Pedro Henrique que tem acesso ao Diário de Santa Maria, ou ainda, Lúcia e Mirela que buscam raramente informações jornalísticas na Internet; os jovens não têm leitura contínua de jornais e de revistas ou acesso a outras formas de informação jornalística.

4.3.2 O consumo midiático

Sem dúvida alguma, a televisão é a preferência de todos os entrevistados, pois chegam a ficar de 2 a 4h diárias assistindo a programas na televisão. Embora tenham rádio em casa e seus pais escutem programas de notícias locais, o veículo é citado pelos jovens devido à programação musical. Vicente foi o único jovem a citar especificamente o nome de um programa de rádio, o *Pretinho Básico*⁷⁸. A Internet foi encontrada em duas casas, na de Pedro Henrique e na de Igor, uma no assentamento Carlos Marighella e outra em Arroio Grande. Mesmo com os diversos problemas, como o custo elevado das tarifas ofertadas e a baixa qualidade do serviço, a Internet é um investimento nessas duas famílias.

No entanto, essa é uma ocorrência rara. A Internet, que já é considerada um direito humano, no meio rural não encontra um terreno fértil, pois a maioria dos planos estão acima do orçamento das famílias de pequenos agricultores. Além disso, os planos são um investimento contínuo, pois o pagamento é mensal. Uma alternativa seria a inserção do mundo digital em áreas rurais através de políticas públicas⁷⁹, tanto para o desenvolvimento rural quanto para a articulação de um novo tipo de participação cidadã dos usuários. A Internet é apontada pelos jovens como um dos fatores negativos do meio rural:

Júlia - O que tu não gosta?

Pedro Henrique - A distância, algumas dificuldade em relação...sei lá, com a comunicação, com a internet, uma coisa assim.

Júlia - Não pega internet aqui?

Pedro Henrique -Pegar pega, mas é mais difícil de conseguir um plano bom. É mais caro. É diferente de tu está ali dentro da cidade, que basta que um dos moradores tenha tem um fio na frente da tua casa. Aqui é só o 3G, então é muito difícil.

(Pedro Henrique, assentamento Carlos Marighella)

Vicente e Mirela, moradores do meio urbano, tinham um notebook e convidaram o vizinho para dividir as despesas da internet. Quando o orçamento apertou, os jovens tiveram que vender o notebook. A Internet é o excesso no orçamento.

Como os jovens estudam ou trabalham no meio urbano, a maioria dos entrevistados tem acesso à Internet em *lanhouses*⁸⁰, com exceção de Lúcia, que utiliza a Internet em seu

78 Programa de entretenimento da Rádio Atlântida.

79 O governo está investindo na criação de telecentros em assentamentos, mas ainda é uma política incipiente.

80 As lanhouses citadas pelos entrevistados do Carlos Marighella ficam localizadas na Cohab Tancredo Neves,

local de trabalho. Há relatos de que, nas escolas dos jovens, existem laboratórios de informática, mas que eles não são utilizados, mesmo para atividades escolares. Os trabalhos escolares são realizados, então, em *lanhouses*, já que realizam as pesquisas na *web* e, às vezes, necessitam realizar digitações, como é o caso de Raimundo, que não tem computador em casa.

O uso da Internet é diversificado, mas utilizar as redes sociais e assistir a vídeos na *web* é uma atividade frequentemente citada:

Adoro ver curiosidades na internet, é minha paixão. Estou sempre vendo porque eu gosto de ver os vídeos na internet. (Lúcia, assentamento Carlos Marighella)

Igor navega na internet para baixar músicas, conversar no MSN e também para fins acadêmicos, de pesquisa, normalmente nos moldes "copia e cola". Ele não costuma ler, "*Televisão sim. Rádio não, jornal piorou.... ainda não..*", menciona o jovem. Igor relata que assiste à televisão "*porque dou muita risada*". Quando questionado sobre os meios de comunicação, nos quais ele diz confiar, em especial na televisão, "*porque ela é o meio de comunicação para gente saber, né*", Igor afirma que espera saber as informações da região e do mundo:

O que acontece pelo mundo, como é que anda o Rio Grande do Sul, ou Santa Maria, se o Brasil tá crescendo, ou se não tá. Isso daí. Passa notícia de acidentes, essas coisas. Só passa isso. (Igor, Grupo Terra Viva)

Lúcia passa o dia inteiro conectada à Internet, já que trabalha em frente ao computador. Quando chega em casa, que divide com colegas do trabalho, gosta de assistir à televisão e ler livros. Quando frequentou um semestre em uma faculdade na Quarta Colônia, costumava ler sobre *ontopsicologia*⁸¹, mas também lê bastante a Bíblia, pois é *Testemunha de Jeová*⁸².

Para Pedro Henrique, a Internet é importante para conversar com seus amigos via MSN, utilizar as redes sociais, em especial o Facebook, realizar pesquisas acadêmicas e utilizar alguns benefícios que a Internet oferece. Quando cheguei para uma visita, Pedro

especialmente na Avenida Paulo Lauda. Igor frequenta as *lanhouses* do centro de Santa Maria e Lúcia acessa à internet em seu trabalho.

81 Ciência humanista contemporânea que tem como objetivo tornar líder o homem em qualquer área em que opere.

82 Religião com fortes bases na Bíblia, mantém neutralidade política e militar em tempos de guerra.

Henrique estava utilizando o computador e, após eu perguntar o que estava fazendo, ele disse que estava navegando no site da UFSM, em busca de informações: "*preciso fazer minha carteira na biblioteca, descobri que é com ela que se come no RU*⁸³". Foi com a intenção de ajudar na qualidade dos estudos universitários que a família investiu na Internet.

A entrada na vida universitária modificou o consumo midiático do jovem, antes ele tinha tempo livre para que a televisão ocupasse sua rotina, pois regia os momentos e acompanhava os horários de lazer, estudo e trabalho. Atualmente, sobram poucos momentos para acompanhar os programas da televisão, até mesmo os seus favoritos. Quando acordava para ir à escola, Pedro Henrique costumava ligar a televisão para assistir o *Bom Dia Rio Grande*⁸⁴. Hoje, como acorda por volta das 5h da manhã, não liga nenhum aparelho, nem rádio, nem televisão. O jovem também assistia ao *RBS Notícias*, mas hoje chega por volta das 19h30, então nem sempre chega a tempo. Pedro Henrique também não perdia um episódio do *Globo Esporte*, seu programa favorito, mas hoje costuma ficar na UFSM para o estágio.

Pedro Henrique assiste à televisão "*para estar bem informado e até para me divertir um pouco*". O sentido de entretenimento é dado à televisão por todos os jovens, mas considerar a televisão como uma forma de companhia não está presente na vida de Pedro Henrique, mas sim na de Mirela. Seguidamente, a jovem fica sozinha em casa, pois Vicente joga futebol, uma ou duas vezes por semana, e, com frequência, tem plantão no quartel. Vicente e Raimundo ressaltam que ligam a televisão para passar o tempo. Vicente como forma de descanso e Raimundo por falta de opção de lazer.

Raimundo gosta de assistir a filmes e costuma comprar várias cópias piratas de DVD's, especialmente de filmes de ação e de aventura. Como a maioria da amostra, o jovem não frequenta cinema ou teatro. Todos os jovens da amostra, salvo Lúcia, nunca frequentaram o cinema. O MST utiliza o teatro do oprimido⁸⁵ nos acampamentos. Embora Lúcia e Pedro Henrique tenham vivido diversos anos em acampamentos, os dois jovens não citaram essas experiências.

Os entrevistados meninos são unânimes em apontar que o melhor programa é o *Globo Esporte*⁸⁶, além dele, citam, ainda, as transmissões das partidas de futebol. Igor e Pedro

83 RU é a sigla utilizada entre os acadêmicos da UFSM para se referir ao Restaurante Universitário. Em 2012, o estudante não carente almoçava por R\$2,50, e o estudante que comprovasse carência por R\$0,50.

84 Telejornal matutino veiculado pela RBS TV com notícias regionais.

85 Método teatral que reúne diversas técnicas teatrais elaboradas pelo teatrólogo brasileiro Augusto Boal.

86 Telejornal esportivo veiculado pela Rede Globo no horário das 12h50.

Henrique afirmaram assistir ao *Pânico na TV*. Ao realizar uma visita à casa de Raimundo, já que estava na casa vizinha, percebi que ele também estava assistindo ao programa.

O pânico? Porque... assim, ele mostra a vida de agora, a juventude. Como anda, como é que não anda, o que usar e o que não deve. Tiram sarro de tudo! Só não gosto quando vão nos bares e mexem com as mulheres. (Igor, Grupo Terra Viva)

No entanto, após oito meses, perguntei novamente aos jovens se eles assistiam ao *Pânico na TV*. A intenção era conferir como eles percebiam que o programa realizava chacota com as pessoas das classes populares e se isso os incomodava. Nenhum jovem assistia mais ao programa. Pedro Henrique explica que *"não me agrada mais, porque é um humor muito diferente, muito baixo o humor deles"*. O jovem disse que o que mudou foi ele e não o programa. Agora ele está na faculdade e tem mais perspectivas:

O meu mundo mudou. Todo o dia sair de casa às sete da manhã e ir para um colégio era uma monotonia. E eu passei a ir para uma faculdade. É um mundo totalmente diferente, é uma qualidade diferente, então não me sobra tempo para ficar assistindo a essas coisas, digamos, não tanto interessantes pra mim. (Pedro Henrique, assentamento Carlos Marighella)

Raimundo, amigo e vizinho de Pedro Henrique, também mudou sua opinião sobre o programa. Há oito meses, o *Pânico na TV* era seu programa favorito, mas hoje não. Era comum o jovem assistir ao programa junto com Bruno, seu vizinho:

Júlia - O Bruno ainda assiste *Pânico*?

Raimundo - De vez em quando ele manda mensagem perguntando se vou assistir ao *Pânico*, mas eu digo que não, que vou dormir. Ele diz "Ah, tá".

Júlia - Por que não está mais assistindo?

Raimundo - As coisas que eles fazem, quase sempre é a mesma coisa. Não gosto muito mais. O que estou assistindo mais é novela.

O pior programa apontado por Pedro Henrique é o *Mais Você*⁸⁷, apresentado por Ana Maria Braga. Mirela e Vicente citam o programa apresentado por *Xuxa Meneguel*. Lúcia não gosta de telenovela: *"todo mundo gosta e eu não suporto novela"*, diz ela. No entanto, a jovem também cita o programa *Pânico na TV*: *"da televisão aberta muito raramente se vê algo de realmente interessante e o Pânico é um lixo, não assisto e não desejo assistir."* A jovem tem acesso à TV a cabo em Canoas, o que possibilita uma gama maior de

87 Programa matutino veiculado pela Rede Globo desde 1999, tendo como público-alvo as "donas de casa".

possibilidades de assistência. Já Igor diz que, depois da meia-noite, todos os programas na televisão são ruins. Embora Raimundo tenha apontado que *Zorra Total*⁸⁸, programa veiculado aos sábados à noite na Rede Globo, seja o pior em sua opinião, em observação participante pudemos notar que ele sabe o nome de alguns personagens, as características e os jargões das falas dos personagens. A falta de lazer, especialmente nos finais de semana, é uma das reclamações do jovem. Em conversas informais, Raimundo me contou que ocorreria um baile ou uma janta com amigos em outro bairro da cidade, mas que não poderia ir, pois não voltaria a pé na escuridão. Os dias de chuva também são problemáticos, pois a família de Raimundo não tem automóvel. Mesmo que o irmão de Pedro Henrique tenha um Kadett, os dias de chuva também são um empecilho para as saídas noturnas do jovem universitário.

Programas que os jovens citam, que têm assistência frequente são *Fantástico*⁸⁹, *A Liga*⁹⁰, *CQC*⁹¹, seriados que passam na TV aberta, *Programa Silvio Santos*⁹² e *Programa do Ratinho*⁹³. As telenovelas foram citadas pelos meninos e por Mirela, sendo elas *Fina Estampa*⁹⁴, *Avenida Brasil*⁹⁵, *Morde e Assopra*⁹⁶, *Insensato Coração*⁹⁷. Além desses programas, Lúcia citou o *Guinness – O Mundo dos Recordes*⁹⁸, por gostar das novidades que veicula.

Não é costume dos entrevistados ler jornais, revistas ou livros. Mirela, Vicente, Igor, Raimundo e Pedro Henrique têm como base de informação a televisão. Já Lúcia assiste a vídeos de notícias na internet, "*às vezes eu vejo alguma notícia, poucas, mas vejo*", diz ela. Pedro Henrique e Vicente são os únicos que leem o *Diário de Santa Maria*⁹⁹, mas Vicente diz

88 Programa humorístico veiculado aos sábados à noite pela Rede Globo desde 1999.

89 Revista eletrônica digital veiculado pela Rede Globo desde 1973 aos domingos.

90 Programa de televisão brasileiro veiculado pela Rede Record e criado pela produtora argentina Eyeworks. É exibido desde 2010.

91 Programa humorístico brasileiro veiculado pela Rede Bandeirantes desde 2008 e criado pela produtora argentina Eyeworks.

92 Programa de auditório e de variedades exibido desde a década de 1960 na SBT.

93 Programa de cunho popular exibido pelo SBT desde 1998.

94 Telenovela brasileira produzida e veiculada pela Rede Globo no "horário das nove", com início em agosto de 2011 e com final em março de 2012. Seu enredo conta a história de Pereirão, interpretado pela atriz Lília Cabral, uma trabalhadora que se torna milionária, ou seja, uma nova rica. Sua vida se cruza com a de Tereza Cristina e seu marido, René Velmont, com quem irá ter um caso. A trama gira em torno do ódio entre as duas.

95 Telenovela do "horário das nove" veiculada pela Rede Globo entre março e outubro de 2012.

96 Telenovela do "horário das sete" veiculada pela Rede Globo entre março e outubro de 2011. O enredo gira em torno da paleontóloga Júlia e sua busca por uma espécie nova de dinossauros.

97 Telenovela do "horário das nove" veiculada pela Rede Globo entre janeiro e agosto de 2011.

98 Programa exibido de forma esporádica pela Rede Record.

99 Jornal diário do Grupo RBS. O que acaba não oferecendo uma leitura alternativa ao que podemos chamar de mídia hegemônica, pois não constrói conteúdos alternativos à cartela editorial dos grandes grupos de comunicação do país.

que se restringe à leitura dos classificados: "*Busco carros e motos baratos, penso em brincar no futuro.*" Raimundo diz que "*journal aqui só se comprar, mas nunca se compra.*" Igor diz que não "*Journal?.. Ainda não.*" Mirela gosta de ler livros de romance, em especial os de Sidney Sheldon. Notamos que o consumo televisivo é a principal fonte de informação dos entrevistados. Na casa de Raimundo, percebemos que a vizinha, Valéria, mãe de Bruno, recebe semanalmente jornais antigos da casa da irmã. Quando há notícias de interesse comum, a vizinha recorta e leva à casa da família de Raimundo.

Uma diferença entre Igor, morador da comunidade Arroio Grande, e os demais é a assistência ao RBS Notícias, programa regional de notícias. O assentamento fica localizado a menos de 3 km da entrada da Cohab Tancredo Neves, ou seja, está situado nas cercanias do perímetro urbano, o que facilita a transmissão via satélite. Já a residência de Mirela e Vicente é no perímetro urbano. A localidade de Arroio Grande, no entanto, não tem a assistência do RBS Notícias, já que os moradores utilizam antena parabólica e, com isso, não acessam à programação local. A mesma realidade desses moradores é encontrada em diversas outras localidades rurais, o que distancia os habitantes das informações locais noticiadas via televisão. Dada a importância desse meio para a veiculação de notícias, mesmo com a funcionalidade do rádio no meio rural, é uma questão primordial que deve ser trabalhada.

A televisão tem um fator fundamental na vida dos jovens entrevistados. Quando o objeto da pesquisa lhes foi apresentado, a televisão, e em especial o JN, eles logo afirmaram que poderiam falar muito sobre a televisão.

Júlia - E assistir televisão?

Raimundo- Televisão todo o dia.

Júlia – A pesquisa é sobre televisão.

Igor – Ahh! Eu sei tudo sobre televisão!

Nossos dados confirmam que a televisão é a principal fonte de informação para os jovens entrevistados¹⁰⁰. Para as jovens mulheres que trabalham fora, a assistência da televisão é menor, bem como a do jovem estudante universitário. Vicente, mesmo trabalhando no

100 Todos os jovens têm como principal fonte de informação a televisão. Torna-se importante o incentivo à pluralidade de informações. Aqueles que têm acesso ao mundo digital diferem-se em sua apropriação: há entretenimento e há uma gama de informações alternativas, o que possibilita um novo jeito de fazer política. A inserção do mundo digital em áreas rurais, bem como o barateamento do acesso à internet deve ser trabalhada através de políticas públicas para o desenvolvimento da participação cidadã, ativa e democrática.

quartel, assiste mais à televisão que Mirela, a qual tem que realizar as tarefas domésticas. Já Igor e Raimundo, mesmo auxiliando mais os pais nas propriedades, têm mais tempo livre e passam um maior número de horas em frente à televisão. Para a maioria dos jovens entrevistados, a televisão é a única forma de entretenimento, em especial por ser um lazer barato e acessível.

Notamos que, embora os jovens tenham como programas prediletos *Guinness – O Mundo dos Recordes*, *Globo Esporte* e *Bem Estar*, por exemplo, eles assistem com suas famílias a outra programação na televisão, como telejornais, telenovelas, *Fantástico* e programas de auditório, como *Ratinho*. Pela quantidade dos programas assistidos em família, nunca menos que dois, podemos inferir sobre a valorização dos momentos em família na amostra e sobre certa constância da vivência em coletivo, o que não se restringe somente aos momentos da assistência, mas se alastram aos momentos do trabalho em família ou associativo, bem como aos momentos de lazer, dando preferência a atividades coletivas, como futebol, churrasco e rodas de conversa.

Em nenhum caso o telejornal é preferência dos jovens, sendo que em todos os casos a assistência ocorre em família. Goulet (2012), em seu trabalho *Médias et classes populaires*, apresenta casos em que o telejornal tem para os entrevistados uma representação familiar. O significado do telejornal, para uma das entrevistadas, é negativo, pois lhe lembra de momentos de repressão familiar.

No próximo capítulo, buscamos compreender como se dá a representação das desigualdades sociais dos jovens receptores e o papel do Jornal Nacional nessa constituição.

Nome	Programa Predileto	Programa assistido com família	Número de aparelhos	Número de horas de assistência por dia	Onde tem acesso à internet	O que faz na internet?
Lúcia	Guinness – O Mundo dos Recordes	Telejornal, programas de auditório	1	1 a 3h	Trabalho	Facebook/Email/YouTube e Algumas notícias
Raimundo	Globo Esporte	Telejornal, telenovelas, Fantástico e programas de auditório	1	Mais de 3h	Lanhouse	Youtube/Email
Pedro Henrique	Globo Esporte	Telejornal e programas de auditório	2, um está estragado	1 a 3h	Em casa	Facebook/Email/YouTube
Vicente	Globo Esporte	Telejornal, telenovelas, Fantástico e programas de auditório	1	Mais de 3h	Lanhouse	Email
Igor	Globo Esporte	Telejornal, Fantástico e programas de auditório	3, um está estragado	Mais de 3h	Em casa	Facebook/Email
Mirela	Bem Estar	Telejornal, telenovela, Fantástico e programas de auditório	1	Mais de 3h	Lanhouse	Email Algumas notícias

Tabela 5: Consumo Midiático

PARTE CINCO – A RECEPÇÃO DAS DESIGUALDADES SOCIAIS DO CAMPO

5.1 O mundo rural do telejornal e o dos jovens entrevistados

A televisão tem seu papel na difusão de representações dos moradores do campo e das ruralidades. No entanto, não está sozinha, pois a literatura, por exemplo, também tem suas representações, bem como a telenovela. Através das discussões anteriores e da apresentação dos perfis, podemos perceber que há diversos modos de vivenciar o meio rural, já não mais a representação de um local sem perturbações, onde as notícias não chegam, ou se chegam, o fazem atrasado. O meio rural caminha agora, mesmo que a passos curtos, para um acesso mais ampliado à internet. Investimentos em atividades que antes eram relegadas ao “fundo de quintal”, como a criação de pequenos animais, minimizam o trabalho braçal. Compreendemos que os moradores do meio rural estão inseridos, cada vez mais, na sociedade de consumo.

As representações dominantes sobre o meio rural apresentam elementos dramáticos para os jovens da classe popular: há migração para a cidade, pouca escolaridade, déficit em emprego, presença de latifúndio. Por essas características, o meio rural se caracteriza como um local de vida com sociabilidade em decadência. Os seus moradores trabalham no cotidiano a resistência pela sobrevivência. Para os jovens da amostra, muitas dessas características dominantes fazem parte do cotidiano no meio rural. Parte da amostra, Vicente, Mirela e Lúcia, já migraram para a cidade em busca de educação, mas principalmente de emprego. Os que moram com os pais veem o meio rural sob outro prisma, especialmente Igor e Pedro Henrique, pois elaboram significados mais positivos e diversificados para o local onde vivem. Raimundo, que vivencia um embate constante entre as representações do meio rural e do meio urbano, tem uma definição contraditória do que são esses espaços de vida, o que demonstra seu sentimento de não pertencer ao meio rural, ao mesmo tempo em que não vê perspectivas econômicas concretas para a propriedade dos pais.

Para os jovens, é inseparável a representação de morar no campo e trabalhar com agricultura. O que é mais comum entre os entrevistados é a representação do morador do meio rural como alguém com “*as mãos calejadas*”, e isso está relacionado à sua identidade profissional, a de agricultor. A leitura de Pedro Henrique sobre o morador do meio rural é a que predomina entre os jovens. Para o jovem, o agricultor é um guerreiro que enfrenta as

intempéries, seca ou enchente e sofre *"por causa de todo esse trabalho braçal que tem"*. Ao falar sobre o morador do meio rural, Vicente e Igor fazem distinções no que concerne ao mundo do trabalho, ao mesmo tempo em que tecem comentários sobre quais seriam as características do homem do campo, como alguém tímido, com menos estudo que alguém que viveu na cidade:

Vicente – O homem do campo é aquele velhinho com chapéu de palha, com uma camisetinha polo, uma bombachinha.

Júlia - Camiseta polo?

Vicente – Sim, aquelas de botão, bem surradas. Acho que definiria assim. As mãos bem calejadas.

Júlia - E como é o trabalho lá?

Vicente - É um trabalho pesado, lavoura, sol, os ombros queimados assim. Sobre o trabalho no campo eu diria que é bem mais pesado que o trabalho na cidade. O homem do campo é mais tímido, desconfiado. O homem da cidade seria mais estudado talvez. Um pouco, alguns não, mas um pouco mais culto, porque convive com mais pessoas. Um homem menos tímido. (Vicente, Coopercedro)

Homem do campo: trabalhador, o principal. Pega no serviço, não tem hora que para o serviço. Tu mora na cidade e conhece bem lá: o serviço é das oito horas ao meio dia, folga a metade, depois da uma às seis, depois vão pra casa. Aqui não, o serviço é diferente, porque acorda às oito horas, trabalha até às dez horas, se tu quiser, o serviço é teu, ninguém te manda, é tu que se manda. É tu que é responsável pelo teu desenvolvimento. O pai conseguiu muito, no passado não tinha nada. Ele fez a casa e trabalhava no fumo, agora ele já tem o pomar e três estufas. (Igor, Grupo Terra Viva)

A partir das menções de Vicente e de Igor, notamos que há duas distinções relacionadas ao trabalho no meio rural: ele é fisicamente mais pesado do que aquele realizado no meio urbano (Vicente), assim como é o agricultor que elabora seus próprios horários e é seu próprio chefe (Igor), o que requer disposições como autocontrole e disciplina. Essas duas representações sobre o morador do meio rural nos revelam, conjuntamente com a análise da história de vida, a faceta do jovem que migrou para a cidade, pois não via como tirar sustento para toda a família do trabalho no meio rural, além de discordar da maneira como o trabalho era desenvolvido na propriedade de sua família (Vicente); e o jovem que está integrado ao trabalho familiar de forma associativa (Igor).

Quando questionamos sobre a representação do morador do meio rural no telejornal, os jovens apontam para codificações dominantes, ressaltando matérias em que o Jornal Nacional mostra momentos delicados da vida da família rural, como em períodos de secas e enchentes. Pedro Henrique, Mirela e Raimundo dizem que o telejornal mostra o morador do

meio rural como um sofredor, quando há seca ou enchentes.

Quando aparece ali, aparece quando a pessoa mais perde tudo. Nunca ouvi na minha vida dizer: "Ah! O agricultor está bem de vida, porque deu muito lucro pra ele na plantação." (Raimundo, Carlos Marighella)

Mostram os agricultores com a roupa suja da lavoura, suja de terra, porque muitas vezes vão entrevistar eles lá quando dá seca. Os que aparecem no Jornal Nacional, a maioria é de classe baixa. Eu queria que falassem mais sobre a produção que deu boa, o crescimento, tratar de coisas positivas, porque aparecem sempre mais coisas negativas, quando perdem tantos hectares de alguma plantação, morre o gado por causa da seca. (Mirela, Coopercedro)

Mostra na seca, que é quando uma pessoa está sofrendo, algo assim, né? Ou quando dá enchente (risos), que é também quando alguém está sofrendo. (Pedro Henrique, Carlos Marighella)

Aparece sempre com chapéu de palha, de camisa de trabalhar na roça, de calça e bota, sempre aparece assim. (Lúcia, Carlos Marighella)

Igor - Como ele vive, onde ele mora. O Jornal Nacional, quando mostra o homem do campo, só fala coisa boa, né. Ah porque não mostra o que é sofrer, o morador não sofre com tumulto, porque tem terra, tem água, tem tudo. Sempre foi assim.

Júlia - Não mostra matérias sobre problemas, por exemplo?

Igor - Só no nordeste. Mostra que o nordeste tá passando sede, porque estão morrendo os animais por falta de água. (Igor, Grupo Terra Viva)

No jornal aparece lavoura, gado, aparece tudo muito bonitinho, mas não é só isso, tem a parte da seca, que pode até aparecer, mas não explica como que o agricultor vai fazer para pagar, aparece ele reclamando e deu. As pessoas pensam que é plantar e colher. (Vicente, Coopercedro)

De forma geral, os depoimentos nos mostram que a representação do morador do meio rural no telejornal para esses jovens tem classe social, a classe baixa, e é uma representação negativa, pois mostra o morador subjugado às intempéries, especialmente para Raimundo, Mirela e Pedro Henrique. No caso de Lúcia, o morador aparece como alguém trabalhador, sempre ligado às lides agrícolas, e para Igor e Vicente, o telejornal foca mais nos aspectos positivos e, caso aborde as questões negativas, trata-as de uma forma superficial ou muito regionalizada.

Essa representação negativa do morador do meio rural no telejornal vai ao encontro das próprias representações apresentadas por Pedro Henrique e Raimundo, já que eles caracterizam os agricultores, em linhas gerais, como pessoas sofredoras e guerreiras, adjetivos necessários pela condição de resistência em que se encontram:

Uma pessoa aguerrida no sentido de resistir às intempéries, que tem seca e excesso de chuva. (Pedro Henrique, assentamento Carlos Marighella)

Sofredor, eu acho que tem muito *agricultorzinho* assim que é sofrido. A gente já não é muito, muito não a gente não é, mas tem gente que é pior que a gente já. (Raimundo, Carlos Marighella)

Igor apresenta um aspecto bastante diferenciado. Para o jovem, embora o telejornal apresente matérias sobre secas e enchentes, o Jornal Nacional também mostra histórias de agricultores que estão em ascensão social. O jovem cita o exemplo de uma matéria que contava a história de vida de uma agricultora familiar que tinha transformado sua vida, tornando-se uma feirante bem sucedida:

Ela saiu, estava trabalhando em uma feira comum, *como a minha mãe, que saiu daqui e foi trabalhar em uma feira grande*. Ela saiu de um agronegócio pequeno que ganhava pouco para ganhar bastante. Como vou dizer: assim, ganhava, em dinheiro, duzentos reais e foi pra lá para ganhar mil ou mil e pouco, aí ela se desenvolveu, daí ela foi crescendo mais, tendo mais coisas, entendeu? (Igor, Grupo Terra Viva)

Igor traz o exemplo do telejornal para sua vida pessoal. Sua mãe era empregada doméstica e seu pai trabalhava para uma empresa fumageira. Hoje eles são feirantes reconhecidos e trabalham na maior feira de Santa Maria. Para ele, a identificação com a matéria está relacionada à mudança de vida positiva da família, assim como às relações sociais e à posição de classe, ou seja, está relacionada com a sociabilidade.

A representação do meio rural como local tranquilo e do morador nesse meio como alguém trabalhador é a adotada pelos entrevistados, embora existam modificações, pois Igor, por exemplo, vê menos diferenças entre o meio urbano e o rural, enquanto Raimundo percebe essa tensão mais acentuada. Essa distinção de leitura dos jovens está relacionada potencialmente à sociabilidade, pois a estrutura da propriedade familiar de Igor, por exemplo, permite comodidades como acesso à Internet, meio de transporte que o desloca para o meio urbano e recursos para a realização de cursos de línguas e de nutrição, além de capacitações que são inacessíveis para a vida de Raimundo. A tensão entre o meio urbano e o rural é atenuada no caso de Igor. Raimundo, no entanto, teme que sua permanência no campo esteja atrelada à condição desestimulante de “ver o tempo passar”, o que Frossard (2003, p.22) alia à desvalorização do campesinato no país em um sistema agrário baseado na grande propriedade rural.

O telejornal é um espaço onde as representações sobre o meio rural, em especial dominantes e negociadas, como vimos na análise das matérias no capítulo dois, são colocadas

em disputa. Nas codificações, o que persiste é o olhar urbano sobre o meio rural, o que Wanderley (1999) chama de usurpação urbana do meio rural, o que ocorre através da abordagem sobre grandes safras ou de problemas financeiros decorrentes da desvalorização de um produto, uma *commodity*, no mercado internacional, por exemplo. Codificações negociadas no telejornal sobre o meio rural apontam para a policultura e a cultura orgânica com entraves, especialmente por mostrarem iniciativas institucionalizadas que atingem uma pequena parcela de produtores familiares.

Sobre a matéria que mostra os transtornos que a transposição do Rio São Francisco estava causando às famílias de pequenos agricultores no nordeste, que classificamos como dominante por mostrar o agricultor não tendo possibilidades de tirar da terra o seu sustento e por estar à revelia do Estado, Lúcia diz que esses se encontravam "*abandonados e piores do que já estavam*", ou seja, a condição dos agricultores anteriormente era ruim e, com os transtornos, piorou. Aqui, é importante ressaltar a categoria de sociabilidade, já que a moça deixou a zona rural, pois a família enfrentava problemas financeiros, principalmente porque seu núcleo familiar era grande e não conseguia cultivar todos os hectares de terra da propriedade que detinha. A situação crítica da família de Lúcia é apontada por Raimundo: "*a família dela enfrentava dificuldades, eram em número maior... foi a única saída [ela sair do meio rural]*". Sobre a matéria do Rio São Francisco, Lúcia complementa, ao afirmar que a população das cercanias aparece como abandonada, que ela fica com a "*a sensação de total desleixo do próprio governo.*"

Igor pensa diferente, pois acredita que os agricultores que tiveram suas casas danificadas ganharam indenizações para deixarem suas casas e já poderiam ter saído de suas propriedades, escolhendo outro lugar no meio rural:

Que eu achei? Com essas explosões é claro que vai rachar as casas. Pega 60 metros em volta e depois manda explodir, é claro que vai rachar. Ainda eles (os agricultores) não saíram, porque não quiseram. Eles (o governo) estão dando indenizações, estão dando tudo pra sair. O problema não é do governo, é dos moradores.

Júlia - Eles estão ganhando assistência?

Igor -Tão ganhando, claro que tão ganhando, eles não deram tudo. Eles podem pegar bem o dinheiro da assistência e ***fazer outra casa em outro lugar por ali bem melhor ou mais longe da construção.*** (Igor, Grupo Terra Viva)

Para Lúcia, o fato de os agricultores não encontrarem emprego nas construtoras mostra claramente a desigualdade social que existe no país. O progresso que a transposição traria,

dando consequência a uma renda maior para os agricultores, ficou somente na promessa. Mirela ressalta que os agricultores aparecem com um pedido de ajuda, pois da agricultura não conseguem mais tirar o sustento:

Fico com a impressão que os grandes dão pouca ou quase nenhuma importância à sociedade da classe baixa, e que onde poderia dar mais renda e gerar mais empregos foi apenas iludível para aquele povo. (Lúcia, 18 anos, assentamento Carlos Marighella)

Talvez os agricultores fossem ganhar bem mais do que fazer a produção de agricultura. Talvez trabalhar nas escavações para o rio o salário ia ser maior. De verdade, os agricultores aparecem como pessoas que precisam de ajuda, precisam de emprego. (Mirela, Coopercedro)

As leituras dos jovens, em sua maioria, concordam com a codificação dominante do Jornal Nacional, embora apresentem algumas denúncias como no caso de Lúcia, que afirma que as classes mais altas, personalizadas no Estado, não dão oportunidade às pessoas de outras classes; o caráter principal é o mesmo: os pequenos agricultores têm dificuldades de se sustentar no meio rural e estão esperando ajuda. Já na leitura de Igor notamos diferença, pois há o desejo de se manter no meio rural ao construir a casa em outro local e viver da agricultura. Por esta razão, caracterizamos sua leitura como negociada.

	Representação das ruralidades – morador e meio rural Codificação	Representação do morador e do meio rural - Decodificação
Lúcia	Dominante	Dominante
Mirela		Negociada
Igor		Negociada
Vicente		Dominante
Pedro Henrique		Resistente
Raimundo		Negociada

Tabela 6: Decodificação ruralidades

Não há um consenso sobre em quais tipos de matérias os jovens se sentem representados. Enquanto Raimundo cita as matérias sobre legalização de lotes - como aquela

que analisamos no capítulo dois sobre a luta dos indígenas contra assentados e latifundiários - Pedro Henrique lembra sobre as matérias que falam sobre seca. Entre novembro de 2011 e janeiro de 2012, a região central do Rio Grande do Sul enfrentou uma forte estiagem. Algumas matérias mostrando a região sul foram veiculadas no JN. São nessas matérias sobre seca que Pedro Henrique se sente mais representado:

Mostram as pessoas do campo quando está numa extrema seca. E é quando tem a seca, as plantas do pai acabam morrendo, um açude que seca, uma vaca fica sem tomar água. (Pedro Henrique, assentamento Carlos Marighella)

Já Igor cita as matérias em que mostram os agricultores que estão começando a melhorar a situação econômica, ressaltando que não gosta das matérias que mostram os pobres que roubam. Notamos que não é a veiculação do acontecimento que o incomoda, e sim o fato de pessoas pobres, próximas de sua situação econômica – ou de um passado próximo, quem sabe de seus pais, estarem roubando:

Júlia - Quando ele está trabalhando e que está tudo tranquilo?

Igor - Não. Isso me sinto [representado] porque eu trabalho, fico tranquilo. Não dependo de ninguém. Fico lá sentado, quando eu quero trabalhar, trabalho, foi o que pai também disse. O pai é assim. Não dependo de trabalhar na cidade, que tem hora marcada e posso ficar desempregado. Quando estava passando esses dias lá no Mato Grosso que tinha uma mulher que a família trabalhava no campo, estava vivendo bem, estava começando a ganhar bem. Disse, *“ah! Isso eu também concordo”*. *Mas quando passam aquelas coisas que tem gente pobre que está roubando, tô fora, nem me olha, que eu não quero nem saber*. (Igor, Grupo Terra Viva)

Igor tem uma leitura do trabalho do meio rural que vai ao encontro de alguns entrevistados de Champagne (1986), que pesquisou a realidade francesa. Ele afirma que, no meio rural, o trabalhador não é assalariado e não é dependente do mercado de trabalho. Embora os entrevistados de Champagne (1986) relatem que não ter um horário definido é um aspecto negativo do trabalho no meio rural, Igor diz que é exatamente esse é o lado positivo, pois ele é seu próprio patrão, não é subordinado a ninguém, faz seus horários e controla sua produção.

Percebemos que os jovens manejam várias nuances de representações do meio rural. No entanto, de forma geral, a codificação dominante do meio rural como um local atrasado, com pouca produção local e com sociabilidade em decadência é aceita pela maioria dos jovens. Nessa categoria, especialmente em Igor podemos encontrar um outro olhar para o rural, decorrente da estrutura proporcionada pelo trabalho associativo familiar. A família de

Pedro Henrique também trabalha de forma associativa, o que permite um investimento em cursos, aumentando o capital cultural do rapaz. A tensão entre o meio urbano e o rural é minimizada. Contudo, a representação do agricultor para ele é negativa, de um trabalho muito penoso. Sua família decidiu, então, investir na piscicultura, o que influenciou o jovem a estudar sobre o assunto e a conseguir um estágio na área.

Em relação às representações do morador do meio rural no telejornal, os jovens o veem como um sofredor, pois está sempre enfrentando as intempéries. Acrescenta-se a isso o fato de esse sofredor ter classe definida, a classe baixa, que tem menos estrutura econômica para se reerguer em caso de enfrentar problemas financeiros. Essa leitura está em consonância com as representações sobre o morador do campo, em especial nos casos de Pedro Henrique, Raimundo, Mirela e Lúcia.

5.2 As desigualdades sociais

La pobreza es un estado social. Y como tal es un invento de la civilización (Sahlins apud Gutiérrez, 2007:23)

"País atinge o menor nível de desigualdade social desde 1960" – Esse é o título da matéria¹⁰¹ do dia 7 de março de 2012 do sítio da Folha de São Paulo, na editoria de Economia. No entanto, o chapéu logo informa: "País teve forte avanço durante 2011, mas ainda assim permanece entre as doze nações mais desiguais do mundo". O avanço a que a matéria se refere está relacionado, também, às transformações que ocorreram no Brasil na última década, essas que acabaram por incidir no entendimento que o país tem de si mesmo. No entanto, o país continua desigual. Para nós, a pobreza tem um significado social e não tem um caráter naturalizado, não sendo "inerente à existência da totalidade ou de uma parcela da humanidade em um determinado tempo e lugar; ao contrário, a pobreza é produzida e reproduzida socialmente" (CAMPOS, 2011, p.51).

Ultimamente o país está diante do que alguns chamam de "o maior fenômeno sociológico do país". O aumento do poder de compra das classes populares no Brasil foi uma mudança proporcionada por modificações na natureza política e econômica dos governos de Luís Inácio da Silva e Dilma Rousseff. Nas palavras de Pochmann (2012, p.10), houve uma

101 Matéria encontrada no endereço <<http://economia.estadao.com.br/noticias/economia,brasil-atinge-menor-nivel-de-desigualdade-social-desde-1960,105210,0.htm>> Acesso em 14 de maio de 2012.

atuação em duas frentes: "Juntamente com as políticas de apoio às rendas na base da pirâmide social brasileira, como elevação do real do salário mínimo e massificação da transferência de renda, houve o fortalecimento das classes populares assentadas no trabalho". Tais transformações, contudo, ocorrem com ressalvas.

Fruto dessas modificações, ao lado de uma classe média tradicional, surge outra classe média, conhecida como nova classe média. Souza (2012) e outros autores, como Pochmann (2012) a chamam de *nova classe trabalhadora*, pois é resultado da reconfiguração do capitalismo no Brasil e no mundo. Pochmann (2012, p.10) explica que a forma de consumir da nova classe trabalhadora se distingue da classe média tradicional:

Seja pelo nível de rendimento, seja pelo tipo de ocupação, seja pelo perfil e atributos pessoais, o grosso da população emergente não se encaixa em critérios sérios e objetivos que possam ser claramente identificados como classe média. Associam-se, sim, às características gerais das classes populares, que, por elevar o rendimento, ampliam imediatamente o padrão de consumo. Não há, nesse sentido, qualquer novidade, pois se trata de um fenômeno comum, uma vez que trabalhador não poupa, e sim gasta tudo o que ganha.

São quase 30 milhões de pessoas que abriram novos empreendimentos e, somados às políticas governamentais do governo Lula e Dilma, ascenderam socialmente e adentraram no mercado de consumo. Muitas dessas iniciativas foram realizadas por esforço próprio e a custo de muitos sacrifícios pessoais. É essa realidade que encontramos em nossa amostra, composta por famílias da nova classe trabalhadora que, como Souza (2012, p.20) diz, são o melhor exemplo da "autoconfiança" brasileira dentro e fora do país.

A nova classe trabalhadora, conforme mencionamos, é consequência de reconfigurações no capitalismo mundial e no Brasil. Ele modificou tanto a sua forma de produzir mercadorias e gerir o trabalho vivo quanto o seu "espírito" que legitima suas ações (SOUZA, 2012, p.26). Tais transformações focam-se especialmente no novo regime de trabalho, não mais centralizado em fábricas e agora com horas de trabalho muitas vezes superior às daquelas do fordismo clássico. Por essa razão, Souza (2012) chama os pertencentes da "nova classe" de *batalhadores*, que é como nos referimos em alguns momentos aos entrevistados, pois embora estejam inseridos no mercado de consumo, esse pertencimento é realizado com abnegações. Há extensas jornadas de trabalho e existem diferenciações em relação à classe média tradicional, acarretando no preconceito de classe, visto que a classe social é definida não só pela renda, mas, sobretudo, pelo estilo de vida e pela vida prática e

empírica de mundo (SOUZA, 2012).

Entender como são percebidas pelos entrevistados as representações das desigualdades sociais no contexto de transformação e de manutenção do abismo social no país nos interessa, pois está relacionado potencialmente às modificações da identidade dos entrevistados. Entendemos que as representações midiáticas tornam familiar algo que não é familiar, como a riqueza para as classes populares e a pobreza para as classes altas. As representações, como afirma Minayo (1999, p.110), "não conformam a realidade e seria outra ilusão tomá-las como verdades científicas, reduzindo a realidade à concepção que os homens fazem delas". No entanto, estudamos as representações através de sua relação com a identidade, pois as representações são formadas a partir das vivências desses jovens, o que pode proporcionar outras novas experiências. Dessa forma, a relação identitária com a mídia é importante, pois os discursos midiáticos incidem na construção de identidades. Nas palavras de Alsina (2009, p. 71)

a mídia fornece discursos a partir dos quais os grupos ou as classes constroem uma imagem das vidas, significados, práticas, valores de outros grupos ou classes sociais e sobre a sua situação com relação ao quesito globalidade.

Percebemos que a tensão entre as representações dos jovens sobre o abismo social no país e as representações sobre as desigualdades sociais do campo no telejornal varia de acordo com alguns parâmetros. Quando se analisa a classe social, mesmo os jovens que se distanciam do debate sobre a desigualdade social, como veremos adiante, acabam por discordar da representação da pobreza no Jornal Nacional. No entanto, essa divergência se dá por dois motivos, um por vivência pessoal e outro por consequência de mediações, como movimento social e cotidianidade familiar.

Para Lúcia, Mirela, Vicente, Raimundo e Igor, a profissão da classe baixa que mais aparece no telejornal é a de empregada doméstica. Igor ainda cita a de catador de lixo, e Pedro Henrique a de vendedor ambulante, camelô e serviços gerais, ressaltando que "*talvez alguma outra pessoa se sobressaia em um emprego melhor*". O jovem diz que nem sempre a pessoa vai ficar no mesmo emprego o resto de sua vida, ele "*vai acabar saindo dali*", destacando a possível ascensão para outros empregos que tenham maior reconhecimento social e melhor retorno financeiro. Mirela ainda cita a profissão de babá e tele moto. Vicente se recorda de

outras profissões, como pedreiro e encanador, servente e auxiliar de linha de montagem. Raimundo e Vicente foram os únicos jovens que relacionaram as profissões de classe baixa no Jornal Nacional com algumas tipicamente rurais, no caso boia-fria e “colono”.

Vicente, antes de se mudar para o meio rural, trabalhava na linha de montagem de uma fábrica de cuias, no distrito de Arroio do Só, em Santa Maria. Mesmo identificando-se como classe média atualmente, o jovem destaca essa profissão como sendo de classe baixa. Em entrevistas, Vicente ressalta a ascensão econômica que ocorreu em sua vida ao mudar-se do meio rural para a cidade.

Antes de ingressar no grupo de Economia Solidária, a mãe de Igor trabalhava como empregada doméstica, profissão que exerceu desde os doze anos na mesma residência. Nos últimos anos, ocorreu uma ascensão social, especialmente após o ingresso da família no trabalho associativo, impulsionada, também, por políticas sociais federais. Dessa forma, a sociabilidade nos auxilia a explicar essa leitura sobre classe social e profissões no telejornal, pois o jovem diz pertencer à classe média, embora classifique empregada doméstica como classe baixa.

O mesmo ocorre com Raimundo, pois sua mãe é empregada doméstica, desde os 13 anos, e o jovem diz pertencer à classe média. O mesmo não ocorre com Mirela, que foi babá, profissão que classifica como pertencente à classe baixa, classe em que ela considera integrar, mesmo após mudar de emprego, tornando-se atendente. Quando estávamos realizando a entrevista sobre profissões no Jornal Nacional, estava no horário de veiculação do telejornal e foi veiculada uma notícia sobre trabalho infantil no sertão nordestino. Mirela interrompeu a entrevista para fazer uma distinção entre a infância de uma criança de classe baixa e outra de classe superior:

Mirela - Olha lá! Bem pequenininho e capinando, com seis anos de idade, é classe baixa. Um filho de rico com essa idade vai pra aula de inglês, natação.

Júlia - Você ajudava na horta, né?

Mirela - Aham.

Júlia - O que você fazia?

Mirela - Ajudava a mãe, plantava, aguava e colhia. Eu gostava de lidar com a terra. (Mirela, Coopercedro)

De forma geral, todos os jovens afirmam que as matérias do JN focam a miserabilidade das classes populares. Notamos que eles se referem a casos em que as pessoas construíram suas casas em locais de risco, como em encostas de morros, mas que a maioria

dos casos os jovens se referem às camadas mais baixas da população, o que Marx chamaria de lumpemproletariado¹⁰² e Jessé Souza de ralé:

Desmoroamento de alguma coisa porque estava numa área em perigo, infelizmente mostra bastante sobre tráfico, em São Paulo, a cracolândia, São Paulo e Rio de Janeiro. (Lúcia, assentamento Carlos Marighella)

Normalmente aparecem quando é reclamação. Pobre reclamando da rua, pobre reclamando do esgoto a céu aberto. De forma geral é alguém humilde, tem pessoas que **acham a forma do pobre vulgar, a forma de falar. O pobre da cidade às vezes aparece mal vestido.** O colono até aparece com uma roupa rasgada, mas sempre aparece trabalhando, é o jeito dele, é a forma dele ser. **O colono sempre que aparece, vai aparecer em volta do trabalho.** Nunca vi um pobre colono reclamando na TV a não ser do tempo. (Vicente, Coopercedro)

Miséria, falta de saneamento básico, pessoas morando em encosta de morro. (Pedro Henrique, assentamento Carlos Marighella)

Raimundo - Aí mostram a gente da favela, aí é gente lá de favela, gente pobre morrendo de doença nos hospitais. Se fosse rico, rico não morria não. Eu acho isso um absurdo. Eu acho que é isso aí.

Júlia - E rico morrendo no hospital?

Raimundo - Não, isso eu nunca vi. Sinceramente isso eu nunca vi, só gente pobre. Que nem aquela família Medeiros ali, bateu num carro e matou duas pessoas. Aqueles não vão para a cadeia, se fosse gente pobre já estava lá na cadeia. Eles não, eles têm dinheiro. (Raimundo, assentamento Carlos Marighella)

Mostram a casa, como é que anda, porque geralmente pobres passam frio, morrem de fome, mostram que não tem dinheiro, não arrumam serviço, que mais? Moram em morro, em favelas, assim vai. Outra coisa que falam dos mais pobres é que eles vão presos por qualquer coisinha. Como aqui em baixo, na vila [Camobi – Carlos Gomes] qualquer coisa que tu anda com chapéu [boné] diferente tu é preso, é espancado, entendeu? Aquele dia passamos de Kombi tinha a polícia pegando e chutando o pobre de um moreno. Chutando! Mas o que é isso, meu Deus? Se é um assalto, alguma coisa, pra que chuta, leva preso e deu. Pra que chutar, bater? (Igor, Grupo Terra Viva)

Mirela – Em matérias sobre destruição das casas, incêndio, doenças, fome.

Júlia - Como assim doenças?

Mirela – Doenças: mostram toda a família nos hospitais, nos leitos. Tudo cheio e a família esperando por uma consulta, não sendo atendidas e algumas morrendo. Aparecem pedindo ajuda, falam dos problemas, do que eles precisam e o que fazem no dia a dia para conseguir se sustentar. (Mirela, Coopercedro)

A partir das percepções dos jovens, compreendemos que, embora eles elaborem comentários sobre o morador do meio rural e suas dificuldades - muitas delas representadas

102 Em 18 Brumário de Luís Bonaparte, Karl Marx afirma que o Lumpemproletariado era formado por mendigos e por diversos outros setores marginalizados da sociedade, como batedores de carteira e pequenos ladrões.

no Jornal Nacional e citadas pelos jovens, eles consideram que a pobreza no telejornal está, na maioria das vezes, presente no meio urbano e não no rural. Vicente diferencia o pobre do meio urbano do pobre do meio rural. Os dois podem aparecer mal vestidos, mas o pobre do meio rural aparece envolto ao seu trabalho e reclamando da seca, já o do meio urbano aparece reclamando especialmente do saneamento básico. Os pobres serem representados no Jornal Nacional em estado de miséria é um elemento que recebe crítica dos jovens, como vemos abaixo:

Lúcia - É mais ou menos assim: ser pobre não é defeito. Eu acho que eu também sou pobre e não me arrumo tão mal assim. Acho que não tem muita diferença. Só um pouco de menos luxo...[silêncio]

Júlia - Como acha que o JN deveria mostrar os pobres?

Lúcia - Ele vai para o trabalho, ele foi, foi cansativo, voltou pra casa, vai tomar o chimarrão dele, vai conversar com a mulher dele ou não, vai sair ou não, vai tomar o chimarrão, vai tomar uma cerveja, vai tomar um refrigerante, entendeu? Tem esse lado também. Não é totalmente bom ou totalmente ruim, tem um meio termo. Saiu pra buscar emprego e não conseguiu, mas chegou em casa, depois conversou, e depois vamos lá amanhã será outro dia e a gente vai conseguir de novo. É pra mostrar as coisas como são. Nem oito nem oitenta. É mostrar como é! (Lúcia, Carlos Marighella)

Poderia também mostrar a alegria deles. Sei lá, o futebol com os amigos, uma roda de amigos tomando um chimarrão que fosse. Que mostrasse um pagode, um churrasco, qualquer coisa assim. Essa parte alegre também! (Pedro Henrique, Carlos Marighella)

Tudo acontece na desgraça, mostrar as pessoas perdendo tudo. Acho que tem que mostrar um pouco de alegria pros pobres também. (Raimundo, Carlos Marighella)

Deveria mostrar coisa boa, também. Que eles gostariam de trabalhar para ter uma vida melhor. (Igor, Grupo Terra Viva)

As lutas que eles têm pra sobreviver, o que eles fazem e as dificuldades deles no dia a dia para conseguir as coisas. (Mirela, Coopercedro)

De acordo com suas falas, os jovens anseiam pela representação de uma classe popular que não foque somente as dificuldades econômicas, a privação de oportunidades e o acesso desigual e limitado aos recursos produtivos, mas também uma classe popular festiva, alegre, que trabalha ou busca emprego. Já Vicente está satisfeito com a representação do pobre e não vê outra maneira de apresentá-lo no telejornal. Conforme o jovem, sempre vai ter algo em sua vestimenta ou no ambiente que denuncia sua classe:

Não tem como mostrar um pobre como ele não é. Tu vai mostrar um pobre com terno e gravata, mas atrás vai estar uma vila. Não dá. Ou outra, vai estar com terno e

gravata, mas quando é muito pobre vai estar com um moicano e se não for o Neymar, vai ser pobre. (Vicente, Coercedro)

	Pobreza no Jornal Nacional Codificação	Pobreza no Jornal Nacional Decodificação
Pedro Henrique	Dominante	Resistente
Raimundo		Resistente
Lúcia		Resistente
Igor		Resistente
Mirela		Resistente
Vicente		Dominante

Tabela 7: Decodificação pobreza

Pedro Henrique diz que os ricos no telejornal aparecem como grandes empresários ou donos de *"50 mil hectares de terra na Amazônia"*. Já para Raimundo, os ricos aparecem como donos de fábricas e políticos, leitura que Mirela também faz: *"Ricos são os políticos, a Presidente Dilma"*. Igor, Vicente e Mirela apontam que os ricos aparecem como médicos, em especial, mas Igor salienta que as pessoas ricas também são os proprietários, enquanto Vicente diz que as matérias sobre ricos sempre envolvem dinheiro:

Quando não é escândalo lá no plenário, coisa de político, é sobre empresário, se a empresa está boa. Se for no plenário tem a ver com roubo, se é na empresa, tem a ver com lucro. (Vicente, Coercedro)

Sobre o que elas [pessoas ricas] têm, que elas possuem de bens como: terras, carro, essas coisas. (Igor, Grupo Terra Viva)

Para Igor, os ricos raramente aparecem sendo presos no telejornal, embora cometam crimes, que, em sua opinião, envolvem pedofilia e assassinato, mas que roubo dificilmente aparece, pois *"largam uma gorjetinha pro juiz e não aparecem nunca"*. Lúcia relaciona a riqueza ao reconhecimento público, e Pedro Henrique acredita que o JN dá uma atenção especial aos bens materiais que a vida financeira da classe alta possibilita, materialidades, como meios de locomoção diferenciados, que são distinções da classe alta:

Gente famosa fazendo empreendimentos que vai mostrar a empresa dele, vai mostrar os negócios dele e como é que ele chegou até lá, se chegou até lá ou se ganhou aquilo. (Lúcia, assentamento Carlos Marighella)

A boa vida deles, mostra todo o glamour que envolvem eles, **quantas pessoas precisam para proteger**, carros importados que tem na garagem, o helicóptero que tem a disposição **a todo momento** [tom irônico]. (Pedro Henrique, assentamento Carlos Marighella)

Como Souza (2012) afirma, a desigualdade econômica é legítima no capitalismo e é alicerçada na ideologia da meritocracia. Embora os jovens ironizem a riqueza, como a fala de Pedro Henrique sobre as comodidades dos ricos apresentadas no telejornal: “*mostra todo o glamour que envolvem eles, quantas pessoas precisam para proteger, (...) o helicóptero que tem à disposição a todo momento*”, o jovem tem uma visão negociada em relação à riqueza no JN. Essa visão é caracterizada pela consolação, pois o jovem argumenta que o JN apresenta a vida do rico como se fosse muito fácil, assim como acredita que devem existir pormenores não revelados:

Deve ter um estresse muito grande por trás de tudo isso, porque eu sei que tem muitas dificuldades também, porque para ti administrar um negócio de grande porte, não é nem um pouco fácil. (Pedro Henrique, assentamento Carlos Marighella)

Lúcia, Raimundo e Igor citaram iniciativas em que os ricos aparecem no telejornal fazendo benefícios para as classes populares. Igor acredita que é dessa forma que o rico deve ser valorizado, ao realizar doações. Mas isso destaca de forma contraditória sua posição dominante de que não existem diferenças entre as classes sociais. Já Lúcia menciona que os ricos e os pobres são mostrados em situações distintas no telejornal, o rico de uma forma positiva e o pobre de uma forma negativa. Vicente ressalta que os ricos aparecem no telejornal especialmente em matérias relacionadas a dinheiro, e Mirela considera que o Jornal Nacional mostra o cotidiano da vida dos ricos.

Mostra quando está fazendo uma doação, abrindo uma entidade carente, que está ajudando pessoas com câncer. *Vai mostrar o rico como o rico tivesse no mundo dele, como se fosse um mar de rosas e vai mostrar o pobre extremamente pobre e a dificuldade que é ser pobre.* (Lúcia, Carlos Marighella)

Sempre quando é sobre pessoa rica, é voltado ao dinheiro [a matéria]. (Vicente, Coopercedro)

Mostram alguns ricos que ajudam, muitos que não. (Raimundo, Carlos Marighella)

Mostra como é o dia-a-dia deles, o que eles fazem, qual o emprego que eles exercem. (Mirela, Coopercedro)

Não deve só mostrar coisas ruins sobre rico. Todo mundo diz que pessoa rica tem o rei na barriga, porque não olha para as pessoas. Pra mim não. Eu digo assim: então,

tem muita gente pobre que tem o rei na barriga, achando que é rico e tem um pedaço de pano velho no pé. *Pra mim tem muita gente rica que é a mesma coisa, eu não tenho preconceito com ninguém.* (Igor, Grupo Terra Viva)

	Riqueza no Jornal Nacional - Codificação	Riqueza no Jornal Nacional - Decodificação
Lúcia	Dominante	Resistente
Pedro Henrique		Negociada
Raimundo		Negociada
Vicente		Resistente
Mirela		Dominante
Igor		Dominante

Tabela 8: Decodificação riqueza

Lúcia, ao explicar o motivo pelo qual a vida dos ricos não é um “mar de rosas”, afirma que o rico tem mais preocupações que ela, que se diz pobre, porque tem que saber administrar o dinheiro, além de trabalhar mais que ela para conseguir esse montante. Lembramos que a jovem chegou a ter, antes da gravidez, uma jornada de trabalho de 12 a 14h.

Lúcia - O rico é como qualquer um, eu acho. Acho que vai ter a rotina dele de trabalho, assim como eu tenho a minha ele tem a dele. *Talvez tenha mais preocupações que eu porque tem que cuidar do dinheiro, tem que administrar isso.* Enfim, acho que dentro de casa usa chinelo ou se está de salto alto, que fique de salto alto, mas enfim.

Júlia - Ele trabalha menos ou mais do que tu?

Lúcia - *Mais, acho que todo o rico trabalha mais, trabalha mais porque se preocupa muito mais, porque a preocupação é sobre ele, a cobrança é sobre ele. Mas acho que pra ganhar mais, tem que trabalhar mais.* (Lúcia, assentamento Carlos Marighella)

O comportamento que a leva ao trabalho duro e à perseverança provém do seio familiar. A ética meritocrática já foi ressaltada neste trabalho por diversos autores, como Ronsini (2011) e Souza (2012). A jovem acredita que para ganhar um salário melhor, tem que trabalhar mais, ou seja, *esforçar-se mais*, pois o rico e o pobre têm rendas e prestígio social distintos, já que têm desempenhos diferentes que são avaliados, dando consequência ao mérito.

Acima, pudemos entender quais são as percepções dos jovens sobre a riqueza e a pobreza. Embora em algumas falas já evidenciamos parcialmente as relações entre as classes sociais, iremos nos deter agora, amparados nas experiências de vida dos jovens, na análise de como as distintas classes sociais relacionam-se.

Mirela afirma que percebe que alguém é de uma classe social e não outra pelo lugar

onde ela mora, o emprego que ela tem e até a comida que consome. Para a moça, quem é da classe alta tem um cardápio mais sofisticado e diversificado, além de ter conhecimento culinário, *“os da classe mais baixa não”*. No dia a dia, a jovem vê as diferenças entre as classes sociais especialmente na vestimenta:

Júlia - No dia a dia percebes diferença entre as classes sociais?

Mirela - Percebo até no meu emprego. Tem umas pessoas que se vestem assim, pela maneira de vestir dá para perceber quem é da classe alta e da baixa. (Mirela, Coopercedro)

No entanto, nem todos os jovens têm olhos atentos para as desigualdades. A perspectiva de classe não é clara para Igor, e a desigualdade social lhe é distante, *“não presto atenção nisso aí”*. No dia a dia, Igor diz que não percebe diferença entre as pessoas de classes sociais distintas, até porque sua opinião é cruzada pelo discurso de respeito que prega pela não diferenciação de pessoas de classes sociais distintas:

Eu ando com todo mundo. Não percebo porque pra mim são tudo pessoa. Não tenho esse problema. (Igor, Grupo Terra Viva)

Parte dessa negação de Igor da desigualdade social, o que explica a afirmação de que ele circula entre as classes sociais com facilidade e sem perceber os preconceitos de classe existentes, são compreendidos pelo relacionamento que sua família mantém com os padrões de sua mãe, que trabalhou como empregada doméstica na mesma residência por quase três décadas. Ao longo desses anos, Igor estabeleceu uma relação muito próxima com sua patroa, que ele chama de avó. Ela o presenteia com perfumes e outros presentes, além de ter dado recentemente a ele um notebook. São recorrentes as visitas dos seus avós para comemorar o aniversário de sua mãe e também para passar os domingos juntos.

O restante da amostra percebe a desigualdade no Brasil, embora somente alguns a articulem com seu cotidiano, como Raimundo e o já citado caso de Mirela. Ambos, embora não estejam envolvidos internamente com os movimentos sociais e não gostem de política, sentem em seu cotidiano as diferenças de classe. Para os dois, pobres e ricos vivem em situação antagônica. É evidente a apropriação do conceito de identidade de classe através da vivências de seus pais, em especial no mundo do trabalho, no campo ou no meio urbano:

Todo rico que começa a enriquecer, enriquece em cima de pobres. Os ricos não

valorizam os pobres. Eles fazem as pessoas trabalhar, trabalhar, trabalhar, e quando estão bem, mandam elas embora. Ali no Distrito Industrial tem vários exemplos. O pai trabalha ali e conhece bem. Se as pessoas vão procurar emprego aqui [Distrito Industrial] e não dão, vão encontrar aonde? (Raimundo, 18 anos, assentamento Carlos Marighella)

Júlia - Tu vês alguma coisa de desigualdade social na tua vida, algum exemplo?
Mirela – A minha família nós somos humildes e o patrão do pai lá são bem grandão, bem rico. (Mirela, Coopercedro)

Raimundo diz que *"quem é mais bem de vida não se mistura"*. O mesmo é dito por sua mãe: *"já viu rico ser amigo de pobre? Eu não"*. Lúcia, Vicente, Mirela e Pedro Henrique acham que a diferença entre as classes sociais está, sobretudo, no vestuário. Vicente primeiramente diz que não percebe as desigualdades sociais no seu cotidiano, mas depois pondera ao afirmar que, nos jogos de futebol, um vai com uma chuteira e outro com um tênis comum.

Lúcia se preocupa bastante com a primeira impressão que causa nas pessoas, *"dá pra perceber se eu chegasse aqui maltrapilha, eles iam me olhar, "ah essa tem dinheiro pra pagar". É uma diferença bem grande"*. A diferença entre classes também é percebida através do estilo de vida e das escolhas das vestimentas e outras opções estéticas dos sujeitos, como afirma Bourdieu (1991). Pedro Henrique explica que a distinção de classe está exatamente no estilo e no jeito de se portar:

Não na parte assim de tratamento, coisa assim. Tem bastante a parte estética que diferencia bastante, na parte de vestimentas, na parte da fala, na comunicação também que a pessoa da classe alta assim mais elevada tem ...como vou dizer...consegue utilizar palavras mais rebuscadas, alguma coisa assim do que uma pessoa de classe baixa né, vai fala mais no popular, se expressar de uma maneira diferente. (Pedro Henrique, 17 anos, assentamento Carlos Marighella)

A pobreza, de acordo com os jovens, tem diversas causas, desde a falta de estudo, somada à parcela de culpa de governo e à falta de ajuda das pessoas. Lúcia acredita que a pobreza vem da preguiça. Os jovens que apontam que a falta de estudo dificulta a ascensão social fazem compreender que o capital cultural eleva a possibilidade de capital econômico. Pedro Henrique e Igor são os jovens que afirmam que a pobreza provém diretamente da desigualdade social e da dificuldade em *"subir na vida"*:

Pobreza vem da **desigualdade social**, né? Da concentração de renda na mão de poucos. (Pedro Henrique, assentamento Carlos Marighella)

Roubo do governo. Falta de emprego. Aumentam tudo. Um pedreiro ganhava mais, agora não. O Bolsa Família, por exemplo, tem família que sobrevive disso. Tem mãe e pai doente e sobrevivem só disso. (Raimundo, assentamento Carlos Marighella)

Porque não dão serviço pra gente pobre. Dão aquele serviço com caminhão de lixo. Então, **sempre vão ficando mais pobre, não tem como subir na vida.** (Igor, Grupo Terra Viva)

Mirela - Acho que é a falta de estudos de várias pessoas, não conseguem ir atrás de um emprego, do Governo não poder ajudar, e dos que não ajudam também.

Júlia - Por que é difícil essas pessoas conseguirem empregos?

Mirela – Porque desde quando eram pequenos eles são analfabetos, falta de estudo, eu acho. (Mirela, Coopercedro)

Preguiça, todo lugar tem trabalho. Se quiser trabalhar na cidade tem trabalho. O que causa a pobreza é a preguiça. Ah! Eu não consegui hoje não vou tentar mais. Ahaí tem um filho hoje, então vai receber auxílio do governo e muitas vezes não dá fazer com que uma família realmente se alimentar, ter educação e blabla....Mas o estágio é a preguiça, se tu tem força de vontade tu consegue um trabalho, consegue estudar. (Lúcia, assentamento Carlos Marighella)

Lúcia apresenta um discurso com recorte conservador e liberal. De certa forma, por sua criação dentro do movimento social, é uma opinião que contradiz algumas linhas das bandeiras histórias do MST. Para ela, a pobreza no Brasil é causada pela preguiça, porque se o pobre quiser trabalhar, ele encontra trabalho. A relação do discurso da jovem com a vertente meritocrática é forte. No entanto, a questão do trabalho na cidade existir em mais abundância que no campo não é uma opinião somente de Lúcia. Vicente e Mirela também são da mesma opinião. Os três são os jovens que deixaram o meio rural e foram trabalhar no meio urbano. A ascensão econômica foi evidente para os três, bem como a exaltação do aparato urbano disponível para os jovens, como farmácias e variedade de lazer. Vicente cita esse exemplo duas vezes: *‘se eu ficar doente no meio da noite, eu posso ir ali na Faixa Velha que vai ter uma farmácia disponível, não vou precisar fazer 30 km.’* A cidade como local de abundância de trabalho – *‘se procurar trabalho, você acha’* – é condizente com a realidade desses jovens: os três trabalham em locais onde há a oportunidade de uma renda própria, o que não pode ser generalizado.

Para Lúcia, a pobreza seria solucionada caso houvesse uma mudança de comportamento nos indivíduos. No entanto, o "mérito individual" é uma das justificativas para a ascensão social e outras conquistas, embora muitas correspondam à exceção e não à regra. A questão do mérito, no entanto, vai além, pois nega a inexistência de oportunidades iguais para

todos. A jovem afirma que "caso você queira, você vai conseguir e, caso não consiga é porque não se esforçou o bastante". O esforço individual é reforçado em telenovelas, como mostrado em pesquisas de Ronsini et al (2009), bem como no Jornal Nacional. Matérias sobre indivíduos competentes, os quais por mérito próprio conseguiram conquistar seus objetivos são frequentes no telejornal. A meritocracia tem relação com a fragmentação do discurso de classe social e com o discurso liberal do mercado, pois:

Tal ideologia oculta ou dissimula o princípio da divisão social no capitalismo baseado na hierarquia de classes, na medida em que ressalta o papel da trajetória individual e usa contingências como chave para o sucesso ou o fracasso profissional em detrimento do peso da estrutura social. (RONSINI et al 2009, p. 6)

O Programa Bolsa Família é uma solução para a maioria dos jovens, e nenhum apresentou críticas ao projeto governamental. Dos seis jovens entrevistados, todos têm renda suficiente para receber o auxílio, e somente dois não recebem. Igor não é beneficiado porque prefere deixar para *“quem está necessitando muito”*. Vicente nunca recebeu o auxílio, e não sabe o porquê. O restante da amostra está recebendo de forma indireta, por terem irmãos menores, mas já receberam para si.

Os jovens assistiram à matéria sobre a crítica veiculada em São Desidério, Bahia, em que há uma codificação dominante sobre o programa Bolsa Família. Fica subentendido que o entrevistado tem preguiça em procurar emprego, já que recebe auxílio do programa Bolsa Família. Mas não foram todos os jovens da amostra que pareceram entender a crítica velada proposta pelo jornalista. Também não demonstram desconforto ao assumir que recebem o auxílio governamental, com exceção de Pedro Henrique, que deixa claro que recebe o Bolsa Família, mas que não é a renda principal da casa. As posições de resistência são as mais encontradas nessa decodificação:

Júlia - Você acha que as pessoas de modo geral veem o Bolsa Família de maneira positiva ou negativa?

Mirela - Positiva

Júlia – Conhece alguém que falou mal?

Mirela - Esses tempos estavam falando no escritório da Cooperativa, daí disseram que às vezes não aprovam o Bolsa Família porque tem mães que gastam tudo em cigarro e pros filhos não compram nada. Eles vão para a escola com as roupas rasgadas e com quase nada de material escolar. Mas pode ser que não tenham condição de emprego daí gastam o dinheiro do Bolsa Família em outras coisas e a criança vai sem roupa mesmo.

Júlia - Como comida?

Mirela – É comida e contas para pagar. Lá em casa a gente agora recebe para a minha irmã mais nova, mas é bem pouquinho. Às vezes tem umas brigas quando

descobrem o valor que cada família ganha (risos). “Ah, eu ganho tanto, ah, mas eu recebo tanto.” (risos). Lá em casa dá pra *comprar o material escolar, quem sabe alguma roupa para a minha irmã*. (Mirela, Coopercedro)

Júlia - Falou ali do Bolsa Família. Você conhece alguém que recebe?

Pedro Henrique -Sim, *meus vizinhos*.

Júlia - *A tua família não recebe?*

Pedro Henrique -*Recebe, mas sei lá, é um complemento que não é tão necessário*. Claro, auxilia quando precisa de alguma coisa, o dinheiro está disponível para coisas, *comprar material para ti ir na aula*, alguma coisa assim. Não digamos que seja a renda principal da casa assim que se torne extremamente necessário.

Júlia - Tem muita gente que não concorda com o Bolsa Família. O que acha disso?

Pedro Henrique -Eu concordo e acho bem interessante a iniciativa do governo de ajudar, só claro tem pessoas que fraudam no caso não precisassem nem um pouquinho disso, está utilizando o benefício social e está tirando de outros, de terceiros que precisam bem mais. Sei lá tem seus prós e contras. (Pedro Henrique, assentamento Carlos Marighella)

Júlia - Conhece alguém que recebe ajuda do governo?

Lúcia -Minha mãe recebe pra Sofia.

Júlia - Qual?

Lúcia -Bolsa Família, agora mudou, agora é tudo num só. Era Bolsa Escola, era não sei o que lá e agora mudou tudo para Bolsa Família.

Júlia - Quando mudou?

Lúcia -Quando o Lula entrou se não me engano. Foi o Lula que mudou.

Júlia – E para que serve o dinheiro?

Lúcia – *Material escolar, alguma roupa*.

(Lúcia, assentamento Carlos Marighella)

Júlia – Tua família recebe Bolsa Família?

Vicente – Não, nunca receberam, nem pra mim, nem pro meu irmão.

Júlia – O que tu acha desse programa?

Vicente – A gente ouve falar bem, mal nunca ouvi falar. Acho bom, porque ajuda quem mais precisa. Acho uma ideia. (Vicente, Coopercedro)

	Matéria São Desidério – Ruralidades e desigualdade social Codificação	Bolsa Família –Decodificação
Lúcia	Dominante	Resistência
Mirela		Resistência
Vicente		Resistência
Raimundo		Resistência
Pedro Henrique		Resistência
Igor		Resistência

Tabela 9: Decodificação Bolsa Família

Raimundo acredita que a desigualdade social no país só pode ser solucionada através

da distribuição de oportunidades, e "*não só pra quem tem mais estudo*". O jovem, que deseja ser mecânico, relata que tentou fazer um curso de película automotiva, mas que foi barrado pelo empecilho financeiro

Tem cursos, mas são caros. Eu fui fazer um curso que falaram que era de graça, eu fui me informar, mas os instrumentos era tu que comprava e pagava. Não, não tem como pagar e ser um profissional assim. (Raimundo, 18 anos, assentamento Carlos Marighella)

Em meio a isso, Raimundo sente o terror da incerteza (MARTINS, 2002), sentimento que atinge as classes populares em relação ao seu próprio destino, permeado pelas limitações e pelas anulações de sonhos e de anseios.

A desigualdade social é um assunto controverso. Enquanto a maioria dos jovens da amostra não a nega, Igor segue a educação familiar que o ensinou a não tratar de forma diferenciada as pessoas de classes sociais distintas. Acrescido à questão do respeito, há a questão velada do pouco debate público sobre o abismo social brasileiro. Como Souza (2012) explica, a desigualdade econômica é legítima, pois é alicerçada em pilares da meritocracia, mas a desigualdade social é pouco debatida.

Os jovens da amostra têm diferentes leituras sobre as relações de classe, mas percebemos que os mais críticos não são os que apresentam a mediação movimento social mais presente, e sim aqueles que vivenciaram na própria história de vida, ou na de sua família, questões pessoais mais embrutecidas nas relações de classe social, como Raimundo e Mirela. A mãe de Raimundo foi empregada doméstica durante boa parte de sua vida e relata histórias de exploração; seu pai é pedreiro e conta histórias de demissão e de desemprego. Já Mirela foi babá antes de mudar-se para a cidade, e seus pais são peões em uma fazenda. Certamente as histórias de vida colaboraram na formação da opinião sobre a desigualdade de classe.

5.3 Os transgênicos

O autor Altieri (2012) afirma que as culturas orgânicas, as que são empregadas nas propriedades dos jovens da amostra e na horta da família de Mirela, baseiam-se na rotação de culturas e na utilização do esterco de animais. Nos estabelecimentos dos jovens, há hortas para uso próprio e em algumas há também para venda. Somente na propriedade de Igor, há a

utilização de estufas para o beneficiamento da produção. O uso combinado de pecuária e de lavoura, composto orgânico e diversificação do cultivo também é encontrado em algumas propriedades. Altieri (2012, p.60) afirma que "esses sistemas apresentam rendimentos razoáveis, conservam energia e protegem o solo, ao mesmo tempo em que causam um impacto ambiental mínimo".

O produto transgênico é uma forma de melhoramento genético de sementes rechaçado pela maioria dos entrevistados. Ao assistirem à matéria sobre feijão transgênico, o principal argumento dos jovens é o fato de que a transgenia é prejudicial à saúde. Os jovens que têm uma leitura negociada do transgênico afirmam que, por mais que seja prejudicial, acarreta um aumento na produção. A visão dominante concorda com sua produção, pois está amparada no Conselho de Bioética.

Vicente - Compraria e nem olharia se tem esse T amarelo [marca dos produtos transgênicos]. Compraria até esse feijão modificado geneticamente se não for prejudicial à saúde, acredito que não vai prejudicar ninguém, vai melhorar a plantação eu apoio.

Júlia - Antes você falou que o agrotóxico podia causar malefício para a saúde. Você acha que o transgênico causa problemas à saúde?

Vicente - Eu acho que é menos [que o agrotóxico] porque o transgênico passa pelo menos pelo conselho de Bioética. Ele era muito mal visto antigamente, mas agora acho que não. O pessoal está entendendo um pouco mais. (Vicente, Coopercedro)

Esses produtos fazem mal à saúde, causam doenças a longo prazo, mas as pessoas usam porque dizem que aumenta a produtividade. Nós abastecemos as sementes em um banco de sementes ou trocamos com os vizinhos. (Pedro Henrique, assentamento Carlos Marighella)

Transgênicos são plantas modifica, por mim não haveria essas modificações, porque todos sabem que faz mal à saúde pelas substâncias que colocam nelas, mas é um mal necessário, porque aumenta a produtividade. (Lúcia, assentamento Carlos Marighella)

Depois da liberação, o transgênico envenenado vai estar à venda em todas as agropecuárias, a mando da firma, e é só a firma que tem autorização pra trabalhar com os modificados para distribuir depois. O transgênico é quando o veneno vegetal já vem dentro da própria semente. Não tem o que fazer. (Igor, Grupo Terra Viva)

É coisa de sem terra ser contra transgênico. Eu nunca entendi muito. Só falavam que faz mal à saúde, que não é bom, que é um produto que prejudica a natureza. Eu vejo isso no campo, porque em vez de ajudar, fica prejudicando. O transgênico é um produto bonito, isso desfavorece outros agricultores. Tenho certeza que vai sair mais caro o feijão modificado do que o natural, vão sair mais caros os transgênicos do que os outros que produtos, esses que as pessoas plantam sem nenhum agrotóxico. (Raimundo, assentamento Carlos Marighella)

Mirela - É o produto que não precisa de veneno para matar as pragas e doenças.

Júlia - Você já ouviu alguém falar mal dos transgênicos?

Mirela – Nunca ouvi falar.
Júlia - Nem ali na Coopercedro?
Mirela - Não.
(Mirela, Coopercedro)

A leitura dominante de Vicente, que aceita consumir transgênicos, aliada à leitura também dominante de Mirela, pois desconhece qualquer crítica sobre o transgênico, contrapõe-se às leituras de resistências de Pedro Henrique e de Igor, que são justificadas pela mediação familiar e do movimento social, visto que seus pais foram ou ainda são atuantes no MST ou na Economia Solidária. A sociabilidade aqui importa e também é perpassada pelo discurso da técnica, pois os debates em família são gerados a partir das temáticas quando há a assistência de uma matéria no telejornal.

Já Lúcia e Raimundo apresentam leituras negociadas, mas por motivos diferentes. A moça critica os transgênicos, mas pondera afirmando que aumenta a produtividade. Demonstra, assim, ter conhecimento do que é a transgenia e do debate que cerca sua utilização. Já para Pedro Henrique, seu ex-vizinho no assentamento, a sociabilidade importa. Percebemos em sua leitura a influência da mediação familiar e do movimento social, pois os encontros do MST e as próprias reuniões do assentamento foram locais de formação para o jovem. No entanto, diferentemente de Pedro Henrique, Lúcia tem menos marcada a mediação movimento social e defende a produtividade que é consequência da transgenia.

Também Raimundo apresenta uma leitura negociada sobre a transgenia e, ao mesmo tempo em que faz uma crítica, o jovem se confunde. Ele menciona ser a luta contra o transgênico uma bandeira do movimento social, mas aponta que não se identificar “é coisa de sem terra”. O jovem não sabe explicar por que é contra a transgenia. Em observação participante, perguntamos à sua família se utilizavam sementes modificadas, e a resposta foi negativa. Assim como Pedro Henrique, eles utilizam banco de sementes. Notamos que, neste caso, há uma dificuldade em transmitir a mediação movimento social dos pais para o filho.

De maneira geral, percebe-se que a identidade de resistência e de projeto (Castells, 1996), está presente nas falas de alguns dos entrevistados, pois suas histórias de vida, sejam elas cruzadas pelo MST ou pela alternativa fornecida pela *Outra Economia*, em especial pelo projeto Esperança/Cooesperança ao Grupo Terra Viva, são importantes para as leituras das matérias do Jornal Nacional. Bandeiras dos movimentos sociais, como a luta contra a transgenia, são apropriadas pelos jovens, principalmente no caso de Pedro Henrique (MST) e de Igor (Grupo Terra Viva), mas há casos em que há a apropriação do discurso dos

movimentos de forma modificada, como no caso de Lúcia. Mirela e Vicente demonstram não ter afinidade, nesse caso, com as bandeiras da Economia Solidária.

	Feijão transgênico	Uso da transgenia
Lúcia	Dominante	Negociada
Mirela		Dominante
Vicente		Dominante
Raimundo		Negociada
Pedro Henrique		Resistência
Igor		Resistência

Tabela 10: Decodificação transgenia

5.4 Agrotóxicos

O uso de agrotóxico continua sendo um assunto polêmico para os jovens. Os pequenos agricultores buscaram, ao longo dos anos, uma proposta de diferenciação com alimentos orgânicos e agroecológicos. Dessa forma, a produção generalizada com agrotóxicos é rechaçada. Ao assistirem às duas matérias sobre agrotóxicos que selecionamos - uma em que fala sobre os abusos dos agrotóxicos, a qual classificamos como negociada; e outra que aborda a utilização do produto Carbedazim, essa dominante - os jovens se posicionaram de forma pontuada. Sobre o uso de produtos químicos, Pedro Henrique, Mirela, Lúcia, Raimundo e Igor mantêm suas leituras de resistência. Já Vicente apresenta leitura negociada.

Sobre a matéria apresentada no telejornal em uma série de reportagens que criticava o uso de produtos químicos em plantações, analisada no capítulo dois, Pedro Henrique faz uma ressalta. O jovem disse que a matéria mostrou um produtor com capital de investimento, o que foi notado, também, por Mirela:

Esse aí é um produtor com capital de investimento, pois pra iniciar a produção sem agrotóxico, ao menos no nível que mostrou na notícia, tem que ter certa segurança financeira, né, e de capital de investimento. Caso dê praga, há uma segurança. O pequeno agricultor tem mais dificuldade pra trabalhar assim, tem que contar com auxílio. (Pedro Henrique, assentamento Carlos Marighella)

Mirela - Ele [proprietário rural] estava vestido com um chapéu, com óculos, bem vestido e com uma camisa.

Júlia - Que classe você acha que ele é?

Mirela - Classe alta.

Júlia - Por quê?

Mirela - A lavoura imensa, daquele tamanho, deve vender bastante eu acho e também pelo jeito que estava vestido.

(Mirela, Coopercedro)

Raimundo, enquanto assistia à matéria sobre agrotóxico, apontava soluções para o terreno. Já Igor reclamou que não adianta sua família utilizar os defensivos naturais se os vizinhos não. Mirela afirma que utilizam o agrotóxico para que a fruta fique com a aparência melhor, mas que ela se alimenta com os produtos da Coopercedro, os quais garante que não têm agrotóxico. Vicente teve experiência com agroecologia e hoje acredita que consome produtos com agrotóxico, mas está conformado.

Júlia - Eles utilizavam alguma alternativa ou algum agrotóxico?

Vicente - Não. Na época a gente recebia apoio da EMATER quando nós fazíamos feira.

Júlia - Como assim apoio?

Vicente - Iam lá os agrônomos da EMATER, eles tinham uns troços fedorentos, eram uns produtos naturais para defender das pragas. O cheiro era muito forte, era feito de esterco e várias outras coisas. A gente usava aquilo.

Júlia - Não utilizavam agrotóxicos?

Vicente - Não.

Júlia - A tua família chegou alguma vez a utilizar agrotóxicos?

Vicente - No começo sim antes de termos esse conhecimento e esse apoio, usávamos agrotóxicos, não em produto alimentício, mas em cuia. Fazíamos cuia, mas creio eu que era prejudicial mesmo assim porque é a cuia de tomar mate.

Júlia - Tu achas que come...

Vicente - Bastante veneno, mas não sou só eu, estou conformado é todo mundo. Só olhar os índices de câncer.

Não necessitamos apenas de alimentos bonitos e sim saudáveis. Prefiro alimentos sem agrotóxicos, mas quando vou comprar no mercado, não tem como saber, infelizmente, a procedência. Lá no meu pai, ele não usa, tanto que o mato que cresce em redor das plantas é capinado e não é usado nenhum tipo de veneno para matar o mato e o mato vira pasto para as vacas leiteiras.

(Lúcia, assentamento Carlos Marighella)

Mirela - Para a fruta ficar mais bonita, porque essas pintinhas parecem que a fruta está machucada. Os clientes vão comprar e dizem “ah! está feia”. Eles botam para elas ficar bem lisinha, bem bonita, sem nenhum machucado. O gosto é o mesmo, não dá nada.

Júlia - Vocês consomem suco natural ou artificial?

Mirela - Natural.

(Mirela, Coopercedro)

Tem que utilizar bastante adubo e calcário para o solo. O orgânico acaba sendo mais caro, porque a mão de obra que gasta aí na produção é uma grande diferença (Raimundo, assentamento Carlos Marighella)

Nós usamos defensivos naturais que a gente consegue no projeto

Esperança/Coesperança, mas o pai tenta coloca aqui na nossa lavoura e o vizinho passa veneno de tudo que é tipo e vem tudo pra nossa lavoura. Não adianta a gente planta (com defensivos naturais) aqui, se os outros não pararem (de usar agrotóxicos) também. (Igor, Grupo Terra Viva)

Pedro Henrique, ao assistir a uma matéria sobre a produção de laranja com Carbendazim¹⁰³, já que seu uso estava proibido nos EUA, demonstrou revolta, pois, de acordo com o jovem, caso não houvesse esse requisito do mercado exportador, não haveria mudanças:

Eles vão proibir o uso pela exportação para os Estados Unidos, não porque no consumo interno brasileiro tem exigência. Ah! Vai botando veneno aí que não dá nada! Somos nós mesmos. (Pedro Henrique, 17 anos, assentamento Carlos Marighella)

É importante a história de vida na leitura do telejornal. Igor ressaltou a experiência pessoal da sua família, que por anos trabalhou com plantação de fumo, como diversas outras pequenas propriedades na Quarta Colônia¹⁰⁴. Essa produção é conhecida historicamente por sua dependência de agrotóxicos que, por vezes, acabam afetando a saúde dos agricultores. Esse frequente uso causou problemas de saúde em seu pai, e a mudança para a hortifruticultura foi essencial para a melhoria de sua qualidade de vida. A mãe de Igor relatou que, se tivessem continuado com a monocultura do fumo, ela teme que seu marido já estivesse morto. A partir desse fato, além do conhecimento adquirido, seja através dele mesmo ou por intermédio de seus pais, nas oficinas de capacitação do projeto Cooesperança/Esperança, Igor tem contato com ideias contrárias ao uso de agrotóxicos.

Percebemos que, em relação à temática do agrotóxico, há uma maior presença da identidade de projeto e resistência dos movimentos sociais, pois é uma bandeira histórica do MST e da Economia Solidária que tem uma maior inserção no cotidiano de produção da propriedade das famílias dos jovens. No entanto, percebemos que, ao ir para a cidade, há um discurso de conformidade, pois Vicente começa a consumir produtos sem ter conhecimento da procedência e não se importa com isso. Embora divida sua vida com Mirela, suas leituras diferem, pois a moça destaca que come produtos da Coopercedro, os quais garante que são

103 A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) determinou lícito o uso do agente químico C24 – Carbendazim, contido na Relação de Monografias dos Ingredientes Ativos de Agrotóxicos, Domissanitários e Preservantes de Madeira, para uso agrícola, especialmente na aplicação foliar nas culturas de algodão, citros, feijão, soja e trigo e na aplicação em sementes de algodão, arroz, feijão, milho e soja.

104 A Quarta Colônia Imperial de Imigração Italiana foi criada em 1877, no Rio Grande do Sul.

sem agrotóxicos. Essa sua leitura provém, também, da convivência com o discurso da cooperativa que destaca a qualidade dos produtos.

	Codificação Agrotóxico	Decodificação Agrotóxico
Lúcia	Negociada	Resistência
Mirela		Resistência
Pedro Henrique		Resistência
Igor		Resistência
Vicente		Negociada
Raimundo		Resistência

Tabela 11: Decodificação Agrotóxico

5.5 O agronegócio: as disparidades em relação à agricultura familiar

Todos os jovens da amostra diferenciam agronegócio de agricultura familiar, sendo que também garantem que, no JN, são veiculadas mais notícias sobre o primeiro modelo de desenvolvimento rural do que o segundo. Cabe mencionar que utilizamos nesta pesquisa a distinção entre agronegócio e agricultura familiar, pois acreditamos que há um recorte de classe na produção do *agrobusiness* (CAMPOS, 2011).

Os jovens afirmam que essa disparidade de visibilidade ocorre porque há diferença econômica entre os modelos (Lúcia e Vicente), que o telejornal não mostra o morador do meio rural, aquele que está ligado à agricultura no cotidiano (Raimundo), que o agronegócio chama mais a atenção (Igor). Também relatam que a agricultura familiar aparece mais quando está relacionada aos movimentos sociais (Vicente), bem como argumentam que poderia aparecer mais a agricultura familiar, dessa forma, iria conseguir mais ajuda (Mirela).

A agricultura familiar não é uma coisa que dê muito dinheiro. É voltada mais pra sobrevivência, então ela é mais noticiada como uma agricultura com menos sorte e mais pobre. (Lúcia, assentamento Carlos Marighella)

Na parte mais rural assim, não mostra tanto o pequeno, vai mostrar um de porte grande ou médio-grande, que já está bem estruturado, já tem mais oportunidade, alguma coisa assim. Na TV a cada cinco minutos tem propaganda de máquinas muito sofisticadas ali, que valem dois milhões. Talvez um agricultor, um pequeno

agricultor não vai conseguir atingir esse valor durante toda sua vida trabalhando. Então são grandes produções. Propaganda de remédios caríssimos, que tem pra nada, sei lá, para cada tipo de animal. Fazendas enormes com 30 mil cabeças de gado. Sei lá, o pequeno agricultor, com uma hortinha de 50 por 30, com um canteiro de alface, um de cenoura, um de beterraba, não vai ter, não vai mostrar isso. Gostaria que mostrassem, mas não vai.

(Pedro Henrique, assentamento Carlos Marighella)

O Jornal Nacional só fala em agronegócio, negócio não sei do que. Nunca falam do homem do campo assim muito não. (Raimundo, assentamento Carlos Marighella)

O agronegócio aparece mais, chama mais a atenção. Foi ontem que eu estava escutando, estava passando coisas do MVA, que vende terras em todo o Brasil. Passou ali 1400 e poucos hectares por R\$ 500.000,00, com água potável e tudo lá no nordeste. Se tivesse dinheiro era só ligar e entrava no agronegócio. Eu entrei em sites para ver sobre tratores. Um dia entrei no MVA [site] aí para ver o preço em Mato Grosso do Sul, da terra. Me deixaram um e-mail explicando tudo. (Igor, Grupo Terra Viva)

No Jornal Nacional aparece mais sobre agroindústria, o agronegócio, a compra de gado, a pecuária. Já a agricultura familiar, não sei, acho que aparece quem sabe nos movimentos sociais. Tem muita gente que não sabe, o MST, por exemplo, tem lavoura, o pessoal não sabe. Nos assentamentos têm hortas, mas só quem convive sabe, porque a maioria da população não sabe que eles plantam. Como é um movimento que se apropria das terras, a imagem que as pessoas têm é das invasões. (Vicente, Coopercedro)

A agricultura familiar poderia aparecer mais um pouco. Para mostrar mais, incentivando o crescimento e conseguindo mais ajuda. (Mirela, Coopercedro)

Os jovens têm as leituras sobre a distinção entre a agricultura familiar e o agronegócio muito provavelmente pelo histórico de vida que os sensibilizaram a verem, nessas matérias, as diferenças entre alguns empreendimentos e as suas propriedades: a agricultura mecanizada, os hectares e as cabeças de gado multiplicados por números muito superiores que os de suas propriedades, por exemplo. Percebemos, ainda, que alguns jovens desejam adquirir diversos hectares e começar a trabalhar com agronegócio (Igor), mas que lhe faltam condições financeiras. Além disso, constatamos que a vivência na Coopercedro possibilitou a Vicente o conhecimento de outra faceta do MST, não a representação midiática de ocupação e de violência, mas sim de produção agrícola. Enquanto Mirela tem a visão de que a agricultura familiar precisa de ajuda e de investimento. Ela acredita que a visibilidade na televisão ajudaria nisso.

5.6 A reforma agrária

A leitura que os jovens fazem das notícias são transpassadas, também, pela

confiabilidade que os rapazes e as moças têm nos meios de comunicação e nos veículos em questão. A relação dos jovens com a fiabilidade dos meios de comunicação varia bastante. Enquanto Pedro Henrique não confia nos meios de comunicação, Mirela, Lúcia, Igor e Vicente acreditam que os meios de comunicação são fontes críveis de informação. Pedro Henrique é crítico em relação ao telejornal, pois duvida da autenticidade de algumas notícias. Vicente também demonstra dúvida em relação à veracidade das notícias, mas diz que nunca se desapontou com o telejornal. Já Raimundo acredita que alguns telejornais são confiáveis, sendo que o Jornal Nacional é um deles. Igor e Lúcia confiam no Jornal Nacional sem maiores ressalvas.

Por um lado talvez essas informações que eles passam não condizem com a verdade, né. (Pedro Henrique, assentamento Carlos Marighella)

A televisão é [confiável]. Confio nela, porque ela é o meio de comunicação para gente saber, né. (Igor, Grupo Terra Viva)

De notícia? Eu acho que tem que ser [confiável], tem que ser porque o público não é pequeno quando olha televisão, então eu acho que são confiáveis. Parte delas é confiável. Boa parte. (Lúcia, assentamento Carlos Marighella)

Vicente - Eu não digo totalmente confiáveis, mas até hoje não tive nenhuma frustração. O Jornal Nacional principalmente pra mim sempre foi um meio confiável, sempre bateu com a informação que tinha no jornal.

Júlia - O Jornal impresso ou telejornal?

Vicente - O jornal impresso. Eu acho que são meios confiáveis, diria que 80% confiáveis.

Júlia - E o telejornal, o Jornal Nacional, tu achas que é confiável?

Vicente - É das informações que eles passam sim. De uma nota de um a dez daria oito pra eles.

Júlia - O que falta?

Vicente - Eu acho que nem toda a informação que eles passam possa ser verídica. Eu acho que no Jornal Nacional pode ter um errinho, pode ter uma informação inválida. O que faltaria para o jornal em minha opinião é que talvez as fontes que eles tivessem obtido as informações fossem mais confiáveis. (Vicente, Coopercedro)

Confiança nos meios de comunicação	
Vicente	Desconfia de alguns, confia no Jornal Nacional
Raimundo	Desconfia de alguns, confia no Jornal Nacional
Igor	Confia
Pedro Henrique	Desconfia da veracidade, não confia no Jornal Nacional
Mirela	Confia
Lúcia	Confia

Tabela 12: Confiança nos meios de comunicação

Bucci (2007, p.10) lembra que o JN passou por diversas reformulações e não é possível descartar a hipótese de que o motivo fosse justamente a "carência de respeitabilidade". Os jovens, embora tenham diversas críticas ao telejornal, acreditam ser ele um bom veículo de informação.

Um jornal bastante sério e a seriedade que eles têm é o que dá aquele impulso de ser o melhor jornal. Eles dão furo de reportagem, isso é um diferencial, eles têm uma linha de raciocínio que é mantida ao longo da apresentação do telejornal também. (Lúcia, assentamento Carlos Marighella)

É um jornal bom, a minha parte favorita é o JN no Ar, quando os repórteres vão pra tudo quanto é lado com aquele avião deles, em lugar que nunca ouvi falar. Coisas que nunca vi e fico conhecendo. (Raimundo, assentamento Carlos Marighella)

O Jornal Nacional, como diz Bucci (2007), é o maior concentrado de notícias servido hoje ao público brasileiro e, junto a outros programas de televisão, tem outra função, essa apontada por Travancas (2007): quanto mais baixa a classe social ou a alfabetização, maior o seu peso no cotidiano das pessoas.

A relação da mídia com o MST surgiu em distintas respostas e não somente nas entrevistas com os jovens do Carlos Marighella. Contudo, foi com os jovens do assentamento que percebemos a empolgação durante as argumentações, como se esse fosse, também, um momento de direito de resposta. Os jovens que tiveram esse comportamento foram aqueles que vivenciaram de forma mais intensa o cotidiano de formação e de ação do MST, como Pedro Henrique e Lúcia, jovens que viveram em acampamentos. São eles, também, que têm pais que atuam ou atuaram como dirigentes do MST no Carlos Marighella.

De acordo com Fernandes (2010, p. 179), a luta pela terra é territorial e familiar, "já

que envolve o conjunto de seus membros em diversas atividades". Por mais que somente um dos membros esteja envolvido diretamente com os acampamentos ou ocupações, "a família camponesa toda se envolve na mobilização pela terra, cuidando de várias outras necessidades básicas". Embora os jovens e muitos de seus pais estejam afastados da militância, é notável a mediação movimento social em suas vidas.

Ao assistirem às matérias do telejornal sobre a Marcha das Margaridas, que classificamos como negociada, e especialmente àquela que veicula informações sobre a Jornada de Lutas do MST, essa dominante, os jovens demonstraram ter duas posições. Enquanto os jovens do MST tiveram uma leitura de resistência frente à codificação dominante do Jornal Nacional, os jovens da Economia Solidária se dividiram. Mirela e Vicente tiveram leituras negociadas, e Igor dominante. Pedimos licença para a extensão dos depoimentos a seguir:

Essa matéria tem dois lados: Invadir fazendas, por mais que seja um absurdo as pessoas ter muitas quadras de terra, eu acho errado. Tenta com o governo, tem área de mata livre, comprar essas terras mais baratas, mas não chegar invadindo, eu acho errado isso, mas também acho errado ter muita terra para uma pessoa só. Tudo tem diálogo, mas não chegar invadindo que para mim isso é roubo. Não é minha aquela terra e eu estou tomando posse indevidamente. Terra que eles nunca vão ganhar é só o proprietário entrar com reivindicação que ele vai reaver a posse da terra. Têm dois lados o MST, eu acho. Parte está correta e parte não. Invadir terra eu acho que é errado, teria como resolver esse assunto sem haver invasões. (Vicente, Coopercedro)

O Jornal Nacional mostra os militantes do MST como pessoas violentas. Isso que eles mostram. Pessoas que invadem tudo quanto é coisa. Tinha que ter mais informação do que é que é Sem Terra. Eles falam muita coisa dos Sem Terra, não é pouco não. Chamando de ladrão, esse tipo de coisa. Tem gente que não gosta disso aí, não. Tem gente que fala muito. Pra falar dos Sem Terra tem que ter mais informação do que só falar mal. Eu nunca ouvi falar bem dos Sem Terra na TV. Isso eu nunca vi. (Raimundo, Carlos Marighella)

Os militantes do MST aparecem como baderneiros, bagunceiros, a impressão que dá e que fica é que vão destruir alguma coisa, que vão chegar ali quebrando tudo. Se tivesse uma reforma agrária total, talvez se conseguisse fazer uma melhor distribuição das terras, talvez nós não tivéssemos tanta pobreza, tantas pessoas passando necessidade, como nós temos agora, mas poucas pessoas estão ligadas agora em movimentos sociais, a ponto de se dispor a ir acampar ou lutar por alguma coisa. (Pedro Henrique, Carlos Marighella)

Quando tão noticiando sobre o MST, foi sempre quebrando alguma coisa, destruindo alguma coisa ou brigando por alguma coisa. Eu sempre vi isso no Jornal Nacional. No contexto bem em si não é tão mostrado o porquê daquela reforma agrária. Mais é mostrado o que eles estão fazendo naquele momento sem ter um antes ou em ter um depois. (Lúcia, Carlos Marighella)

A mãe e o pai eles concordam com isso [a reforma agrária], mas eu não concordo. O

pai nem olha isso daí [as notícias sobre movimentos sociais no JN], não escuta porque ele ouviu tanto lá na Irmã Deodorinda sobre esse MST. A única coisa que aparece no telejornal é que querem reforma agrária no campo, mas sempre vão no campo e sempre destrói alguma coisa. Sempre estraga alguma coisa. Reforma agrária assim, eu não apoio nem a pau. Tudo bem, eles querem, mas se todo mundo pegasse uma dita coisinha e depois plantasse, ganharia bem mais do que tá fazendo isso aí. O MST, ele gosta de caminhar [em referência às marchas]. Por que a Dilma não pega um pedaço de terra lá na Amazônia e dá pra eles? ? Se quer aumento (de crédito) vai lá e fale direto [com o governo]. Quer terra, quer terra pra servir, trabalho, mas vem cá: se a Dilma botasse cada um trabalha isso não resolveria tudo? Colocasse uma casinha em cada cantinho, tipo "Minha casa Minha vida"¹⁰⁵. Botasse todos assim, eles trabalhar tudo certinho. Como na Copa do Mundo agora, que tão precisando de trabalhador. Por que não bota pra trabalhar? Acabaria com tudo isso aí. (Igor, Grupo Terra Viva)

Júlia - Que tu achas da reforma agrária?

Mirela - É um meio de haver distribuição das terras.

Júlia - O que achas dos movimentos sociais que reivindicam a reforma agrária?

Mirela - Eles lutam para ter uma terra para sobreviverem para cada um fazer sua função, construindo seu próprio lazer e sua produção.

Júlia - E no telejornal, o que você achou dessa matéria?

Mirela - Foi um pouco negativa eu acho. Todos bem lá na frente do Palácio, gritando e fazendo discurso, tudo bem, mas trancar o trânsito para as pessoas, elas não são culpadas, e invadir a fazenda das pessoas e tocar os funcionários, também não concordo. E eles ficam parecendo agressivos. (Mirela, Coopercedro)

Em todos os jovens do MST podemos perceber a presença da mediação movimento social e familiar nessa categoria. O discurso de defesa das ocupações e manifestações torna-se mais raro nos jovens da Economia Solidária. Embora a defesa da reforma agrária seja uma das bandeiras históricas da Economia Solidária como movimento social, isso não se concretiza nas leituras dos jovens, visto que o MST atualmente é o principal motivador da reforma agrária no país e das ocupações, a forma de pressão realizada pelo movimento.

	Jornada de Lutas MST	Reforma Agrária e MST
Lúcia	Dominante	Resistente
Igor		Dominante
Vicente		Negociada
Pedro Henrique		Resistente
Mirela		Negociada
Raimundo		Resistente

Tabela 13: Decodificação reforma agrária e MST

105 Programa do governo federal em parceria com estado e municípios brasileiros, com a finalidade de construir moradia para a população de renda bruta de até R\$5.000,00.

Embora Raimundo faça críticas internas à política do acampamento – como em relação à desigualdade financeira entre alguns acampados, já que uns tinham auxílio financeiro familiar alheio ao acampamento, enquanto outros somente do MST, provindo de assentamentos, por exemplo - e ao abandono do movimento social em relação ao assentamento, especialmente após a dissolução da cooperativa, Raimundo acredita que o Jornal Nacional deveria mostrar outro lado do MST. Foi o pai de Raimundo que ficou em acampamentos para garantir o lote de terra, e o jovem somente ia visitar o pai. No entanto, ele tem uma postura firme em relação às ocupações, o que lhe garante uma leitura de resistência.

Pedro Henrique, que tem uma leitura resistente nessa questão, diz que, no Jornal Nacional, a notícia possui tendência à desordem, à violência e à destruição. Para Lúcia, que também tem uma leitura resistente nessa questão, as notícias sobre as manifestações não problematizam o motivo de o movimento social existir, ou seja, a reforma agrária em si.

Em conversas informais, a mãe de Igor demonstrou ser a favor da reforma agrária, desde que os assentados produzam em seus lotes. Ela diz que a dissolução da cooperativa no assentamento Carlos Marighella deixou os assentados bastante isolados, já que antes eles participavam do Feirão Colonial. No entanto, não notamos a mediação movimento social na leitura dominante de Igor, pois o jovem é enfático ao afirmar que não defende a reforma agrária, uma vez que ela é atrelada ao MST e às ocupações. Constatamos, então, da mesma forma que ocorre com a família de Raimundo, a dificuldade dos pais em transmitir para os filhos algumas facetas da mediação movimento social.

Já Vicente e Mirela mantêm posições negociadas parecidas, já que eles afirmam que apóiam a reforma agrária, por reconhecerem a importância da distribuição de terras. Mas os jovens não concordam com os métodos adotados pelo MST, por considerarem que tais métodos ferem os direitos da propriedade privada.

Lúcia acredita que quem não vive em assentamentos ou quem não tem proximidade com o movimento social, não tem como entender os métodos do MST. Se fosse jornalista, Lúcia iria focar sua matéria de uma maneira diferente daquela mostrada na televisão, iria apresentar o histórico do MST, desde o motivo para uma manifestação ofensiva:

Primeiro ia mostrar por que existe o movimento Sem Terra, quem são os integrantes e por que eles estão lutando. O que é uma reforma agrária. Depois se estão fazendo uma manifestação: estão fazendo, mostrem, vão lá em cima, não é tão bom, mas vão lá em cima de uma manifestação, por que essa manifestação tão grande? Por que

eles necessitam ir lá e quebrar alguma coisa? Por que fazer uma caminhada com foice e com facão? Depois se deu resultado ou não deu e por que não deu. (Lúcia, 18 anos, assentamento Carlos Marighella)

Consideramos que, nesta questão, os jovens assentados, mesmo que não militantes do MST, sofrem influência da mediação movimento social devido ao histórico de vida e à cotidianidade familiar. Dessa forma, a criticidade no que se refere à representação do MST no Jorna Nacional é rechaçada por Pedro Henrique, Lúcia e Raimundo. O jovem Igor, embora faça parte de um ambiente familiar a favor da reforma agrária e que, por vezes, tenha convivido com assentados no Feirão Colonial, acaba tendo uma leitura contrária ao MST. Os jovens Mirela e Vicente convivem com assentados da reforma agrária na Coopercedro, veem no cotidiano as consequências da redistribuição de terras – alimentos para a cooperativa, por exemplo – mas não são a favor dos métodos do MST nas ocupações de terra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O meio rural foi o principal carro chefe desenvolvimentista do país, gozando de especial atenção até o início do século XX, quando da ascensão da urbanização e da industrialização. Prova disso é que, nos séculos anteriores, as casas do campo eram mais bem cuidadas que as da cidade, o que era uma forma de distinção e status. No decorrer do século XX, os parâmetros mudaram. O centro de desenvolvimento focou-se no meio urbano e, o campo foi relegado à sua função extrativista e agrícola. O meio rural como modo de vida (Wanderley, 1999) passa a entrar em crise. Às representações do meio rural como um lugar tranquilo e sossegado (Williams, 1989), somam-se aquelas do atraso.

Hoje, pensar nas ruralidades pode significar sossego para muitas pessoas. No entanto, há outras significações para os trabalhadores do campo. Para os jovens da amostra, falar sobre o rural é versar sobre o trabalho pesado e que, por vezes, exercem desde tenra idade; é ver o trabalhador como um guerreiro, mas também como um sofredor; é afirmar que são diferentes em relação ao jovem que cresceu na cidade, ao mesmo tempo em que não percebem diferenças gritantes entre o meio urbano e o rural, especialmente porque transcenderam as fronteiras culturais entre o campo e a cidade. Além disso, pensar no meio rural, para esses jovens, é falar sobre planos para a propriedade ou, de uma forma saudosista, contar como era a vida com as famílias que deixaram "para fora" antes de se mudarem para o meio urbano em busca de realização pessoal, educação e emprego. As representações sobre o meio rural são diversas, bem como os modos de vivenciar esse espaço também o são.

Os entrevistados desta pesquisa, Igor, Pedro Henrique, Lúcia, Raimundo, Mirela e Vicente têm matrizes parecidas. Embora discordem em diversas situações, os jovens concordam que o desenvolvimento rural no país enfrenta problemas com o latifúndio e o uso de agrotóxico. A mediação *família e movimento social*, permeadas pela *classe social*, são fundamentais para entender as leituras das representações midiáticas. As histórias de vida dos jovens ajudam a explicar a leitura midiática dos jovens. Por vezes, suas famílias foram oprimidas pela dependência de empresas fumageiras, no caso de Igor, pelos preços baixos pagos aos produtores de porongos, como foi o caso de Vicente, por vivenciarem a relação peão e patrão, como é o caso de Mirela, ou por realmente não terem acesso à terra, no caso dos jovens envolvidos com o MST. A opressão os acompanhou em suas vidas.

De modo geral, os jovens idealizam o meio rural como um local pacífico e com

qualidade de vida, apresentando como aspectos negativos a falta de transporte público e privado, bem como a falta de lazer, saúde, comunicação e educação. No entanto, percebemos que Igor (Ecosol) e Pedro Henrique (Carlos Marighella) têm projetos de vida que mesclam o meio rural e o urbano. São esses jovens que mais circulam entre os dois espaços – para estudo, trabalho e lazer – e fazem planos para suas vidas de modo que se interliguem o campo e a cidade, caracterizando o que Carneiro (2005) chama de novas fronteiras culturais rural-urbanas.

O conceito de insegurança estrutural de Mike Savage (2004) possibilita entender as relações produtivas dessas duas famílias, baseadas em estratégias para lidar com o cotidiano e com os problemas produtivos. As estruturas das propriedades das famílias de Igor e de Pedro Henrique (leituras resistentes) são consequência do trabalho associativo com parentes e com vizinhos, o que possibilita que os jovens possam investir em cursos técnicos e complementares. Essas diversas vivências permitiram um aumento no capital cultural dos jovens. Percebemos que conforme o capital cultural dos jovens que moram no meio rural aumenta - e eles percebem mais perspectivas para o futuro, a tensão entre os espaços rurais e urbanos é amenizada. No entanto, Mirela, Vicente, Lúcia e Raimundo apresentam essa relação de forma mais tensionada e apontam que, no meio rural, existem problemas econômicos (Mirela – leitura negociada - e Raimundo – leitura negociada), há menos escolaridade (Vicente – leitura dominante) e mais dificuldades (Lúcia - leitura dominante).

Os jovens da amostra estão inseridos no contexto das transformações em que o país vive nos últimos tempos. Partícipes da nova classe média, que neste trabalho chamamos de nova classe trabalhadora devido às reconfigurações do capitalismo em âmbito mundial e nacional, a família dos jovens estão cada vez mais inseridas na sociedade de consumo. Essa inserção é conquistada a um alto custo, como extensas horas de trabalho, além de, por vezes, enfrentarem o preconceito de classe que diferencia na vida prática a classe média tradicional e a nova classe trabalhadora. A nova classe média da amostra é a favor da transferência de renda condicionada do governo federal, e a maioria dos jovens já participou do programa Bolsa Família, tendo uma leitura de resistência sobre a codificação proposta pelo Jornal Nacional.

O momento do telejornal é de encontro familiar. Após um dia de trabalho e estudo, essa é a hora de reunião, de contar o que ocorreu na jornada. As intimidades, por vezes, competem com o volume do som da televisão. Se a história que o familiar tem a contar é mais interessante que a matéria do Jornal Nacional, os olhos se deslocam da televisão e

acompanham a narrativa do momento, que é, dependendo da família, de confraternização. Independente disso, constatamos que o momento reúne famílias.

As considerações finais da pesquisa apontam convergências e divergências em relação ao trabalho apresentado por Feitosa (2007). Concordamos que os jovens - que não têm engajamento político com os movimentos sociais, não são militantes e não apresentam o desejo de dar continuidade à inserção dos pais e da propriedade com os movimentos sociais - têm um olhar peculiar frente à mídia. No entanto, ao contrário dos jovens entrevistados por Feitosa (2007), nenhum jovem filho de assentado critica os métodos empregados pelo MST, como ocupações e manifestações. No caso de Feitosa (2007), os jovens envolvidos com o MST não responsabilizavam totalmente o meio de comunicação pelas notícias veiculadas sobre o movimento social. Esse foi um discurso encontrado em Igor, Mirela e Vicente, jovens que são envolvidos em atividades da Economia Solidária, os quais não têm a mediação *movimento social* MST. Percebemos, ainda, a importância dessa mediação, além da história de vida, na leitura da mídia dos jovens filhos de assentados, o que vai ao encontro dos resultados obtidos por Cruz (2006).

Em concordância com a pesquisa realizada por Maia (2009) com jovens de classe popular, nossa amostra afirma que o Jornal Nacional é um bom meio de informação. A crítica realizada pelos jovens da periferia de Juiz de Fora-MG vai ao encontro da criticidade que os jovens de distritos de Santa Maria demonstram em relação à representação da pobreza no Jornal Nacional. Os jovens discordam sobre como as classes populares estão representadas no telejornal, em especial sobre o enfoque na miserabilidade em que se encontram. Pedro Henrique, Raimundo e Igor afirmam que o JN prioriza o aspecto ruim de ter menos dinheiro, e Lúcia afirma que ser pobre não é defeito.

Constatamos que alguns jovens aderiram ao discurso da meritocracia, para explicar o porquê de em nossa sociedade existir pobreza. Lúcia, por exemplo, afirma que a pobreza provém da preguiça. Essa leitura está relacionada à percepção do que significa o espaço urbano: oportunidades. O meio urbano significa, para os jovens que já vivem na cidade, Lúcia, Mirela e Vicente, um local de estudo, melhoria de vida, emprego e oportunidades.

Ao contrário dos jovens da amostra de Maia (2009), escolhida em âmbito escolar, os jovens afirmam que o Jornal Nacional não tem importância em seu cotidiano, mesmo que tenham assistido ao noticiário por anos. Pedro Henrique diz que há necessidade de ter um filtro das informações para assistir ao JN, mas, em geral, os jovens argumentam que o

telejornal não faz diferença. Os jovens, no entanto, não têm muitos outros acessos a informações que não sejam o JN. Quanto mais baixa a classe, mais importa a televisão, como afirma Travancas (2007). No caso, quanto menor a classe social, menos acesso à pluralidade de informações, pois a principal, às vezes única, torna-se o JN.

O trabalho de Kolling (2006) aponta que seus entrevistados, agricultores sem conexão com movimentos sociais, pensam que as alternativas naturais na agricultura são mais baratas, menos prejudiciais à saúde, mas com pouca produtividade. Todos os seus entrevistados utilizavam agrotóxicos, o que, de acordo com nossos jovens, não encontramos em suas plantações. Essa diferença é explicada através da mediação *movimento social*. É na leitura de matérias que tratam sobre agrotóxico que percebemos também a importância da mediação *movimento social*. Os jovens têm, em sua maioria, leituras de resistência em relação ao agrotóxico.

Percebemos que, ao contrário do rechaço maior que há em relação ao agrotóxico, as matérias sobre transgênicos apresentaram maior aceitação nos entrevistados. Leituras negociadas foram encontradas em Lúcia e em Raimundo, mas por motivos distintos. Lúcia destaca a produtividade do transgênico, enquanto Raimundo perde-se nas explicações, afirmando ser ‘coisa de Sem Terra’ ser contra transgênico. Já Mirela e Vicente mantêm suas posições dominantes, enquanto Pedro Henrique e Igor, mais próximos de movimentos sociais, mantêm suas posições de resistência, sendo contra ao transgênico. Para os jovens que têm leituras resistentes, a agroecologia e o uso de defensivos naturais são o caminho para um desenvolvimento rural sustentável.

Nome	Decodificações		
	Resistente	Negociada	Dominante
Raimundo (Carlos Marighella)	4	3	-
Pedro Henrique (Carlos Marighella)	6	1	-
Lúcia (Carlos Marighella)	5	1	1
Mirela	3	2	2

(Coopercedro)			
Igor (Grupo Terra Viva)	4	1	2
Vicente (Coopercedro)	2	2	3

Tabela 14: Decodificações

Notamos, também, que os jovens que tiveram ou ainda têm os familiares mais próximos de movimentos sociais são aqueles que mantêm posições resistentes. Pedro Henrique, Lúcia e Igor são os jovens com mais leituras resistentes e são esses os jovens que apresentam familiares com maior proximidade com os movimentos sociais. Vicente e Mirela são os jovens que apresentam menos leituras resistentes e mais têm leituras dominantes. Percebemos que, na Coopercedro, em relação ao Grupo Terra Viva e ao assentamento Carlos Marighella, há uma aproximação financeira muito além de envolvimento ideológico ou algo que possibilite a formação em diversas temáticas que concernem à Economia Solidária.

O que é da ordem da negociação refere-se à recepção da temática transgênic, questão na qual incide potencialmente a mediação *movimento social*. Encontramos a negociação, também, na questão da reforma agrária e do MST, em especial na recepção dos jovens que não têm conexão com esse movimento social. Eles podem ser a favor da reforma agrária, mas não dos métodos do MST. A leitura do meio rural e do morador também é um local de negociação, sobretudo, a partir dos jovens que não veem no campo um espaço de oportunidades.

Consideramos que a amostra demonstra ser uma juventude reflexiva, que pondera as questões de sobrevivência e de desejo, não indo ao encontro de uma juventude individualista, consumista, tampouco acata de forma impensada as soluções imediatas, que é um quadro apresentado no capítulo três. Os jovens da amostra auxiliam financeiramente os pais, projetam um futuro no qual levam em consideração os desejos paternos e, na maioria dos casos, ponderam o desejo de consumo com a realidade familiar.

Consideramos que ser jovem oriundo da agricultura familiar e estar próximo aos movimentos sociais, seja em prol da reforma agrária ou da Economia Solidária, não garante, por si, a criticidade do jovem nem seu envolvimento político. Por mais que os jovens tenham leituras negociadas e resistentes, não há interesse pela política ou pela continuidade da luta

com o MST, em especial Lúcia, Raimundo e Pedro Henrique.

As leituras midiáticas são decorrentes da mediação de classe, do histórico de vida e do envolvimento familiar no movimento social. Entre o ficar e o sair do meio rural, os jovens decidem-se entre a realização pessoal autônoma, normalmente com migração para a cidade, e aquela em que há trabalho associativo com a família e projetos de vida que englobam o meio urbano e o rural.

Acreditamos que a metodologia empregada para construir este trabalho foi adequada. No entanto, por se tratar de um estudo de recepção de notícias sobre ruralidades, tivemos que propor a assistência de oito matérias de forma específica, especialmente porque essa temática não é frequente no Jornal Nacional. Mesmo sendo uma assistência programada, acreditamos que foi essencial para trabalhar com as questões levantadas pelos jovens, como agrotóxico, transgenia e agricultura familiar.

Por fim, acreditamos que este trabalho possa colaborar para os estudos da comunicação, ao trazer questões das ruralidades e das representações das relações sociais. Esperamos conseguir, ao final desta dissertação, ter atingido nossos objetivos iniciais e ter respondido nossa problemática. Esses registros são importantes, mesmo sendo apenas uma colaboração entre tantas outras, para entender a ruralidade contemporânea do Brasil e, em especial, o modo como a juventude vê e entende os meios de comunicação, sobretudo, as relações de classes sociais na cotidianidade e no Jornal Nacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Helena. **Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil**. Revista Brasileira de Educação. Nº5-6, 1997, p. 25-36.

ABRAMOVAY, Ricardo (coord) et alli. **Juventude e agricultura familiar: Desafios dos novos padrões sucessórios**. Brasília: UNESCO, 1998.

_____. **Os impasses sociais da sucessão hereditária na agricultura familiar**. Florianópolis: Epagri; Brasília: Nead/ Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2001.

ALSINA, Miguel. **A construção da notícia**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2009.

ALTIERI, Miguel. **Agroecologia: Bases científicas para uma agricultura sustentável**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANG, Ien. **Culture and Communication: Towards an Ethnographic Critique of Media Consumption in the Transnational Media System**. In: European Journal of Communication., v. 5, nº2-3, June 1990, p.239-260.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BARROS, José. **A história cultural e a contribuição de Roger Chartier**. Diálogos, DHI/PPH/UEM, v.9, n.1, p-125-141, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Tradução: Carlos Vicente Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Classe. Dicionário de Política – Volume 1, 11ª Edição**. Editora UnB: Brasília, 1983. p.169-175.

BOGO, Ademar. **Identidade e luta de classes**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____. **La distinción – criterios y bases sociales del gusto**. Madrid: Taurus, 1991.

_____. **Esboço de uma teoria da prática**. ORTIZ, R. **A sociologia de Pierre Bourdieu**. Tradução de Paula Monteiro. São Paulo: Olho D'Água, 2003, p. 07-32.

_____. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1997.

BRAGA, José Luiz; LOPES, Maria Immacolata Vassalo de; MARTINO, Luis Claudio. **Pesquisa Empírica em Comunicação**. São Paulo: Paulus, 2010.

BRUMER, Anita. **A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade**. In: VII Congreso Latinoamericano de Sociología Rural, 2006, Quito (Equador). Anales del VII Congreso Latinoamericano de Sociología Rural, 2006a.

_____; WEISHEIMER, Nilson. **Agricultura e políticas públicas para as mulheres rurais no âmbito do Mercosul**. In NEAD: **Gênero, Agricultura e reforma agrária no Mercosul**. Brasília. MDA/NEAD, 2006b, p.46-87.

BUCCI, Eugênio. **Prefácio. Juventude e Televisão: um estudo de recepção do JN entre jovens universitários cariocas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007. p.9-20.

_____. **Prefácio. Por que falar de televisão?** In: _____. **Brasil em tempo de TV**. São Paulo: Boitempo Editorial. 2000. p.11-38 (2ª edição).

CAMPOS, Christiane. **A face feminina da pobreza em meio à riqueza do agronegócio: trabalho e pobreza das mulheres em territórios do agronegócio no Brasil: o caso de Cruz Alta-RS**. Buenos Aires: CLACSO, 2011.

CANCLINI, Nestor. **Diferentes, desiguales y desconectados**. Barcelona: Gedisa. 2004.

CARNEIRO, Maria José. **Juventude Rural: Projetos e Valores**. In: ABRAMO, Helena e BRANCO, Pedro. **Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. Fundação Perseu Abramo: São Paulo. 2005. p.243-26.

_____. **Ruralidade: novas identidades em construção**. Estudos Sociedade e Agricultura, n.11, 1998, p.53-75.

CARVALHO, Francimar. **O conceito de representações coletivas segundo Roger Chartier**. Diálogos, DHI/PPH/UEM, v.9, n.1, p. 143-165, 2005.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

Censo Agropecuário do Brasil, 2006.

Censo IBGE 2010.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

CHAMPAGNE, Patrick. **Ampliação do espaço social e crise da identidade camponesa**. Tradução do texto “Elargissement de l’espace social et crise de l’identité paysanne”. Cahier d’Economie et Sociologie Rurales, n.3, 1986.

CHARAUDEAU, Patrick. **O discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. Estud. av.[online]. 1991, vol.5, n.11, pp. 173-191.

CURRAN, James. **Media and cultural theory in the age of market liberalism**. In: CURRAN, James and MORLEY, David. **Media and Cultural Theory**. London: Routledge, 2006, p.129-148.

CRUZ, Fábio. **A cultura da mídia no Rio Grande do Sul: O caso MST e Jornal do Almoço**. Pelotas: EDUCAT, 2006.

COSTA, Cassiane. **Masculinização da população rural no Rio Grande do Sul: análise a partir dos sistemas agrários**. 2010. 115f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Programa de Pós-graduação em Extensão Rural, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS.

COULDRY, Nick. **Inside culture – Re-imagining the Method of Culture Studies**. London: Sage Publications. 2000.

GREGG, Melissa. **The Importance of Being Ordinary**. In: OWEN, Sue (edit). **Richard Hoggart and Cultural Studies**. University of Sheffield, UK, 2008. p.171-186.

DROTNER, Kristen. **Ethnographic Enigmas: ‘The everyday’ in recent media studies**. **Cultural Studies**, n°8, 1994, p.340-357.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS; Antonio (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2009.

DURSTON, John. **Juventud Rural Y desarrollo en América Latina: estereótipos e realidade**. Apresentado no Encuentro sobre Juventud Rural de INDAP IV Región, La Serena, Chile, 18 de dezembro de 1998. In website: <http://www.iica.org.uy/redlat/>.

ELIAS, Norbert. **Os alemães**. A luta pelo poder e a evolução do *habitus* nos séculos XIX e XX. Organização de M. Schroeter. Tradução de A. Cabral. Revisão técnica de A. Daher. Rio de Janeiro, Zahar, 1997.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Cartografia dos Estudos Culturais – Uma versão latino-americana**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FEITOSA, Sara Alves. **Televisão e Juventude sem terra: Mediações e modos de subjetivação**. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2007.

FERNANDES, Bernardo. **Formação e territorialização do MST no Brasil**. In: CARTER, Miguel (org.). **Combatendo a desigualdade social – O MST e a reforma agrária no Brasil**. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

FÍGARO, Roseli. **As mediações do mundo do trabalho**. In: SOUZA, Mauro. **Recepção**

Mediática e Espaço Público. São Paulo: Editora Paulinas, 2006. p.187-192.

FILHO, Adelmo Genro. **O segredo da pirâmide - para uma teoria marxista do jornalismo.** Porto Alegre, Tchê, 1987.

FONTANA, Josef. **Entrevista com o Prof. Dr. Josep Fontana.** MACHADO, Paulo Pinheiro. Revista Mundos do Trabalho, vol 3, n.5, p.307-315, 2011.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. **Representações, mediações e práticas comunicativas.** In: PEREIRA, Miguel; GOMES, Renato Cordeiro; FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de. **Comunicação, representação e práticas sociais.** v. 1. Rio de Janeiro: PUC Rio; Aparecida: Idéias & Letras, 2004. p. 13-26.

GEERTZ, Clifford. **Nova luz sobre a antropologia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

GOMES, Itania Maria Mota. **Efeito e Recepção:** A interpretação do processo receptivo em duas tradições. Rio de Janeiro: E-papers, 2004.

_____. **O ponto de vista de telespectadores quanto às funções de informações, legimitação e entretenimento do telejornalismo.** Uma crítica do livro "Making sense of the news", de Klaus Bruhn Jensen. Contemporânea, vol. 3, nº 2, p.217-249, julh-dez 2005.

GRAZIANO DA SILVA, José. **O que é questão agrária?** 8ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. **Velhos e novos mitos do rural brasileiro.** Estudos avançados. Vol.15 no.43 São Paulo Sept./Dec. 2001.

_____; GROSSI, Mauro; CAMPANHOLA, Clayton. **O que há de realmente novo no rural brasileiro.** Cadernos de Ciência & Tecnologia, Brasília, v.19, n.1, 2002, p. 37-67.

HALL, Stuart. **Da diáspora:** Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução Tomás Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

_____. **A centralidade da cultura:** notas sobre a revolução cultural do nosso tempo. Educação & Realidade, Porto Alegre, v.22, nº2, jul/dez 1997, 15-46.

_____. **Representation:** Cultural Representations and Signifying Practices. London, 1987.

HOBBSBAWM, Eric. **Globalização, Democracia e Terrorismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. **Era dos Extremos** – O Breve Século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

HOLANDA, Sérgio. **Raízes do Brasil**. Prefácio de Antônio Cândido. 13ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1979.

IANNI, Octavio. **Pensamento Social no Brasil**. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

JACKS, Nilda (coord); MENEZES, Daiane; PIEDRAS, Elisa. **Meios e Audiências: a emergência dos estudos de recepção no Brasil**. Porto Alegre: Sulina. 2008.

_____; PIEDRAS, Elisa (orgs) **O que sabemos sobre audiências?** Estudos latino-americanos. Porto Alegre: Armazém Digital, 2006.

_____. **Klaus Jensen e os Estudos Culturais**. GOMES, Itania; JUNIOR, Jader. **Comunicação e Estudos Culturais**. Salvador: Edufba, 2011. p.63-74.

JENSEN, Klaus Bruhn. **The Social Semiotics of Mass Communication**. London: Sage Publications, 1995.

JOLLIVET, Marcel. A “**vocação atual**” da **sociologia rural**. Estudos Sociedade e Agricultura, n.11, p.5-35, 1998.

_____. **Agricultura familiar e desenvolvimento rural endógeno: elementos teóricos e um estudo de caso**. In: Froehlich, J.M.; Vivien Diesel. (Org.). **Desenvolvimento Rural - Tendências e debates contemporâneos**. Ijuí: Unijuí, 2006, p.15-64.

KOLLING, Patrícia. **A recepção das informações jornalísticas ambientais do programa Globo Rural: os sentidos produzidos por agricultores familiares do município de Santa Rosa (RS)**. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

LAHIRE, Bernard. **O homem plural: os determinantes da ação**. Tradução de Jaime A. Clasen. Coleção Ciências Sociais na Educação. Petrópolis: Ed. Vozes, 2002.

LA PASTINA, Antonio C. **Etnografia de audiência**. Uma estratégia de envolvimento. In: JACKS, Nilda; PIEDRAS, Elisa (Org.). **O que sabemos sobre as audiências?: estudos latino-americanos**. Porto Alegre: Armazém Digital, 2006.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Terceira Mulher**. Coleção Epistemologia e Sociedade do Instituto Piaget, Lisboa, 2000.

LOPES, Maria.; BORELLI, Silvia.; RESENDE, Vera. **Vivendo com a telenovela: mediações, recepção, teleficcionalidade**. São Paulo: Summus, 2002.

LOPES, Maria Immacolata. **Mediações na recepção: um estudo brasileiro dentro das temáticas internacionais**. Disponível em:

<<http://www.taddei.eco.ufrj.br/AntCom/Immacolata.pdf>> Acessado em: 17/11/2011

_____. **Apresentação à edição brasileira.** In: MARTÍN-BARBERO, Jesús. REY, German. **Os exercícios do ver:** hegemonia audiovisual e ficção televisiva. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004. p. 9-13.

MAGALHÃES, Nara Maria Emanuelli. **Eu vi um Brasil na TV:** Televisão e cultura em perspectivas antropológicas. Santa Maria: Editora da UFSM, 2008.

MAIA, Aline. **Televisão, Telejornalismo e Juventude:** o que jovens da periferia pensam sobre o Jornal Nacional? Estudos em Jornalismo e Mídia - Ano VI - n. 2 pp. 175 - 188 jul./dez. 2009.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social.** In: SOUZA, Mauro Wilton de (org). **Sujeito, o lado oculto do receptor.** Eca-USP. Editora Brasiliense, 1995. São Paulo. p. 39-68.

_____. **Ofício de Cartógrafo** – Travesías latino-americanas de la comunicaci3n en la cultura. Fondo de Cultura Econ3mica: Chile, 2002.

_____, REY, German. **Os exercícios do ver:** hegemonia audiovisual e ficção televisiva. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.

_____. **Dos meios às mediações:** Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

_____. **Uma aventura epistemológica.** Entrevista a Maria Immacolata Vassalo de Lopes. Matrizes, ano 2, n. 2, 2009b.

MARTINS, José de Souza. **A sociedade vista do abismo.** São Paulo: Editora Vozes, 2002.

_____. **Sociabilidade do homem simples.** São Paulo: Editora Contexto, 2012.

MATELLARD, Michele e MATELLARD, Armand. História das Teorias da Comunicação. São Paulo: Editora Loyola, 2005.

MAZZARELLA, Sharon e alli. **Os jovens e a mídia.** Tradução Sandra Mallmann da Rosa. Porto Alegre: ArtMed, 2009.

MEDINA, Cremilda. **Notícia** – Um produto à venda – Jornalismo na sociedade urbana e industrial. 6ª edição. São Paulo: Summus Editorial, 1978.

MELUCCI, Vicente. **Juventude, tempo e movimentos sociais.** Revista Young. Estocolmo, v. 4, nº 2, 1996, p. 3-14.

MEMÓRIA GLOBO. **Jornal Nacional: a notícia faz história.** 12ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

MIÈGE, Bernard. **Pensamiento Comunicacional.** México, Universidad Iberoamericana, 1996, p.71.

MIOTTO, Gaspar. **A invenção da notícia.** In: SILVEIRA, Ada Cristina da. **Jornalismo além da notícia.** Santa Maria: Facos UFSM, 2003.

MORGAN, Michael. **O que os jovens aprendem sobre o mundo ao assistirem televisão?** In: MAZZARELLA, Sharon et alli. **Os jovens e a mídia.** Porto Alegre: ArtMed, 2009.

MORIN, Edgar. **A minha esquerda.** Porto Alegre: Editora Sulina, 2011.

MORLEY, David. **Televisión, audiencias y estudios culturales.** Buenos Aires: Amorrortu, 1996. p. 249-286

_____. Depoimento de David Morley a Ana Carolina Escosteguy. **Cartografias dos Estudos Culturais: uma versão latinoamericana.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p.249-268.

MURDOCK, Graham. **Comunicação contemporânea e questões de classe.** Matrizes, São Paulo: Escola de Comunicações e Artes da USP: Paulus, ano 2, n. 2, p. 31-56, 2009.

NORA, Pierre e LE GOFF, Jacques. **Faire de l'histoire.** Paris: Gallimard, 1974.

PRADO Jr.,Caio.**Formação do Brasil Contemporâneo.** São Paulo, Editora. Brasiliense, 23ª edição, 1994.

QUADROS, Waldir J. de; ANTUNES, Davi J. N. **Classes sociais e distribuição de renda no Brasil dos anos noventa.** Cadernos do CESIT, n. 30, out. 2001.

REIS, José Carlos. **História e teoria.** Belo Horizonte: UFMG, 2003.

RODRIGUES, Marli. **O projeto estadual de reforma agrária e o caso assentamento Carlos Marighella - Santa Maria-RS: Entre o ideal e o possível.** Dissertação de Mestrado em Extensão Rural. Universidade Federal de Santa Maria. 2010.

ROLDÃO, Ivete Cardoso. **A Imprensa Televisiva.** In: BARTOZZO, Valdir Heitor; GHILARDI, Maria Inês (Orgs). **Mídia, Educação e Leitura.** São Paulo: Anhembi Morumbi: Associação de Leitura do Brasil, 1999.

RONSINI, Veneza. **Entre a capela e a caixa de abelhas – Identidade cultural de gringos e gaúchos.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

_____. **Cotidiano rural e a recepção da televisão: O caso Três Barras.** Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). USP: 1993.

_____. **Estudos de audiência e de recepção da telenovela:** a juventude em cena. In: LOPES, Maria Immacolata Vassalo de (Org.). **Ficção televisiva no Brasil:** temas e perspectivas. São Paulo: Globo, 2009.

_____. **A Perspectiva das Mediações de Jesús Martín-Barbero no Estudo de Recepção da Telenovela.** Trabalho apresentado no NP Ficção Seriada do IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação. XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2009 Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1712-1.pdf>> Acesso em 22 de abril de 2012.

_____. **A perspectiva das mediações de Jesús Martín-Barbero** (ou como sujar as mãos na cozinha da pesquisa empírica de recepção). Anais do XIX Encontro da Compós, 2010. Disponível em: <http://compos.com.puc-rio.br/media/gt12_veneza_ronsini.pdf> Acessado em: 10.08.2011.

_____. **Mercadores de sentido:** Consumo de mídia e identidades juvenis. Porto Alegre: Sulina, 2007.

ROSSATO, Alexania. **A recepção de rádio e televisão por jovens do movimento dos atingidos por barragens:** as representações da classe popular. Dissertação (Mestrado em Comunicação Midiática), Universidade Federal de Santa Maria, 2008.

SANTOS, José Alcides Figueiredo. **Estrutura de posições e classe no Brasil:** Mapeamento, mudanças e efeito na renda. Belo Horizonte: UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2002.

SARTI, Cynthia Andersen. **A família como espelho –** Um estudo sobre a moral dos pobres. Campinas: SP: Autores Associados, 1996.

SAVAGE, Mike. **Classe e história do trabalho.** In: BATALHA, Claudio; SILVA, Fernando da; FORTES, Alexandre (orgs). **Culturas de Classe:** identidade e diversidade na formação do operariado. Campinas: São Paulo. Editora da UNICAMP, 2004. p.25-49.

_____. **Espaço, redes e formação de classe.** Revista Mundos do Trabalho, vol. 3, n. 5, janeiro-junho de 2011, p. 06-33.

SAUER, Sérgio. **Reforma agrária de mercado” no Brasil: um sonho que se tornou dívida.** Estud. Soc. e Agric., Rio de Janeiro, vol. 18, n. 1, 2010: 98-126.

SCHNEIDER, Sérgio. **Agricultura familiar e desenvolvimento rural endógeno:** elementos teóricos e um estudo de caso. In: Froehlich, J.M.; Vivien Diesel. (Org.). **Desenvolvimento Rural -** Tendências e debates contemporâneos. Ijuí: Unijuí, 2006.

SIFUENTES, Lírian. **Telenovela e a identidade feminina de jovens de classe popular.** Dissertação (Mestrado em Comunicação Midiática), Universidade Federal de Santa Maria, 2010.

SINGER, Paul Israel. **Introdução à Economia Solidária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002, p. 07-23.

_____. **A Economia Solidária no Brasil** – A autogestão como resposta ao desemprego. São Paulo: Contexto, 2000. p.11-24.

SOUZA, Mauro Wilton de (org). **Apresentação**. In: **Sujeito, o lado oculto do receptor**. Eca-USP. Editora Brasiliense, 1995. São Paulo.

SOUZA, Jessé (Org). **A invisibilidade da desigualdade brasileira**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

_____. **A construção social da subcidadania**: para uma sociologia política da modernidade periférica. Belo horizonte: UFMG, 2003.

_____. **Os Batalhadores brasileiros**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

SPANVELLO, Rosani Marisa. **Jovens rurais do município de Nova Palma-RS**: situação atual e perspectivas. Dissertação. (Mestrado em Extensão Rural). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2003.

STEDILE, João Pedro. **A questão agrária no Brasil**. Programas de reforma agrária: 1946-2003. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

_____. **A questão agrária no Brasil**. História e natureza das Ligas Camponesas – 1954 – 1964. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: História Oral. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo** – Porque as notícias são como são. Volume 1. Florianópolis: Editora Insular, 2005.

TRAVANCAS, Isabel. **Fazendo etnografia no mundo da comunicação**. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006. p. 98 – 109.

_____. **A etnografia no campo da comunicação de massa**. Rev. Humanidades, Fortaleza, v. 26, n. 1, p. 125-142, jan./jun. 2011.

_____. **Juventude e televisão**. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

VILELA, Rosario. **Técnica, Método e Teoria**: A entrevista em profundidade na investigação da recepção. JACKS, Nilda; PIEDRAS, Elisa (orgs) **O que sabemos sobre audiências?** Estudos latino-americanos. Porto Alegre: Armazém Digital, 2008.

VIZEU, Alfredo. **O telejornalismo como lugar de referência e a função pedagógica.** Revista FAMECOS, Porto Alegre, nº 40, 2009.

WANDERLEY, Maria de Nazareth. **O mundo rural como um Espaço de Vida:** reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999.

_____. **A ruralidade no Brasil moderno.** Por un pacto social pelo desenvolvimento rural. In: GIARRACCA, Norma. **¿Una nueva ruralidad en América Latina?** CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. 2001.

WEISHEIMER, Nilson. **Juventudes rurais:** mapa de estudos recentes. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2005.

WILLIAMS, Raymond. **Keywords a Vocabulary of Culture and Society.** Oxford University Press, 1983.

_____. **Campo e a Cidade na história e na literatura.** Trad. por Paulo Henrique de Britto. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

WOTTRICH, Laura. **Envelhecer com *Passione*: A telenovela na vida de idosas de classes populares.** Dissertação (Mestrado em Comunicação Midiática), Universidade Federal de Santa Maria, 2011.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – Formulário

Sexo: Masc. () Fem. () Idade:

Estado civil: Solteiro/a () Casado/a () Companheiro/a () Separado/a ou Divorciado/a ()
Viúvo/a ()

Você se considera: Indígena () Negro/a () Pardo/a () Amarela/o () Mulato/a () Branco/a ()

Tem filhos/as: Sim () Não () Quantos?Masculino () Feminino ()

Profissão: Trabalho nos

Há quanto tempo trabalha com isso?

Tem outra atividade remunerada? Sim () Não ()

Escolaridade:

Fundamental: completo () incompleto ()

Médio: completo () incompleto ()

Universitário: completo () incompleto () Qual
curso

Quais objetos tem em casa? Computador () Notebook () Televisão () Rádio ()

Tenho acesso à internet? Sim () não ()

Onde? Em casa () escola () lanhouse () outro lugar, qual () Vizinho

Sempre viveu no campo? Sim () Não ()

Costuma frequentar encontros da juventude ou da agricultura familiar/Economia Solidária?
Às vezes ()

Quantas horas, por dia, assiste a programas na televisão? Menos de uma hora () entre uma
hora e três horas () mais de três horas ()

Quais os programas a que mais assiste? Telenovelas () telejornais () programas de auditório
() programas religiosos () filmes () documentários () Outros ()

Qual o programa de que mais gosta?

Qual é o canal de televisão a que mais assiste?

Rede Record () rede globo () TV pampa () band () outro, qual ()

Qual é o horário em que assiste televisão? Manhã () Tarde () Noite ()

Assisto televisão para: Me informar () para me divertir () como companheiro, ligo a tevê e
faço outras coisas ()

Costuma assistir tevê: Sozinho/a () Com a família, outras pessoas, quem? ()

Está estudando no momento?

Sim, qual escola?

Não, por quê?

Você estaria disponível para um a entrevista, se necessário, para aprofundarmos essas
questões? Sim () Não ()

Nome:

Telefone para contato:

APÊNDICE 2 - Entrevista

Data da Entrevista:

Local:

Duração:

Dados Pessoais

Nome:

Endereço atual/Bairro/Distrito:

Data de nascimento:

Onde nasceu:

Hospital/Em casa:

Família

1. Quantos anos você morou em sua primeira casa?
2. Onde você morou depois?
3. Como era a vida lá?
4. Como era o bairro/lugar/cidade? (repetir caso o jovem tenha mudado de cidade)
5. Por que sua família fez essas mudanças? (ênfasis nessas perguntas caso o jovem tenha passado por acampamentos)
6. Essas mudanças trouxeram benefícios econômicos?
7. Quantos irmãos e irmãs você teve?
8. Qual era a ocupação do seu pai quando você nasceu?
9. Qual era a ocupação da sua mãe quando você nasceu?
10. Eles continuaram com esse trabalho?
11. Eles também faziam algum trabalho ocasional ou em tempo parcial – “bico”?
12. Você se lembra do seu pai ou mãe estar alguma vez sem trabalho e em busca de emprego?
13. Alguém cuidava dos filhos enquanto sua mãe estava trabalhando?
14. Quais são suas relações com seus avós?
15. Como eram divididas as tarefas em casa quando você era mais novo?
16. O que fazia seu pai nas atividades domésticas? E sua mãe? O que você e seus irmãos faziam em casa? E agora, o que faz seu pai? Sua mãe, você e seus irmãos?
17. O que você acha que mudou?
18. Quais eram as datas comemoradas em casa?
19. Que tipo de pessoa você acha que seus pais esperam que você seja no futuro?
20. Seus pais o criaram para que você considerasse que certas coisas são importantes na vida. Quais são elas?

Escola

1. Com que idade você começou ir à escola?
2. Que tipo de escola era? Acampamento? Pública, privada? Rural, urbana?
3. Se for rural: você se lembra de ter aulas práticas sobre agricultura, aulas na horta, etc?
4. Se for urbana: como você se deslocava para ir à escola? Como era esse percurso?
5. Quais foram suas impressões da escola?
6. Quando você passou a estudar na cidade, os seus colegas e a professora sabiam que você morava na zona rural?

7. Você se sentia diferente por isso?
8. Eles te tratavam diferente?
9. O que você aprendia na escola?
10. O que disse você poderia colocar na prática nas lidas diárias do campo?
11. Caso o jovem queira continuar os estudos: Por que quer continuar estudando? Após terminar os estudos, quer continuar morando no campo? Por quê?
12. O que você acha da escola agora?

Memória

1. Como foi a sua infância?
2. Quais eram suas brincadeiras favoritas?
3. Como você vê as brincadeiras hoje em dia, elas mudaram?
4. Você acha que teve uma infância diferente de uma criança que mora na cidade? Por quê?
5. Você costumava ir a encontros sobre Economia Solidária, agricultura familiar ou de movimentos sociais? (perguntar especificamente sobre os congressos, caso tenha participado)
6. O que você lembra dos encontros?
7. Qual foi o encontro mais significativo? Por quê?
8. De que forma esses encontros ajudaram você a ser quem você é hoje?

Etnia

1. Você considera ter qual cor de pele?
2. Você acredita que algumas pessoas tenham preconceito por causa da etnia de alguém?
3. Você já presenciou algum momento em que isso aconteceu? Já aconteceu com você?

Ruralidades (Trabalho)

1. O que há de melhor na vida no campo? E o que você não gosta?
2. Enquanto você está estudando, você tem algum emprego de tempo parcial ou algum meio de ganhar dinheiro regularmente?
3. Há quanto tempo exerce essa função?
4. Como você aprendeu?
5. Como é a rotina de trabalho?
6. Há algum dia especial? (Feira, preparação para venda, etc).
7. Quando começou a participar das feiras? (específica)
8. Como foi trabalhar com o público?
9. Você ajuda algum vizinho?
10. Você gosta desse trabalho?
11. Gostaria de mudar algo nele?
12. O que essas mudanças trariam de novidades para o trabalho?
13. Você acha que a agricultura familiar está em um bom momento?
14. O que você acha da relação da agricultura familiar com o governo? Recebe incentivo?
15. O que precisa melhorar na agricultura familiar?
16. Se você pudesse definir o homem do campo, quais seriam suas características mais importantes?
17. Se você pudesse definir o homem da cidade, quais seriam suas características mais importantes?

Meios de comunicação

1. Você costuma ouvir rádio, ler jornal ou assistir televisão? Por quê?
2. O que você espera dos meios de comunicação?
3. Os meios de comunicação são fontes confiáveis de informação? Por quê?
4. O que é mais aparece na televisão: o agronegócio ou a agricultura familiar? Por que você acha isso?
5. Qual é o pior programa de televisão em sua opinião? Por quê?
6. E o melhor programa de televisão? Por quê?

Telejornal Jornal Nacional

1. O que você acha do Jornal Nacional?
2. Você acha as matérias do JN interessantes? Por quê?
3. Quando há matéria envolvendo jovens, geralmente são sobre que tipo de assunto?
4. Quando há matérias no telejornal sobre pessoas ricas, geralmente são matérias sobre o que? Quais são as profissões dos ricos? Como eles se vestem? Você acha que o JN mostra o rico como ele é? Por quê?
5. Como você acha que o JN deveria mostrar os ricos?
6. Quando há matéria envolvendo pobres, geralmente são sobre que tipo de assunto?
7. Como o pobre aparece no JN? Quais são suas profissões? Como eles se vestem?
8. Você acha que o JN mostra o pobre como ele é? Por quê?
9. Como você acha que o JN deveria mostrar os pobres?
10. Quais são as características do homem da cidade que aparece no JN?
11. Quais são as características do homem do campo que aparece no JN? De que forma eles aparecem (fala, vestimenta)? Você se vê representado nesses agricultores?
12. Como gostaria que aparecessem?
13. Alguém de sua família chama os outros para frente da televisão quando está passando alguma notícia no Jornal Nacional sobre agricultura ou sobre o campo?
14. Como o meio rural aparece no JN?
15. Você poderia me dizer em quais matérias eles aparecem (seca, produção, movimentos sociais, etc)?
16. Qual é a modo de desenvolvimento agrário que aparece no telejornal (agricultura familiar, agronegócio)?
17. Tem algum que você gostaria que aparecesse mais?
18. Como o telejornal trata os movimentos sociais do campo?
19. Como você gostaria que aparecesse?
20. O JN faz diferença no seu dia a dia?

Juventude

1. Você se considera jovem? Por quê?
2. O que é ser jovem para você?
3. O jovem que vive no campo é diferente do jovem da cidade? Por quê?
4. Você acha que tem mais responsabilidades que o jovem da cidade ou que as assume mais cedo? Por quê?
5. Por que você acha que há cada vez menos jovens no campo?
6. Que ações podem ser desenvolvidas para motivar os jovens a se manter no campo?
7. Qual é o papel dos jovens na sociedade hoje?
8. Os jovens gostam de política? Por quê?
9. Qual é a participação da juventude na política brasileira?

10. Quais as causas da pobreza no Brasil?
11. Onde você vê a desigualdade social no nosso país?
12. O que se pode fazer para solucionar a desigualdade social no país?

Classe social

1. Muitas pessoas dividem a sociedade em classe sociais diferentes. Você pode me dizer quais classes são essas?
2. Quais características que diferem as famílias de classe alta para aquelas de classes “menos abastadas”?
3. A sua família se enquadra em que classe social?
4. Quem mais é da mesma classe social que você?
5. Quem são as pessoas das outras classes sociais?
6. No dia a dia você percebe diferença entre as pessoas de classes sociais distintas?
7. Você acha que as famílias menos abastadas recebem ajuda de quem (bolsa família, governo, igreja, instituições de caridade, ong)?

Agricultura Familiar

1. Quantos hectares têm a propriedade de sua família?
2. É suficiente para a manutenção de sua família?
3. Qual é o modelo de agricultura da propriedade de sua família?
4. Como é o escoamento da produção da propriedade de sua família?
5. Há diferença entre a agricultura familiar e o agronegócio? Se sim, qual é?
6. O que você acha da reforma agrária?
7. O que você acha dos movimentos sociais que reivindicam reforma agrária?

Movimento Social e outras

1. Você se sente parte de um movimento social? Qual? Por quê?
2. Cite algumas coisas boas para o movimento social que você faz parte que você gostaria de fazer, mas que talvez não faça:
3. Cite algumas coisas boas para o movimento social que você faz parte que você gostaria de fazer, e que você faz:
4. Qual o tipo de jovem ideal do movimento social que você faz parte?
5. O que você pensa sobre ele?
6. O que ele faz que você também faz?
7. O que ele faz que você não faz?
8. Sobre o Pânico (caso você assista): você vê onde costumam viver as pessoas que debocham no Programa Pânico?
9. Tente me explicar em algumas palavras o que é Economia Solidária.
10. A Economia Solidária tem alguma importância em sua vida? E o cooperativismo?